

Frantomé Bezerra Pachêco

MORFOSSINTAXE DO VERBO IKPENG (KARÍB)

Tese apresentada ao Curso de
Lingüística do Instituto de Estudos da
Linguagem da Universidade Estadual
de Campinas como requisito parcial
para obtenção do título de Doutor em
Lingüística

Orientador: Prof.^a Dr.^a Lucy Seki

UNICAMP
Instituto de Estudos da Linguagem
2001



UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

UNIDADE BC
 N.º CHAMADA: T/ UNICAMP
P115m
 V. Ex.
 TOMBO BC/ 46336
 PROC. 16.392107
 C D
 PREÇO R\$ 11,00
 DATA 14/09/07
 N.º CPD

CM00159480-B

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
 BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

| | |
|-------|--|
| P115m | <p>Pachêco, Frantomé Bezerra Morfossintaxe do verbo Ikpeng (Karib) / Frantomé Bezerra Pachêco. -- Campinas, SP: [s.n.], 2001.</p> <p>Orientador: Lucy Seki Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.</p> <p>1. Línguas indígenas - Gramática. 2. *Índios Ikpeng. 3. *Línguas Caribe. 4. Morfologia. I. Seki, Lucy. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.</p> |
|-------|--|

Lucy Seki
Prof.^a Dr.^a Lucy Seki - Orientadora

Prof.^a Dr.^a Adair Pimentel Palácio

Prof. Dr. Ludoviko Carnasciali dos Santos

Prof. Dr. Angel Humberto Corbera Mori

Prof.^a Dr.^a Maria Filomena Spatti Sândalo

Este exemplar é a produção final da tese
defendida por *Krantomé Bejerna*
Pacheco

e aprovada pelo Conselho de Orientadores em
16 / 08 / 2001.

Lucy Seki

Aos Ikpeng

AGRADECIMENTOS

a todas as pessoas que contribuíram para minha formação como lingüista, em especial a meus professores da UNICAMP;

às lideranças Ikpeng, principalmente ao cacique Melobô, pela sua acolhida e hospitalidade, além das informações sobre a cultura e a história de seu povo;

aos professores Korotowĩ Ikpeng, Iokoré Ikpeng e Maiuá Ikpeng, meus informantes e amigos;

aos funcionários e moradores do Posto Pavuru, pelo apoio e acolhida;

à Professora Lucy Seki, pela orientação, pelas discussões sobre as línguas indígenas e pelo incentivo;

aos professores Angel Corbera Mori, Bernadete Abaurre, Filomena Sândalo, Ingedore Koch e Edwiges Morato, pelas valiosas discussões sobre vários aspectos da língua aqui apresentados;

à Cilene Campetela, pela amizade e pelas discussões sobre vários aspectos da língua, principalmente os relacionados à fonologia;

à Raquel Guirardello, pela amizade e pelas indicações bibliográficas;

a Spike Gildea, pelo incentivo e pelas discussões (principalmente via e-mail);

aos meus companheiros de área: Patrícia Borges, Ludoviko dos Santos, Luciana Dourado, Cristina Fargetti, Cristina Borella;

ao Marcos Pereira, pela amizade, pelo apoio e pela leitura e sugestões oferecidas ao trabalho;

aos meus pais, pelo incentivo e pelo apoio;

ao CNPq, pelo auxílio concedido (Processo 141459/1997-2), que permitiu o desenvolvimento de minhas atividades de pesquisa;

ao Instituto Socioambiental, pelo apoio oferecido à pesquisa de campo.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| Abreviaturas | 15 |
| Resumo | 17 |
| 1. Introdução | 19 |
| 1.1. O povo Ikpeng: breve histórico | 19 |
| 1.1.1. A chegada dos Ikpeng aos formadores do Xingu | 20 |
| 1.1.2. Contato e transferência para o Parque Indígena do Xingu | 21 |
| 1.1.3. Situação atual | 22 |
| 1.2. A língua Ikpeng | 23 |
| 1.2.1. Filiação lingüística | 23 |
| 1.2.2. Bilingüismo e uso do Ikpeng e do português | 26 |
| 1.2.2.1. Outras línguas indígenas na comunidade | 27 |
| 1.3. Pesquisa lingüística | 27 |
| 1.3.1. Metodologia empregada no trabalho | 28 |
| 1.3.1.1. Pesquisa de campo | 28 |
| 1.3.1.2. Perspectiva de análise | 29 |
| 1.3.1.3. Apresentação dos dados | 31 |
| 1.4. Resumo dos demais capítulos | 32 |
| | |
| 2. Aspectos da Fonologia Ikpeng: | |
| inventário segmental e processos morfofonológicos | 33 |
| 2.1. Inventário Segmental | 34 |
| 2.1.1. Segmentos vocálicos | 34 |
| 2.1.2. Segmentos consonantais | 35 |
| 2.2. Sílabas e acento de palavra | 39 |
| 2.2.1. Tipos de sílabas e posições dos segmentos na estrutura silábica | 39 |
| 2.2.2. Acento na palavra e no constituinte | 41 |
| 2.3. Processos fonológicos em fronteira de morfema | 42 |
| 2.3.1. Processos envolvendo vogais | 42 |
| 2.3.1.1. Harmonia vocálica e deslabialização | 42 |
| 2.3.1.2. Nasalização das vogais | 44 |
| 2.3.1.3. Apagamento vocálico e redução silábica | 44 |
| 2.3.2. Processos envolvendo consoantes | 45 |
| 2.3.2.1. Vozeamento das oclusivas | 45 |
| 2.3.2.2. Nasalização das oclusivas | 46 |
| 2.3.2.3. Palatalização | 47 |
| 2.3.2.4. Apagamento de segmentos consonantais | 47 |
| 2.4. Metátese | 48 |
| 2.5. Alomorfa dos prefixos pessoais | 48 |
| 2.5.1. Proposta de traços para a análise da alomorfa dos prefixos pessoais .. | 49 |
| 2.5.2. Prefixos pessoais em Ikpeng | 50 |
| 2.5.2.1. Alomorfa dos prefixos pessoais nos verbos intransitivos | 52 |
| 2.5.2.2. Alomorfa dos prefixos pessoais nas nominalizações | 54 |
| 2.5.2.3. Alomorfa dos prefixos pessoais nas posposições | 55 |
| 2.5.2.4. Alomorfa dos prefixos pessoais nos nomes | 55 |

| | |
|--|-----|
| 2.5.3. Sobre a forma <i>ugw-</i> | 57 |
| 2.5.4. O que determina a alomorfia da Série II | 58 |
| 2.6. Considerações finais | 58 |
| 3. O verbo e as demais classes de palavras | 61 |
| 3.1. Critérios utilizados para identificação das classes | 61 |
| 3.2. Verbos | 63 |
| 3.2.1. Verbo intransitivo | 63 |
| 3.2.1.1. Marcadores de pessoa no verbo intransitivo | 63 |
| 3.2.1.2. Divisão dos lexemas intransitivos pelo critério morfológico | 66 |
| 3.2.2. Verbo transitivo | 67 |
| 3.2.2.1. Marcadores de pessoa no verbo transitivo | 68 |
| 3.2.2.2. Hierarquia de pessoa nos verbos transitivos | 70 |
| 3.2.2.3. Transitividade e mudança de relação: voz e redução da valência verbal | 73 |
| 3.2.3. Morfema reflexivo | 75 |
| 3.2.4. Morfema causativo | 77 |
| 3.2.5. Tempo e aspecto | 78 |
| 3.2.5.1. Morfemas {-li} e {-lan} nas construções coordenadas e nas interrogativas | 81 |
| 3.2.6. Ordem, pedido e permissão: formas imperativas | 83 |
| 3.2.6.1. Construção <i>Ma</i> : hortativo | 84 |
| 3.2.7. Número | 84 |
| 3.2.8. Desiderativo | 87 |
| 3.2.9. Outros afixos encontrados no verbo | 88 |
| 3.2.9.1. Sufixo <i>-ta</i> | 88 |
| 3.2.9.2. Nominalizadores temporais | 89 |
| 3.2.9.3. Sufixo {-pom} | 89 |
| 3.2.10. Formação do verbo a partir de raízes nominais | 90 |
| 3.2.11. Negação | 91 |
| 3.3. Nome | 93 |
| 3.3.1. Tipos de nomes | 93 |
| 3.3.1.1. Nomes possuídos | 93 |
| 3.3.1.2. Nomes possuídos sem expressão do possuidor expresso | 97 |
| 3.3.1.3. Nomes não-possuídos | 98 |
| 3.3.2. Funções sintáticas dos nomes | 100 |
| 3.3.3. Prefixo reflexivo {tî-} | 102 |
| 3.3.4. Número | 103 |
| 3.3.5. Gênero | 104 |
| 3.3.6. Passado nominal ou devalorativo | 105 |
| 3.3.7. Estrutura das construções genitivas: ordem dos modificadores e posição do genitivo | 105 |
| 3.3.8. Formação do nome: composição e mudança de significado | 106 |
| 3.3.8.1. Composição | 106 |
| 3.3.8.2. Partícula de diminutivo | 107 |
| 3.3.9. Negação do predicado nominal | 108 |
| 3.3.10. Coordenação de nomes no SN | 109 |
| 3.3.11. Nominalização | 109 |
| 3.4. Adjetivos | 111 |
| 3.4.1. Construções adjetivas derivadas via {-tu} e {-ke} | 112 |

| | |
|---|-----|
| 3.4.2. Negação | 114 |
| 3.5. Advérbios | 115 |
| 3.5.1. Tipos de advérbios | 115 |
| 3.5.1.1. Advérbios temporais | 116 |
| 3.5.1.2. Advérbios locacionais | 117 |
| 3.6. Pronomes | 118 |
| 3.6.1. Pronomes pessoais independentes | 118 |
| 3.6.2. Dêiticos | 120 |
| 3.6.3. Forma pronominal {keni} | 122 |
| 3.6.4. Interrogativos | 122 |
| 3.7. Posposição | 125 |
| 3.7.1. Morfologia flexional nas posposições: marcadores de pessoa e número | 126 |
| 3.7.2. Tipos de posposições | 127 |
| 3.8. Partículas e auxiliares | 131 |
| 3.8.1. Partículas | 131 |
| 3.8.1.1. Partícula {man} | 132 |
| 3.8.1.2. Partícula {eto} | 133 |
| 3.8.1.3. Partícula {ilon} | 133 |
| 3.8.1.4. Partícula {logon} | 134 |
| 3.8.1.5. Partícula {kon} | 134 |
| 3.8.1.6. Partícula {pene} | 135 |
| 3.8.1.7. Partícula {pra} | 135 |
| 3.8.1.8. Partícula {ipe} | 136 |
| 3.8.1.9. Partícula {kun} | 137 |
| 3.8.2. Partículas inter-oracionais (conjunções) | 137 |
| 3.8.2.1. {mantan} | 137 |
| 3.8.2.2. {kerup} | 138 |
| 3.8.2.3. {ketpotke} | 138 |
| 3.8.3. Auxiliares | 141 |
| 3.9. Outras classes | 141 |
| 3.9.1. Interjeição | 141 |
| 3.9.2. Ideofones ou palavras onomatopaicas | 142 |
| 3.10. Considerações finais | 143 |
| | |
| 4. O verbo na oração independente: | |
| marcação das funções sintáticas nucleares e ordem | 145 |
| 4.1. Funções sintáticas nucleares e marcação de caso | 145 |
| 4.1.1. Argumentos não-nucleares | 146 |
| 4.2. Oração intransitiva | 147 |
| 4.2.1. Oração intransitiva ativa | 147 |
| 4.2.2. Oração intransitiva inativa | 148 |
| 4.2.3. Ordem na oração intransitiva | 148 |
| 4.3. Orações transitivas | 150 |
| 4.3.1. Marcação das funções sintáticas nucleares | 151 |
| 4.3.2. Função do prefixo {t} nas orações transitivas | 154 |
| 4.3.3. Ordem na oração transitiva | 157 |
| 4.3.4. Foco e posição pré-verbal | 160 |
| 4.4. Funções do dativo na oração independente | 163 |
| 4.4.1. A posposição dativa | 164 |

| | |
|--|------------|
| 4.4.2. Função do dativo na oração intransitiva | 165 |
| 4.4.3. Função do dativo na oração transitiva | 166 |
| 4.4.4. O dativo e a codificação do <i>causee</i> | 166 |
| 4.4.5. Posição do dativo nas orações transitivas | 166 |
| 4.5. Posição do verbo e seus argumentos: algumas generalizações | 168 |
| 4.6. Considerações finais | 170 |
| 5. O verbo nas orações reflexivas e causativas | 171 |
| 5.1. Orações reflexivas | 171 |
| 5.1.1. Orações reflexivas intransitivas | 173 |
| 5.1.1.1. Oração ativo-reflexiva | 173 |
| 5.1.1.2. Oração médio-reflexiva | 174 |
| 5.1.2. Orações reflexivas transitivas e oblíquas | 177 |
| 5.1.2.1. Reflexiva transitiva | 177 |
| 5.1.2.2. Reflexiva oblíqua | 178 |
| 5.1.3. Resumo | 179 |
| 5.2. Causativo morfológico e aumento da valência verbal | 180 |
| 5.2.1. Estratégias de codificação do <i>causee</i> na oração causativa morfológica | 181 |
| 5.2.2. Causativização de verbos inativos e formação do verbo transitivo | 182 |
| 5.2.2.1. Alternância transitivo-inativa: formação de transitivos via causativização | 183 |
| 5.2.2.2. Proposta de análise para a alternância transitivo-inativa | 186 |
| 5.2.3. Causativização de verbos transitivos | 187 |
| 5.2.3.1. Orações recausativizadas | 188 |
| 5.2.4. Restrições sobre a causativização via morfema causativo | 188 |
| 5.2.4.1. Causativização de verbos intransitivos ativos: restrição sobre o duplo agente | 189 |
| 5.2.4.2. Causativização de verbos transitivos com dativo | 190 |
| 5.3. Considerações finais | 191 |
| 6. Estratégias de subordinação e formação do verbo dependente: um estudo preliminar | 193 |
| 6.1. Estratégias de subordinação | 194 |
| 6.2. Oração relativa | 195 |
| 6.2.1. O Ikpeng e a tipologia das relativas | 195 |
| 6.2.2. Estratégias de formação da oração relativa | 197 |
| 6.2.3. Relativização das funções sintáticas nucleares | 199 |
| 6.2.3.1. Relativização de sujeitos intransitivos (S) | 199 |
| 6.2.3.2. Relativização de sujeito (A) e objeto (O) de verbos transitivos | 201 |
| 6.2.4. Relativização de objeto da posposição | 203 |
| 6.2.5. Relativização de genitivo (GEN) | 204 |
| 6.2.6. Resumo | 204 |
| 6.3. Orações completivas | 205 |
| 6.3.1. Verbos que pedem complemento oracional | 205 |
| 6.3.1.1. Forma desiderativa {tine} | 206 |
| 6.3.1.2. Verbo de manipulação {anoŋ} | 207 |
| 6.3.1.3. Verbo de cognição-elocução | 208 |
| 6.3.1.4. Outros casos | 210 |
| 6.4. Orações adverbiais: estudos preliminares | 211 |

| | |
|--|-----|
| 6.4.1. Orações temporais e condicionais | 211 |
| 6.4.2. Orações causais | 212 |
| 6.4.3. Orações finais | 213 |
| 6.5. Considerações finais | 213 |
| 7. Realização e retomada dos argumentos verbais: | |
| anáfora e função pivô numa língua <i>head-marking</i> | 215 |
| 7.1. Realização e apagamento dos argumentos verbais em construções mono-oracionais | 215 |
| 7.1.1. Ikpeng: língua com pronome zero | 215 |
| 7.1.2. Pronomes independentes: realização e apagamento | 219 |
| 7.1.2.1. Apagamento e realização do pronome independente | 219 |
| 7.1.3. Motivação para o apagamento: o Ikpeng como língua com marcação no núcleo (<i>head-marking</i>) | 221 |
| 7.2. Apagamento e reiteração de argumentos em construções multi-oracionais | 223 |
| 7.2.1. Uma tipologia para os processos de co-referenciação em construções multi-oracionais | 223 |
| 7.2.2. Acessando o SN antecedente via anáfora zero e reiteração dos SNs | 224 |
| 7.2.2.1. Substituição por zero | 224 |
| 7.2.2.2. Reiteração dos argumentos verbais | 227 |
| 7.2.3. Acessando o SN antecedente via prefixo reflexivo {t+} | 229 |
| 7.3. Definindo o pivô em construções multi-oracionais | 229 |
| 7.4. Considerações finais | 232 |
| 8. Posição do verbo e ordem dos constituintes: | |
| descrição sincrônica e hipóteses diacrônicas | 233 |
| 8.1. Tipologia da ordem | 233 |
| 8.2. O Ikpeng e a tipologia das línguas V-iniciais | 235 |
| 8.2.1. Caracterização morfossintática do Ikpeng | 236 |
| 8.2.2. Marcação pragmática e a definição da ordem em Ikpeng | 239 |
| 8.3. Discutindo a ordem em Ikpeng | 241 |
| 8.3.1. A ordem VSO e as construções descontinuas | 241 |
| 8.3.2. Traços de língua OV | 243 |
| 8.3.3. Ordem nas orações não verbais: o sujeito à direita do predicado | 244 |
| 8.3.4. Ordem na oração relativa | 245 |
| 8.4. Ordem em Ikpeng e nas demais línguas Karib | 246 |
| 8.4.1. Ordem de constituintes e caso nas línguas Karib | 246 |
| 8.4.2. Línguas V-iniciais e V-finais | 247 |
| 8.4.3. Hipótese de mudança | 248 |
| 8.4.4. Ordem em Ikpeng e Arara | 249 |
| 8.5. Considerações finais | 252 |
| 9. Conclusão | 255 |
| 9.1. Perspectivas e futuras pesquisas sobre a língua | 258 |
| Anexos | 261 |
| Abstract | 291 |
| Referências Bibliográficas | 293 |

ABREVIATURAS

| | | | |
|-------|-----------------------------|-------|---------------------------------|
| A | sujeito de verbo transitivo | MF | mulher falando |
| ABS | absolutivo | MOD | modificador |
| ACUS | acusativo | NEG | negação |
| ADJ | adjetivo | NOM | nominativo |
| ADJTO | adjunto | NMZ | nominalizador |
| ADJZ | adjetivizador | NPAS | não passado |
| ADV | advérbio | O | objeto |
| AGT | agente | OBL | obliquo |
| ALAT | alativo | ONOM | onomatopéia |
| ASP | aspecto | ORIG | origem |
| ATR | atributivo | PAC | paciente |
| AUX | auxiliar | PART | partícula |
| CAUS | causativo | PERM | permissivo |
| COL | coletivo | PL | plural |
| COM | comitativo | PN | passado nominal |
| COMP | complemento | POS | posse |
| CONT | continuativo | POSG | posse geral |
| CONJ | conjunção | POSP | posposição |
| CONV | convite | PRED | predicado |
| COOR | coordenação | REC | recente |
| CPLT | completivo | REM | remoto |
| DAT | dativo | REF | reflexivo |
| DEIT | dêitico | REL | relativo |
| DEN | denominal | RN | reflexivo nominal |
| DIM | diminutivo | RV | reflexivo verbal |
| DIR | direcional | Sa | sujeito de intransitivo ativo |
| DIST | distante | So | sujeito de intransitivo inativo |
| ELAT | elativo | SG | singular |
| ERG | ergativo | SN | sintagma nominal |
| EXT | existencial | SP | sintagma posposicional |
| FIN | finalidade | SUB | subordinada |
| FOC | foco | SUBR | subordinador |
| GEN | genitivo | SUJ | sujeito (não-verbal) |
| HF | homem falando | SV | sintagma verbal |
| ILAT | ilativo | T-A-M | tempo, aspecto e modo |
| IMP | imperativo | TOP | tópico |
| IMED | imediativo | TRAN | transitivo |
| INES | inessivo | V | verbo |
| INST | instrumental | VBZ | verbalizador |
| INTJ | interjeição | VC | verbo causativo |
| INTR | intransitivo | VOC | vocativo |
| ITER | iterativo | VI | verbo intransitivo |
| LOC | locativo | VT | verbo transitivo |

Abreviaturas em Fonologia

| | |
|---|------------|
| C | consoante |
| V | vogal |
| O | obstruinte |
| L | líqüida |
| N | nasal |
| G | glide |

SÍMBOLOS/DIACRÍTICOS

| | |
|-----------|--|
| // | representação fonológica |
| | segmento apagado na forma fonética |
| [] | representação fonética; limite de palavra e constituinte |
| { } | morfema |
| * | agramatical |
| ? abc | construção possível, mas incomum |
| -?- | em glossas, não definido como categoria |
| - | fronteira de morfema |
| • | fronteira de sílaba |
| ~ | condicionamento fonológico |
| ∞ | condicionamento morfológico |
| A > B > C | A é hierarquicamente superior a B, e ambos superiores a C |
| A → B | B deriva de A; A é mais básico que B; B é marcado em relação a A |

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo apresentar uma proposta de descrição para a morfossintaxe do verbo na língua Ikpeng (Karib), falada por mais de duzentas e cinquenta pessoas que habitam nas proximidades do Posto Indígena-Pavuru Parque Indígena do Xingu (MT). Será apresentada uma análise da estrutura verbal, dos processos de formação do verbo reflexivo e do verbo causativo e dos processos de subordinação e formação do verbo nominalizado. Discute-se a posição do Ikpeng na tipologia da ordem, mostrando que a língua é do tipo V-inicial, estando os SNs em posição pré-verbal pragmaticamente marcados. Partindo da tipologia da marcação núcleo-dependente, classifica-se o Ikpeng como *head-marking* (com marcação no núcleo). Demonstra-se que a função pivô nos processos de apagamento sob co-referência é S/A, além de se apresentarem as situações nas quais o pronome pode ser apagado, bem como as estratégias empregadas pela língua para retomar o SN previamente citado em construções multi-oracionais.

1

INTRODUÇÃO

1.1. POVO IKPENG: BREVE HISTÓRICO

Ikpeng é a autodenominação do povo conhecido na literatura antropológica e lingüística como “Txikão”, termo este de origem desconhecida. Segundo Simões (1963), a primeira referência a esse nome foi feita por Petruzzo (1932, *apud* Simões, p. 89), que, ao visitar o grupo Bakairí, no Paranatinga, ouviu falarem de um grupo hostil ao qual aqueles índios designavam “Txikão”. Segundo Simões, o nome “Txikão”, como designativo para um grupo hostil, só começa a surgir na bibliografia xinguana a partir de 1944, com a primeira expedição cinematográfica do SPI, e, pelo que tudo indica, foi dado inicialmente pelos Bakairí e posteriormente difundido no Xingu.

O nome *Ikpeng*, segundo os próprios falantes, significa “marimbondo bravo” (de tipo não identificado por nós), visto que os Ikpeng são ferozes quando ameaçados, atacando em bando os seus inimigos. Segundo Menget (1977), a denominação *Ikpeng* é de origem incerta, não havendo, na época de sua pesquisa, consenso entre os seus informantes quanto à real origem desse nome, sendo para uns uma etnônimo ancestral e, para outros, a denominação dada pelos seus inimigos ancestrais e adotada por eles. O autor levanta também a hipótese de que o nome *Ikpeng* poderia ser derivado do nome **ikpa** (=grande rio) mais o sufixo **-erj**, uma forma arcaica, rara na língua.

1.1.1. A chegada dos Ikpeng aos formadores do Xingu

Segundo os próprios Ikpeng, eles teriam vindo do Oeste em direção aos formadores do Xingu por causa dos conflitos com seus inimigos, entre eles os Kayapó. Dizem eles que antigamente viviam numa região próxima a um grande rio (**ikpa**), talvez o Tapajós ou o Amazonas, próximo a um grande castanhal. Pelo que tudo indica, os Ikpeng, como os demais grupos Karib, entraram na região do Xingu pelo Sudoeste, conforme afirmam Galvão e Simões (1965: 16-17):

Os Txikão representam, provavelmente, um elemento residual dessa frente de penetração e ocupação Karib que, pressionada por outros grupos indígenas ou pela expansão das frentes pioneiras nacionais com eixo no Tapajós, se teria deslocado do Paratininga ou Arinos para o Romuro-Jatobá e aí se instalado.

Os autores afirmam que os Txikão/Ikpeng parecem ser remanescentes de um grupo encontrado no baixo Ronuro por Meyer, em 1899, e mais tarde por Koch-Grünberg, que apresentava algumas semelhanças culturais com os Txikão/Ikpeng atuais, como tipo de aldeia, forma da maloca, uso de canoas rústicas feitas de casca, remos rústicos, presença do tipiti e emplumação cementada (tipo peruano, comum no Tapajós)¹. Dali, provavelmente, teriam sido expulsos por outros grupos, como os Suyá ou os Kayapó, emigrando para a região do Batovi, naquele momento abandonada pelo êxodo dos Bakairí para o Paranatinga. Ficaram isolados, sem nenhum contato com as tribos alto-xinguanas, até 1944, quando começaram a atacar os grupos xinguanos (primeiramente os Nahuquá, depois os Mehinaku e os Waurá) que se encontravam próximos ao seu território tribal. Localizados no Batovi no final da década de cinquenta, foram afugentados, em 1960, pelos Waurá e Mehinaku, mudando-se para a confluência Jatobá-Ronuro, onde foram contactados em 1964 pelos irmãos Orlando e Cláudio Villas-Boas (Galvão e Simões, 1965).

¹ Meyer os julgou ser Kabishí, e Koch-Grünberg os classificou de Apiaká (Simões, 1963: 101).

1.1.2. Contato e transferência para o Parque Indígena do Xingu

O grupo Ikpeng foi contactado no dia 19 de outubro de 1964, após Orlando e Cláudio Villas-Boas terem localizado a sua aldeia durante um sobrevôo sobre o Ronuro. A aldeia se encontrava a uma distância estimada de 100km de distância do Posto Leonardo (por via fluvial, três a cinco dias de viagem) e compreendia uma maloca semelhante ao tipo alto-xinguano, duas ranchadas de trabalho e uma pequena estrutura inacabada (Galvão e Simões, 1965: 6). Diferentemente do que ocorreu num sobrevôo realizado pela Inspeção do Índio, em 1958, época em que os Ikpeng tentaram alvejar o avião com flechas, dessa vez o grupo não foi hostil². Em 22 de outubro, após uma nova aproximação, pôde-se verificar, a partir dos indivíduos presentes na pista de pouso improvisada, que a população da aldeia somava cerca de trinta indivíduos (desses, apenas oito eram mulheres), a maioria entre 20 e 25 anos, com apenas dois homens aparentando mais de trinta anos (Galvão e Simões, 1965:7).

Após o contato, por motivo de invasão do seu território por garimpeiros e madeireiros, os Ikpeng foram transferidos para dentro dos limites do Parque Xingu em 1967, permanecendo nas proximidades do Posto Indígena Leonardo, próximos aos seus antigos inimigos. Segundo Menget (1977: 1), o número de Ikpeng que desembarcaram no Leonardo era de 56 pessoas. Ele mostra que o crescimento populacional do grupo foi pequeno entre 1960-1972, havendo, segundo levantamento que realizou o autor, apenas 25 nascimentos (desses, apenas 14 foram no Leonardo) (Menget, 1977:106). O autor dá como população total da aldeia, em 1972, o número de 62 pessoas, divididas em 37 homens e 25 mulheres (Menget, 1977: 110).

A partir de meados da década de setenta (mais ou menos, 1975), os Ikpeng começaram a procurar um lugar para construir sua nova aldeia, mudando-se para a parte central do Parque, nas proximidades do rio Uavi, onde foi fundado também o Posto

² Simões (1963: 92) afirma que em 1958 a Inspeção de Índios do Mato Grosso, com o auxílio de um pequeno avião da "South American Indian Mission", fez um sobrevôo no Batovi e a cerca de 195km em linha reta do P. I. Culiseiu localizou a aldeia Ikpeng, situada a 1 km da margem esquerda do Batovi numa grande clareira, compreendendo uma única maloca semelhante às construídas pelos alto-xinguanos.

Pavuru, que atenderia os Ikpeng e demais comunidades residentes nessa região do Parque. Atualmente, a aldeia se localiza a uns quinze minutos de caminhada do Posto Pavuru.

1.1.3. Situação atual

A população atual Ikpeng, a partir de um censo realizado em 1998, é de 252 pessoas. Parte da população está residindo no Posto Pavuru (36 pessoas), mas a maioria reside na aldeia (216 pessoas). Observa-se que houve um crescimento populacional considerável, devendo-se isso à incorporação de indivíduos de outras comunidades através de casamentos inter-étnicos, bem como ao crescimento da taxa de natalidade. Apesar da tranquilidade e do otimismo em relação ao futuro, nota-se em alguns membros da comunidade, principalmente entre os mais velhos, um desejo de retornar ao antigo território, na Região Ronuro-Jatobá. Várias tentativas foram feitas nesse sentido, mas se esbarra na dificuldade de ser a região citada muito isolada e não haver recursos (principalmente, gasolina para transporte) para a transferência. Além disso, a transferência traria a necessidade de criação de um novo posto indígena com infra-estrutura para o atendimento à comunidade (posto médico, escola, meios de transporte, equipamentos, funcionários), bem como a construção de uma pista de pouso para a saída de doentes e para a entrada de profissionais que auxiliam nos projetos da comunidade. Enfim, a dificuldade de acesso à região almejada e a divisão da comunidade em dois grupos, os favoráveis e os não favoráveis à mudança, têm impedido que os Ikpeng retornem ao seu antigo território.

A proximidade com o Posto Pavuru tem favorecido o tratamento de doentes e o combate a epidemias, visto que há sempre profissionais (enfermeiros, auxiliares de enfermagem e médicos) fazendo o controle da situação da saúde na comunidade. No entanto, essa proximidade tem favorecido também o contato com a língua e os costumes dos “brancos”, que foram em parte assimilados, principalmente pelos mais jovens.

No Posto, além de uma unidade de saúde, funciona a escola da comunidade, que ministra um ensino bilíngüe/bicultural, apoiado pelo Instituto Socioambiental e pela Secretaria de Educação do Estado do Mato Grosso. Há três professores contratados pelo estado para lecionar na escola do Posto e um “estagiário”, para o qual se pretende

conseguir também uma contratação. A escola Ikpeng e as escolas da Terra Preta, do Morená e do Barranco Alto formam uma unidade maior, que tem como Diretor o professor Korotowĩ.

Segundo um censo realizado pelo autor desta tese, a escola Ikpeng atende a uma clientela de 124 alunos de diversas idades³. Dois dos três professores da aldeia concluíram o Magistério secundário oferecido pelo Instituto Socioambiental, pelo MEC e pela SEDUC-MT e pretendem se candidatar a vagas num curso de Licenciatura que será oferecido pela UNEMAT, em estágio de implantação.

Vários materiais escritos em Ikpeng para ensino da língua materna foram produzidos durante o curso de formação de Professores do Parque, bem como durante os períodos de acompanhamento pedagógico e de assessoria lingüística. Desses, um estará sendo publicado este ano (livro de alfabetização), e outro, para leitura nas turmas mais avançadas, será publicado este ano ou no próximo. Está em elaboração, também, um livro sobre Ciências e Saúde e outro sobre Matemática, escritos também em Ikpeng. Futuramente, outros materiais Ikpeng estarão sendo elaborados, a fim de serem utilizados não apenas na escola, mas nos programas de prevenção a doenças e nos projetos de auto-sustentação econômica.

1.2. A LÍNGUA IKPENG

1.2.1. Filiação lingüística

A língua Ikpeng pertence à família Karib (ou Caribe) e, segundo Rodrigues (1986) e Menget (1977), forma com o Arara um sub-grupo que englobaria outras duas línguas extintas, o Apiaká e o Yarumá.

³ Distribuição dos alunos por professor (Ano: 2000)

| PROFESSOR | Nº DE ALUNOS |
|-----------------|--------------|
| Ikoré Ikpeng | 32 |
| Maiuá Ikpeng | 24 |
| Pitogá Ikpeng | 25 |
| Korotowĩ Ikpeng | 43 |
| TOTAL | 124 |

A posição do Ikpeng e do Arara dentro da família Karib não está bem definida. Mas a proximidade entre o Ikpeng e o Arara pode ser atestada, pelo menos no nível lexical, conforme mostram Galvão e Simões (1965), Menget (1977) e Rodrigues (1986). Uma breve comparação entre alguns cognatos demonstra uma proximidade muito grande entre elas:

| <i>Português</i> | <i>Ikpeng</i> | <i>Arara</i> ⁴ |
|-----------------------|-------------------|---------------------------|
| cabeça dele | imomtʃi | imomtʃi |
| pé dele | ipun → [i'ɸun] | ipun |
| filho dele | imun | imun |
| cabelo dele | iput → [i'ɸut] | iput |
| mutuca | turok | turok |
| língua dele | ilu | ilu |
| irmão mais velho dele | iru | iru |
| roupa | poiŋo → [poiŋ'go] | apoyŋo |
| caminho | anma | anma |
| tabaco | tami | tami |
| milho | anat | onat |
| urubu | waga | waka → [wa'ga] |
| macaco | tae | tawe |
| noite | kok | kok |
| esposa dele | iwit | iβit |
| urucum | onon | onon |
| cobra | ogoi → [ogoi] | ogoi → [o'goy] |
| onça | akari | okoro |
| peixe | uot → [uot] | wot |
| eu | uro | uro |
| você | omro | omoro |
| nós (inclusivo) | ugro | ugoro |
| nós (exclusivo) | tʃimna | timna |
| quem | onok | nok |

Outras semelhanças fonológicas encontradas são:

a) acento na última sílaba da palavra fonológica (que, maximamente, pode ser uma palavra flexionada + um clítico);

⁴ Os dados da língua podem ser encontrados nas dissertações de I. Souza (1988) e S. Souza (1993). Alguns símbolos empregados pelos autores foram substituídos pelos símbolos do IPA.

b) queda do *tap*, desfazendo o encontro consonantal oclusiva+líquida.

Morfologicamente, as semelhanças também são muito grandes. Vejam-se alguns exemplos de afixos encontrados no verbo:

| CATEGORIA MORFOLÓGICA | IKPENG | ARARA ⁵ |
|---|--|--|
| 1. Partícula de negação: Ikpeng: /pra/ Arara: /pira/ | yeneŋlɪ wa 'eu não o vi' 1/3-ver-REC Neg | aŋde pira 'ele não caiu' 'caiu' Neg |
| 2. Tempo recente: Ikpeng: /-li/ Arara: /-ili/ | ero-li 'ele foi' ir-Rec | ido-li 'ele foi' ir-Rec |
| 3. Sufixo de movimento: Ikpeng: /-ta/ Arara: /-tana/ | yenen-ta-nap 'eu vou lá vê- 1/3-ver-Mov-Perm los' | yenen-dana 'eu vou lá vê- 'eu vou'-Mov los' |
| 4. Imperativo: Ikpeng: /-ko/ Arara: /-ko/ | arep-ko 'venha aqui' vir-Imp | anep-ko 'traga-o' trazer-Imp |
| 5. Auxiliar ⁶ : Ikpeng: /-it-/ Arara: /-it-/ | araype m-it-aŋte 'você era magro 2-Aux-T magro' | abo pira it-ta 'Não vai lá mexer Neg Aux mexer' |

Quanto à marcação de caso e à ordem dos constituintes, as duas línguas contrastam, pois:

- o Ikpeng se comporta como nominativo-acusativa, com cisão ativo-estativo, e o Arara é uma língua ergativo-absolutiva sem a cisão ativo-estativo;
- a ordem de constituintes na oração independente em Ikpeng é **VSO/SVO** (sendo a última ordem a mais freqüente) e, em Arara, é **OVS/SOV**⁷.

Nossa pretensão, ao elaborar essas breves considerações sobre o Ikpeng e sobre o Arara, não foi a de apresentar algum tipo de análise comparativa, mas apenas ilustrar com o que já fora dito por outros autores, de que se trata de duas línguas muito próximas e pertencentes a um mesmo sub-grupo da Família Karib.

⁵ Os dados, abaixo, são encontrados em S. Souza (1993).

⁶ Chama-se atenção aqui para o fato de o paradigma do “verbo” auxiliar ser irregular.

⁷ S. Souza (1993: 10) afirma que ordem básica em Arara é OVS para as transitivas e SV ou VS para as intransitivas.

1.2.2. Bilingüismo e uso do Ikpeng e do português

Os Ikpeng mais jovens falam e entendem o português perfeitamente; os mais velhos e as mulheres adultas ou apenas entendem, ou falam muito pouco o português. O uso de uma língua ou de outra está relacionado a dois fatores: idade e sexo.

Entre os homens, aqueles que nasceram no Parque ou vieram para os seus limites quando criança falam muito bem o português. Os mais velhos, que vieram quando adultos para os limites do Parque, apenas entendem ou parcialmente falam o português. Entre as mulheres, as adultas e mais velhas entendem português, mas não o falam, e as mais jovens entendem e falam a língua, mas não a utilizam no dia-a-dia. Uma possível explicação para essa diferença de uso do português entre homens e mulheres pode estar no fato de que geralmente são os homens que estabelecem contato com os brancos, são funcionários do posto e viajam para a cidade para fazer compras ou vender artesanato.

O uso do português na aldeia e no posto é diferenciado. Na aldeia, ouve-se quase somente o Ikpeng. Apenas os homens mais jovens o utilizam para conversar entre si, alternando o uso do português com o uso do Ikpeng. No posto, devido à presença quase constante de brancos, os índios funcionários do posto usam bastante o português. Entretanto, quando precisam resolver algum problema ou pedir algo para outro Ikpeng, eles empregam a própria língua. Portanto, o uso do português é altamente marcado e o que prevalece ainda é o uso do Ikpeng.

Na escola, os professores também empregam o Ikpeng. O português é usado apenas quando se fala sobre a língua e cultura dos “brancos”. Um outro contexto onde o português é largamente empregado é na comunicação com outras aldeias ou com a cidade, via rádio.

Pode-se dizer, portanto, que o português é empregado para estabelecer a interação entre os Ikpeng e os não-Ikpeng (“brancos” e demais indígenas) e que a língua do grupo continua sendo a mais utilizada, inclusive pelos mais jovens, que são proficientes em português.

1.2.2.1. Outras línguas indígenas na comunidade

Devido aos casamentos inter-étnicos, os índios que vieram de outras aldeias morar entre os Ikpeng falam outras línguas do Parque, entre elas o Waurá, o Suyá, o Kayabi, o Trumai e o Kamaiurá. Os cônjuges de outras etnias ensinam aos seus filhos suas línguas. No entanto, segundo eles próprios relatam, as crianças apenas entendem quando o pai ou mãe não-Ikpeng a falam. Segundo um pai que pertence a outra etnia relatou, seus filhos, além do Ikpeng, falavam muito bem a língua dele. Portanto, mesmo sendo o pai ou a mãe de outro grupo, prevalece o uso do Ikpeng nas situações de interação.

1.3. PESQUISA LINGÜÍSTICA

Antes de 1997, destacam-se dois trabalhos sobre a fonologia da língua Ikpeng, ambos publicados pela Profª. Charlotte Emmerich. O primeiro é a sua dissertação de Mestrado, publicada em 1980 pelo Museu Nacional. Nela, a autora apresenta uma descrição bastante detalhada da fonologia segmental no modelo estruturalista, fazendo considerações sobre a fonologia de traços no modelo de Jakobson e Halle (1968, *apud* Emmerich, 1980). O segundo trabalho foi publicado na Revista Latinoamericana de Estudios Lingüísticos em 1994, onde a autora retoma a sua descrição da fonologia segmental da língua e discute a presença de fricativas no inventário segmental.

Em 1997, duas dissertações de Mestrado sobre a gramática da língua foram defendidas, uma sobre a marcação de caso nas orações independentes (Campetela, 1997) e outra sobre alguns aspectos relacionados à estrutura das orações independentes e relativas (Pacheco, 1997). Nas duas, retoma-se a análise fonológica de Emmerich (1980 e 1994), acrescentando-se apenas o fato de que se considera a existência dos glides e a não-existência da oclusiva bilabial sonora, assumida como alofone ora de /p/, ora de /w/, e apresenta-se uma primeira proposta de descrição para as classes de palavras.

Com esses dois trabalhos, somados ao de Emmerich, ampliou-se o conhecimento sobre a língua Ikpeng e abriram-se as portas para novas pesquisas não apenas na área de gramática, mas na área de fonologia, além de oferecer aos pesquisadores que estudam as

relações internas à família Karib um bom material para formulação e revisão de hipóteses sobre o desenvolvimento diacrônico da família.

1.3.1. Metodologia empregada no trabalho

A metodologia utilizada no presente trabalho envolveu duas fases ou momentos: a) a pesquisa de campo, em que foi realizada a coleta de dados lingüísticos; b) a análise do material coletado, cujos dados foram agrupados em categorias e então comparados, formulando-se hipóteses sobre a gramática da língua. Os processos de coleta e de análise de material lingüístico foram orientados pelo modelo tipológico-funcional. Levaram-se em conta, também, as análises de outras línguas Karib encontradas, principalmente, em trabalhos comparativos como os de Gildea (1993, 1994 e 1998) e Derbyshire (1981, 1991, 1994 e 1999).

1.3.1.1. Pesquisa de campo

Os dados que se encontram nesta tese foram, em sua maioria, coletados em sucessivas viagens ao campo que perfizeram um total de, aproximadamente, seis meses, além do contato com os professores e com a comunidade efetuados durante os cursos de formação de professores, principalmente aqueles realizados no Pavuru. Alguns dados foram coletados durante a estada de falantes Ikpeng em Campinas e em Jundiá, sendo uma em 1994, quando estiveram em Campinas Yokoré e Korotowĩ, e outra em 1995, quando esteve em Jundiá e em Campinas Napikĩ Ikpeng (Bebeto).

Os dados foram obtidos através de: a) elicitación de palavras e construções, feita a partir de questionários previamente elaborados; b) elicitación de sentenças e expressões encontradas em textos orais e escritos; c) observação do uso de palavras e expressões em situações reais de interlocução entre os Ikpeng e entre estes e o pesquisador. Neste último caso, os dados eram ouvidos e imediatamente anotados, para serem, depois, confirmados.

Os principais informantes foram os três professores da aldeia, Yokoré, Maiuá e Korotowĩ, o cacique Melobô e o contador de histórias Tomé (Oporiké). Outros falantes que contribuíram com a coleta, ora ensinando expressões, ora dirimindo dúvidas sobre o

uso da língua, foram Yambrá, Purigá e Awató. Salienta-se, contudo, que toda a comunidade participou direta ou indiretamente do trabalho, visto que ao tentar estabelecer algum tipo de interação, principalmente com os mais velhos, era preciso usar a língua do grupo, e isso nos indicava se a pronúncia ou uso de certas construções estavam corretas.

Uma das principais diferenças notadas na pronúncia dos falantes foi o uso ou não da redução silábica. Dessa forma, quando falavam num ritmo mais veloz, pouco se entendia, pois muitas sílabas eram suprimidas, dificultando a compreensão. Nestes casos, pedia-se que repetissem pausadamente para anotarmos todas as informações prosódicas suprimidas.

Com o exposto, quer-se também mostrar que a pesquisa de campo é importante não apenas para um melhor conhecimento do grupo com o qual trabalhamos, mas para estudar a língua a partir do contexto real em que é utilizada, obtendo-se, assim, informações mais precisas e detalhadas sobre os aspectos pesquisados. Procurou-se, pois, sempre compreender em que momento se empregava tal expressão ou construção, a fim de não incorrer no erro de fazer afirmações não condizentes com a realidade lingüística da comunidade.

1.3.1.2. Perspectiva de análise

Esta tese se propõe apresentar uma descrição sobre a morfossintaxe da língua Ikpeng, tomando como eixo condutor o estudo do verbo e das estruturas onde ele ocorre. O verbo foi tomado como centro da descrição por ser o núcleo da oração básica, encontrando-se nele marcadas as informações sobre tipo de argumento, tipo de evento, além das marcas de tempo/aspecto/modo e mudança de valência. Com o estudo do verbo, pode-se compreender como é feita a marcação das funções sintáticas nucleares numa língua com marcação no núcleo (*head-marking*), como é o caso Ikpeng, posto que as informações relacionais vêm codificadas no núcleo da construção⁸.

Adotou-se como perspectiva de análise nesta tese uma abordagem tipológico-funcional (ou funcionalismo tipológico). Segundo Croft (1995: 505), essa perspectiva se

⁸ Sobre a tipologia “marcação no núcleo vs. marcação no dependente” (*head-marking/dependent-marking*), cf. Nichols, 1986.

caracteriza por examinar a relação entre a sintaxe e a semântica (ou função discursiva), procurar protótipos funcionais nas línguas e construir universais implicacionais (em particular, hierarquias implicacionais), que giram em torno de tipos semânticos não-prototípicos e aqueles prototípicos. Nessa abordagem, o sistema gramatical é misto, no sentido de que apresenta elementos e relações universais, definidos funcionalmente, bem como elementos e relações arbitrários, pertencentes às línguas específicas. Como exemplo, o autor cita o caso das categorias sintáticas Nome, Verbo e Adjetivo, que podem ser definidas em termos de suas propriedades morfossintáticas e, após serem comparadas à de outras línguas, podem ser agrupadas em categorias, verificando-se, igualmente, a semântica das classes de palavras que com elas combinam. Assim, as categorias sintáticas maiores, definidas a partir de suas propriedades morfossintáticas, podem ser associadas às funções pragmáticas (universais) de referência, predicação e modificação⁹.

São seguidores dessa abordagem, entre outros, Dixon (1979, 1989 e 1994), Croft (1991), Van Valin (1990, 1993), Foley & Van Valin (1984), Givón (1984 e 1990) e Comrie (1989).

As perspectivas funcionalistas adotam, de forma geral, a seguinte noção de gramática:

Grammar includes knowledge not only of syntax, but also knowledge of the conventional semantic, pragmatic and discourse functions of the syntactic forms.
(Croft, 1995: 492)

Em linhas gerais, a proposta de análise seguiu, portanto, as orientações oferecidas por esse modelo, sem, no entanto, descartar *insights* advindos dos modelos formais (Gramática Gerativa, versão Princípios e Parâmetros, Gramática Léxico-Funcional e Otimalidade). Para manter a coerência da tese, a terminologia empregada é aquela normalmente encontrada em descrições tipológicas ou funcionais e nos trabalhos sobre as línguas Karib.

⁹ Esses três parâmetros são individualmente discutidos no trabalho de Frawley (1992).

1.3.1.3. Apresentação dos dados

Os dados são apresentados, de modo geral, em três linhas. Na primeira, estará a sua transcrição morfofonológica, sendo as palavras separadas por espaços e os morfemas por hífen (-). Quando algum segmento fonológico é apagado na forma fonética, ele é representado entre barras verticais (| |). A transcrição dos dados procurou preservar as informações fonéticas necessárias para a pronúncia das palavras e construções, evitando-se apresentar os morfemas em sua forma básica (subjacente), de difícil definição na língua, por conta do número de alomorfes encontrados para alguns morfemas¹⁰. Na segunda linha, apresentam-se as glossas dos morfemas. Na terceira, a tradução do exemplo, sendo as informações adicionais acrescentadas entre parênteses. Em alguns casos, os exemplos são transcritos em duas linhas, sendo a primeira a sua representação fonética e a segunda a sua representação fonológica. Esse tipo de transcrição será encontrada no capítulo sobre fonologia e nos casos onde a não explicitação da forma básica dos morfemas gerar algum tipo de ambigüidade. Informações adicionais serão dadas em nota de rodapé.

As glossas e abreviaturas, em geral, seguem as propostas apresentadas em trabalhos comparativos sobre a família Karíb (Derbyshire, 1999; Gildea, 1998) e em alguns trabalhos descritivos realizados sobre línguas Karíb particulares (Meira, 1999; Abbot, 1991). Para indicar as funções sintáticas e a marcação de pessoa, segue-se a nomenclatura de Dixon (1979 e 1994) e, quando necessário, as propostas de outros autores, como Croft (1991), Van Valin (1993), Comrie (1989) e Givón (1990).

¹⁰ O uso do traço nesse tipo de transcrição não indica, pois, que a forma ali delimitada é a subjacente.

1.4. RESUMO DOS DEMAIS CAPÍTULOS

A tese conta com oito capítulos, além do presente. No segundo capítulo, serão apresentados o inventário segmental e os processos fonológicos em fronteiras de palavra e morfema. O terceiro contém uma descrição para as classes de palavras em Ikpeng. Nele, serão mostradas as características morfossintáticas do verbo, do nome, do adjetivo e do advérbio, da posposição, do pronome, das partículas, incluindo-se as conjunções, e do auxiliar, além das onomatopéias e interjeições, parcialmente descritas. O quarto apresenta uma análise para o verbo nas orações independentes, discutindo a marcação das funções sintáticas nucleares e periféricas e as possíveis ordens do verbo e de seus argumentos (SNs). No quinto, expõem-se as características morfossintáticas do verbo causativo e reflexivo, mostrando-se quais os mecanismos utilizados pela língua para aumentar e reduzir a valência verbal. No sexto, serão vistos os processos de formação do verbo dependente e os tipos de oração subordinada encontrados na língua. No sétimo, discute-se a realização e apagamento dos elementos pronominais e qual a função pivô nos processos de concatenação oracional. No oitavo, localiza-se o Ikpeng na Tipologia da Ordem e são formuladas algumas hipóteses sobre o desenvolvimento da ordem na língua, comparando-a às ordens encontradas em Arara. Na conclusão, resumem-se os principais pontos discutidos na tese, além de apresentar alguns aspectos e questões a serem discutidos em futuros trabalhos sobre a gramática da língua.

2

ASPECTOS DA FONOLOGIA IKPENG: INVENTÁRIO SEGMENTAL E PROCESSOS MORFOFONOLÓGICOS

O objetivo deste capítulo é oferecer uma proposta de descrição para alguns aspectos relacionados à fonologia e morfofonologia da língua Ikpeng, tendo em vista subsidiar os capítulos sobre a morfossintaxe. Na elaboração do capítulo, seguiram-se as orientações da fonologia e morfofonologia descritiva propostos por Gleason (1985) e Jensen (1990), entre outros. A proposta parte dos trabalhos sobre a fonologia Ikpeng realizados por Emmerich (1980 e 1994).

O capítulo foi assim dividido: na seção 2.1, apresenta-se o inventário de vogais e de consoantes da língua; na seção 2.2, mostram-se os tipos de sílabas que são encontrados e a distribuição dos segmentos consonantais nas posições silábicas (ataque e coda); na seção 2.3, demonstram-se os processos fonológicos que são encontrados nas fronteiras de morfemas e nas fronteiras de palavras; o processo da metátese é discutido na seção 2.4; na seção 2.5, expõem-se as restrições encontradas nos processos de prefixação dos marcadores de pessoa; na seção 2.6, as considerações finais.

2.1. INVENTÁRIO SEGMENTAL

2.1.1. Segmentos vocálicos

Segmentos vocálicos são aqueles que podem ocupar o núcleo da sílaba. A língua conta com o seguinte inventário vocálico (cf. Emmerich, 1994):

(1) Segmentos vocálicos

| | Não-posteriores | Posteriores | |
|-----------|-----------------|------------------|--------------|
| | | Não-arredondadas | Arredondadas |
| Altas | i | ɨ | u |
| Não-altas | e | a | o |

Alguns exemplos com vogais:

- (2)
- | | |
|-------------|---------------|
| a. /kurita/ | ‘curica’ |
| b. /rere/ | ‘morcego’ |
| c. /ɨrip/ | ‘quente’ |
| d. /anat/ | ‘milho’ |
| e. /inot/ | ‘pequi’ |
| f. /urot/ | ‘índio bravo’ |
| g. /ouro/ | ‘casa’ |
| h. /roro/ | ‘papagaio’ |

As vogais /e/ e /o/ se realizam mais abertas em contextos orais e mais fechadas em contextos nasais. Conforme será mostrado na seção 2.3.1.2., as vogais nasais recebem a nasalidade de uma consoante nasal em coda. Quando a consoante nasal ocorre em ataque, o segmento vocálico não se torna nasal:

- (3) i. Contextos onde /e/ e /o/ se realizam como [ɛ] e [ɔ]:

- | | | |
|------------|------------|---------|
| a. aramere | [arameˈrɛ] | ‘mosca’ |
| b. inot | [iˈnɔt] | ‘pequi’ |

- ii. Contextos onde /e/ e /o/ se realizam como [ẽ] e [õ]:

- | | | |
|----------|---------|----------|
| b. amerɨ | [aˈmẽɨ] | ‘terra’ |
| d. onon | [oˈnõn] | ‘urucum’ |

Quando os segmentos /i/ e /u/ seguem ou precedem uma vogal que ocupa o núcleo silábico, realizam-se como [i̯] e [u̯], respectivamente, sendo interpretados foneticamente como glides derivados:

| | | | |
|-----|------------|-------------|----------------|
| (4) | a. /yai/ | [ˈj̥ai̯] | ‘árvore’ |
| | b. /pou/ | [ˈpou̯] | ‘porco’ |
| | c. /uot/ | [ˈuot̥] | ‘peixe’ |
| | d. /tuyai/ | [tu ˈj̥ai̯] | ‘rato’ |
| | e. /muot/ | [ˈm̥uot̥] | ‘você o matou’ |

Quando esses segmentos vêm precedidos por uma consoante oclusiva ou nasal, formando uma seqüência do tipo CiV ou CuV, a consoante e a vogal alta podem ser foneticamente interpretadas como um único segmento, no caso, complexo. No entanto, tais seqüências não são consideradas fonologicamente segmentos complexos:

| | | | |
|-----|--------------|--------------------|---------------------|
| (5) | a. /yakua/ | [ya . ˈkʷ a] | ‘tucano’ |
| | b. /kuapi/ | [kʷ a . ˈpi] | ‘esteira’ |
| | c. /mopia/ | [mo . ˈpʷ a] | ‘palha de palmeira’ |
| | d. /koŋonie/ | [koŋ . go . ˈnʷ e] | ‘de tarde’ |

Atente-se para o fato de que a natureza fonológica desses dois segmentos depende do tipo de posição silábica para eles postulada. Assume-se aqui que os segmentos /i/ e /u/ assilábicos sejam glides derivados, descartando-se a hipótese do segmento complexo, nos casos em que eles vêm precedido por uma consoante oclusiva ou nasal.

Note-se que, na representação adotada nesta tese, os segmentos /i/ e /u/ assilábicos serão representados pelos mesmos símbolos empregados para representar os glides /y/ e /w/.

2.1.2. Segmentos consonantais

Segmentos consonantais são aqueles que ocupam as margens da sílaba (ataque e coda). Diferentemente das vogais, não podem ocupar o núcleo silábico. O Ikpeng conta

com o seguinte inventário consonantal (entre parênteses, encontram-se os símbolos do IPA alternativos):

(6) Inventário de consoantes

| | Bilabial | Alveolar | Palatal | Velar |
|----------|---------------|---------------|---------------|----------|
| Plosiva | p | t | | k |
| Africada | | tʃ | | g |
| Nasal | m | n | | ŋ |
| Lateral | | l | | |
| Tap | | r (=r) | | |
| Glide | w (=β) | | y (=j) | |

Emmerich (1980 e 1994) sustenta a existência do fonema /b/, que apresentaria [b] como um de seus alofones. Entretanto, aqui, o fone [b] é considerado alofone do glide /w/. Os glides /y/ e /w/ se realizam, geralmente, como fricativas sonoras. Observem-se os exemplos abaixo:

- (7)
- | | | |
|-------------|------------|------------------|
| a. /awiana/ | [aβ̣ia'na] | 'porco queixada' |
| b. /tawule/ | [taβ̣u'le] | 'leve' |
| c. /tʃiwan/ | [tʃi'β̣an] | 'arraia' |
| d. /yai/ | [j̣ai] | 'árvore' |
| e. /tuyai/ | [tu'j̣ai] | 'rato' |

Acrescente-se, no entanto, que o fone [β] (= [b]) também é alofone de /p/ (cf. o quadro de alofones da plosiva bilabial, a seguir).

A série de plosivas apresenta os seguintes alofones:

(8) Alofonia na série de plosivas bilabiais

| FONEMA | ALOFONE | CONTEXTO | EXEMPLO |
|--------|---------|---|---|
| /p/ | [ɸ] | • diante de vogal posterior arredondada | a) /ipun/ → [i'ɸun] 'pé dele' |
| | [b] | • diante de líquidas | b) /kareplĩ/ → [kareb'li] 'eu cheguei' |
| | [β] | • entre vogais | c) /ĩpari/ → [iβa'ri] 'meu amigo' |
| | [m] | • antes de consoante nasal | d) /ĩrĩp nole/ → [kĩrĩmno'le] ¹¹ 'de manhã' |
| | [p] | • nos demais contextos | e) /petkom/ → [pet'kom] 'mulher' |
| /t/ | [ɾ] | • entre vogais | f) /t-otike-tem/ → [totʃike'rem] |
| | [tʃ] | • antes de vogal anterior alta | g) /ot-ikore-lĩ/ → [otʃikore'li] 'quebrou-se' |
| | [n] | • antes de consoante nasal | h) /anat mĩtan/ → [ananmĩ'tan] 'história do milho' |
| | [t] | • nos demais contextos | i) /taktori/ → [takto'ri] 'panelinha' |
| /k/ | [g] | • entre vogais | j) /ĩ-momtʃi ke/ → [ĩmomtʃi'ge] 'eu estou com dor de cabeça' |
| | [k] | • nos demais contextos | l) /g-emin ke/ → [gemin'ke] 'eu estou com dor de barriga' |

Quando ocorrem em coda, as plosivas se realizam como não-explodidas¹². A mesma análise é defendida por Emmerich (1980 e 1994):

- (9)
- | | | |
|--------------|-----------------------|-------------|
| a. /petkom/ | [p e t ˀ k o m] | 'mulher' |
| b. /anat/ | [a ˀ n a t ˀ] | 'milho' |
| c. /taktori/ | [t a k ˀ t o ˀ r i] | 'panelinha' |
| d. /orok/ | [o ˀ r o k ˀ] | 'cocar' |
| e. /topkak/ | [t o p ˀ k a k ˀ] | 'arco' |
| f. /kitpip/ | [k i t ˀ p i p ˀ] | 'bonito' |

¹¹ Não se sabe, ainda, a origem do /k/ inicial.

¹² O símbolo ˀ indica que a plosiva é não explodida (*no audible release*).

Os segmentos /l/ e /r/ contrastam fonologicamente, não podendo ser considerados alofones de um mesmo fonema (cf. também Emmerich, 1980 e 1994):

- | | | |
|------|--------------|-----------------|
| (10) | a. /alama/ | ‘abelha’ |
| | b. /aramere/ | ‘mosca’ |
| | c. /kalo/ | ‘outro’ |
| | d. /amero/ | ‘tracajá’ |
| | e. /malula/ | ‘tatu canastra’ |
| | f. /kurupi/ | ‘periquito’ |
| | h. /weliko/ | ‘vaga-lume’ |
| | i. /kurita/ | ‘curica’ |
| | j. /uro/ | ‘eu’ |
| | l. /alo/ | ‘mentira’ |
| | m. /rere/ | ‘morcego’ |
| | n. /tʃanole/ | ‘hoje’ |

As nasais, em coda, quando seguidas de uma plosiva no ataque de sílaba subsequente, ou quando seguidas de pausa, apresentam um certo grau de ensurdecimento:

- | | | | |
|------|-----------------|---------------------------------|--------------|
| (11) | a. /mempui/ | [m ẽ m̩ . 'p u j] | ‘beija-flor’ |
| | b. /orem/ | [o . 'r ẽ m̩] | ‘música’ |
| | c. /mantan/ | [m ã ñ . 't ã ñ] | ‘depois’ |
| | d. /petkomtowo/ | [p e t . k õ m̩ . t o . 'w o] | ‘mulherada’ |

A análise assumida aqui para o fonema /tʃ/ é a mesma proposta por Emmerich (1980 e 1994), por Campetela (1997) e por Pacheco (1997). Esse segmento apresenta um alofone [tʃ̠]¹³, em variação livre com [tʃ].

- | | | | |
|------|------------|--------------------------------|-------------------|
| (12) | a. /tʃoum/ | [tʃ̠ o ũ m̩] ~ [tʃ o ũ m̩] | ‘peixe corvina’ |
| | b. /pitʃa/ | [p ï 'tʃ̠ a] ~ [p ï 'tʃ a] | ‘mingau perereba’ |

Essa alternância é encontrada com mais freqüência na fala dos mais jovens, que empregam, geralmente, a variante [tʃ]. Já os mais velhos freqüentemente empregam a variante [tʃ̠]. Acrescenta-se que a africada necessita de um estudo mais aprofundado,

¹³ Esse símbolo indica que o fonema [tʃ] é articulado rebaixando-se a língua e diminuindo-se a oclusão.

verificando-se, entre outros aspectos, quais fatores estão determinando suas diferentes realizações¹⁴.

2.2. SÍLABA E ACENTO DE PALAVRA

2.2.1. Tipos de sílaba e posições dos segmentos na estrutura silábica

O Ikpeng é uma língua que permite sílabas fechadas (CVC). Entretanto, como as demais línguas desse tipo, impõe restrições aos tipos de segmentos que podem ocupar a posição de coda. A seguir, apresentamos os tipos de sílabas encontradas e suas posições dentro da palavra:

A) •CV•

(13) i) Em qualquer posição da palavra:

- | | |
|------------------------|---------------|
| a. /ka . ra . ke/ | ‘bonito, bom’ |
| b. /pa . ra . pi/ | ‘borboleta’ |
| c. /ta . la . ga . pi/ | ‘barata’ |

B) •V•

(14) i) início de palavra:

- | | |
|--------------|-----------|
| a. /a . nat/ | ‘milho’ |
| b. /o . po/ | ‘borduna’ |

ii) meio e final de palavra¹⁵:

- | | |
|----------------------|------------------|
| c. /ta . e/ | ‘macaco’ |
| d. /mo . to . e/ | ‘fruto de conde’ |
| e. /a . wi . a . na/ | ‘porco queixada’ |

C) •VC•

(15) i) início de palavra:

- | | |
|--------------------|------------|
| a. /am . pi . rak/ | ‘mosquito’ |
| b. /ot . ko/ | ‘tatu’ |

ii) final de palavra:

- | | |
|------------------|---------------------------|
| c. /o . et / | ‘mangaba (tipo de fruto)’ |
| d. /a . mɪ . am/ | ‘moça bonita’ |

¹⁴ Refiro-me não apenas a fatores fonéticos, mas dialetais e estilísticos.

¹⁵ Notei, entre os falantes, uma variação entre CV.V e CVV_v, como em *tae* que pode ser monossilábico /*tæ*/ ou bissilábico /*ta.e*/, com a última vogal mais aberta [ta.ɛ].

- D) •CVC•
- (16) i) início de palavra:
- | | |
|----------------------------|------------------|
| a. / k ok/ | ‘noite’ |
| b. / tak . to . ri/ | ‘panela pequena’ |
- ii) meio e final de palavra:
- | | |
|-----------------------------|----------|
| c. /i . ram . na/ | ‘jacaré’ |
| d. / pet . kom / | ‘mulher’ |
| e. / kî . rî t . po/ | ‘preto’ |

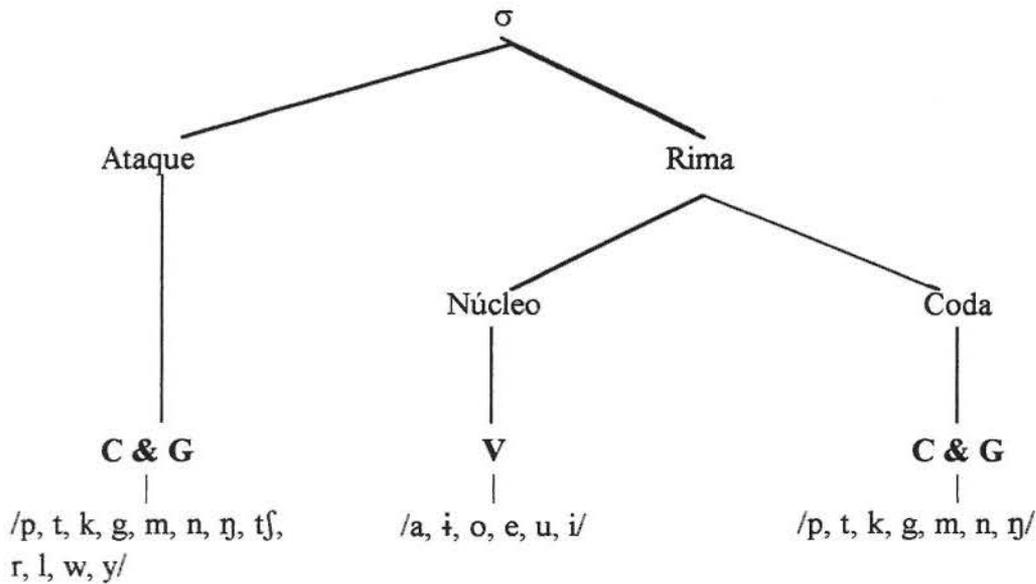
As seqüências envolvendo oclusiva+líquida não serão tratadas como um novo tipo silábico, isto é, •CCV•, uma vez que não ocorrem em início de palavra. Além disso, os elementos de tais seqüências podem ser interpretados como membros de sílabas diferentes, isto é, a oclusiva (O) como parte da coda e a líquida (L) como parte do ataque subsequente. Emmerich (1980: 32), ao analisar os encontros consonantais envolvendo oclusiva+líquida, afirma que foi registrada variação livre entre [V.OLV] e [VO.LV], como, por exemplo, em: [i.brî] e [ib.rî] (‘flecha dele’)¹⁶. Observamos, também, a mesma variação e optamos pela análise que não considera o ataque ramificado:

- (17) i. C_{oclusiva CODA}] • [ATAQUE C_{líquida}
- | | |
|------------------------------------|-----------|
| a. / <u>tap</u> . <u>ri</u> . gem/ | ‘branco’ |
| b. /ku . <u>rig</u> . <u>re</u> / | ‘esquilo’ |
| c. /mî . <u>rag</u> . <u>ri</u> / | ‘comida’ |

A seguir, apresentamos as restrições impostas aos segmentos consonantais que podem aparecer em coda:

¹⁶ Esse fato pode ser observado em outros casos como *karake + pra* (bonito+NEG) → [ka.ra.kep.ra], alternando com [ka.ra.ke.bra].

(18) Distribuição dos segmentos na estrutura silábica



Note-se que os segmentos /l, r, tʃ, w, y/, contínuos, não ocorrem em coda¹⁷.

2.2.2. Acento na palavra e no constituinte

O Ikpeng é uma língua cujo acento ocorre sempre na última sílaba da palavra morfológica:

- | | |
|---|---|
| <p>(19) a. /pet . 'kom/ petkom 'mulher'</p> | <p>a'. /pet . kom . to . 'wo/ petkom-towo mulher-COL 'mulherada'</p> |
| <p>b. /ma . 'rep/ m-arep 2Sa-chegar 'Você chegou'</p> | <p>b'. /ma . rep . 'tom/ m-arep-tom 2Sa-chegar-COL 'Vocês chegaram'</p> |

¹⁷ Atente-se para o fato de que, na transcrição dos dados, os símbolos [w] e [y] que ocorrem após vogais e após consoantes obstruintes e nasais são vogais altas, no caso /i/ e /u/ assilábicas, que são interpretadas como glides na forma fonética.

| | |
|----------------|------------------------|
| c. /ma . 'rep/ | c'. / ka . rep . 'lĩ / |
| m-arep | k-arep-lĩ |
| 2Sa-chegar | 1Sa-chegar-COL |
| 'Você chegou?' | 'Eu cheguei' |

Em constituintes maiores que a palavra, como os sintagmas, o acento incide na última sílaba do sintagma:

- (20) a. /togo + ke/ → [to.go.'ge] 'com facão'
 facão com:INST
- b. /k-ara-naŋ + man/ → [ka.ra.naŋ.'man] 'Eu estou indo'
 1Sa-ir-CONT PART

Não dispomos de um estudo aprofundado sobre acento primário e secundário. Para mais detalhes acerca do acento em Ikpeng, cf. Campetela (2000)¹⁸.

2.3. PROCESSOS FONOLÓGICOS EM FRONTEIRA DE MORFEMA

Quando os morfemas se concatenam, ocorrem mudanças na sua forma, causadas por vários processos fonológicos que são desencadeados pela adjacência dos segmentos que os compõem. Partindo do tipo de segmento envolvido, dividiram-se os processos em dois grupos: os relacionados às vogais e os relacionados às consoantes.

2.3.1. Processos envolvendo vogais

2.3.1.1. Harmonia vocálica e deslabialização

A vogal posterior /o/, presente no morfema de segunda pessoa da série II¹⁹ e no prefixo reflexivo, sofre deslabialização diante de radicais cuja primeira vogal é /a/. Contrastem-se os exemplos abaixo:

¹⁸ Campetela desenvolve atualmente uma pesquisa sobre a prosódia Ikpeng, que é tema da sua tese de doutorado.

Deslabialização do segmento /o/ do morfema {o-}:

- (21) a. o-lu-Ø → [o'lu] 'tua língua'
 b. o-emiŋ-ke → [oemiŋ'ke] 'Você está com fome?'
 c. o-keni → [oke'ni] 'é teu'
 d. o-laglu-Ø → [alag'lu] 'tua saliva'
 e. o-miaŋru-ke → [amyaŋru'ge] 'Você está com preguiça'
 f. o-mapo → [ama'po] 'do teu lado'

Deslabialização do segmento /o/ do morfema {ot-}:

- (22) a. ot-enen-lî → [oreneŋ'lî] 'Ele se viu'
 REF-ver-REC
 b. ot-apkore-lî → [arapkore'lî] 'Ele se quebrou'
 REF-quebrar-REC
 c. ot-pakore-lî → [atpakore'lî] 'Ele cortou o próprio
 REF-cortar-REC cabelo'

Pode-se representar esse fenômeno da seguinte forma: **o** → **a/** __ +**C(C)a**. Observe-se que esse processo parece ocorrer também no interior de palavras não derivadas ou flexionadas, havendo, portanto, a necessidade de uma investigação específica sobre a harmonia vocálica na língua como um todo²⁰.

Outro caso de harmonia vocálica é encontrado no morfema de terceira pessoa da série II. Nesse caso, o prefixo {i-} se realiza como /e/ diante de radicais cuja primeira sílaba é **C(C)V**, sendo o núcleo silábico um /a/. Se o radical iniciar por /a/, isso não

¹⁹ Detalhes sobre as séries de prefixos pessoais encontradas na língua serão apresentados no capítulo 3.

²⁰ Ao verificar a lista de itens verbais, não foram encontrados casos onde a primeira vogal fosse /a/ e a segunda vogal fosse /o/, havendo apenas um caso onde a primeira vogal é /o/ e a segunda um /a/ (veja-se, no Anexo IV, o caso de [ompan] 'todos').

ocorre, pois /i/ preenche o ataque da sílaba inicial do radical, onde se encontra o /a/, realizando-se como um glide:

| | | | | |
|------|---------------|---|------------|--------------|
| (23) | a. /i-pu-n/ | → | [i'pun] | 'seu pé' |
| | b. /i-amo-n/ | → | [ja'mon] | 'sua unha' |
| | c. /i-mtagri/ | → | [emta'gri] | 'sua comida' |

2.3.1.2. Nasalização das vogais

A nasalidade não é intrínseca às vogais. Assim, vogais foneticamente nasais recebem a nasalidade de uma consoante nasal em coda:

| | | | | |
|------|--------------|---|----------------------|-------------------|
| (24) | a. /maŋa/ | → | [mãŋ . 'g a] | 'seio' |
| | b. /ampirak/ | → | [ã m . p i . 'r a k] | 'mosquito' |
| | c. /oren/ | → | [o . 'r ẽ n] | 'ele' |
| | d. /ameŋ/ | → | [a . 'm ẽ ŋ] | 'terra' |
| | e. /emomtʃi/ | → | [e . m õ m . 'tʃ i] | 'cabeça dele' |
| | f. /koŋno/ | → | [k õ ŋ . 'n ɔ] | 'macaco da noite' |

A nasalidade espraia para a esquerda e tem como fonte uma consoante nasal em coda. Assim, mesmo adjacente, a nasal de uma consoante em ataque não se espraia para a vogal que a precede, nem para a que a segue:

| | | | | |
|------|------------|---|------------------|---------|
| (25) | a. /amulu/ | → | [a . m u . 'l u] | 'paca' |
| | b. /anat/ | → | [a . 'n a t] | 'milho' |

2.3.1.3. Apagamento vocálico e redução silábica

É comum ocorrer apagamento de segmentos vocálicos em fronteiras de morfema nos seguintes contextos: a) *na prefixação*: quando o radical iniciado por C seguido de V recebe o prefixo da série vocálica, a primeira vogal do radical sofre queda; b) *na sufixação*: quando o radical terminado por V recebe um sufixo -CV (cf. o morfema {pe} abaixo), a vogal do sufixo cai, tornando-se a sua consoante a coda da última sílaba do

radical. Caso seja um sufixo **CVCV** (como em {**pene**}), o mesmo processo se aplica à primeira sílaba:

- (26)
- | | | |
|--|-------------------------------|---------------------------------------|
| a. /mɪtagri/ comida | → /i-mɪtagri/ 1-comida | → [ɪmta'gri] 'minha comida' |
| b. /mɪta/ palavra | → /i-mɪta-n/ 1-palavra-POS | → [ɪm'tan] 'minha palavra' |
| c. /pomri pe / rapaz PART | → | [pom'rip] 'é rapaz' |
| d. /ewari pene / amigo PART | → | [ewarim'ne] 'tornou-se amigo dele' |

Note-se que em (d), o /p/ inicial do sufixo {**pene**} se realiza como [m], pois ao cair a vogal, o /p/ em coda assimila a nasalidade de /n/ em ataque.

2.3.2. Processos envolvendo consoantes

2.3.2.1. Vozeamento das oclusivas

Uma consoante oclusiva surda se torna sonora ao ocorrer diante de uma líquida ou entre vogais:

- (27)
- | | |
|--|--------------|
| /p/ → [p] | |
| a. /m-arep/ 2-chegar 'Você chegou?' | → [ma'rep] |
| /p/ → [b] | |
| b. /k-arep-li/ 1-chegar-REC 'Eu cheguei' | → [kareb'li] |

/t/ → [t]
 c. /t-arimton-tem-towo/ → [tarimtontemto'wo]
 3-cozinhar-NMZ:S-TN
 'cozido'

/t/ → [ɾ]
 d. /t-otʃike-tem-towo/ → [totʃikeremto'wo]
 3-sair-NMZ:S-TN
 'pescador'

e. /ot-enen-li/ → [oreneŋ'li]
 REF-ver-REC
 'Ele se viu'

/k/ → [k]
 f. /g-emin-ke/ → [gemin'ke]
 1-barriga-DEN
 'Estou com fome'

/k/ → [g]
 g. /i-momtʃi-ke/ → [imomtʃi'ge]
 1-cabeça-DEN
 'Estou com dor de cabeça'

Note-se que em (d), o morfema {**tem**} se realiza como [rem]. O mesmo ocorre com {**ke**} que se realiza como [ge] em (g).

2.3.2.2. Nasalização das oclusivas

Uma consoante oclusiva, em coda, torna-se nasal diante de uma consoante nasal no ataque da sílaba seguinte:

- (28) a. /p/ → [m]
 /kiriɾp-nole/ → [kiriɾmno'le] 'cedo'
 quente-ainda
- b. /t/ → [n]
 /purut man/ → [purun'man] 'uma hora da tarde'
 ONOM PART

c. /k/ → [ŋ]
 /orik-naŋ/ → [oriŋ'naŋ] 'Eles estão dançando'
 dançar-CONT

2.3.2.3. Palatalização

A consoante plosiva /t/ se torna africada quando precede uma vogal alta anterior. Isso é notado na prefixação do morfema reflexivo {ot-} e na de primeira inclusiva {kut-} (= 1+2):

- (29) a. /ot-ikore-lî/ → [otʃikore'lî] 'Ela se quebrou'
 REF-quebrar-REC
- b. /ma kut-ip-ta/ → [makutʃip'ta] 'Vamos tomar banho'
 CONV 1+2-tomar.banho-MOV

2.3.2.4. Apagamento de segmentos consonantais

Há apagamento de segmento consonantal nos seguintes casos: a) quando ocorrem, adjacentes, na forma básica, duas consoantes idênticas; b) quando o segmento é uma *tap*. Uma das funções do apagamento de *tap* é desfazer o *cluster* oclusiva+líquida:

| (30) | Forma Básica | Forma Fonética | Tradução | Processo |
|------|----------------|----------------|------------------------|--|
| a. | /omro/ | [o'mo] | 'você' | • Queda de /r/ e cluster desfeito. |
| b. | /g-agrawon-ke/ | [gagawon'ke] | 'estou cansado' | |
| c. | /karake pra/ | [karake'wa] | 'feio' | |
| d. | /uro/ | [l'uo] | 'eu' | • Queda de /r/ e ressilabificação. |
| e. | /kut-aranmeli/ | [kwaranme'lî] | 'nós corremos' | • perda da coda da primeira sílaba e ressilabificação: t → r → Ø / __+a |
| f. | /m-it-tîne/ | [mitî'ne] | 'você quer ser (algo)' | • Queda de /t/ idêntico. |

Note-se que em (e), há os seguinte processo: **kut** → **kur** → **ku** → **kw** / __ +a.

2.4. METÁTESE

Ocorre metátese quando o segmento final do radical que recebe um morfema {-CVC_N} é uma vogal. Caso o segmento final seja uma consoante, isso não ocorre. O processo se dá da seguinte forma: um morfema que apresenta a seqüência C₁ V₂ C₃ se torna uma seqüência C₁ C₃ V₂. Observe-se que há ressilabificação dos segmentos quando o último segmento do radical é uma vogal, ocupando C₁ a coda da última sílaba do radical:

- (31) i. Caso: **k₁ o₂ m₃ → ŋ₁ m₃ o₂**
- | | | |
|----------------|------------------|-------------------|
| a. /o-pun-kom/ | [o . pun . 'kom] | ‘pé de vocês’ |
| b. /o-lu-kom/ | [o. luŋ . 'mo] | ‘língua de vocês’ |
- ii. Caso: **k₁ o₂ n₃ → ŋ₁ n₃ e₂**
- | | | |
|-----------------|---------------------|--------------------|
| c. /egepak kon/ | [e . ge . pa. 'kon] | ‘somente tucunaré’ |
| d. /kape kon/ | [ka . peŋ . 'ne] | ‘somente café’ |

Provavelmente, em (d) ocorre um processo de harmonia vocálica com perda da labialidade de /o/, que se realiza como /e/; em (c), um dos /k/ subjacentes cai. Não foram efetuados testes para as situações em que a última sílaba do radical tenha por núcleo uma vogal diferente de /e/.

2.5. ALOMORFIA DOS PREFIXOS PESSOAIS

Os prefixos pessoais apresentam um tipo de alomorfia que é determinada pelo fato de não ser possível ocorrer uma *epêntese* quando são prefixados a raízes consonantais, como ocorre em outras línguas Karíb (cf. Meira, 1999, no Tiriyo; Souza, 1994, no Bakairi; S. Souza, 1994, no Arara; Abbott, 1990, no Macushi; e Derbyshire, 1999, para uma visão comparativa dos prefixos pessoais). A seguir, serão mostrados os tipos de radicais aos quais os prefixos pessoais se afixam; será proposta uma descrição para esses

prefixos, a partir da sua decomposição em traços morfológicos e fonológicos, para, enfim, argumentar que essa variação se deve ao fato de não ocorrer *epêntese* na fronteira de morfema nos processos de prefixação.

2.5.1. Proposta de traços para a análise da alomorfia dos prefixos pessoais

Partindo do modelo proposto por Clements (1993), elaborou-se uma proposta de traços para as vogais e consoantes. Esse modelo foi escolhido por considerar que consoantes e vogais podem ser tratadas a partir de um mesmo conjunto de traços de ponto. Procuraremos demonstrar que, em alguns contextos, o que conta para a interpretação de certos morfemas é o traço de ponto e não sua natureza consonantal ou vocálica, determinada a partir da posição silábica a ser preenchida na palavra flexionada. Abaixo, apresenta-se a proposta de traços formulada para descrever as alomorfias dos prefixos pessoais na língua²¹:

(32) a. CONSOANTES

| [+ consonantal] | | Labial | Coronal | Dorsal |
|-----------------|--------------|----------|-----------|----------|
| [- soante] | [-voz -cont] | p | t | k |
| | [+voz -cont] | | | g |
| | [-voz +cont] | | tʃ | |
| [+soante] | [+nasal] | m | n | ŋ |
| | [+cont] | | l | |
| | [-cont] | | r | |
| | | w | y | |

b. VOGAIS

| [-consonantal] | Labial | Coronal | Dorsal |
|----------------|----------|----------|----------|
| [+ alta] | u | i | ɨ |
| [- alta] | o | e | a |

Para representar os traços morfológicos relacionados à pessoa gramatical, segue-se a proposta de Pacheco (2000c), elaborada a partir de Jensen (1990):

²¹ Essa proposta foi originalmente apresentada em Pacheco (2000c).

- (33) i) *Traços relacionados à pessoa:*
- a) 1ª pessoa: [+I –II]
 - b) 2ª pessoa: [–I +II]
 - c) 1ª pessoa inclusiva: [+I +II]
 - d) 3ª pessoa: [–I –II]
- ii) *Traços relacionados às séries I/Sa e II/So:*
- a) Série I/Sa: [+ATIVA]
 - b) Série II/So: [–ATIVA]

Através da interação dos traços fonológicos e morfológicos acima apresentados, será proposta uma descrição para os prefixos pessoais em Ikpeng. Acrescente-se que o uso de traços no lugar de segmentos foi motivado pelo fato de apenas algumas propriedades dos segmentos serem alteradas nos processos de prefixação, como, por exemplo, a sua natureza consonantal ou vocálica, ficando algumas delas inalteradas, como é o caso do ponto onde são articulados. Dessa forma, o emprego de traços sub-segmentais e sua interação com traços morfológicos propiciou uma descrição que, entre outras coisas, mostra-nos por que a mudança na forma dos segmentos não afeta a interpretação gramatical dos prefixos marcadores de pessoa.

2.5.2. Prefixos pessoais em Ikpeng

A língua Ikpeng possui duas séries de prefixos que indicam as pessoas gramaticais nos verbos, nomes e posposições. A primeira série (*Série I*) indica o sujeito dos verbos transitivos e intransitivos ativos. Essa série não se prefixa nem a nomes, nem a posposições. A segunda (*Série II*) indica o objeto dos verbos transitivos, o sujeito dos verbos inativos (inacusativos), o objeto pronominal da posposição e a pessoa do possuidor. Ocorrem, também, nas construções relativas, indicando uma das pessoas do verbo transitivo. A *Série II* se subdivide em duas outras: uma com alomorfes *V/CV* e outra com alomorfes *C/VC*. A primeira ocorre antes de radicais iniciados por consoante; a segunda, diante de radicais iniciados por vogais:

(34) Séries de prefixos pessoais: formas básicas

| Pessoa | Série I | Série II | |
|-----------|--------------|----------------------------|----------------------------|
| | | Antes de radical C-inicial | Antes de radical V-inicial |
| 1 | k - | ɨ - | g - |
| 2 | m - | o - | w - |
| 1+2 [INC] | kut - | wɨ - | ug(w) - |
| 3 | ∅ - | i - | y - |

Partindo da proposta de traços morfológicos e do inventário de traços distintivos acima apresentados, formularam-se dois quadros que cruzam informações fonológicas e morfológicas. Em (35a), indicam-se os traços associados à primeira, segunda e terceira pessoas; em (35b), os traços associados à primeira pessoa inclusiva, que apresenta tanto traços da primeira quanto da segunda pessoa (na parte escurecida, estão as informações morfológicas):

(35) a) Traços Fonológicos e Morfológicos nos Prefixos Pessoais: 1ª, 2ª e 3ª pessoas

| | [+ATIVO] | | [-ATIVO] | |
|----------|-------------------------|--|-------------------------|-----------------------|
| | [+CONSONANTAL] | | [-CONSONANTAL] | [+CONSONANTAL] |
| [+I -II] | /k/ [+DORSAL -VOZ] | | /ɨ/ [+DORSAL +ALTA] | /g/ [+DORSAL +VOZ] |
| [-I +II] | /m/ [+LABIAL +NASAL] | | /o/ [+LABIAL -ALTA] | /w/ [+LABIAL] |
| [-I -II] | [∅] | | /i/ [+CORONAL +ALTA] | /y/ [+CORONAL] |

b) Traços Fonológicos e morfológicos nos prefixos pessoais da 1ª pessoa inclusiva

| [+ATIVO] | | [-ATIVO] | | | | | |
|--------------------------|-----------------------------------|--------------------------|---------------------------|-----------------------------------|--------------------------|-----------------------------------|------------------------------------|
| [+I] | [+II] | [+II] | [+I] | [+II] | [-I] | [+II] | [+I] |
| [+CONS +DORS -VOZ] | [-CONS +DORS +LAB +ALTA] | [+CONS +DORS +LAB] | [-CONS +DORS +ALTA] | [-CONS +DORS +LAB +ALTA] | [+CONS +DORS -VOZ] | [-CONS +DORS +LAB +ALTA] | [+CONS +DORS (+LAB) +VOZ] |
| k | u(t) | w | ɨ | u | k | u | g(w) |

A primeira pessoa inclusiva da série II, por reunir traços da primeira e segunda pessoas, apresenta complexidades não observadas na primeira ou segunda. Uma delas é o número de alomorfes, causado, conforme mostraremos, pela proibição de inserção de material fonético na forma de saída.

A seguir, apresentamos as categorias lexicais nas quais ocorrem os prefixos pessoais, especialmente os da série II.

2.5.2.1. Alomorfia dos prefixos pessoais nos verbos intransitivos

Conforme dito anteriormente, as séries distinguem duas classes de verbo intransitivo: a classe dos verbos ativos (inergativos) e a classe dos verbos inativos (inacusativos). Lembramos que na série II há uma alomorfia determinada pela natureza do segmento inicial do radical ao qual o morfema se prefixa:

| (36) <i>Paradigma da Série I</i> | <i>Paradigma da Série II</i> | |
|---|--|--|
| | i) Radical <i>V</i> -inicial | ii) Radical <i>C</i> -inicial |
| a. <i>karanmelí</i> k -aranme-lí 'Eu corri' | e. <i>gaginumlí</i> g -aginum-lí 'Eu chorei' | i. <i>ɸlaktetkelí</i> ɸ -laktetke-lí 'Eu cuspi' |
| b. <i>maranmelí</i> m -aranme-lí 'Você correu' | f. <i>waginumlí</i> o -aginum-lí 'Você chorou' | j. <i>alaktetkelí</i> o -laktetke-lí 'Você cuspiu' |
| c. <i>kwaranmelí</i> kut -aranme-lí 'Nós corremos' | g. <i>ugwaginumlí</i> ugw -aginum-lí 'Nós choramos' | l. <i>wɸlaktetkelí</i> wɸ -laktetke-lí 'Nós cuspimos' |
| d. <i>aranmelí</i> Ø -aranme-lí 'Ele correu' | h. <i>yaginumlí</i> i -aginum-lí 'Ele chorou' | m. <i>ilaktetkelí</i> i -laktetke-lí 'Ele cuspiu' |

Algumas mudanças na forma de saída do morfema de primeira inclusiva da série ativa {**kut**-} e na de segunda da série inativa {**o**-} são determinadas por outros fatores,

como a natureza da consoante ou da vogal que constitui a primeira sílaba do radical, conforme apresentamos abaixo:

A) Alomorfia de {**kut-**}: o morfema de primeira inclusiva ativa apresenta os seguintes alomorfes: a) /**kw-**/ diante da vogal baixa /a/; b) /**kur-**/ diante da vogal arredondada /o/; c) /**kutʃ-**/ diante da vogal /i/:

- (37) a. /kut-aranme-lî/ → [kwaranmeli]

1+2Sa-correr-REC

'Nós corremos'
- b. /kut-origu-lî/ → [kurorigulî]

1+2Sa-dançar-REC

'Nós dançamos'
- c. /kut-ip-ta-n/ → [kutʃiptan]

1+2-tomar banho-MOV-NPAS

'Nós iremos tomar banho?'

A presença das formas /or/ ou /ar/ nos verbos intransitivos ativos indicam que esses verbos foram derivados via reflexivização. No entanto, sincronicamente, o morfema {**ot-**}, presente nesses verbos, perdeu o estatuto de reflexivo e forma com a raiz verbal uma única categoria lexical, não estando mais disponível aos falantes atuais o seu conteúdo reflexivo.

B) Alomorfia de {**o-**}: o morfema de segunda pessoa da série inativa apresenta um alomorfe determinado por uma regra de harmonia vocálica com perda do traço [labial] e abaixamento da vogal /o/:

- (38) /o-laktetke-lî/ → [alaktetkelî] 'Você cuspiu'

2So-cuspir-REC

Compare-se com o exemplo abaixo:

- (39) /o-emin-ke / → [eminke] 'Você está com fome?'

2So-barriga-VBZ

2.5.2.2. Alomorfia dos prefixos pessoais nas nominalizações

Os verbos nominalizados recebem os prefixos da série II, como se pode conferir nos exemplos abaixo:

- (40) *Nominalização de O (objeto):*
- a. petkom [i-n-enen-pin] Ø-ero-li
mulher 1-NMZ:O-ver-PN 3-ir-REC
'A mulher [que eu vi] saiu'
- b. petkom [o-n-enen-pin] Ø-ero-li
mulher 2-NMZ:O-ver-PN 3-ir-REC
'A mulher [que você viu] saiu'
- c. petkom [wi-n-enen-pin] Ø-ero-li
mulher 1+2-NMZ:O-ver-PN 3-ir-REC
'A mulher [que nós vimos] saiu'
- (41) *Nominalização de A (sujeito):*
- a. petkom [g-enen-nin-pin] Ø-ero-li
mulher 1-ver-NMZ:A-PN 3-ir-REC
'A mulher [que me viu] saiu'
- b. petkom [o-enen-nin-pin] Ø-ero-li
mulher 2-ver-NMZ:A-PN 3-ir-REC
'A mulher [que te viu] saiu'
- c. petkom [ugw-enen-nin-pin] Ø-ero-li
mulher 1+2-ver-NMZ-PN 3-ir-REC
'A mulher [que nos viu] saiu'

Nos exemplos acima, o sufixo {-pin} (passado nominal) indica que o verbo não está na forma finita, funcionando como o participio das línguas europeias. O sufixo {-nin} indica que o nominal relativizado é o sujeito da relativa, e o prefixo {n-} indica que o nominal relativizado é o seu objeto.

2.5.2.3. Alomorfia dos prefixos pessoais nas posposições

As posposições, assim como os verbos inativos, nomes e nominalizações, recebem os prefixos da série II, conforme apresentado abaixo:

(42) Prefixos pessoais nas posposições:

| | | | |
|--------------------------------|-----------|----------------------|-------------------|
| i) <i>C-Inicial</i> | | ii) <i>V-inicial</i> | |
| a. <i>ĩ-keni</i> ²² | ‘de mim’ | e. <i>g-alon</i> | ‘na minha frente’ |
| b. <i>o-keni</i> | ‘de você’ | f. <i>w-alon</i> | ‘na tua frente’ |
| c. <i>wĩ-keni</i> | ‘de nós’ | g. <i>ugw-alon</i> | ‘na nossa frente’ |
| d. <i>e-keni</i> | ‘dele’ | h. <i>y-alon</i> | ‘na frente deles’ |

Note-se que as posposições que iniciam por consoante recebem os prefixos *V/CV* e as que iniciam por vogal, *CVC*.

2.5.2.4. Alomorfia dos prefixos pessoais nos nomes

Os prefixos pessoais ocorrem nos nomes possuídos, indicando a pessoa do possuidor (GEN). Nomes possuídos são aqueles que apresentam sufixado ao radical o morfema de posse (POS), que apresenta os seguintes alomorfes /-n ~ ru- ~ lu- ~ -rĩ ~ -tʃi ~ -Ø/.²³ Abaixo, apresentamos um quadro com exemplos que contêm os alomorfes dos prefixos pessoais encontrados nos nomes:

(43) Alomorfes da Série II em radicais nominais

| [+POSSE] | Alomorfe | Contexto | Exemplo |
|----------|-------------|---------------------|--|
| [+I -II] | → <i>ĩ-</i> | diante de consoante | a) <i>ĩ-pu-n</i> ‘meu pé’ 1-pé-POS |
| | → <i>g-</i> | diante de vogal | b) <i>g-apo-n</i> ‘minha borduna’ 1-borduna-POS |

²² /keni/ é uma posposição que indica posse. Uma tradução aproximada seria “de” no sentido de “pertence-me” ou “é meu”.

²³ Note-se que os alomorfes do sufixo genitivo apresentam uma consoante coronal e uma vogal alta.

| | | | | |
|----------|------------------------------------|---|---|-----------------|
| [-I +II] | → o- | diante de consoante | c) <i>o-pu-n</i> 2-pé-POS | ‘teu pé’ |
| | → a- | diante de radicais cuja primeira vogal é /a/ | d) <i>a-mtagri-Ø</i> 2-comida-POS | ‘tua comida’ |
| | → w- | diante de vogal | e) <i>w-apo-n</i> 2-borduna-POS | ‘tua borduna’ |
| [+I +II] | → wi- | diante de consoante não-oclusiva e de oclusiva seguida de /u/ | f) <i>wi-pu-n</i> ²⁴ 1+2-pé-POS | ‘nosso pé’ |
| | | | g) <i>wi-mta-n</i> 1+2-palavra-POS | ‘nossa palavra’ |
| | → uŋ- | diante de consoante nasal seguida de vogal ²⁵ | h) <i>uŋ-mano-Ø</i> 1+2-irmão-POS | ‘nosso irmão’ |
| | → uk- | diante de consoante oclusiva | i) <i>uk-pora-n</i> 1+2-boca-POS | ‘nossa boca’ |
| | | | j) <i>uk-top-tfi</i> 1+2-arco-POS | ‘nosso arco’ |
| | | | l) <i>uk-tamru-Ø</i> 1+2-avô-POS | ‘nosso avô’ |
| → ug- | diante da vogal [i]. ²⁶ | m) <i>ug-ume-Ø</i> ²⁷ 1+2-pai-POS | ‘nosso pai’ | |
| | | n) <i>ug-ure-Ø</i> ²⁸ 1+2-mãe-POS | ‘nossa mãe’ | |
| → ugw- | diante das vogais [a] e [e] | o) <i>ugw-apo-n</i> 1+2-borduna-POS | ‘nossa borduna’ | |
| | | p) <i>ugw-erem-Ø</i> 1+2-chefe-G | ‘nosso chefe’ | |

²⁴ A representação fonética de /wipun/ é [wiɸun]. Isso ocorre porque o fonema /p/ se realiza como [ɸ] diante de vogal alta arredondada /u/.

²⁵ Se a consoante nasal da margem esquerda do radical for seguida de outra consoante, então o alomorfe será /wi-/. Isso ocorre, certamente, por causa da silabificação. Cf.: *wi-mtan* (1+2-palavra-GEN) ‘minha palavra’. Se fosse /uŋ-mtan/, não seria possível silabificar o /m/.

²⁶ Nossa proposta aqui é considerar que /i/ recebe o traço [labial] da primeira inclusiva, realizando-se como /u/ na forma superficial (*output*). Cf. nossa análise para esses casos na próxima nota.

²⁷ *Ugume* é empregado para designar o chefe da casa. Parece ser uma forma arcaica e faz parte de um paradigma irregular: *i-roymt* ‘meu pai’; *uŋ-me* ‘teu pai’; *ug-ume* ‘nosso pai’; *Iokore Ø-imt* ‘pai de Iokoré’. A forma básica de ‘pai’, na minha hipótese, seria *-imt-*.

²⁸ /ugure/ parece fazer parte de um paradigma irregular, como ocorre com a forma /ugume/. Cf.: *i-roye-Ø* ‘minha mãe’; *ukte* ‘tua mãe’; *ugure* ‘nossa mãe’; *Iokore ye* ‘mãe de Iokoré’. A forma básica de mãe parece ser /-ie-/, que pode se realizar como /-ye-/, /-te-/ ou /-re-/.

| | | | | |
|----------|------|--|--------------------------------------|----------------|
| [-I -II] | → i- | diante de consoante | q) <i>i-pu-n</i> 3-pé-POS | ‘seu pé’ |
| | → e- | diante de radical iniciado por consoante seguida de /a/ ou /e/ | r) <i>e-mtagri-Ø</i> 3-comida-POS | ‘comida dele’ |
| | → y- | diante de vogal | s) <i>y-apo-n</i> 3-borduna-POS | ‘borduna dele’ |

Observe-se que o alomorfe da segunda pessoa /a-/ ocorre diante de radicais cuja primeira vogal é /a/, havendo, nesses contextos, harmonia vocálica. Entre os alomorfes da primeira inclusiva, encontra-se **uk-** diante de consoante oclusiva, à exceção da plosiva labial seguida de /u/, que se realiza como uma africada [ɸ]; **wi-** ocorre nos radicais iniciados pela plosiva labial seguida de /u/ e diante das consoantes não plosivas; **ugw-** ocorre diante das vogais /a, e/; a forma **uŋ-** ocorre diante de consoante nasal; **ug-**, nos demais contextos²⁹.

2.5.3 Sobre a forma **ugw-**

Até o momento, não sabemos, com certeza, que fatores estão determinando a forma de saída /ugw/. Há, pelo menos, três prováveis respostas à questão da labialidade presente na forma [gw] da variante /ugw/:

- a) a forma do prefixo seria {ugu}, que se realiza como [ug^w] diante de vogais, havendo a perda do segmento com o traço [LABIAL] na forma /ug-/ ou /uk-/.
- b) o traço [LABIAL] de /u/ espraia para /g/. Esse fenômeno seria engatilhado pelas vogais com traços [-LABIAL -ALTA], ou seja, pelas vogais /a/ e /e/³⁰;
- c) a forma do prefixo seria {ug^w-} e o segmento /g/ da forma /ug-/ sofreria o processo de deslabialização, com a perda do traço [LABIAL];

A proposta (c) é descartada pelo fato de não haver evidências de que haja um segmento complexo /g^w/ subjacente. A solução em (a) parece a mais sensata, por se

²⁹ Conforme mostramos em nota anterior, alguns paradigmas de parentesco podem ser irregulares, podendo algumas formas, principalmente a inclusiva, ter guardado características de um estágio anterior da língua, constituindo uma forma cristalizada.

³⁰ As vogais /a/ e /e/, [+baixa] e [-arredondada], engatilham outros processos, como a perda da labialidade do prefixo {o-} em *a-lag-lu* (2-saliva-POS) ‘tua saliva’. Não sabemos ainda quais propriedades associadas a esses segmentos causam tais mudanças na forma de saída (fonética).

encaixar na hipótese de que a forma /ug/ é ocasionada pela queda da vogal labial, sendo o processo de duplicação do traço [labial], que identifica a segunda pessoa no complexo 1+2, mais custoso, ou seja, menos econômico. Entretanto, esse e outros fenômenos fonológicos relacionados aos prefixos pessoais, principalmente ao inclusivo, necessitam de uma investigação mais aprofundada, analisando outros fatores que podem estar influenciando a variação alomórfica, como o acento e a natureza do segmento inicial do radical ao qual eles são prefixados.

2.5.4. O que determina a alomorfia da série II

Conforme mencionamos anteriormente, as alomorfias presentes na *Série II* são condicionadas pela natureza do segmento inicial do radical ao qual os elementos da série são prefixados. Assim, se o radical iniciar por consoante, o prefixo assume a forma de vogal (V) ou consoante + vogal (CV), no caso da primeira inclusiva; se começar por vogal, o prefixo assume forma de uma consoante (C) ou de vogal + consoante (VC), no caso da primeira inclusiva, seguindo, dessa forma, o padrão silábico e evitando, segundo nossa hipótese, o encontro de segmentos da mesma natureza (C[C ou V[V]). Ressaltamos que o fato ocorre porque a língua não admite *epêntese* (inserção) de segmentos na forma de saída, uma das estratégias empregadas pelas línguas para impedir segmentos idênticos adjacentes e violação da sílaba ótima CV. O que a língua faz é alterar a forma do prefixo, ajustando-o à estrutura da sílaba inicial do radical, dando forma consonantal ou vocálica ao prefixo a partir da posição silábica a ser preenchida, impedindo, portanto, qualquer tipo de inserção.

2.6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo, procuramos apresentar uma breve introdução à fonologia segmental e à morfofonologia Ikpeng, com o intuito de oferecer subsídios para os capítulos subseqüentes. A definição dos segmentos foi feita a partir do seu comportamento dentro das posições silábicas *ataque*, *núcleo* e *coda*, sendo que as vogais ocupam o núcleo

silábico e as consoantes, glides e vogais assilábicas ocupam as posições diferentes do núcleo.

No tratamento dos processos morfofonológicos, foram levadas em conta as mudanças segmentais encontradas na fronteira de morfema e palavra, discutindo-se, entre outros aspectos, o apagamento de segmento, a mudança fonética causada por assimilação, dissimilação, harmonia, a metátese e a alomorfia condicionada pela estrutura da sílaba inicial do radical.

Dessa forma, esperamos ter oferecido o máximo de informações fonológicas que consideramos relevantes para a compreensão das alomorfias que serão encontradas no decorrer do trabalho.

3

O VERBO E AS DEMAIS CLASSES DE PALAVRAS: UM ESTUDO MORFOSSINTÁTICO

Neste capítulo, apresenta-se uma proposta de análise para as classes de palavras encontradas na língua. A finalidade do capítulo é oferecer informações sobre a morfologia flexional e derivacional que ajudem a compreender os fenômenos morfosintáticos a serem discutidos nos próximos capítulos. Visa, igualmente, apresentar uma descrição que possa subsidiar os trabalhos sobre as línguas Karíb, oferecendo um inventário das classes de palavras encontradas na língua e as categorias gramaticais a elas relacionadas.

O capítulo está assim organizado: na seção 1, expõem-se os critérios utilizados para definição das classes; nas seções 2, 3, 4 e 5 apresentam-se as classes maiores: verbo, nome, adjetivo e advérbio; nas seções 6, 7, 8, as classes menores: pronome, posposição, partícula, auxiliar; na seção 9, outras classes encontradas, mas que precisam ser melhor investigadas, como interjeição e ideofone.

3.1. CRITÉRIOS UTILIZADOS PARA IDENTIFICAÇÃO DAS CLASSES

O critério empregado aqui para identificação das classes é aquele que leva em consideração o tipo de categoria associada à classe e seu comportamento sintático³¹. Poderíamos designar o critério de “gramatical”, como faz Schachter (1985). Poderíamos

³¹ Esse critério é conhecido como interno à língua em oposição ao externo, discursivo ou semântico (cf. Croft, 1991: 41 e Schachter, 1985: 3).

chamar as classes de “categorias sintáticas”, como propõe Croft (1991), o que seria justificado pelo fato de termos analisado o seu comportamento morfossintático.

Seguindo os critérios propostos por Schachter (1985) dividimos as classes de palavras em dois grandes grupos³²:

- 1) **Classes abertas:** *verbo, nome, adjetivo, advérbio*;
- 2) **Classes fechadas:** *pronomes* (incluindo dêiticos e palavras interrogativas), *posposições, auxiliares, partículas* (incluindo as conjunções), além das *interjeições e onomatopéias*, classificadas à parte.

Para identificação das classes maiores e para algumas classes menores, como a posposição e o auxiliar, empregamos os seguintes critérios:

Critérios morfológicos:

- a) uso de diferentes séries de prefixos pessoais;
- b) presença das categorias TEMPO/ASPECTO e MODO;
- c) morfologia derivacional empregada para mudar a valência (no caso dos verbos), para acrescentar informações semânticas à palavra ou mudá-la de classe;
- d) negação.

Critérios sintáticos:

- a) função sintática assumida pela palavra dentro da sentença (A, O, Sa, So, OBL, ADJTO, MOD);
- b) posição dentro da sentença (1ª, 2ª ou 3ª posições, deslocamento à esquerda ou à direita) e dos sintagmas (pré/pós-núcleo);
- c) co-ocorrência (ou restrições de seleção).

Abaixo, apresentamos as classes encontradas a partir dos critérios mencionados.

³² Classes maiores (ou abertas) seriam aquelas que contribuem para a estruturação da oração básica, preenchendo as posições dos modificadores e adjuntos, além das argumentais e predicativas (Croft, 1991).

3.2. VERBOS

Encontram-se na língua dois tipos de verbos: os intransitivos e os transitivos. Os intransitivos se subdividem em duas outras classes: os *ativos* ou *Sa* e os *inativos* ou *So*³³, conforme mostramos a seguir:

3.2.1. Verbo intransitivo

O verbo intransitivo é o núcleo das construções verbais mono-argumentais:

- (44) a. SN_{Sa} $V_{INTRANS}$
 [aŋpi [sv Ø-aranme-lî]]
 menino 3Sa-correr-REC
 ‘O menino correu’
- b. SN_{So} $V_{INTRANS}$
 [aŋpi [sv y-aginum-lî]]
 menino 3So-chorar-REC
 ‘O menino chorou’

O argumento único dos predicados verbais intransitivos pode assumir a função *Sa* ou *So*, dependendo do verbo com os quais ocorre³⁴. Assim, *aŋpi*, em (a), assume a função *Sa* na construção com o verbo intransitivo ativo *-aranme-* ‘correr’, assumindo, entretanto, a função *So* na construção com o verbo inativo *-aginum-* ‘chorar’, em (b).

3.2.1.1. Marcadores de pessoa no verbo intransitivo

Existem duas séries de prefixos pessoais que servem para marcar a pessoa gramatical no verbo intransitivo:

³³ Os rótulos “ativo” e “inativo” não estão sendo empregados aqui no seu sentido semântico. Eles indicam a cisão morfológica na classe dos intransitivos, designada por Merlan (1985) de “intransitividade cindida” (*split intransitivity*) e por Dixon (1979 e 1994) de “S-cindido” (*Spit-S*).

³⁴ S é o rótulo dado à função do SN que é o argumento único dos verbos intransitivos. Quando S se comporta morfossintaticamente como A (=sujeito de verbo transitivo), ele é rotulado como Sa (isto é, S=A). Quando S se comporta como O (=objeto de verbo transitivo), ele é rotulado como So (isto é, S=O) (cf. Dixon, 1979 e 1994).

- a) a **série I** indica que o sujeito do verbo intransitivo é um argumento **Sa**;
 b) a **série II** indica que o sujeito do verbo intransitivo é um argumento **So**.

Partindo desse critério, classificam-se os verbos intransitivos que recebem os prefixos da **série I** como *ativos/Sa* e os que recebem os da **série II** como *inativos/So*.

(45) Série de prefixos pessoais

| PESSOA | SÉRIE I | SÉRIE II | |
|--------|-------------|---------------------------------------|---|
| | | Antes de radicais iniciados por vogal | Antes de radicais iniciados por consoante |
| 1 | k- | g- | ĩ- |
| 2 | m- | w- | o- |
| 1+2 | kut- | ugw- | wĩ- |
| 3 | Ø- | y- | i- |

Abaixo, apresentamos um paradigma com verbo intransitivo ativo:

- (46) a. *karanmelĩ*
 k-aranme-lĩ
 1Sa-correr-REC ‘eu corri’
- b. *maranmelĩ*
 m-aranme-lĩ
 2Sa-correr-REC ‘você correu’
- c. *kwaranmelĩ*
 kut-aranme-lĩ
 1+2Sa-correr-REC ‘nós (INC) corremos’
- d. *aranmelĩ*
 Ø-aranme-lĩ
 3Sa-correr-REC ‘ele correu’

O morfema {**kut-**}, conforme foi mostrado no capítulo 2, apresenta os seguintes alomorfes: i) /**kut-**/ diante de consoante; ii) /**kw-**/ diante de radicais cuja primeira vogal é uma não arredondada diferente de /i/; iii) /**kur-**/ diante da vogal /o/ e /e/; e iv) /**kutʃ-**/ diante da vogal /i/. A terceira pessoa, nessa categoria de verbos, recebe a marca zero (Ø-).

A seguir, temos exemplos de dois paradigmas de verbos inativos/So: um, cujo radical inicia por consoante, e outro, por vogal:

(47) *Série II - Prefixação a radicais iniciados por Vogais*

- | | | |
|----|--------------------|----------------|
| a. | <i>gaginumlî</i> | ‘eu chorei’ |
| | g-aginum-lî | |
| | 1So-chorar-REC | |
| b. | <i>waginumlî</i> | ‘você chorou’ |
| | o-aginum-lî | |
| | 2So-chorar-REC | |
| c. | <i>ugwaginumlî</i> | ‘nós choramos’ |
| | ug-aginum-lî | |
| | 1+2So-chorar-REC | |
| d. | <i>yaginumlî</i> | ‘ele chorou’ |
| | i-aginum-lî | |
| | 3So-chorar-REC | |

(48) *Série II - Prefixação a radicais iniciados por consoantes*

- | | | |
|----|---------------------------------|----------------|
| a. | <i>laktetkelî</i> ³⁵ | ‘eu cuspi’ |
| | l-laktetke-lî | |
| | 1So-cuspir-REC | |
| b. | <i>alaktetkelî</i> | ‘você cuspiu’ |
| | o-laktetke-lî | |
| | 2So-cuspir-REC | |
| c. | <i>wlaktetkelî</i> | ‘nós cuspimos’ |
| | wl-laktetke-lî | |
| | 1+2So-cuspir-REC | |
| d. | <i>ilaktetkelî</i> | ‘ele cuspiu’ |
| | i-laktetke-lî | |
| | 3So-cuspir-REC | |

³⁵ A estrutura do radical -laktetke- é: *lak-* = ‘saliva’; *te-* = verbalizador; *tke-* = iterativo.

Note-se que o prefixo de segunda pessoa {o-} se realiza como /a-/ diante de radicais iniciados por consoante seguida da vogal /a/. Diferentemente da terceira pessoa da série I, que é não marcada, a terceira da série II ocorre marcada pelo prefixo {i-}.

Mais detalhes sobre os contextos morfofonológicos que condicionam a alomorfia dos prefixos pessoais podem ser encontrados no capítulo 2.

3.2.1.2. Divisão dos lexemas intransitivos pelo critério morfológico

Utilizando critérios morfológicos como a série de prefixos pessoais e a ausência do morfema causativo (transitivizadores), dividimos os lexemas intransitivos em dois grupos: ativos/Sa e inativos/So. Participar de um grupo ou de outro não parece estar vinculado à semântica do lexema. No entanto, na maioria dos casos, verbos ativos indicam atividades, e verbos inativos, estados ou processos naturais, conforme observou Mithun (1991). Vejam-se alguns exemplos abaixo:

(49) *Verbos intransitivos ativos/Sa*

| VERBO ATIVO | TRADUÇÃO | EXEMPLO |
|-------------|-----------------|------------------------------------|
| -arami- | ‘olhar’ | a. karamilî ‘eu olhei’ |
| -aran- | ‘ir embora’ | b. karanaj ‘eu estou indo embora’ |
| -aranme- | ‘correr’ | c. karanmeli ‘eu corri’ |
| -arep- | ‘chegar’, ‘vir’ | d. kareplî ‘eu cheguei’ |
| -ero- | ‘ir’ | e. erolî ‘ele foi’ |
| -orik- | ‘dançar’ | f. korigulî ‘eu dancei’ |
| -otfike- | ‘pescar’ | g. kotfiket ‘vou sair para pescar’ |

(50) *Verbos intransitivos inativos/So*

| VERBOS INATIVOS | TRADUÇÃO | EXEMPLO |
|-----------------|---------------|-------------------------------|
| -abronum- | ‘tremei’ | a. gabronumlî ‘eu tremi’ |
| -aginum- | ‘chorar’ | b. gaginumlî ‘eu chorei’ |
| -apoylum- | ‘trabalhar’ | c. gapoylumlî ‘eu trabalhei’ |
| -araypam- | ‘emagrecer’ | d. garaypamlî ‘eu emagreci’ |
| -egakte- | ‘sair’ | e. gegaktelî ‘eu sai’ |
| -erangi- | ‘assustar-se’ | f. gerangilî ‘eu me assustei’ |
| -nki- | ‘dormir’ | g. ïnkilî ‘eu dormi’ |

| | | | |
|---------|----------|-------------|------------------|
| -rompo- | ‘morrer’ | h. irompoli | ‘ele morreu’ |
| -umne- | ‘secar’ | i. yumneli | ‘Ela (já) secou’ |

3.2.2. Verbo transitivo

O verbo transitivo possui dois argumentos: o sujeito (A) e o objeto (O). Em Ikpeng, o argumento em função A geralmente precede aquele em função O, que segue, na maioria das vezes, o V (sobre as ordens possíveis de constituintes, cf. capítulo 4). O verbo transitivo ocupa o núcleo da oração transitiva, possui um objeto e apresenta concordância de número e pessoa com o seu sujeito.

- (51) a. A V O
 [aŋpi [sv Ø-amoketke-li akari]]
 menino 3A3O-bater-REC cachorro
 ‘O menino bateu no cachorro’
- b. V A O
 [[Ø-etpotatke-li ogoy Karane]]
 3A3O-morder-REC cobra Karane
 ‘A cobra mordeu Karané’
- c. A V O
 [ogoy [sv Ø-etpore-li ugwon]]
 cobra 3A3O-morder-REC homem
 ‘A cobra mordeu o homem’
- d. A V O
 [pomri [sv Ø-i-won-getke-li itɪŋ tae]]
 rapaz 3A-3O-encontrar-ITER-REC muitos macacos
 ‘O rapaz encontrou muitos macacos’
- e. A V O
 [pomri-mo-nom [sv Ø-i-won-getke-li-ŋmo itɪŋ tae]]
 rapaz-? -COL 3A-3O-encontrar-ASP-REC-COL muitos macacos
 ‘Os rapazes encontraram muitos macacos’

(56) ugw-eneŋ-lĩ
1+2-ver-REC ‘Você me viu’

2A ↔ 1O

3.2.2.2. Hierarquia de pessoa nos verbos transitivos

No quadro abaixo, contrasta-se a marcação das funções **A** e **O** com a marcação de **S**. Assim, num verbo transitivo como “ver”, marca-se um dos argumentos (**A** ou **O**), e nos intransitivos há uma cisão, marcando-se **S** ora como **A**, ora como **O**:

(57) Marcação das funções **A**, **O** e **S** (**Sa** e **So**) no verbo Ikpeng

| RELAÇÃO | A | O | EXEMPLO |
|-----------|-------------|-----------------|--|
| 1A × 2O | k- | — | a. k- ineŋ-lĩ 1A2O-ver-REC ‘eu vi você’ |
| 1A × 3O | — | y- | b. y- eneŋ-lĩ 1A3O-ver-REC ‘eu o vi’ |
| 1Sa = A | k- | | c. k- aranme-lĩ 1Sa-correr-REC ‘eu corri’ |
| 1So = O | | g-/ĩ- | d. g- aginum-lĩ 1So-chorar-REC ‘eu chorei’ |
| 2A × 1O | — | ugw-/wi- | e. ugw- eneŋ-lĩ ³⁶ 1+2O-ver-REC ‘você me viu’ |
| 2A × 3O | m- | — | f. m- eneŋ-lĩ 2A3O-ver-REC ‘você o viu’ |
| 2Sa = A | m- | | g. m- aranme-lĩ 2Sa-correr-REC ‘você correu’ |
| 2So = O | | o-/w- | h. w- aginum-lĩ 2So-chorar-REC ‘você chorou’ |
| 1+2A × 3O | kut- | — | i. kur- eneŋ-lĩ 1+2A3O-ver-REC ‘nós o vimos’ |
| 1+2Sa = A | kut- | | j. kw- aranme-lĩ 1+2Sa-correr-REC ‘nós corremos’ |
| 1+2So = O | | ugw-/wi- | l. ugw- aginum-lĩ 1+2So-chorar-REC ‘nós choramos’ |

³⁶ Aqui, o morfema /ugw-/ marca a primeira e a segunda pessoa ao mesmo tempo.

| | | | |
|-----------|----|----------|---|
| 3A × 10 | — | ɨ / g- | m. g-eneŋ-lɨ 3A10-ver-REC ‘ele me viu’ |
| 3A × 20 | — | o- | n. o-eneŋ-lɨ 3A20-ver-REC ‘ele te viu’ |
| 3A × 1+20 | — | ugw-/wɨ- | o. ugw-eneŋ-lɨ 3A1+20-ver-REC ‘ele nos viu’ |
| 3A × 30 | ∅- | — | p. ∅-eneŋ-lɨ 3A30-ver-REC ‘ele o viu’ |
| | — | i- | q. i-woŋ-lɨ 3A30-encontrar-REC ‘ele o encontrou’ |
| 3Sa = A | ∅- | | r. ∅-aranme-lɨ 3Sa-correr-REC ‘ele correu’ |
| 3So = O | | i- | s. y-aginum-lɨ 3So-chorar-REC ‘ele chorou’ |

No quadro, a parte sombreada indica a função não selecionada pela língua para marcação de *S*. Veja-se, portanto, como a marcação de pessoa no verbo transitivo é feita:

(58) Marcação de A e de O

| <i>Relação</i> | <i>Marca-se A</i> | <i>Marca-se O</i> |
|----------------|-------------------|-----------------------|
| 2A × 30 | m- | |
| 1A × 20 | k- | |
| 1+2A × 30 | kut- | |
| 3A × 30 | ∅- | ? t-/i- ³⁷ |
| 1A × 30 | | y- |
| 3A × 20 | | o- |
| 3A × 10 | | g- |
| 3A × 1+20 | | ugw- |
| 2A × 10 | | ugw- |

Note-se que, apenas na relação 1A × 30, marca-se O. Nos demais casos, prevalece a marcação da primeira e da segunda pessoa. Para entender como a língua funciona quando a marcação de pessoa envolve 1ª, 2ª e 3ª pessoas, propomos uma hierarquia que

³⁷ Faltam testes específicos e um levantamento lexical mais abrangente para afirmarmos qual a função das formas /t-/ e /i-/.

orienta a marcação das pessoas no verbo transitivo, assim formulada (cf. Campetela, 1997: 135)³⁸:

- (59) **HIERARQUIA DE PESSOAS**
(1 > 2) > 3: a primeira e a segunda pessoa são (sempre) marcadas em relação à terceira.

Veja-se, no quadro abaixo, uma comparação entre a marcação de **A** e de **O** e a hierarquia de pessoa proposta (cf. Campetela, 1997: 136-140):

- (60) Hierarquia de pessoa e marcação de **A** e **O**

| <i>Relação</i> | <i>Hierarquia de pessoa</i> | <i>Marcação de A</i> | <i>Marcação de O</i> |
|------------------|-----------------------------|----------------------|----------------------|
| 2A × 3O | 2 > 3 | + | |
| 1A × 2O | 1 > 2 | + | |
| 1+2A × 3O | 1,2 > 3 | + | |
| ? 3A × 3O | ? | + | + |
| 1A × 3O | 3 > 1 | | + |
| 3A × 2O | 2 > 3 | | + |
| 3A × 1O | 1 > 3 | | + |
| 3A × 1+2O | 1,2 > 3 | | + |
| 2A × 1O | | | + |

A hierarquia de pessoa não se aplica quando a relação é 1A3O, contexto no qual se marca 3O. Nesse caso prevalece a função sintática, não a pessoa:

- (61) **HIERARQUIA DE FUNÇÃO**

Na relação 1A×3O, marca-se O, sendo, pois, O > A.

Pode-se dizer, portanto, que nesse caso a hierarquia de pessoa foi violada porque a língua precisou, por algum motivo, marcar a função e não a pessoa. Certamente, uma investigação comparando o Ikpeng com as demais línguas Karíb, principalmente o Arara,

³⁸ A hierarquia de animacidade seguida aqui foi originalmente proposta por Silverstein (1976, *apud* Croft, 1990: 116). Outros autores que empregaram os mesmos princípios propostos por Silverstein foram Comrie (1989) e Dixon (1979), entre outros. Sobre sua aplicação à descrição de línguas indígenas brasileiras, cf. o caso do Kamaiurá em Seki (1982; 1990; 2000).

pode oferecer pistas que nos conduzam à compreensão dos fenômenos relacionados à marcação de pessoa nos verbos transitivos. Além disso, será necessário, em futuras pesquisas, relacionar a hierarquia de pessoas à hierarquia de funções, testando-as em outros contextos morfossintáticos, como a marcação de pessoa nas nominalizações, apagamento sob co-referência, concordância verbo-sujeito etc.

3.2.2.3. Transitividade e mudança de relação: voz e redução da valência verbal

É possível considerar a mudança de relação e a redução de valência como fenômenos relacionados à voz. Dessa forma, apresenta-se aqui uma outra forma de analisar os fenômenos apresentados na seção precedente e nas seções sobre o reflexivo.

Segundo Crystal (1988: 271), voz é a categoria utilizada para exprimir a maneira como as sentenças podem alterar a relação entre o sujeito e o objeto de um verbo sem mudar a significação da sentença. Ele afirma que os contrastes de voz são marcados nos radicais verbais através da flexão, da (mudança de) ordem e do uso de auxiliares especiais, ou em outro lugar da sentença, como ocorre com a marcação do agente da passiva via preposição. Em outras palavras, voz é um processo gramatical que causa mudança nas funções sintáticas nucleares (S, A e O), podendo vir acompanhada da mudança de valência verbal, como ocorre com a reflexiva.

Em Ikpeng, propõem-se as seguintes vozes para o verbo³⁹:

- a) *Voz ativa*: Tipo de construção: transitiva. Neste Caso, marca-se A através dos Prefixos da Série I (A ⇒ O);
- b) *Voz objetiva*⁴⁰: Tipo de construção: transitiva. Neste Caso, marca-se O através dos Prefixos da Série II (O ⇐ A);
- c) *Voz reflexiva*: Tipo de construção: intransitiva derivada, com sujeito não-afetado. Neste caso, marca-se Sa (A ⇔ O → Sa_{NÃO-AFETADO});

³⁹ Leitura dos símbolos: A⇒O: A age sobre O; A⇔O→Sa: A é igual a O, derivando Sa; O→Sa: Sa é derivado de O.

⁴⁰ A voz objetiva indica que o objeto marcado é afetado por um argumento de terceira pessoa. Observa-se isso quando o objeto é de primeira ou segunda pessoa. Quando as duas pessoas envolvidas são de terceira isso não se aplica.

d) *Voz média*: Tipo de construção: intransitiva derivada com sujeito afetado. Neste caso, marca-se *Sa* ($O \rightarrow Sa_{AFETADO}$).

Abaixo, apresenta-se um quadro que resume essas possibilidades, seguido dos respectivos exemplos:

(62) Quadro com a mudança de relação

| Relação | [+ TRANSITIVO] | | [- TRANSITIVO] | |
|--------------------------------------|--|--|--|---|
| | <i>Voz Ativa</i> | <i>Voz Objetiva</i> | <i>Voz Reflexiva</i> | <i>Voz Média</i> (<i>Médio-passiva</i>) |
| $A \Rightarrow O$ | Construção Transitiva com <i>A</i> marcado | | | |
| $O \leftarrow A$ | | Construção Transitiva com <i>O</i> marcado | | |
| $A \Leftrightarrow O \rightarrow Sa$ | | | Construção Intransitiva com sujeito agente, derivada via <i>ot-</i> , com marcação <i>Sa</i> | |
| $O \rightarrow Sa$ | | | | Construção Intransitiva com sujeito afetado, derivada via <i>ot-</i> , com marcação <i>Sa</i> |

(63) VOZ ATIVA

a. m-enerɨ-lɨ

2A3O-ver-REC

‘Você o viu’

b. m-apkore-lɨ

2A3O-quebrar-REC

‘Você o quebrou’

VOZ OBJETIVA

c. o-enerɨ-lɨ

3A2O-ver-REC

‘Ele te viu’

d. g-enerɨ-lɨ

3A1O-ver-REC

‘Ele me viu’

| | |
|---------------------|---------------|
| VOZ REFLEXIVA | |
| e. m-or-eneŋ-lî | |
| 2Sa-REF-ver-REC | ‘Você se viu’ |
| f. k-or-eneŋ-lî | |
| 1Sa-REF-ver-REC | ‘Eu me vi’ |
| VOZ MÉDIA | |
| e. Ø-ar-apkore-lî | |
| 3Sa-REF-quebrar-REC | ‘Quebrou-se’ |

Em Ikpeng, não foi atestada a existência de passiva sintática, como a encontrada nas línguas românicas. O que parece haver na língua são passivas lexicais ou formas participiais, encontradas em construções com o afixo {-ke}, consideradas construções denominalizadas (DEN)⁴¹. Para assumirmos com segurança essa hipótese, precisamos de mais dados e testes específicos ainda não efetuados.

3.2.3. Morfema reflexivo

O morfema reflexivo {ot-} indica que o sujeito do verbo é agente e paciente ao mesmo tempo. Ele funciona como um redutor de valência, ou seja, indica que uma das funções da forma alternante transitiva foi reduzida. Indica, igualmente, que o sujeito das construções intransitivas médias é afetado. As formas verbais reflexivas recebem os prefixos da série I/Sa. O morfema reflexivo apresenta os seguintes alomorfes:

⁴¹ Dependendo da análise, as construções médias podem ser interpretadas como *médio-passivas*, conforme afirma Abbott (1991).

(64) Alomorfes do morfema reflexivo {ot-}

| ALOMORFE | CONTEXTO | EXEMPLO |
|----------|--|---|
| ot- | DIANTE DE RADICAIS CONSONANTAIS | a. <i>otpoyŋoblĭ</i> ot-poyŋ-ob-lĭ 'Ele se vestiu' |
| | • diante de radicais iniciados por consoante não seguida de /a/ | |
| at- | • diante de radicais iniciados por consoante oclusiva seguida da vogal /a/ | b. <i>atpakorelĭ</i> ot-pakore-lĭ 'Ele cortou (o cabelo)' |
| ar- | DIANTE DE RADICAIS VOCÁLICOS | c. <i>arapkorelĭ</i> ot-apkore-lĭ 'Quebrou-se' |
| | • diante de radicais iniciados pela vogal /a/ | |
| otʃ- | • diante de radicais iniciados pela vogal /i/ | d. <i>otʃikorelĭ</i> ot-ikore-lĭ 'Quebrou-se' |
| or- | • diante das demais vogais | e. <i>oreneŋlĭ</i> ot-enen-lĭ 'Quebrou-se' |

Abaixo, apresentamos o paradigma de um verbo reflexivizado:

- (65) a. k- or- eneŋ -lĭ
1Sa-REF-ver-REC
'Eu me vi'
- b. m- or- eneŋ -lĭ
2Sa-REF-ver-REC
'Você se viu'
- c. kw- or- eneŋ -lĭ
1+2Sa-REF-ver-REC
'Nós nos vimos'
- d. Ø- or- eneŋ -lĭ
3Sa-REF-ver-REC
'Ele se viu'

Note-se que a presença do morfema reflexivo prefixado à raiz *-enen-* indica que o verbo, antes transitivo, agora é um verbo intransitivo reflexivo, *-orenen-*, recebendo os marcadores de pessoa da Série I/Sa. No capítulo 5, discutiremos os processos sintáticos envolvidos na formação do verbo reflexivo.

3.2.4. Morfema causativo

O morfema causativo funciona como transitivizador de verbos intransitivos inativos, indicando que houve o acréscimo de um argumento (*causer*) à estrutura básica da oração⁴². Quando o acréscimo ocorre numa estrutura transitiva, há uma alteração na estrutura oracional derivada, pois como o *causer* assume a função A, o sujeito transitivo original passa a assumir a função de dativo, ficando o objeto na posição original.

Encontramos os seguintes sufixos indicando causa:

-nop (~ **-nob** ~ **-nopo**)/ **-metpo** (~ **-mpo**)/ **-tampo**/ **-me**.

Não pudemos, até aqui, determinar se há fatores fonológicos condicionando a variação alomórfica, nem se essas variações constituem outros morfemas não identificados. Seguem dois blocos de exemplos que ilustram os processos de causativização via morfema causativo:

A) Causativo funcionando como um transitivizador

- VERBO INATIVO
- (66) a. *tarɨwe y-umne-li*
 mandioca 3So-secar-REC
 ‘A mandioca secou’
- VERBO TRANSITIVO
- b. *petkom y-umene-nob-li tarɨwe*
 mulher 3So-secar-CAUS-REC mandioca
 ‘A mulher secou a mandioca (polvilho)’

⁴² Os verbos intransitivos ativos iniciados por *or/ar/er* não aceitam o morfema causativo. Quando se quer indicar “causação”, emprega-se o causativo perifrástico. Para maiores detalhes, cf. capítulo 5.

VERBO INATIVO

- c. e-egure-lì afuka
3So-derreter-REC açúcar
'O açúcar derreteu'

VERBO TRANSITIVO

- d. y-egu-me-lì afuka ga ge
1A3O-derreter-CAUS-REC açúcar água INST
'Eu derreti o açúcar na água'

VERBO INATIVO

- e. y-arú-lì yay
3So-queimar-REC lenha
'A lenha queimou'

VERBO TRANSITIVO

- f. petkom y-arup-tompo-lì yay
mulher 3O-queimar-CAUS-REC lenha
'A mulher queimou a lenha'

B) Causativo e formação da oração transitiva dativa

VERBO TRANSITIVO

- (67) a. pomri Ø-eneṅ-lì akari
rapaz 3A3O-ver-REC onça
'O rapaz viu a onça'

VERBO TRANSITIVO CAUSATIVIZADO

- b. Iokore Ø-ene-mpo-lì Ikpeng ukutpot Kumare ina
Iokore 3-ver-CAUS-REC Ikpeng fotografia Kumaré DAT
'Iokoré mostrou foto dos Ikpeng para Kumaré'
(Lit.: 'Iokoré fez com que Kumaré visse foto dos Ikpeng')

Para maiores detalhes sobre o causativo, cf. capítulo 5.

3.2.5. Tempo e aspecto

As categorias tempo e aspecto aparecem marcadas no verbo por sufixos que ocorrem entre o radical (= raiz + afixos derivacionais) e o sufixo de número⁴³:

(68) a. *moreŋketkerom* ‘Vocês já acordaram?’

| PREF. PESSOAL | RADICAL | ASPECTO | TEMPO | NÚMERO |
|--------------------|---------------------------------|----------------------|-------------|---------------------|
| <i>m-</i> 1+2Sa | <i>ot-en-ke</i> REF-olho-VBZ | <i>-tke</i> -ITER | -∅ -NPAS | <i>-tom</i> -COL |

b. *meneŋliŋmo* ‘Vocês o viram’

| PREF. PESSOAL | RADICAL | TEMPO | NÚMERO |
|--------------------|--------------------------|--------------------|---------------------|
| <i>m-</i> 3A3O- | <i>-enen-</i> ver-VBZ | <i>-li</i> -REC | <i>-kom</i> -COL |

c. *oreneŋgetkelŋmo* ‘Eles se viram’

| PREF. PESSOAL | RADICAL | | TEMPO | NÚMERO |
|---------------|----------------------------------|----------------------|--------------------|---------------------|
| ∅- 3A3O- | <i>ot-enen-ge</i> REF-ver-VBZ | <i>-tke</i> -ITER | <i>-li</i> -REC | <i>-kom</i> -COL |

Segundo Bybee (1985), nem sempre é fácil delimitar as fronteiras que separam as categorias de tempo e aspecto, visto que em alguns casos podem se constituir morfemas *portemanteau*. Em Ikpeng, isso parece ocorrer com algumas formas como *-lan* e *-taŋ*, que apresentam características mistas de tempo e aspecto. Mesmo algumas formas temporais bem definidas, como *-li*, parecem ter traços de aspecto e tempo. É possível supor que a presença dos segmentos *an/aŋ* (*a* + N) nas formas *-lan* e *-taŋ* pode estar associada à codificação do aspecto contínuo, visto que os mesmos segmentos foram encontrados na forma *-naŋ*, continuativo não-passado. Contudo, essa hipótese necessitará ser confirmada em futuras pesquisas.

Abaixo, apresentamos uma proposta de organização para os morfemas de tempo/aspecto. As formas indicadas com “?” não estão ainda definidas⁴⁴:

⁴³ No exemplo (c), *-ge* é glossado como verbalizador. Entretanto, não se sabe a real função dessa forma.

⁴⁴ O quadro foi baseado em proposta de Derbyshire (1999).

(69) Proposta de organização para os morfemas tempo-aspectuais

| <i>Não passado</i> | | <i>Passado</i> | | | | | |
|--------------------|--------------------------|------------------------|-------|-----------------------|------|-------------------------|------|
| | | <i>Passado Recente</i> | | <i>Passado Remoto</i> | | <i>Passado Distante</i> | |
| CPLT | CONT | CPLT | CONT | CPLT | CONT | CPLT | CONT |
| -t ~ -tʃi | -naŋ/ ?-tʃan/ -kan | -li | ?-lan | -aŋ+te | -aŋ | -mi | ? |

O aspecto iterativo {-tke} ocorre associado a qualquer tempo. Os morfemas de número {-kom} e {-tom} estão associados ao passado, enquanto que a forma {-ti} foi encontrada no não-passado e no passado remoto, mas não no passado recente. A forma -lan indica que um evento pressupõe a existência de outro, ocorrido anteriormente, e que o fato narrado pode ser atestado.

Exemplos, que apresentam os morfemas de tempo e aspecto:

- (70) a. y-eneŋ-li
1A3O-ver-REC
'Eu o vi' (acabei de ver)
- b. k-arep-li
1Sa-chegar-REC
'Eu cheguei' ('Cheguei hoje')
- c. Tome Ø-eneŋ-lan akari
Tomé 3A3O-ver-? onça
'Aí, Tomé viu a onça'
- d. munpok y-enen-taŋte
ontem 1A3O-ver-REM
'Eu o vi ontem'
- e. k-aran-aŋ man
1Sa-ir-CONT PART
'Eu já estou indo'
- f. k-aran-tʃi
1Sa-ir-NPAS
'eu vou' (pode ser daqui a pouco ou mais tarde)

- g. tʃanole kur-ak-ti-t wot tarimtontem
hoje 1+2A3O-comer-COL-NPAS peixe assado
‘Hoje nós iremos comer peixe cozido’
- h. mun enneptem pok tʃimna Ø-ero-t
depois de amanhã em:POSP nós-exc 3Sa-ir-NPAS
‘A gente vai depois de amanhã’
- i. Ø-eneŋ-getke-ri-t
3A3O-ver-ITER-COL-NPAS
‘Eles vão ver’
- j. ugwon Ø-etpu-tke-li atʃi
homem 3A3O-cortar-ITER-REC lenha
‘O homem rachou a lenha’

A marcação de coletivo não-passado foi atestada por estudiosos de línguas Karib norte amazônicas (cf. Derbyshire, 1985 e 1999; Gildea, 1998), e a forma **-ti** parece estar associada a esse tipo de marcação.

3.2.5.1. Morfemas {-li} e {-lan} nas construções coordenadas e nas interrogativas

Em construções multi-oracionais, que envolvem seqüência temporal, a oração com o morfema **{-li}** indica um evento que ocorreu anteriormente àquele expresso na oração que contém um verbo com **{-lan}**:

- (71) a. pomri Ø-eneŋli akari Ø-aranme-lan pomri y-uŋno
rapaz 3A3O-ver-REC onça 3Sa-correr-REC rapaz 3-com medo
‘Rapaz viu onça e ele correu com medo dela’
- b. Ø-egakte-li owro warantup Ø-ero-lan ip-te
3So-sair-REC casa de dentro 3Sa-ir-REC tomar banho-FIN
‘Ele saiu de casa e foi tomar banho’

Em diálogos, uma pergunta no não-passado implica uma resposta no passado recente, e uma no recente, implica uma resposta no passado remoto. Perguntas no não-

passado não podem ser respondidas empregando {-lan}. Abaixo, os exemplos à direita são respostas às perguntas da esquerda:

(72)

| Pergunta | Resposta |
|---|---|
| a. m-anep-lî 2A3O-trazer-REC 'Você trouxe?' | a'. y-anep-taŋte 1A3O-trazer-REM 'Eu trouxe' |
| b. m-anep-lan 2A3O-trazer-? 'Você trouxe' | b'. y-anep-lî 1A3O-trazer-REC 'Eu trouxe' |
| c. m-arep-lan 2Sa-chegar-? 'Você chegou?' | c'. k-arep-taŋte 1Sa-chegar-REM 'Eu cheguei' |
| d. m-anep 2A3O-trazer 'Você trouxe?' | ?* d'. y-anep-lan 1A3O-trazer-? * 'Eu trouxe' |
| d''. y-anep-lan 1A3O-trazer-? 'Se eu trouxe?' | |
| e. m-arep 2Sa-chegar 'Você chegou?' | e'. k-arep-lî 1Sa-chegar-REC 'Cheguei!' |
| | * e''. k-arep-lan 1Sa-chegar-? 'Eu cheguei' |

Dessa forma, se o uso do NPAS em perguntas implica o uso de {-lî} e não de {-lan}, então se poderia supor que os dois codificam graus distintos do passado, o imediato e o recente? E quanto ao uso de {-lan} para indicar um evento que se passa posteriormente a um evento marcado com {-lî}: estaria aquele marcando a dependência temporal da oração onde ocorre em relação à marcada por este?

Essas questões necessitam de investigação e novos testes deverão ser feitos para determinar a natureza desses dois afixos tempo/aspectuais, além de ser necessário determinar o sistema de marcação do tempo, do aspecto e do modo, bem como a inter-relação entre eles.

3.2.6. Ordem, pedido e permissão: formas imperativas

Segundo Crystal (1988), o imperativo se refere às formas verbais da oração que exprimem ordens e é empregado em oposição aos modos indicativo e subjuntivo. Além do imperativo (ordem), apresentamos outras formas correlatas, conforme se pode ver no quadro abaixo:

(73) Morfema indicando ordem, pedido e permissão

| | |
|-----------------------|-------------------------|
| -ko | ordem (ORD) |
| -ka ~ -ga ~ -k | pedido (PED) |
| -ko+ga | ordem+pedido (ORD+PED) |
| -nap | permissão, aviso (PERM) |

- (74)
- | | |
|---------------------------------|--------------------------|
| a. enen-ta-ko ver-MOV-ORD | ‘Venha olhá-lo!’ |
| b. arep-ko chegar-ORD | ‘Venha até aqui!’ |
| c. enen-ka ver-PED | ‘Deixe-me ver!’ |
| d. imomi-k amarrar-PED | ‘Amarre-o’ |
| e. otjike-ka pescar-PED | ‘Pode ir pescar!’ |
| f. etpo-ta-ga cortar-MOV-PED | ‘Pode ir lá cortar!’ |
| g. arep-ko-ga vir-ORD-PED | ‘Venha aqui, por favor!’ |

h. y-enen-ta-**nap** ‘Eu vou lá vê-los’
 1A3O-ver-MOV-PERM

Observe-se que as formas imperativas co-ocorrem com a forma {-ta} (morfema de movimento=MOV), categoria que também é encontrada em Arara (cf. Souza, 1993).

3.2.6.1. Construção *Ma*: hortativo

A forma {ma} é empregada para expressar convite (CONV). Não parece ser uma forma presa. Foi encontrada, geralmente, em formas verbais que apresentavam a primeira inclusiva:

- (75) a. **ma** kur-otʃimtagri-ka ‘Vamos comer (, amigo)!’
 CONV 1+2-alimentar-se-PED
- b. **ma** kutʃ-ip-ta ‘Vamos (lá) tomar banho!’
 CONV 1+2-tomar banho-MOV

3.2.7. Número

Para indicar o número coletivo/plural no verbo emprega-se: a) a forma **-kom ~ -ηmo**, encontrada quando o verbo não expressa futuro; b) a forma **-tom ~ -rom**, encontrada em perguntas, principalmente envolvendo a segunda pessoa. Constatou-se a existência da forma **-ti** em contextos que envolvem argumentos no coletivo/plural. No entanto, não se sabe se se trata realmente de uma marca de coletivo/plural ou se ela está relacionada ao aspecto. Além de indicar pluralidade, a categoria de número estabelece concordância entre as funções S/A/O e o verbo. No entanto, essas formas não estão relacionadas a nominais inanimados:

- (76) a. A_{COL} $V_{ITER+COL}$ O
 [pomri-mo-nom [sv Ø-i-woŋ-getke-li-ηmo itiŋ tae]]
 rapaz- ? -COL 3A-3O-encontrar-ITER-REC-COL muitos macacos
 ‘Os rapazes encontraram muitos macacos’ (lit: um monte deles)

- b. A_{COL} V_{COL}
 torepanta-mo g-eneŋ-lĩ-ŋmo
 estudantes-COL 3A1O-ver-REC-COL
 ‘Os estudantes me viram’
- c. A_{COL} V_{COL}
 pro g-eneŋ-lĩ-ŋmo
 3A1O-ver-REC-COL
 ‘Eles me viram’
- d. A_{COL} V_{COL} **O**
 pro Ø-eneŋ-lĩ-ŋmo torepantem
 3A3O-ver-T-COL aluno
 ‘Eles viram o aluno’
- e. A_{COL} V_{COL} **O**
 pro m-enen-tom torepantem
 2A3O-ver-COL estudante
 ‘Vocês viram o aluno?’
- f. Sa_{COL} V_{COL}
 pro m-oreŋke-tke-rom
 2Sa-acordar-ITER-COL
 ‘Vocês já acordaram?’

Note-se que, quando o objeto é coletivo, aparece marcado no verbo o aspecto iterativo. Quando envolve dois argumentos pronominais ou um argumento pronominal e um lexical, a concordância de número é estabelecida da seguinte maneira:

A) na relação 1×3, marca-se a pessoa em função **O**:

- Relação 1 × 3*
- (77) a. y-eneŋ-lĩ
 1A3O-ver-REC ‘Eu o vi’
- a’. y-eneŋ-lĩ-ŋmo
 1A3O_{COL}-ver-REC-COL ‘Eu os vi’
- b. g-eneŋ-lĩ
 3A1O-ver-REC ‘Ele me viu’

b'. g-eneŋ-lĩ-ŋmo
 3A_{COL}1O-ver-REC-COL 'Eles me viram'

B) na relação 2×3, marca-se a segunda pessoa:

- Relação 2 × 3*
- (78) a. m-eneŋ-tom torepantem
 2A_{COL}3O-ver-COL aluno 'Vocês viram o aluno?'
- b. o-eneŋ-Ø torepanta-mo
 3A_{COL}2O-ver-NPAS aluno-COL 'Os alunos viram você'
- c. o-eneŋ-tom torepantem
 3A2O_{COL}-ver-COL aluno 'O aluno viu vocês'
- d. m-eneŋ-lĩ-ŋmo
 2A_{COL}3O_{COL}-ver-REC-COL 'Vocês os viram'

C) na relação 1A×2O_{COL}, a segunda é marcada. Caso a primeira seja coletivo, a marcação de pessoa será 1+2 (inclusivo), havendo marcação de número:

- (79) a. k-inen-lĩ-ŋmo
 1A2O_{COL}-ver-REC-COL 'Eu vi vocês'
- b. ugw-eneŋ-lĩ-ŋmo
 1+2_{COL}-ver-REC-COL 'Vocês me viram'

D) na relação 3×3, marca-se a pessoa no coletivo:

- (80) a. Ø-eneŋ-lĩ-ŋmo
 3A_{COL}3O-ver-REC-COL 'Eles o viram'
- b. Ø-eneŋ-lĩ-ŋmo
 3A3O_{COL}-ver-REC-COL '? Ele os viu'

Uma explicação para a marcação de 2 pode estar na hierarquia de pessoa onde 2O > 3A, mesmo sendo 3A marcado para número.

Esse morfema é encontrado nas formas auxiliares, quando os predicados têm por núcleo elementos não-verbais⁴⁵:

- (83) a. *ugwerem pe mitine omro*
 ugw-erem pe m-it-tine omro
 1+2-chefe EXT 2-AUX-DES você
 ‘Você quer ser nosso chefe’
- b. *ugwerem pe itine ugun ugwon*
 ugw-erem pe i-it-tine ugun ugwon
 1+2-chefe EXT 3-AUX-DES DIST:AN homem
 ‘Aquele homem quer ser nosso chefe’

3.2.9. Outros afixos encontrados no verbo

3.2.9.1. Sufixo *-ta*

Quando se quer indicar movimento ou deslocamento, emprega-se o morfema {-ta}:

- (84) a. *ì-kpi y- epto -naŋ*
 1-roça 1A3O-plantar-CONT
 ‘Eu estou plantando minha roça’
- b. *ì-kpi y- epto-nap*
 1-roça 1A3O-plantar-PERM
 ‘Eu vou plantar minha roça’ (ali, perto)
- c. *ì-kpi y- epto -ta -nap*
 1-roça 1A3O-plantar-MOV-PERM
 ‘Eu estou indo plantar minha roça’ (lá, longe)
- d. *y-enen-ta-nap*
 1A3O-ver-MOV-PERM
 ‘Eu vou lá ver’

⁴⁵ Proponho ser a estrutura AUX+DES: *it-tine* → [itine]. Assim, o segmento /t/ seria apagado por ser semelhante ao segmento /t/ adjacente.

3.2.9.2. Nominalizadores temporais

Os sufixos nominalizadores temporais indicam a locação temporal do evento expressa pelo verbo dependente. São eles:

- a) **-poto**: temporal passado (TP);
- b) **-tup**: temporal não passado (TNP).

(85) Passado: **-poto**

- a. k-otʃiket-poto y-eneŋ-lî
1Sa-pescar-TP 1A3O-ver-REC
'Quando eu estava pescando, eu o vi'

Não Passado: **-tup**

- b. y-enen-tup in-kanop-tʃi
1A3O-ver-TNP 1A3O-contar-NPAS
'Quando eu vir, eu conto'

3.2.9.3. Sufixo {-pom}

Encontramos um sufixo que parece indicar desejo, permissão ou possibilidade:

- (86) a. y-enen-pom
1A3O-ver-PERM 'Eu posso olhar?'
- b. k-arakpitket-pom
1Sa-beber-PERM 'Eu posso beber?'
- c. Ø-otʃimtagrike-rî-t-pom
1Sa-comer-COL-PERM 'Deixe-os comer'

Algumas construções com {-pom} foram traduzidas como "é para SN V":

- (87) a. m-otʃimtagriket-pom
2Sa-comer-PERM 'É para você comer'

Acredito que a tradução seria “Isso é para comer, por isso você **pode** comer”. Serão necessários testes específicos para verificar qual o real significado e quando se emprega esse sufixo.

3.2.10. Formação do verbo a partir de raízes nominais

O verbo pode ser formado a partir de outras classes via verbalização. Em Ikpeng, o processo de verbalização mais produtivo é aquele que envolve a formação do verbo a partir de nomes. Abaixo, têm-se exemplos com radicais verbais formados a partir de raízes nominais:

1) Formação via zero: -Ø

| | | | |
|------|--|---|---|
| (88) | -eŋ- ‘olho’ | → | -enen- ‘ver’ |
| | a. g-eŋ-ru 1-olho-GEN ‘meu olho’ | | b. y-eneŋ-lî 1A3O-ver-REC ‘Eu o vi’ |

2) Formação via **-me ~ -m**

| | | | |
|------|--|---|---|
| (89) | -aginu- ‘choro’ | → | -aginu+m- ‘chorar’ |
| | a. g-aginu-Ø 1-choro-GEN ‘meu choro’ | | b. g-aginum-lî 1So-chorar-REC ‘Eu chorei’ |

3) Formação via **-te ~ -re**

| | | | |
|------|--|---|---|
| (90) | -laglu- ‘saliva’ ⁴⁶ | → | -lak+te- ‘salivar’ |
| | a. ï-laglu 1-saliva ‘minha saliva’ | | b. ï-lak-te-tke-lî 1So-saliva-VBZ-ITER-REC ‘Eu cuspi’ |

4) Formação via **-ke**

| | | | |
|------|--|---|---|
| (91) | -mtagri- ‘alimento’ | → | -ot+imtagri+ke- ‘alimentar-se’ |
| | a. ï-matagri 1-comida ‘meu alimento’ | | b. k-otʃ-imtagri-ke-lî 1Sa-REF-comida-VBZ-REC ‘Eu me alimentei’ |

⁴⁶ *laglu* pode ser decomposto em duas partes: *lu* significa ‘língua’ e *lak*, provavelmente, ‘secreção’. Assim, literalmente, *laglu* significa ‘secreção da língua’.

5) Formação via **-paŋ**

| | | | |
|------|---------------------------------------|---|--|
| (92) | -muye- ‘esposa’ | → | -ot+imuyeŋ+paŋ- ‘casar com M’ |
| a. | ĩ-muye 1-esposa ‘minha esposa’ | | b. k-otʃimuyeŋ-paŋ-lĩ 1-esposa-VBZ-REC ‘Eu me casei’ (HF) (=Eu a desposei) |
| | -mureyum- ‘marido’ | → | -ot+imureyum+paŋ- ‘casar com H’ |
| c. | ĩ-mureyum 1-marido ‘meu marido’ | | d. k-otʃ-imureym-paŋ-lĩ 1Sa-REF-marido-VBZ-REC ‘Eu me casei’ (MF) (=Eu o desposei) |

3.2.11. Negação

Pretende-se mostrar a seguir que tipos de negação são encontrados nos radicais verbais, incluindo-se a forma independente {**igemni**}, e os efeitos da negação sobre a estrutura oracional. Não foi realizada uma pesquisa aprofundada sobre a negação. A análise apresentada, portanto, é bastante preliminar.

Encontraram-se várias formas de negação verbal:

- a) negação **pĩnpe**: a mesma encontrada nos nomes, nominaliza o verbo. Não foi encontrada no passado recente (com {-**li**});
- b) negação {-**pra**} (~ -**wa**): encontrada também em nomes e adjetivos, nominaliza o verbo quando este não apresenta o morfema de passado recente {-**li**}, que pode ocorrer afixado ao auxiliar. Caso o morfema {-**li**} seja afixado ao verbo negado com o morfema {-**pra**}, esse verbo se comporta como uma forma finita e, nesse caso, o auxiliar não aparece⁴⁷;
- c) negação via {**igemni**}: incide sobre o predicado como um todo, negando, além do radical verbal, os seus argumentos;
- d) negação via {-**kut**}: nega formas imperativas.

⁴⁷ Derivacionalmente, tem-se o seguinte processo: *pra* → *pa* → *wa*. Entretanto, observei uma alternância entre /*pra*/ e /*wa*/ como, por exemplo, na construção /*karake pra*/ que pode ser pronunciada como [ka.ra.keb.'ra] ou como [ka.ra.ke.'wa].

A) Negação com {-pĩnpe}

- (93) a. y-ak-pĩnpe ugun ‘Eu não como isso’
 1A3O-comer-NEG isso
- b. y-enen-pĩnpe ‘Eu não o vi/ eu não o conheço’
 1A3O-ver-NEG
- c. Ø-are|p|-pĩnpe nole ‘Ele ainda não chegou’
 3Sa-chegar-NEG ainda
- d. m-aran-pĩnpe omro ‘Você ainda não foi!’
 2Sa-ir-NEG você

B) Negação {pra}

- (94) a. y-okpe wa ‘Eu não arrumei/consertei’
 1A3O-arrumar NEG
- b. Ø-imomĩ wa imo ‘Ele não amarrou’
 3A3O-amarrar NEG AUX
- c. y-eneŋ-lĩ wa ‘Eu não o vi’
 1A3O-ver-REC NEG
- d. m-anme-lĩ-ŋmo wa ‘Vocês não jogaram’
 2A3O-jogar-REC-COL NEG
- e. k-arami wa etʃi-lĩ eŋ-na ‘Eu não olhei para ele’
 1Sa-olhar NEG AUX-REC 3-para
- f. g-egate wa (uro) ‘Eu não saí’
 1So-sair NEG

C) Negação com {ĩgemni}

- (95) a. k-arep-lĩ ĩgemni
 1Sa-chegar-REC NEG
 ‘Eu não cheguei (ainda, mas vou chegar)’
- b. y-imomĩ-lĩ ante-t man ĩgemni
 1A3O-amarrar-REC cair-FIN PART NEG
 ‘Eu o amarrei e não vai cair’

c. k-arami-t man eŋ-na iɣemni
1Sa-olhar PART 3-para NEG
'Eu nunca (mais) vou olhar para ele/ela'

d. kaneta Ø-etɕilan Tɕileni iɣemni
Caneta 3A3O-pegar-? Cilene NEG
'Não foi caneta o que Cilene comprou'

D) Negação de imperativo

- (96) a. enen-ta-ko 'Venha olhá-lo!'
ver-MOV-IMP
- b. kur-eneŋ 'Não o veja!'
NEG-ver
- c. arami-k 'Olhe!'
olhar-IMP
- d. kur-arami 'Não olhe!'
NEG-olhar

3.3. NOME

3.3.1. Tipos de nomes

Tomando-se como critério a presença ou não das categorias de *pessoa*, expressa pelos prefixos pessoais, e de *posse*, expressa pelos sufixos possessivos, dividimos os nomes Ikpeng em duas classes: os *possuídos* e os *não-possuídos*.

3.3.1.1. Nomes possuídos

São aqueles que ocorrem necessariamente com um possuidor expresso. Semanticamente, referem-se a partes do corpo, incluindo secreções (*excreta*), termos de parentesco, funções e atividades, objetos pessoais, sentimentos e fenômenos psicológicos. Morfologicamente, são identificados por apresentarem o sufixo de posse e o prefixo que marca a pessoa do possuidor. Sintaticamente, são núcleos das construções genitivas.

Os prefixos pessoais que indicam a pessoa do possuidor (GEN) nos nomes são os mesmos que indicam o sujeito dos verbos inativos, objetos dos verbos transitivos e objetos das posposições. Apresentam uma cisão, condicionada pelo segmento inicial do radical, que os divide em duas séries: uma encontrada antes de consoantes e outra diante de vogais:

(97) Marcadores de pessoa

| <i>Pessoa</i> | <i>Marcadores de pessoa</i> | |
|---------------|-----------------------------|------------------------|
| | <i>Antes de Consoantes</i> | <i>Antes de Vogais</i> |
| 1 | ĩ – | g – |
| 2 | o – | w – |
| 1+2 [INC] | wĩ – | ugw – |
| 3 | i – | y – |

A seguir, exemplos de dois paradigmas nominais:

(98)

| | <i>Radicais C-Iniciais</i> | | <i>Radicais V-Iniciais</i> | |
|----|----------------------------|------------|----------------------------|-----------------|
| a. | ĩ-pu-n | ‘meu pé’ | g-apo-n | ‘minha borduna’ |
| b. | o-pu-n | ‘teu pé’ | w-apo-n | ‘tua borduna’ |
| c. | wĩ-pu-n | ‘nosso pé’ | ugw-apo-n | ‘nossa borduna’ |
| d. | i-pu-n | ‘pé dele’ | y-apo-n | ‘borduna dele’ |

Conforme afirmado anteriormente e pode ser observado acima, os nomes possuídos apresentam um sufixo indicando que são possuídos. Esse afixo assume várias formas, mas os contextos fonológicos que os determinam não estão definidos. Pode-se afirmar com relativa segurança que a forma /-n/ ocorre depois de raízes terminadas em vogal. Quanto às formas que ocorrem após consoantes, pouco se tem a dizer. No momento, uma hipótese seria pensar que uma regra de harmonia vocálica ou de assimilação poderia estar determinando essa variação após as consoantes. Outro fato a ser levado em conta é que por ser um afixo que identifica uma classe e não haver um paradigma específico para ele, não há ambigüidade na variação encontrada, como pode ocorrer com os prefixos pessoais, cuja alomorfa pode causar confusões por conta do

número de informações gramaticais que eles veiculam⁴⁸. Ressaltamos que os estudiosos das línguas Karib geralmente apresentam essa variação como formas autônomas que remetem a uma mesma categoria, no caso, a categoria de posse (cf. Derbyshire, 1999; Gildea, 1998). Apresentamos, abaixo, as formas (alomorfes) do sufixo de posse com seus respectivos exemplos:

| (99) | Sufixo de posse | Exemplo |
|------|-----------------|---|
| | -n | a. ð-pu-n 'meu pé' b. g-apo-n 'minha borduna' |
| | -ru | c. g-eŋ-ru 'meu olho' d. ð-miŋ-ru 'meu sague' |
| | -rɨ | e. g-ew-rɨ 'minha casa' f. g-ano-rɨ 'meu ajudante' |
| | -tʃi | g. ð-mom-tʃi 'minha cabeça' |
| | -∅ | h. ð-lu-∅ 'minha língua' |

Quando os nomes são emprestados do português, eles também recebem a marca de posse, bem como os prefixos pessoais:

| (100) | Nome português | Forma empregada em Ikpeng |
|-------|-----------------|---------------------------|
| | a. meu amigo | g-amigu-n |
| | b. meu chinelo | ð-tʃinelu-n |
| | c. minha caneta | ð-kaneta-n |
| | d. minha meia | ð-meya-n |
| | e. meu sabonete | ð-tʃaponetʃi-n |
| | f. meu sabão | ð-tʃapɔŋ-ð ⁴⁹ |

⁴⁸ Note-se que há uma semelhança fonológica entre /-n/ e /-rɨ/: ambos apresentam uma consoante coronal. Com relação a /ɨ/, pode-se supor que foi derivada a partir da queda do segmento /r/ da forma /rɨ/, após consoantes.

⁴⁹ Neste caso, o sufixo de posse {-rɨ} se realiza como /-ð/, havendo apagamento de /r/ na forma fonética.

A seguir, apresenta-se uma lista com alguns nomes possuídos. Escolhemos um exemplo para cada tipo semântico de nome possuído: partes do corpo, parentesco, objetos possuídos, atividades etc.:

- | | | |
|-------|-------------------------------|--|
| (101) | a. g-amo-n 1-unha-POS | ‘minha unha’ |
| | b. ì-lu-Ø 1-língua-POS | ‘minha língua’ |
| | c. ì-laglu-Ø 1-saliva-POS | ‘minha saliva’ (lit. ‘secreção da língua’) |
| | d. g-ew-rì 1-casa-POS | ‘minha casa’ |
| | e. g-apo-n 1-borduna-POS | ‘minha borduna’ |
| | f. ì-roye-Ø 1-mãe-POS | ‘minha mãe’ |
| | g. ì-roym-ì 1-pai-POS | ‘meu pai’ |
| | h. ì-mureym-Ø 1-marido-POS | ‘meu marido’ |
| | i. ì-muye-Ø 1-esposa-POS | ‘minha esposa’ |
| | j. ì-mta-n 1-palavra-POS | ‘minha palavra’ |
| | l. g-onyetu-Ø 1-sonho-POS | ‘meu sonho’ |
| | m. ì-kpi-Ø 1-roça-POS | ‘minha roça’ |
| | n. ì-mami-n 1-trabalho-POS | ‘meu trabalho’ |

- o. g-erem-Ø ‘meu chefe’
 1-chefe-POS
- p. g-ano-rí ‘meu ajudante’
 1-ajuda-POS

Há um subgrupo de nomes possuídos que identificam um objeto ou um conjunto de objetos a partir de sua função. Nos exemplos abaixo, “brinquedo” pode identificar um objeto que me diverte, assim como “minhas coisas” identificam o conjunto de coisas que me pertencem e “meu animal de estimação” identifica um animal domesticado:

- (102) a. í-mañku ‘meu brinquedo’ (referindo-se a um gravador ou uma bicicleta)
 1-brinquedo
- b. í-naplí-ŋo ‘minhas coisas’
 1-coisas-POSG
- c. g-egí ‘meu animal de estimação’
 1-animal

3.3.1.2. Nomes possuídos sem o possuidor expresso

Nomes sem o possuidor expresso são um subtipo dos nomes possuídos que apresenta um correlato possuído, mas que, diferentemente deste, não ocorrem com um possuidor (nominal ou pronominal), nem com os sufixos de posse. Referem-se ao conjunto da espécie e são identificados através do morfema -ŋo ∞ -Ø, que indica posse geral ou não especificada:

| | <i>Com possuidor expresso</i> | <i>Sem possuidor expresso</i> |
|----------|--|--|
| (103) a. | í-wolí-Ø ‘meu umbigo’ 1-umbigo-POS | polí-ŋo ‘umbigo’ umbigo-POSG |
| b. | í-woy-n ‘minha roupa’ 1-roupa-POS | poy-ŋo ‘roupa’ roupa-POSG |

| | | | | |
|----|------------------------------|-----------------|----------------------------|-----------|
| c. | ĩ-laglu-Ø 1-saliva-POS | ‘minha saliva’ | laglu-ŋo saliva-POSG | ‘saliva’ |
| d. | ĩ-wora-n 1-boca-POS | ‘minha boca’ | pora-Ø boca-POSG | ‘boca’ |
| e. | ĩ-mtagri-Ø 1-alimento-POS | ‘meu alimento’ | mĩragri-Ø alimento-POSG | ‘comida’ |
| f. | ĩ-moropo-n 1-bolsa-POS | ‘minha bolsa’ | moropo-Ø bolsa-POSG | ‘bolsa’ |
| g. | g-ew-rĩ 1-casa-POS | ‘minha casa’ | owro-Ø casa-POSG | ‘casa’ |
| h. | g-apo-n 1-borduna-POS | ‘minha borduna’ | opo-Ø borduna-POSG | ‘borduna’ |

O que distingue, portanto, esses radicais dos possuídos é o fato de não apresentarem nem os prefixos pessoais, nem os sufixos de posse, além de não poderem ser núcleos da construção genitiva.

3.3.1.3. Nomes não-possuídos

São nomes que não admitem ser referidos a um possuidor. Semanticamente, referem-se a elementos da natureza (flora, fauna, acidentes geográficos, fenômenos naturais, astros). Sintaticamente, não ocorrem como núcleos dos sintagmas nominais genitivos:

| | | |
|-------|-----------|----------------|
| (104) | a. yay | ‘árvore’ |
| | b. anat | ‘milho’ |
| | c. akari | ‘onça’ |
| | d. egepak | ‘tucunaré’ |
| | e. nuno | ‘lua’ |
| | f. tʃitʃi | ‘sol’ |
| | g. ikgru | ‘riacho’ |
| | h. reŋmun | ‘praia, areia’ |
| | i. oroŋ | ‘terra’ |
| | j. ga | ‘água’ |
| | l. koŋpo | ‘chuva’ |
| | m. amtenu | ‘vento’ |

| | |
|----------|------------|
| n. yaraŋ | ‘formigão’ |
| o. moyot | ‘aranha’ |

Outros tipos de nomes não possuídos encontrados na língua, mas que não se enquadram na classificação acima, são aqueles que se referem a lugares (topônimos), a pessoas (antropônimos) e a festas (eventos culturais):

| | | |
|-------|--------------------|----------------------------|
| (105) | a. warya | ‘copaíba’ (nome de aldeia) |
| | b. tarik yegunkwam | ‘lagoa do Peixinho’ |
| | c. Wonka | ‘nome próprio’ |
| | d. Paranka | ‘nome próprio’ |
| | e. moygu | ‘festa do mingau’ |
| | f. amejo | ‘festa da flauta’ |
| | g. pomeri | ‘festa do menino’ |

Uma outra subclasse de nomes não possuíveis é a empregada para chamar o alocutário. A esta subclasse designamos *vocativo*. Indicam o grau de parentesco ou relação entre os interlocutores e incluem nomes referentes a mãe, pai e amigo. Sintaticamente, ocorrem como adjuntos oracionais:

| | | | |
|-------|---------------|-------------------|--|
| (106) | a. ari | ‘amigo’ | (homem falando para homem) |
| | b. ariniŋkɪnɪ | ‘amigos’ | (homem falando para vários homens) |
| | c. payŋ | ‘querido/querida’ | (homem falando para mulher e vice-versa) |
| | d. payniŋkɪnɪ | ‘queridos’ | (mulher falando para vários homens) |
| | e. ime | ‘mãe’ | (filho falando para mãe) |
| | f. pupa | ‘papai’ | (filho falando para pai) |
| | g. tompe | ‘filho’ | (pai falando para filho) |
| | h. puwi | ‘filha’ | (pai falando para filha) |

Algumas ocorrências em sentenças:

- (107) a. **ari** m- wot
amigo 2A3O-matar-NPAS
'Amigo, você vai matar?'
- b. anep **tompe**
vir-aqui filho:VOC
'venha aqui, meu filho'
- c. **ime** otkitime-k
mãe:VOC deitar-se - IMP
'Mãe, deite-se'
- d. **payniḡkĩni payniḡkĩni** wa arep-ta-tke-ri-gap
irmãos:VOC irmãos:VOC INTJ vir-DESL-ITER-COL-CONV
'Meus irmãos, meus irmãos, *wa* (ei!), venham para cá'

3.3.2. Funções sintáticas dos nomes

O nome exerce as seguintes funções sintáticas dentro da oração e de seus constituintes: núcleo da construção genitiva, modificador, núcleo do predicado não-verbal, sujeito do predicado não-verbal (SUJ), argumento do verbo (assumindo as funções S, A e O) e objeto da posposição :

- | | | | | |
|-------|-------------------------|----------------|----------|------------------|
| (108) | A | V | O | ADJTO ADV |
| a. | pomri | Ø-eneḡ-li | akari | kĩriḡnole |
| | rapaz | 3A3O-ver-REC | onça | cedo |
| | 'O rapaz viu onça cedo' | | | |
| | Sa | V | | |
| b. | aḡpi | Ø-aranme-li | | |
| | criança | 3Sa-correr-REC | | |
| | 'A criança correu' | | | |
| | So | V | | |
| c. | itereku | i-rompo-li | | |
| | galinha | 3So-morrer-REC | | |
| | 'A galinha morreu' | | | |

- d. [PRED ADJ] SUJ DAT
 karake tʃiliktʃilikeni ɨ-na
 bonita caneta 1-DAT:para
 ‘Eu gosto de caneta’ (Lit. ‘É bonita a caneta para mim’)
- (109) [PRED N EXIST] SUJ
 a. ewariŋketpot ɨpe omro
 mistura tem:PART você
 ‘Você tem mistura?’
- b. [PRED N EXIST] SUJ
 t-oew-ri ɨpe ugun Tʃileni
 REF-casa-POS tem:PART ela:DEIT Cilene
 ‘Cilene tem casa’ (Lit. Cilene possui sua casa)
- c. [PRED N DEIT] SUJ
 gw-empaŋet-keni ugun Korotowɨ
 1+2-ensinar-NMZ ele:DEIT Korotowĩ
 ‘Korotowĩ é nosso professor’
- (110) [[A [PRED V O₁]] [O₂ DAT]]
 petkom t-eru-lɨ anat aŋpi ɨna
 mulher 3-dar-REC milho menino para:DAT
 ‘[[A mulher [deu milho]] [para a criança/menino]]’
- (111) PRED SUJ
 karake [kara arog-ri anagriwan]
 bonito arara penas-POS amarela
 ‘As penas amarelas da arara são bonitas’

Em (108), o nome exerce a função de argumento nuclear (**Sa, So, A, O**) nas orações verbais e de **SUJ** nas orações não-verbais. Em (109), ele ocupa o núcleo da oração não-verbal, funcionando como núcleo do predicado. Em (110), aparece como objeto da posposição, exercendo a função de um adjunto oracional. Em (111), é núcleo da construção genitiva.

3.3.3. Prefixo reflexivo {tĩ-}

Quando um nome possuído está separado de seu possuidor por fronteiras sintáticas, emprega-se o prefixo {tĩ-} para indicar que o nominal possuído está co-indexado ao seu possuidor. Chamo a este prefixo de reflexivo nominal (RN) para contrastá-lo com o reflexivo verbal (RV), que ocorre prefixado a verbos. O RN identifica os verbos transitivos reflexivos, que apresentam o possuidor na função de sujeito e o nominal possuído na função de objeto (para detalhes sobre essa terminologia, cf. Croft, 1991; Givón, 1990). O RN apresenta os seguintes alomorfes:

(112) Alomorfes do prefixo {tĩ-}

| ALOMORFES | CONTEXTO | EXEMPLO | |
|-----------|----------------------|--------------------------|-------------------------------|
| tĩ- | diante de consoantes | a. tĩ-pu-n b. tĩ-re | 'pé dele' 'mãe dela' |
| to- | diante da vogal /e/ | c. to-ew-rĩ d. to-e-n | 'casa dele' 'dente dele' |
| t- | diante da vogal /a/ | e. t-amo-n f. t-apo-n | 'unha dele' 'borduna dele' |

Em (c) e (d), {tĩ-} se realiza como /to-/ por causa da vogal /e/ inicial do radical; em (e) e (f), realiza-se como /t-/ por causa da vogal /a/, pois, neste caso, /ĩ/ é apagado por não poder ocorrer adjacente a /a/ (sobre as restrições fonotáticas em Ikpeng, cf. Emmerich, 1980).

Nos exemplos que seguem, mostra-se como o RN funciona na co-indexação de nominais na oração:

| | | | | | | |
|-------|----|---|-----|------------|------------------------|----|
| | [| A _i | [| V | tĩ _i -O |]] |
| (113) | a. | petkom _i | e- | woyŋob-li | tĩ _i -mre-n | |
| | | mulher | 3O- | vestir-REC | REF-filho-POS | |
| | | 'A mulher _i vestiu o filho dela _i ' | | | | |

[A_i [V O₁] t_i-O₂ DAT
 b. Iokore_i t-eru-lí karawato t_i-wari ína
 mulher 3O-dar-REC gravador REF-filho-POS para:DAT
 'Iokoré_i deu um gravador para o amigo dele_i'

[A_i [V t_i-O]]
 c. *pro*_i Ø-etpore-lí t_i-amo-n
 ele 3A3O-cortar-REC REF-unha-POS
 'Ele_i cortou a própria_i unha'

Note-se que o RN está co-indexado (veja-se o índice "i") ao sujeito da oração, indicando que A é o possuidor de O. Atente-se para o fato de em (c) estarmos diante de uma oração com sujeito nulo (elíptico), indicado pela notação *pro*.

Mais detalhes sobre a estrutura de construções envolvendo RN serão oferecidos no capítulo 4.

3.3.4. Número

Na construção nominal genitiva, são encontradas duas marcas de número:

- i) o sufixo {-kom}, que apresenta um alomorfe *-imo* após as vogais, marca o número do possuidor pronominal;
- ii) a partícula {niŋkɪn} marca o número do possuidor nominal.

- (114) a. o-pu-n 'teu pé'
 2-pé-POS
- b. o-pu-n-kom 'pé de vocês'
 2-pé-POS-COL
- c. Melobo pu-n 'pé de Melobô'
 Melobô pé-POS
- d. Ikpeŋ niŋkɪn pun 'pé dos Ikpeng'
 Ikpeng COL pé
- e. o-lu-Ø 'tua língua'
 2-língua-POS

- | | |
|---|----------------------|
| f. o-lu-Ø-ŋmo 2-língua-POS-COL | ‘língua de vocês’ |
| g. pawra lu tamanduá língua | ‘língua de tamanduá’ |
| h. karaywa niŋkɪn lu branco COL língua | ‘língua dos brancos’ |

Quando há coordenação de nominais, emprega-se **niŋkɪn** após a partícula **keni**, para indicar plural:

- (115) Melobo t-eru-lɪ topkək [Tʃileni Paran keni **niŋkɪn**] ɪna
 Melobô 3O-dar-REC arco Cilene Fran PART PL DAT:para
 ‘Melobô deu arco para Cilene e Fran’

3.3.5. Gênero

A categoria de gênero não aparece marcada por afixo, mas é indicada pelo acréscimo dos nomes **petkom** ‘mulher’ e **ugwon** ‘homem’, no sentido de ‘macho’ ou ‘masculino’ e ‘fêmea’ ou ‘feminino’, respectivamente:

- | | |
|--|--------------|
| (116) a. itereku ugwon galinha macho | ‘galo’ |
| b. itereku petkom galinha fêmea | ‘galinha’ |
| c. akari ugwon onça macho | ‘onça macho’ |
| d. akari petkom onça fêmea | ‘onça fêmea’ |

3.3.6. Passado nominal ou devalorativo

O grupo de sufixos {-pa-non-pɪn}⁵⁰ indica que um nominal antes possuído é no momento não possuído:

- | | | |
|-------|--|--|
| (117) | a. ɪ-woy -n -pa -non -pɪn 1-camisa-POS-?-?-PN | ‘minha ex-camisa’ |
| | b. ɪ-maŋku -Ø -wa -non -pɪn 1-brinquedo-POS-?-?-PN | ‘meu ex-brinquedo’ (referindo-se à bicicleta que não pertence mais à pessoa) |
| | c. Ikpeng akpo-Ø-wa-non-pɪn Ikpeng lagoa-POS-?-?-PN | ‘ex-lagoa dos Ikpeng’ |
| | d. g-amto -Ø -wa -non -pɪn 1-namorada-POS-?-?-PN | ‘minha ex-namorada’ |
| | e. ɪ-muye -Ø -wa -non -pɪn 1-mulher-POS-?-?-PN | ‘minha ex-mulher’ |
| | f. gw-erem- Ø-wa-non-pɪn 1+2-chefe-POS-?-?-PN | ‘nosso ex-chefe’ |

3.3.7. Estrutura das construções genitivas: ordem dos modificadores e posição do genitivo

O nome funciona como núcleo das construções genitivas, isto é, núcleo das construções constituídas por um nome possuído e um possuidor (Genitivo). Em Ikpeng, como se pode observar nos exemplos apresentados nas seções acima, o Genitivo (G) precede o Nome possuído (N). Quando ocorre um modificador (MOD) do nome possuído, ele pode vir depois do núcleo ou antes do genitivo. São consideradas ruins (agramaticais) as construções genitivas que apresentam o modificador entre o genitivo e o nome:

⁵⁰ A forma {-pa} se realiza como [wa] após vogais. Não se sabe os reais significados das formas /-pa/ e /-non/.

- (118)
- a. y-eneŋ-lĩ **GEN** **N** **MOD**
 [SN Korotowĩ woy-n **ratpano**]
 1A3O-ver-REC Korotowĩ camisa-GEN vermelha
 ‘Eu vi a camisa vermelha de Korotowĩ’
- b. y-eneŋ-lĩ **MOD** **GEN** **N**
 [SN **ratpano** Korotowĩ woy-n]
 1A3O-ver-REC vermelha Korotowĩ camisa-GEN
 ‘Eu vi a camisa vermelha de Korotowĩ’
- c. * Ø-ar-anpu-lĩ **GEN** **MOD** **N**
 [SN Korotowĩ **imenekeni** woy-n]
 3-REF-rasgar-REC Korotowĩ nova roupa-GEN
 ‘A roupa nova do Korotowĩ rasgou’

Normalmente, o modificador, tanto lexical quanto oracional (Relativas), segue o núcleo nominal. Provavelmente, sua anteposição se deve a fatores de outra ordem (semânticos, pragmáticos), ainda não capturados.

3.3.8. Formação do nome: composição e mudança de significado

3.3.8.1. Composição

O nome pode ser composto por duas raízes nominais, sendo uma delas interpretada como núcleo do composto. A seguir, apresentam-se alguns nomes considerados compostos (*NUC* indica o núcleo do composto):

| (119) <i>Composto</i> | <i>Elementos do composto</i> | |
|-------------------------------------|------------------------------|--|
| a. moro eatpo ‘calção’ | [moro] ‘pênis’ | [eatpo _{NUC}] ‘guardador’ |
| b. pitʃiŋo ewri ‘calça comprida’ | [pitʃiŋo] ‘perna’ | [ewri _{NUC}] ‘casa’ |
| c. ga ewri ‘pote’ | [ga] ‘água’ | [ewri] ‘casa, recipiente’ |

| | | |
|---|-------------------------------------|--|
| d. yaraŋ ewri+ 'formigueiro' | [yaraŋ] 'formiga' | [ewri+] 'casa' |
| e. emaŋat kuri 'adolescente-mulher' (lit. 'seio igual a prego') | [maŋa _{NUC}] 'seio' | [kuri] 'prego, agulha' |
| f. ogoy irwali+ 'cobra do mato' (lit. 'cobra da cor do mato') | [ogoy _{NUC}] 'cobra' | [irwali+] 'do mato' |
| g. tawa irwali+ 'calango verde' (lit. 'verde como o mato') | [tawa _{NUC}] 'calango' | [irwali+] 'verde' (igual ao mato) |
| h. ogoy impro 'jararaca' | [ogoy _{NUC}] 'cobra' | [impro] 'verdadeira' (venenosa) |
| i. maku pitu 'cartucho de papelão' (lit. 'casca de algodão') | [maku] 'algodão' | [pitu _{NUC}] 'pele, casca' |
| j. emi+ enenpo 'espelho' | [emi+] 'rosto' | [enenpo _{NUC}] 'lugar onde se vê' |

Os exemplos de (a) a (d) apresentam a estrutura de uma construção genitiva. Nos exemplos de (e) a (h), encontram-se estruturas semelhantes às construções nome + modificador (atributivo); em (i) encontra-se uma estrutura predicativa; em (j), uma estrutura nominalizada.

3.3.8.2. Partícula de diminutivo

Destacamos entre as partículas modificadoras de nominais a que indica diminutivo:

- (120) a. wayo 'cuia' → wayo **kori** 'cuia pequena'
 b. kamap 'cabaça' → kamap **kori** 'cabacinha'
 c. onmuk 'panela' → onmu **kori** 'panela pequena'

Em (c), há o apagamento de um dos /k/ existente na fronteira de palavras.

3.3.9. Negação do predicado nominal

Destacamos dois tipos de negação que afetam o nome em função de predicado: a existencial e a de posse. A primeira é marcada pelos afixos {pe+pra} e a segunda pelos afixos {p+n+pe}:

Negação existencial

- (121) a. Korotowĩ ugun ‘É Korotowĩ’
 Korotowĩ ele
- a’. Korotowĩ pe-wa ‘Não é Korotowĩ’
 Korotowĩ EXT-NEG
- b. gw-erem pe-wa ‘Não é nosso chefe’
 1+2-chefe EXT-NEG
- c. yumtjigru pe-wa ‘Não é nuvem’
 nuvem EXT-NEG

Negação de posse

- (122) a. i-woy-n ipe uro ‘Eu tenho roupa’
 1-roupa-POS EXT eu
- a’. i-woy-n-p+n pe uro ‘Eu não tenho roupa’
 1-roupa-POS-PN EXT eu
- b. gw-erem-p+n pe ‘Eu não tenho chefe’
 1+2-chefe-PN EXT
- c. yumtjigru-w+n pe ‘Não há nuvem’
 nuvem-PN EXT
- d. gamto-w+n pe ‘Eu não tenho namorada’
 namorada-PN EXT

A) **-ni**: deriva nomes de radicais verbais transitivos:

| (125) | Forma básica | Forma nominal derivada |
|-------|---|--|
| | | → a'. muy ange- ni canoa cavar-NMZ 'construtor de canoa' (lit. 'cavador de canoa') |
| | a. y-ange-li 1A3O-cavar-REC 'Eu cavei (buraco)' | → a''. muy ange-tke- ni canoa cavar-ITER-NMZ 'construtor de canoa' |
| | b. y-uku-li 1A3O-cantar-REC 'Eu cantei (uma música)' | → b'. orem yuku- ni música cantar-NMZ 'cantador de música' |
| | | → b''. orem yuku-tke- ni música cantar-ITER-NMZ 'cantador de música' |
| | c. Ø-arimtonj-li 3A3O-cozinhar-REC 'Ele o cozinhou' | → c'. arimtonge-tke- ni cozinhar-ITER-NMZ 'cozinheiro' (lit. 'aquele que cozinha') |

B) **-tem ~ -em ~ -m**: deriva nomes de radicais verbais intransitivos e de adjetivos:

| | | |
|-------|--|--|
| (126) | a. <i>VERBO</i> wot y-arimtonj-li peixe 1A3O-cozinhar-REC 'Eu cozinhei o peixe' | → <i>NOME</i> wot t-arimton- tem peixe 3S-cozinhar-NMZ:S 'peixe cozido' |
| | b. <i>ADJETIVO</i> karake Ø-ero-li bonito 3Sa-ir-REC 'Ele foi embora alegre' | → <i>NOME</i> karake- m Ø-ero-li bonito-NMZ 3Sa-ir-REC 'Pessoa boa foi embora' |

C) **-poto ~ pot**: deriva nomes locativos e estativos. Parece funcionar como um nominalizador geral:

| | | |
|-------|---|---|
| (127) | a. Ø-arimtonj-li 3A3O-cozinhar-REC 'Ele cozinhou' | → arimtonge-tke- pot cozinhar-ITER-NMZ 'cozinha' (lugar onde se cozinha) |
|-------|---|---|

- b. Ø-arami-lî → petkom aramit-**pot** karake
 3Sa-olhar-REC mulher olhar-NMZ bonito
 ‘Ele olhou’ ‘O olhar da mulher é bonito’
- c. Ø-enerη-lî → emîit enen-pot
 3A3O-ver-REC rosto ver-NMZ
 ‘Ele viu’ ‘espelho’ (lit.: ‘lugar onde se vê o rosto’)

Esse sufixo é encontrado em orações completivas, indicando que o verbo se encontra nominalizado:

- (128) a. t-orempan uro [moto awîit-poto]
 3-saber eu motor ligar-NMZ
 ‘Eu sei ligar motor’
- b. t-orempan uro [moto antatket-pot pok]
 3-saber eu motor andar-NMZ em:POSP
 ‘Eu sei andar de motor’
- c. Tîileni Ø-anoη-lî [aŋpi aranmet-poto]
 Cilene 3A3O-mandar-REC menino correr-NMZ
 ‘Cilene fez (mandou) o menino correr’

Discutiremos o uso do morfema {-**poto**} na formação das subordinadas no capítulo 6.

3.4. ADJETIVOS

Os adjetivos são palavras que funcionam como modificadores de nomes, podendo ocorrer antes ou depois dos núcleos nominais. Diferente de Derbyshire (1985; 1999), que considera o adjetivo e o advérbio uma única classe, por se comportarem como adjuntos, trataremos o *adjetivo* e o *advérbio* como classes separadas porque apesar de ambos se comportarem como adjuntos, o primeiro funciona como adjunto ao nominal e o segundo como adjunto a predicados e/ou orações. Além disso, semanticamente, pode-se reconhecer uma classe de palavras que modifica os nomes, conforme se pode ver a seguir:

- | | | |
|-------|------------------|---------------------|
| (129) | a. petkom karake | ‘mulher bonita’ |
| | b. wayo kɪtpip | ‘cuia bonita’ |
| | c. amɪam kɪtpip | ‘moça bonita’ |
| | d. ugwon oke | ‘homem grande’ |
| | e. gemrin ɪka | ‘banco comprido’ |
| | f. ugwon ekɪɪ | ‘homem velho’ |
| | g. petkom ekɪɪ | ‘mulher velha’ |
| | h. ugwon tɪriŋ | ‘homem pequeno’ |
| | i. petkom ɪka | ‘mulher alta’ |
| | j. Ikpeŋ imro | ‘Ikpeng verdadeiro’ |

Sintaticamente, os adjetivos funcionam como adjuntos a SNs, podendo ocorrer antes ou depois desse constituinte:

- | | | | | | |
|-------|--------------|---------------------------------------|------------|----------------|------------|
| (130) | | GEN | N | MOD | |
| | a. y-eneŋ-lɪ | [_{SN} [Korotowɪ | woy-n] | ratpano |] |
| | | 1A30-ver-REC | Korotowɪ | camisa-GEN | vermelha |
| | | ‘Eu vi a camisa vermelha de Korotowɪ’ | | | |
| | | MOD | GEN | N | |
| | b. y-eneŋ-lɪ | [_{SN} ratpano [| Korotowɪ | woy-n]] | |
| | | 1A30-ver-REC | vermelha | Korotowɪ | camisa-GEN |
| | | ‘Eu vi a camisa vermelha de Korotowɪ’ | | | |

Eles podem, também, desempenhar a função predicativa:

- | | | | |
|-------|---|-------------|------------|
| (131) | DAT | PRED | SUJ |
| | Maria ɪna | karake | ugun |
| | Maria para:DAT | bonito | ele |
| | ‘Maria gosta dele’ (lit. ‘Ele é bonito para Maria’) | | |

3.4.1. Construções adjetivas derivadas via {-tu} e via {-ke}

Algumas construções de natureza adjetiva podem ser derivadas via morfema {-tu} ou via morfema {-ke}, sufixados ao radical-base. Os do primeiro grupo derivam construções adjetivas de verbos:

- (132) a. Ø-ar-apko-re-lî wayo
 3Sa-REF-quebrar-REC cuia
 ‘A cuia quebrou’
- b. y-eneŋ-lî wayo arapko-tu
 1A3O-ver-REC cuia quebrar-ADJZ
 ‘Eu vi cuia quebrada’
- c. aŋpi Ø-apkorelî wayo
 menino 3A3O-quebrar-REC cuia
 ‘O menino quebrou a cuia’
- c. y-eneŋ-lî wayo aŋpi n-apko-tu
 1A3O-ver-REC cuia menino NMZ:O-quebrar-ADJZ
 ‘Eu vi a cuia quebrada pelo menino’

Note-se que, quando envolve um radical transitivo, a construção adjetiva precisa indicar a função **O**, desempenhada originalmente pelo SN fora da sua estrutura, através do prefixo {**n-**}. Observou-se, também, que o sufixo {-**tu**} não é muito produtivo, sendo encontrado nos casos envolvendo verbos de *afetação*.

O morfema {-**ke**}, por outro lado, deriva construções adjetivas de nominais. Essas construções desempenham a função de predicado. O critério utilizado para definir essas construções como adjetivas foram:

- a) o uso dos prefixos da série II e do prefixo {**tî-**};
- b) o uso do auxiliar.

Não consideramos as construções {-**ke**}, portanto, como verbos, no caso inativos, porque elas não podem receber os morfemas tempo-aspectuais encontrados em verbos finitos. Quando esses afixos são necessários, eles ocorrem afixados à forma auxiliar, conforme se pode observar nos exemplos abaixo:

- (133) a. tî-woy-n ipe lon wam Ikpeng
 REF-roupa-POS EXT também eles Ikpeng
 ‘Os Ikpeng, eles também têm roupa’

3.5. ADVÉRBIOS

Os advérbios são caracterizados por funcionarem como adjuntos oracionais, ocupando a periferia da oração. Podem ocupar quase todas as posições da sentença, contanto que não impeçam o verbo de ocupar a primeira ou segunda posição. Quando o advérbio ocorre entre o verbo e o sujeito na ordem **VSO**, os falantes consideram a sentença não muito boa ou a rejeitam. Conforme foi afirmado na seção anterior, estamos considerando o *advérbio* como uma classe separada da de *adjetivo*.

A seguir, observe que o advérbio *kiriþnole* ‘cedo’ obedece a essa restrição:

| | | | | |
|----------|----------------------------|--------------------------|----------------|--------------------------|
| (136) a. | enengli viu | pomri rapaz | akari onça | kiriþnole cedo |
| b. | kiriþnole cedo | enengli viu | pomri rapaz | akari onça |
| c. | ? enengli viu | kiriþnole cedo | pomri rapaz | akari onça |
| d. | * kiriþnole cedo | pomri rapaz | enengli viu | akari onça |
| e. | * pomri rapaz | kiriþnole cedo | enengli viu | akari onça |

‘O rapaz viu a onça cedo’

No capítulo 4, a posição do advérbio será utilizada para argumentar em favor de uma análise que considere o Ikpeng como língua V-inicial.

3.5.1. Tipos de advérbios

Os advérbios podem ser identificados pelos sufixos {-**nole**}, encontrado nos temporais; {-**to**} e {-**lo**}, encontrados nos locacionais.

Não dispomos ainda de um levantamento amplo dessa categoria. Entretanto, apresentamos, nesta seção, os dois tipos de advérbios mais comuns na língua: os *temporais* e os *locacionais*.

3.5.1.1. Advérbios temporais

Foram encontrados na língua os seguintes advérbios temporais:

| (137) | ADVÉRBIOS | TRADUÇÃO |
|-------|---------------------------|--------------------------------------|
| a. | munpok | ‘ontem’ |
| b. | tʃanole | ‘hoje, agora’ |
| c. | enmeptup | ‘amanhã’ |
| d. | mun enmeptup empok | ‘antes de ontem’ |
| e. | mun enmeptup | ‘depois de amanhã’ |
| f. | kirimnole | ‘de manhã’ |
| g. | aranɔkote | ‘meio dia’ |
| h. | kongonye | ‘à tarde’ |
| i. | kok | ‘à noite’ |
| j. | ruptaktʃi | ‘meia noite’ |
| l. | enmeptumne | ‘cinco da manhã’ |
| m. | atʃagotpop | ‘sempre’ |
| n. | eraɔron | ‘antigamente’ |
| o. | imeneologon | ‘agora, hoje em dia’ |
| p. | iraɔron | ‘ano passado’ |
| q. | eraɔrotpo | ‘antigo’ |
| r. | munole | ‘ainda’ ou ‘ainda não’ ⁵¹ |
| s. | nole | ‘ainda’ |
| t. | kompannye | ‘época das chuvas’ |
| u. | awetkeranpe | ‘época da seca’ |
| v. | wot eraɔwam | ‘época de peixe’ |
| x. | akerek | ‘assim, dessa maneira’ |

A seguir, apresentamos alguns exemplos contendo advérbios:

- (138) a. **imeneologon** k-ara-naɔ ip-te
 agora 1Sa-ir-CONT tomar banho-FIN
 ‘Agora eu estou indo tomar banho’

⁵¹ Em respostas, *munole* significa ‘ainda não’. Por exemplo: - *Man?* - *Munole!* ‘-Pronto? -Ainda não!’

b. **munole** Ø-annom-nan i-roye-Ø wawi
ainda 3A3O-moquear-CONT 1-mãe-POS peixe:uawi
'Minha mãe ainda está moqueando peixe-uawi'

c. gemin̄ke it-aŋte **munpok**
1-barriga-DEN AUX-REM ontem
'Ontem eu tive fome' (Lit. 'doeu minha barriga')

d. **erajron** itatke-l̄i t̄jimna muyn katepopitu
antigamente AUX-REC nossa canoa casca de jatobá

imenelogon tupi enenpon-p̄in pok
agora/hoje branco ver-NMZ em:POSP

t̄jimna anget man yay t̄i-muy-n pe
nós construir PART madeira REF-canoa-POS ATR
'Antigamente, nossa canoa era de casca de jatobá. Mas agora, ao vermos
canao do branco, nós fazemos de madeira nossa própria canoa' (N13K)

e. **aranaj̄kote** k-arep-t̄ji
meio dia 1Sa-chegar-NPAS
'Meio dia eu retorno'

f. Ø-arep-p̄in-pe **nole**
3Sa-chegar-NEG ainda
'Ele ainda não chegou'

Observe-se que, quando o advérbio ocorre no início da sentença, possivelmente, encontra-se pragmaticamente marcado (em foco) (cf. exemplos em (a), em (b) e no texto em (d)). Em (c), o advérbio ocorre em sua posição pragmaticamente não marcada (básica).

3.5.1.2. Advérbios locacionais

Os advérbios locacionais indicam localização e movimento no espaço. Conforme se pode observar no quadro abaixo, as formas **mun+to** e **nen+to** indicam locação estática e as formas **m̄ina**, **t̄jina**, **m̄ilo** e **t̄jilo**, direção e meio.

(139) Estrutura dos advérbios locacionais

| LOCALIZAÇÃO EM RELAÇÃO AO FALANTE | DÊTICO | LOCAÇÃO ESTÁTICA |
|-----------------------------------|------------|------------------|
| <i>Próximo ('aqui')</i> | nen | -to |
| <i>Distante ('lá')</i> | mun | -to |

(140) Estrutura dos advérbios de movimento

| MOVIMENTO EM RELAÇÃO AO FALANTE | DIREÇÃO | MEIO |
|---------------------------------|---------------------------|----------------------------|
| <i>Aproximando-se</i> | tʃi + na 'para cá' | tʃi + lo 'por aqui' |
| <i>Distanciando-se</i> | mɨ + na 'para lá' | mɨ + lo 'por lá' |

Seguem os respectivos exemplos:

(141) Advérbios locacionais

nen+to a. **nen**to poktʃo mapo 'Aqui no posto'
aqui posto POSP:no

mun+to b. ugun **mun**to 'É ele lá'
ele lá

(142) Advérbios de movimento

mɨ+na c. k-ara-naŋ **mɨ**na 'Eu estou indo para lá'
1Sa-ir-CONT para lá

tʃi+na d. Ø-arep-lɨ **tʃi**na 'Ele veio para cá'
3Sa-vir-REC para cá

mɨ+lo e. **mɨ**lo Ø-ero-lɨ 'Ele foi por lá'
por lá 3Sa-ir-REC

tʃi+lo f. **tʃi**lo Ø-arep-lɨ 'Ele veio por aqui'
por aqui 3Sa-vir-REC

3.6. PRONOMES

3.6.1. Pronomes pessoais independentes

O uso de **uro** em (a) é desnecessário porque a primeira pessoa está indicada no radical verbal através do prefixo {**k-**}. Em (b), a realização de **uro** é necessária porque não aparece o prefixo pessoal {**k-**} que indica a primeira pessoa⁵². Portanto, a omissão de **uro** criaria um problema de reconhecimento da pessoa gramatical, visto que o prefixo geral {**t-**} não indica a pessoa envolvida.

3.6.2. Dêiticos

Os dêiticos podem funcionar como pronome de terceira pessoa ou como modificadores de nominais. Indicam a distância e animacidade da entidade em relação ao falante. O número aparece indicado pelo sufixo **-am ~ yam**. Ao que tudo indica, o /n/ está indicando singular. No quadro, abaixo, estão os dêiticos e as informações que veiculam:

(145) Quadro com os Pronomes Dêiticos

| | | DÊITICOS | |
|----------|-----------|--------------|-----------------|
| | | singular | plural/coletivo |
| PRÓXIMO | Animado | ore-n | w-am |
| | Inanimado | ne-n | ne-yam |
| DISTANTE | Animado | ugu-n | ug-yam |
| | Inanimado | mu-n | mu-yam |

Seguem-se alguns exemplos com dêiticos:

i) Funcionando como pronome de terceira pessoa:

- (146) a. **ugun** **pe - wa**
 ele: DIST: ANIM EXIST-NEG ‘Não é ele’
- b. **e-woy-n** **ipe** **oren**
 3-roupa-GEN EXIST ele: PROX: ANIM ‘Ele tem roupa’
- c. **ugun** **Ø-anumku-lî**
 ele: DIST: ANIM 3-carregar-REC ‘Foi ele quem carregou’

⁵² O prefixo geral (PG) **tî ~ t-** não se refere a nenhuma pessoa em particular. Ele apenas indica que há um argumento, que pode ser representado por qualquer pessoa (cf. Derbyshire, 1985).

| | | | |
|-----------------------|-------------|------------|--|
| | | SUJ | |
| d. †-roym† | ugun | ugun | |
| 1-pai | ele-é | aquele | |
| ‘Aquele lá é meu pai’ | | | |

Nos exemplos agrupados em (iii), o dêitico no predicado pode estar funcionando como um elemento copular. Entretanto, essa é uma hipótese que precisa de mais evidências para ser assumida com segurança⁵³.

3.6.3. Forma pronominal {keni}

A forma {keni} desempenha a função de um pronome relativo nas construções relativas finitas. Estamos considerando finitas (não-nominalizadas) as relativas que apresentam as mesmas marcas tempo-aspectuais encontradas nos verbos da oração independente:

- (149) a. y-eneŋ-l† aŋpi [Ø-aranme-naŋ pa **keni**]
 1A3O-ver-REC menino correr-CONT SUBR REL
 ‘Eu vi o menino que vai correr’
- b. y-eneŋ-l† itereku [petkom Ø-erenm†-naŋ pa **keni**]
 1A3O-ver-REC galinha mulher 3A3O-matar-CONT SUBR REL
 ‘Eu vi a galinha que a mulher está matando’

A forma {pa} está sendo interpretada como uma marca de subordinação.

3.6.4. Interrogativos

Os interrogativos são empregados para interrogar ou pedir informação ao interlocutor. Eles podem ser subdivididos em três tipos: os que funcionam como argumentos nucleares do verbo, como objeto de posposição, e como adverbiais.

⁵³ Gildea (1993b) defende essa hipótese para o Panare.

(150) Pronomes Interrogativos: formas básicas

| <i>Interrogativos</i> | <i>Tradução e uso</i> | <i>Função</i> |
|-----------------------|---|---------------|
| onok | 'quem' (para animados) | ARGUMENTAL |
| ari | 'o que' (para inanimados; para perguntar sobre fatos) | |
| onok ina | 'para quem' | OBLÍQUA |
| onok pak | 'com quem' | |
| ari ge | 'com que' | |
| ari wok | 'em que' | |
| ara | 'como' | ADVERBIAL |
| arato | 'por que'; 'que foi' | |
| arakeni | 'de que maneira' | |
| arakenip | 'quando' | |
| otumunto | 'onde' | |
| otumina | 'para onde' | |
| otumilo | 'por onde' | |
| atfina | 'em que direção' | |

Vejam-se os exemplos abaixo:

- (151) a. **onok t-eru o-elɨ**
quem 3-dar 2-colar
'Quem te deu o colar?'
- b. **onok m-enen**
quem 2A3O-ver
'Quem você viu?'
- c. **ari m-eru eŋ-na**
que 2A3O-dar 3-DAT
'O que você deu para ele?'
- d. **ari m-ige-t**
que 2-fazer-NPAS
'O que você vai fazer?'
- (152) a. **onok ina m-eru polatʃa**
quem para 2A3O-dar bolacha
'Para quem você deu bolacha?'
- b. **onok pak m-arinmtoŋ-lɨ-ŋmo**
quem com 2A3O-cozinhar-REC-COL
'Com quem vocês cozinham?'
- c. **ari wok Ø-enempo-lɨ**
que em 3A3O-mostrar-REC 'Em que ocasião ele mostrou?'

| | |
|---|------------------------------|
| d. ari ge orenpat petkom que com pintar-se mulher | ‘Com que a mulher se pinta?’ |
| e. otum+na Paran onde para Fran | ‘Aonde foi Fran’ |
| f. otumunto mun onde ele | ‘Onde está ele?’ |
| g. atjina omro para onde você | ‘Para onde você vai?’ |
| h. arakenip m-eneŋ-li quando 2A3O-ver-REC | ‘Quando você viu?’ |
| i. arato que foi | ‘O que foi?’ |
| j. arato m-arep-tom porque 2Sa-chegar-COL | ‘Por que vocês vieram?’ |
| l. otumilo not pop omro por onde origem você | ‘Por onde você veio?’ |
| m. ara i-mimɨt como 3A3O-amarrar | ‘Como ele amarrou’ |
| n. ara m-arami eŋ-na como 2A3O-olhar 3-DAT | ‘Como você olhou para ela’ |

Encontrou-se, nas construções interrogativas, uma forma empregada para perguntar onde se encontra uma entidade. Não foi listada como interrogativo, pois não ocorre na posição dos interrogativos, ou seja, início da sentença. Parece tratar-se de uma partícula “enfática”:

- (153) a. **tarato ru**
trator onde ‘Onde está o trator?’
- b. **uŋ-mano ru**
1+2-irmão onde ‘Onde está nosso irmão?’

Observamos a ocorrência da forma {tu} após alguns interrogativos⁵⁴. Nesse caso, parece estar marcando tópico ou ênfase:

- (154) a. arato **ru** m-arami
 porque ? 2A3O-olhar 'Por que você olhou?'
- b. atʃina **ru** m-arep
 o que.aqui ? 2Sa-chegar 'O que você veio fazer aqui?'
- c. arí **ru** y-anum
 o que ? 1A3O-buscar 'O que eu peguei'

Não sabemos se trata da mesma forma {tu} empregada para se perguntar onde se encontra alguém ou algo, como dissemos acima, pois aqui parece ter outro emprego. Talvez estejam relacionadas a uma mesma forma passada, que sincronicamente desempenha duas funções diferentes. Mais investigações deverão ser realizadas para determinar o real estatuto da forma em questão.

3.7. POSPOSIÇÃO

As posposições são núcleos dos sintagmas posposicionais e apresentam, obrigatoriamente, um objeto anteposto, quando se trata de nominais, ou prefixados, quando se trata de pronominais. Indicam as funções oblíquas (**DAT, INST, ALAT, ILAT, INES, LOC**) e, como os demais adjuntos, ocupam a periferia da oração, tendo uma ordem relativamente livre. No exemplo abaixo, com o verbo “ver”, o sintagma posposicional pode ocupar as seguintes posições:

- 4ª P**
- (155) a. eneŋ-lí petkom kaneta [SP **omriño wok**] [**V A O SP**]
 ver-REC mulher caneta
 ‘A mulher viu caneta sobre o banco’

⁵⁴ Apesar de não terem sido realizados testes específicos, propõe-se que a forma /ru/ seja a realização do morfema {tu} após vogais.

- 1ª P**
- b. [_{SP} **omrijo wok**] eneŋ-lɨ petkom kaneta [SP V A O]
- 3ª P**
- c. eneŋ-lɨ petkom [_{SP} **omrijo wok**] kaneta [V A SP O]
- 3ª P**
- d. petkom eneŋ-lɨ [_{SP} **omrijo wok**] kaneta. [V A SP O]
- 2ª P**
- e. * petkom [_{SP} **omrijo wok**] eneŋ-lɨ kaneta * [A SP V O]

O SP não pode deslocar o verbo para a terceira posição da sentença, pois ele obrigatoriamente ocupa a primeira ou segunda posição. No capítulo 4, discutiremos essa e outras restrições associadas às línguas V-iniciais, grupo de línguas ao qual o Ikpeng parece pertencer.

Os SPs podem ocupar, igualmente, o núcleo dos predicados não-verbais:

- (156) [**SUJ** [_{PRED} [_{SP} N **POSP**]]]
 wayo wɨptakpo wok
 ‘A cuia está sobre o jirau’

3.7.1. Morfologia flexional nas posições: marcadores de pessoa e número

As posições podem receber os marcadores de pessoa da Série II, a mesma empregada para marcar o possuidor pronominal no nome, o objeto dos verbos transitivos e o sujeito dos verbos intransitivos inativos.

(157) Prefixos pessoais nas posições

- | | |
|---|---|
| <p>i) <i>C-Inicial</i></p> <p>a. ɨ-mapo ‘comigo’</p> <p>b. a-mapo⁵⁵ ‘com você’</p> | <p>ii) <i>V-inicial</i></p> <p>e. g-alon ‘na minha frente’</p> <p>f. w-alon ‘na tua frente’</p> |
|---|---|

⁵⁵ Conforme discutido no capítulo 2, o morfema {o-} apresenta como alomorfe /a-/, causado por uma regra de harmonia vocálica engatilhada pelo primeiro segmento vocálico do radical, /a/.

| | | | | |
|--------------------|-----------|--|---------------------|-------------------|
| c. wi -mapo | ‘conosco’ | | g. ugw -alon | ‘na nossa frente’ |
| d. i -mapo | ‘com ele’ | | h. y -alon | ‘na frente deles’ |

Conforme discutido na seção 2.5, as posposições iniciadas por consoante recebem os prefixos *V/CV*, e as que iniciam por vogal, *CVC*.

O número aparece marcado através do sufixo **-ɲne**, como se pode conferir abaixo:

- (158) a. petkom t -eru-lɨ polatʃa oɲ-na-ɲne
mulher 3-dar-REC bolacha 2-DAT-PL
‘A mulher deu bolacha para vocês’
- b. petkom t -eru-lɨ polatʃa eɲ-na-ɲne
mulher 3-dar-REC bolacha 3-DAT-PL
‘A mulher deu bolacha para eles’

3.7.2. Tipos de posposições

Dividimos as posposições, provisoriamente, em dois grupos: as direcionais e as não direcionais.

(159) Posposições não direcionais:

| POSPOSIÇÃO | SIGNIFICADO | FUNÇÃO E TIPO |
|-------------------------|-----------------------|--|
| ina ~ na | ‘para’ | Dativo e (DAT) Benefactivo; Experiencial (EXP) |
| uɲno | ‘medo de’ | Experiencial (EXP) |
| keni | ‘de’ | possessiva (POS) |
| ke ~ ge | ‘com’ | instrumental (INST) |
| pak ~ wak | ‘junto com’ | comitativo (CPN) |
| ene | ‘em companhia’ | companhia (CPN) |
| ara | ‘igual a’ | similar (SIML) |
| raɲwam | ‘durante’ | temporal (TEMP) |
| pok ~ wok | ‘em, sobre’ (contato) | Temporal (TEMP) Locativo (LOC) |
| eɲwam | ‘sob, debaixo’ | Locativa (LOC) |

| | | | |
|------------------|----------------|-----------------|-----------------------------|
| mapo | | 'junto de, com' | Locativa (LOC) |
| kwam | ~ gwam | 'no' | Locativa (LOC) |
| ganaptako | | 'sobre' | Locativa (LOC) |
| muam | | 'embaixo' | Locativa (LOC) |
| tfin | | 'ao lado' | Locativa (LOC) |
| to | ~ ro | 'em' | Locativa (LOC) |
| parap | ~ warap | 'dentro de' | Locativa (INES) Inessiva |
| alon | | 'na presença' | Presencial (PRSL) |

(160) Posposições direcionais:

| POSPOSIÇÃO | SIGNIFICADO | FUNÇÃO | |
|--------------------|--------------------|-----------------------|----------------|
| tjina | 'para' | direção (DIR) | |
| notpop | 'de' | origem (ORIG) | |
| para+ntup | ~ warrantup | 'de dentro de' | elativo (ELAT) |
| para+ktfi | ~ waraktfi | 'para dentro de' | ilativo (ILAT) |
| wara+ko | ~ gwako | 'por meio de'; 'pelo' | meio (MEIO) |
| pok+na | → poŋna | 'contra' | contato (CTO) |
| mapo+notpop | | 'ponto de origem' | origem (ORIG) |

Construções contendo posposições não direcionais:

| (161) | Posposição | Exemplos |
|-------|-------------|---|
| | ina | a. k-arami-lĩ [oŋ-na] 1Sa-olhar-REC 2-para:DAT 'Eu olhei para você' |
| | | b. Maria ina karake ugun Maria para:EXP bonito ele 'Maria gosta dele' |
| | alon | c. waynyakeni Ø-aynku-lĩ socó 3A3O-pegar-REC tĩ-mtagri [g-alon] REF-comida 1-na frente 'O socó pegou comida dele na minha frente' |
| | ara | d. g-ara 1-igual 'igual a mim' |

| | |
|------------------|---|
| enwam | e. y-umne-lĩ tariwe [tʃitʃi enwam] 3So-secar-REC mandioca sol sob:POSP 'A mandioca secou ao sol' |
| ene | f. Paran Ø-ero-lĩ Tʃileni ene Fran 3Sa-ir-REC Cilene com 'Fran foi em companhia de Cilene' |
| ganaptako | g. ĩrinkeni Ø-ero-lĩ [otʃit ganaptako] avião 3Sa-ir-REC aldeia sobre 'O avião foi (vôou) por sobre a aldeia' |
| ke | h. ugwon Ø-etpu-lĩ yay [oke ge] homem 3A3O-cortar-REC lenha machado com:INST 'O homem rachou madeira com machado' |
| kwam | i. [Xingu gwam] Xingu no 'no Xingu' |
| mapo | j. [Poktʃo mapo] etʃi-lĩ posto no AUX-REC 'Eu fiquei no posto' |
| muam | l. [a- muam] 2-debaixo 'debaixo de você' |
| pak | m. y-eneŋ-lĩ [a- wak] 1A3O-ver-REC 2-com 'Eu o vi com você' |
| parap | n. y-anmetpo-lĩ-ŋmo [muy warap] 1A3O-empurrar-REC-COL canoa dentro 'Eu os empurrei dentro da canoa' |
| pok | o. Ø-eneŋ-lĩ petkom kaneta [omriŋo wok] 3A3O-ver-REC mulher caneta banco sobre/em 'A mulher viu caneta sobre o banco' |
| raŋwam | p. kurso raŋwam curso durante 'durante o curso' |
| tʃin | q. [ĩ-tʃin] 1-lado 'no meu lado' |

| | |
|-------------|--|
| to | r. Kanarana ro k-inen-ti-t Canarana LOC 1A2O-ver-COL-NPAS 'Em Canarana, eu o verei' |
| uŋno | s. g-erajitke-li [akari uŋno] 1So-assustar-se-REC cachorro com medo 'Eu fiquei com medo do cachorro' |

Construções que apresentam posposições direcionais:

| (162) | Posposição | Exemplos |
|-------|------------------|---|
| | tʃina | a. k-araŋ-tʃi [poktʃo tʃina] 1Sa-ir-NPAS posto para 'Eu vou para o posto' |
| | notpop | b. [otʃito notpop] k-arep-li cidade da:ORIG 1-chegar-REC 'Eu cheguei da cidade' |
| | paran-tup | c. [owro warantup] Ø-egakte-li casa de dentro:POSP 3Sa-sair-REC 'Ele saiu de dentro da casa' |
| | para-ktʃi | d. k-ara-naŋ [g-ew-ri waraktʃi] 1Sa-ir-CONT 1-casa-POS para dentro:POSP 'Eu estou indo para dentro de casa' |
| | wara-ko | e. k-arare-li [anmat warako] 1Sa-ir-REC caminho pelo:POSP 'Eu fui pelo caminho' |
| | | f. [muy warako] canoa por:POSP 'por canoa' |
| | | g. [Ronuro/ga gwako] Ronuro/água por:POSP 'pelo Ronuro/por água' |
| | pok-na | h. wayo Ø-ar-apkore-li [orom poŋna] cuia 3Sa-REF-quebrar-REC chão sobre/contra:POSP 'A cuia se quebrou no chão' (isto é, 'contra o chão') |

| | | |
|--------------------|-----------------------------------|----------------|
| mapo-notpop | i. Poktʃo maponotpop | k-areb-lɨ |
| | posto do 'Eu cheguei do posto' | 1Sa-chegar-REC |

Algumas construções são largamente utilizadas e parecem ser lexicalizadas:

- (163) a. [ga gwantup] Ø-areb-lɨ 'Ele veio do rio'
rio do:POSP 3Sa-vir-REC
- b. [iru wantup] Ø-arep-lɨ 'Ele veio do mato'
mato do:POSP 3Sa-vir-REC
- c. [ga gwaktʃi] Ø-ero-t 'Ele vai para o rio'
rio para:POSP 3Sa-ir-NPAS
- d. [iru waktʃi] Ø-ero-t 'Ele vai para o mato'
mato para:POSP 3Sa-ir-REC

Foneticamente, /iru+waktʃi/ se realiza como [irwak^htʃi], havendo a queda de /u/ na forma fonética.

3.8. PARTÍCULAS E AUXILIARES

3.8.1. Partículas

Estamos designando *partícula* à classe de palavras que geralmente ocupa posições relativamente fixas na sentença; não são flexionadas; diferem dos afixos por não serem formas presas; desempenham funções gramaticais ou discursivas, como marcar a negação e a modalidade (cf. Crystal, 1988: 198). As línguas Karíb do norte e as línguas do tronco Tupi apresentam um inventário de partículas que indicam evidencialidade (“modalidade subjetiva”, nos termos de Lyons, 1995: 330)⁵⁶.

Nenhum estudo específico foi realizado sobre essa classe, nem dispomos de um levantamento amplo dos tipos existentes. A seguir, apresentamos as partículas até aqui

⁵⁶ Sobre um estudo dessa categoria gramatical-discursiva, cf. Seki, 2000.

encontradas, alertando para o fato de que muitas delas podem fazer parte de outras classes, podendo mesmo ser, algumas delas, elementos adverbiais.

3.8.1.1. Partícula {*man*}

Sintaticamente, é encontrada após o predicado ou após a primeira oração em sentenças com coordenação oracional. Indica “afirmação”, sendo encontrada, predominantemente, em sentenças declarativas:

- (164) a. *k-ara-naŋ man*
 1Sa-ir-CONT PART
 ‘Eu estou indo’
- b. *imenelogon tʃimna man tʃimna Ø-aktatke-bra*
 hoje nós-exc PART PRON:nós-exc 1+3A3O-comer-NEG
 ‘Hoje nós (certamente) não o comemos mais’
- c. *y-eneŋ-lî alama man k-arep-lî*
 1A3O-ver-REC abelha PART 1Sa-voltar-REC
 ‘Eu vi abelha e voltei’
- d. *owro warantup Ø-egakte-lî man i-mtarum-lî*
 casa POSP:de dentro 3So-sair-REC PART 3So-falar-REC

werem tî-wemuku ina.
 cacique dele-pessoal DAT
 ‘O cacique saiu de dentro da casa e falou para o pessoal dele’ (N32N)
- e. *ugun man wot yepka wok*
 ele PART peixe jirau sobre
 ‘O peixe está sobre o jirau’

Note-se que a partícula *man* tem por escopo o predicado, incluindo-se os não verbais e seus argumentos. Não se sabe se os diferentes lugares onde ela ocorre na oração determina um tipo específico de interpretação.

3.8.1.4. Partícula {logon}

Partícula usada para confirmar uma resposta que o interlocutor já conhece. Quando ocorre após o pronome dêitico (3ª pessoa), há apagamento do /n/ final do pronome, indicado pelas barras verticais (‘|’).

- (167) a. ugu|n| **logon**
ele mesmo
‘É ele mesmo’
- b. nento **logon** tʃimna
aqui mesmo nós-exc
‘Nós estamos aqui mesmo’
- c. miran-pin pe mun mu|n| **logon** m̄ira
ouvir-PN EXT DIST:IN DIST:IN mesmo palavra
‘Você nunca ouviu essa palavra mesmo?’

3.8.1.5. Partícula {kon}

Encontrada após a palavra que modifica, indica exclusividade, ou seja, dentro de um conjunto de ações ou entidades, uma é a escolhida, excluindo-se as demais. Pode ser traduzida por “somente”:

- (168) a. yaraŋ **kon**
formiga somente
‘(Aqui) há somente formiga’
- b. wok **kon**
café apenas
‘Só de café (ele gosta)’
- c. kape ŋne
café apenas
‘Só de café (ele gosta)’
- d. egepak **kon** Ø-aynku-lĩ
tucunaré apenas 3A3O-pegar-REC
‘Ele pegou apenas tucunaré’
- e. tariwe ŋne t-eŋ-lĩ petkom
beiju apenas 3-fazer-REC mulher
‘A mulher fez apenas beiju’

Observe-se que após radicais terminados em vogal a partícula {kon} se realiza como /ɲne/.

3.8.1.6. Partícula {pene}

Encontrada após a palavra que modifica, indica mudança de condição. Pode ser traduzida por “virar”, “tornar-se”, “transformar-se”:

- (169) a. Melowo emtʃin **pene** etʃi-lɨ Tʃileni
 Melobô filha PART AUX-REC Cilene
 ‘Cilene tornou-se filha de Melobô’

Após radicais terminados em vogal, /pene/ se realiza como /mne/:

- (170) ewari **mne** ‘Tornou-se meu amigo’
 amigo PART

3.8.1.7. Partícula {pra}

Encontrada após o radical ou o constituinte que modifica, indica negação. Observe-se que o constituinte negado é núcleo do predicado:

- (171) a. karake **pra** ‘Não é bonito’ (‘é feio’)
 bonito NEG
- b. t-onye-te **pra** inki-ri-t⁵⁷ ‘Não sonhem ao dormir’
 3-sonho-ADZ NEG dormir-COL-FIN
- b. Ø-etpu **wa** Tʃileni megu ‘Cilene não partiu a
 3A3O-partir NEG Cilene melancia melancia’
- c. k-arami **wa** Ø-etʃi-lɨ ‘Eu não olhei’
 1Sa-olhar NEG 3-AUX-REC

⁵⁷ Neste exemplo, note-se que a partícula /pra/ se realiza como [βra], pois ocorre após uma palavra terminada por vogal.

A forma /pra/ alterna com a forma /wa/. Não há, aparentemente, nenhum contexto fonológico determinando a realização de uma ou outra forma.

3.8.1.8. Partícula {ipe}

Colocada após a palavra que modifica, indica posse ou existência:

- (172) a. meguntaŋo **ipe** uro
pulseira EXIST eu 'Eu tenho pulseira'
- b. tamì **pe** omro
fumo EXIST você 'Você tem fumo?'
- c. gamto **pe**
namorada EXIST 'Eu tenho namorada'

Note-se que, após vogais, a partícula {ipe} se realiza como /pe/.

3.8.1.9. Partícula {kun}

Ocorre após a palavra que modifica, indicando ênfase. Pode ser traduzida pela expressão “mesmo”:

- (173) a. eram **kun** t-eru Yokore Tjileni ina topkak
verdade mesmo 3-dar Iokoré Cinene para arco
'É verdade mesmo que Iokoré deu arco para Cilene'
- b. eram **kun** Ø-ke-lî
verdade mesmo 3-dizer-REC
'Ele disse a verdade mesmo'

Novos testes deverão ser realizados para determinar se existem restrições de co-ocorrência dessa partícula com outras classes.

3.8.2. Partículas inter-oracionais (conjunções)

As partículas inter-oracionais (ou conjunções) são palavras que interligam orações em sentenças complexas ou coordenadas. Ocorrem no início da oração coordenada ou subordinada à principal (independente). A seguir, apresentamos algumas delas.

3.8.2.1. {mantan}

A forma **mantan** ocorre no início de uma oração que apresenta uma oposição a uma outra que imediatamente a precede:

- (174) a. pomrimo-nom Ø-orij-naŋ-mo
rapaz-COL 3Sa-dançar-CONT-COL

mantan e-wari Ø-araŋkore-lan t-orun-ke
mas:CONJ 3-amigo 3Sa-tirar-PAS 3-sono-ADZ
'A rapaziada está dançando, mas meu amigo tirou (máscara de bambu) por causa do sono' (N44)

- b. tigato y-eneŋ-lĩ **mantan** Ø-awn-tatke-lan
mutun 1A3O-ver-REC mas:CONJ 3Sa-voar-ITER-PAS
'Eu vi mutum, mas eles voaram' (N45)

3.8.2.2. {kerup}

A forma {**kerup**} ocorre no início da oração que indica a seqüência temporal de um evento em relação ao expresso na oração precedente. Essa forma é encontrada, geralmente, em textos procedurais. Em (a), há o fragmento de um texto que apresenta duas orações, sendo a segunda a seqüência temporal da primeira:

- (175) a. piŋiŋopnole m-aŋko-tŋi epkat tukto
primeiramente 2A3O-derrubar-NPAS ? roça

[kerup m-iwo-tke man tariwe wotʃi]
 depois:CONJ 2A3O-tira-ITER PART mandioca rama
 ‘Primeiro você vai derrubar a roça, depois você tira rama de mandioca’

b. piɾiŋopnole y-eneŋ-li orokgyagpo
 primeiro 1A3O-ver-REC cocar

[kerup y-eneŋ-lan panapilu-ŋo]
 depois 1A3O-ver-REC brinco-POSG
 ‘Primeiro eu vi o cocar, depois eu vi o brinco’

3.8.2.3. {ketpotke}

A forma {ketpotke} ocorre antes de uma oração que tem a função de informar a consequência de um evento expresso pela oração precedente:

(176) a. puron Ø-agu-li yaraŋ
 sapo 3A3O-comer-REC saúva

[ketpotke imo man tɪlupule]
 por isso:CONJ AUX PART barrigudo
 ‘O sapo comeu saúva, por isso ficou barrigudo’ (N3)

b. i-roymɪ i-roye keni niŋkɪn Ø-or-eŋutkelɪ-ŋmo
 1-pai 1-mãe COOR COL 3Sa-REF-brigar-COL

[ketpotke tʃimna y-aginum-lan]
 por isso:CONJ nós:EXC 3So-chorar-PAS
 ‘Meu pai e minha mãe brigaram. Por isso nós ficamos chorando’ (N4)

3.8.3. Auxiliares

Designamos auxiliar à classe de palavras que serve de “hospedeiro” para os morfemas tempo-aspectuais. Ocorrem após as categorias que auxiliam, isto é, depois das classes que não podem receber os afixos que o auxiliar comporta. Os auxiliares ocorrem nas seguintes situações:

a) quando o verbo se encontra na forma negativa;

b) quando o predicado é constituído pelas construções /-ke/, interpretadas por nós como sendo construções adjetivas (denominais);

c) quando o predicado tem por núcleo um nome ou um adjetivo.

Com relação à posição do auxiliar na sentença, observou-se que ele ocupa sempre a segunda posição, não outra.⁵⁸

Como se pode observar abaixo, as formas auxiliares apresentam, em algumas pessoas, irregularidades:

(177) Auxiliar de passado

| | Auxiliar+Passado distante -it- ~ naki 'ser, ficar' | Auxiliar+Passado recente -etji- ~ imro 'ser, ficar' |
|--------------------------------|--|---|
| 1 ^a | Ø-ita-ngte 'eu era/estava' | Ø-etji-lî 'eu fiquei' |
| 2 ^a | m-ita-ngte 'você era/estava' | m-etji-lî 'você ficou' |
| 1 ^a +2 ^a | kur-am-taŋte 'nós éramos/estávamos' | kur-am-lî 'nós ficamos' |
| 3 ^a | nakî 'ele era/estava' | imro 'ele ficou' |

(178) Auxiliar de não passado

| | Auxiliar+Não passado etji 'estará', 'será', 'fará', 'vamos ficar' |
|--------------------------------|---|
| 1 ^a | etji 'eu vou ficar/ser' |
| 2 ^a | m-etji 'você vai ficar/ser' |
| 1 ^a +2 ^a | kur-am-txi/kutʃ-an 'nós vamos ficar/ser' |
| 3 ^a | Ø-etji 'ele vai ficar/ser' |

Observe-se que, no passado, a terceira pessoa difere radicalmente das demais e, no não passado, a primeira inclusiva apresenta diferença em relação às demais.

A seguir, apresentam-se algumas situações que exigem o uso do auxiliar:

⁵⁸ Será preciso realizar mais testes a fim de confirmar a real impossibilidade de o auxiliar ocorrer em outra posição diferente da segunda.

A) Auxiliar nas construções negativas

Quando o verbo intransitivo recebe a partícula negativa {-pra}, as marcas de tempo e aspecto são marcadas no auxiliar:

- (179) a. k-arami wa etʃi-li
1Sa-olhar NEG AUX-REC 'Eu não olhei'
- b. m-arami wa m-etʃi-li
2Sa-olhar NEG 2Sa-AUX-REC 'Você não olhou'
- c. Ø-enen-ti-pra ita-tke-li-ŋmo uktamru niŋkin tupi napli
3A3O-ver-COL-NEG AUX-ITER-REC-COL avô COL branco coisas
'Nossos avós não conheciam as coisas do branco'

B) Auxiliar nas construções com {-ke}

Em construções com o morfema {-ke}, as marcas de tempo e aspecto ocorrem afixadas ao auxiliar:

- (180) a. i-wowan-ke etʃi-li
1-tristeza-DEN AUX-REC 'Eu fiquei triste'
- b. o-wowan-ke m-etʃi-li omro
2-tristeza-DEN 2-AUX-REC você 'Você sentiu saudade'
- c. ti-wowan-ke imro ugun
3-tristeza-DEN AUX ele 'Ele estava com saudade'

C) Auxiliar nas orações não verbais

Nas orações não verbais o tempo e o aspecto aparecem marcados no auxiliar:

- (181) a. araype it-anje
magro AUX-REM 'Eu era magro'

- b. araype m-it-aŋte
magro 2-AUX-REM 'Você era magro'
- c. araype nakin ugun
magro AUX ele:PRO 'Ele era magro'
- d. karake it-atke-li ina ugun amiam
boa AUX-ASP-REC DAT aquela:DEIT moça
'Eu gostava daquela moça'

O fato de as marcas tempo-aspectuais não poderem aparecer nas classes descritas decorre do fato de estas não serem verbos. Assim, necessitando-se indicar as categorias tempo-aspectuais, recorre-se ao uso do auxiliar para hospedá-las, pois elas não podem ocorrer como formas independentes.

3.9. OUTRAS CLASSES

As classes apresentadas nesta seção precisam de um estudo mais aprofundado. Não contamos, ainda, com o inventário de *interjeições* ou de *expressões interjetivas*, nem com o de *ideofones*. Abaixo, seguem algumas considerações bastante genéricas sobre essas classes.

3.9.1. Interjeição

Interjeições são elementos que indicam a expressão de sentimentos e emoções:

- (182) **i** 'sim', 'está bem!'
wa 'o que!'
waŋ 'ué!', 'poxa!'
oŋ 'ih!; xi!'
eye 'ah!'
nom 'bom!'
akim 'isso é!'
kim 'o que é isso'

Abaixo, alguns exemplos com interjeição:

- (183) a. **it+iŋ ari oŋ**
 muito amigo INTJ
 ‘Ih, amigo! Há muita (muriçoca) lá!’
- b. **wa arakeni ro imo eto atxi!**
 INTJ LOC AUX PART fogo
 ‘Ué! Onde será que estava este fogo?’
- c. **nom ara kutket ara**
 INTJ como fazer como
 ‘Bom! Como a gente vai fazer?’
- c. **ĩ kelan ye.**
 INTJ dizer sua-mãe
 ‘Está bem! Respondeu a sua mãe (para ele)’

3.9.2. Ideofones ou palavras onomatopaicas

Ideofones são palavras que representam os sons produzidos por entidades ou eventos. Os mesmos sons são representados diferentemente nas línguas particulares, pois cada comunidade os ouve a partir do seu sistema linguístico. Apresentam reduplicação ou alongamento silábico para indicar a intensidade ou duração do som representado. Abaixo, uma breve lista, seguida de alguns exemplos com ideofones:

(184) Inventário preliminar de ideofones

| <i>Ideofone</i> | <i>Interpretação aproximada</i> |
|-----------------|---------------------------------|
| p̄iriŋ | barulho de bater timbó |
| tugut | caminhando na água |
| tʃet | barulho de atrito |
| pu | guardando algo na cuia ou cesto |
| tʃok | som de levantar-se, ficar em pé |
| igi | som do nascimento, saída |
| rik | som que indica o olhar |
| tik | som de corrida |
| ro | som de barulho no mato |
| ko | som de nado |

| | |
|--------------------|-------------------------------------|
| tʃuk | som de batida na água |
| tolok | som de muita gente saindo da casa |
| putoro-toro | som de muita gente entrando na casa |
| palak | som de líquido caindo |
| tuk | som do sentar-se |
| teŋ | som de pintura |

(185) a. **rik** eneŋliŋmo man nento iganaptam tirik
 ONOM ver-REC-COL PART aqui em-cima-da-cabeça vermelha

polok man imo
 marca PART AUX
 ‘Vupt! E viram bem em cima da cabeça a marca vermelha’

b. **tʃok** eŋkwam-lan eŋkwam-li
 ONOM levantar-? levantar-REC
 Zás! Levantou, ele levantou.

3.10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo, apresentamos uma proposta de inventário para as classes de palavras, tratando das seguintes: *nome*, *verbo*, *advérbio*, *adjetivo*, *posposição*, *pronome*, *partícula* (incluindo-se aí as *conjunções*), *auxiliar*, *interjeição* e *ideofone*. Procuramos definir, além das classes, as subclasses existentes dentro de cada uma. Resta, entretanto, definir outras subclasses a partir de investigação específica para cada uma das classes inventariadas.

Os critérios utilizados levaram em conta, prioritariamente, o comportamento morfossintático das palavras, a morfologia flexional, a morfologia derivacional e as funções sintáticas desempenhadas por elas na sentença e em seus constituintes. Com isso, espera-se ter fornecido informações relevantes para a compreensão dos temas a serem discutidos nos capítulos que seguem.

4

O VERBO NA ORAÇÃO INDEPENDENTE: MARCAÇÃO DAS FUNÇÕES SINTÁTICAS NUCLEARES E ORDEM

O objetivo deste capítulo é oferecer uma descrição para o comportamento morfossintático do verbo na oração independente, discutindo, particularmente, as formas de marcação das funções sintáticas nucleares e periféricas (obliquas) e as possíveis ordens do verbo e de seus argumentos. Para efetuar a análise da ordem em Ikpeng, partir-se-á da proposta feita por D. Payne (1990) para o Yágua, língua falada no Peru e que apresenta muitas semelhanças estruturais com a língua aqui estudada.

O capítulo está assim dividido: na seção 4.1, apresentamos o referencial empregado para o estudo da marcação das funções sintáticas nucleares; na seção 4.2, discutimos a marcação das funções **Sa** e **So**, encontradas nos verbos intransitivos; na seção 4.3, demonstramos as formas de codificação das funções **A** e **O** nos verbos transitivos; na 4.4, as funções do dativo; na 4.5, apresentamos uma análise para a ordem nas orações verbais independentes, defendendo a hipótese de que o Ikpeng é uma língua V-inicial; na 4.6, apresentamos nossas considerações finais.

4.1. FUNÇÕES SINTÁTICAS NUCLEARES E MARCAÇÃO DE CASO

Dixon (1979, 1989 e 1994) propõe um inventário de funções sintáticas que podem ser assumidas pelos argumentos verbais. A proposta do autor tenta oferecer um mecanismo descritivo para a Marcação de Caso nas línguas naturais:

- (186) **S**= sujeito de verbos intransitivos;
 A= sujeito de verbos transitivos;
 O= objeto de verbos transitivos.

A categoria **S** pode ser subdividida em outras duas: **Sa**, quando **S** se comporta como **A**; **So**, quando **S** se comporta como **O**. Esse fenômeno que Dixon denomina *Split-S* (Cisão de **S**) é encontrado em línguas classificadas como tipologicamente *ativo-estativas*. Idéia semelhante é defendida por Merlan (1985), que chama essa cisão de intransitividade cindida (*Split intransitivity*).

Mostraremos, a seguir, que a categoria dos intransitivos em Ikpeng apresenta uma cisão morfológica, que será defendida como traço central na definição do Ikpeng como língua ativa ou ativo-estativa (para esta noção, cf. Seki, 1990 e 2000; Klimov, 1974). Para nossos fins, empregaremos os rótulos propostos por Dixon (1979 e 1994).

4.1.1. Argumentos não-nucleares

Numa oração, são encontrados SNs que não desempenham nem ocupam nela uma função ou posição central. A esses argumentos, designamos não-nucleares ou periféricos. Em Ikpeng, como em outras línguas, eles são marcados por posposições, que funcionam como marcadoras dos casos não-nucleares: dativo, instrumental, comitativo, locativo, alativo, ilativo etc. Sintaticamente, essas construções (SPs) ocupam a periferia direita da oração, posição não marcada, mas também podem ocorrer no início ou no meio da oração, entre o verbo e seu objeto. Para Andrews (1985), os argumentos oblíquos, considerados por nós periféricos, são internos à oração básica, apesar de não serem nucleares, e, pelo que tudo indica, não se encontram no centro da oração básica. Dessa forma, tanto os SPs quanto os advérbios são adjuntos, sendo sua posição não marcada a periferia direita da oração.

4.2. ORAÇÃO INTRANSITIVA

Estamos chamando de *intransitiva* à oração que contém um verbo intransitivo, isto é, um verbo que apresenta um único argumento. Tomando-se como critério as séries de prefixos pessoais encontradas no verbo intransitivo, a oração intransitiva pode ser dividida em dois tipos: a) *ativa/Sa*, quando contém um verbo intransitivo com argumento **Sa**; e b) *inativa/So*, quando possui um verbo intransitivo com argumento **So**.

4.2.1. Oração intransitiva ativa/Sa

Estamos chamando de intransitiva ativa à oração que apresenta um verbo intransitivo ativo no seu núcleo. Esse verbo apresenta um único argumento, que na nomenclatura de Dixon seria um argumento **Sa**. Note-se que esses verbos recebem os prefixos da Série I, que marcam a função **Sa**:

- | | | | |
|----------|----------------|----------------|-----------------------------|
| (187) a. | k-aranme-li | | ‘Eu corri’ |
| | 1Sa-correr-REC | | |
| b. | aŋpi | Ø-aranme-li | ‘O menino correu’ |
| | menino | 3Sa-correr-REC | |
| c. | k-arep-li | | ‘Eu cheguei’ |
| | 1Sa-chegar-REC | | |
| d. | aŋpi | Ø-arep-li | ‘O menino chegou’ |
| | menino | 3Sa-chegar-REC | |
| e. | k-arar-i-li | | ‘Eu fui’ |
| | 1Sa-ir-REC | | |
| f. | aŋpi | Ø-eroli | ‘O menino foi para o posto’ |
| | menino | 3Sa-ir-REC | posto para |

| | | | |
|-------|---------------------------------------|------------------------------------|-------------------|
| | b. yaginumli 3So-chorar-REC | kirimnole cedo | aŋpi menino |
| | c. aranmeli 3Sa-correr-REC | aŋpi menino | kirimnole cedo |
| | | 'Cedinho o menino já corria' | |
| | d. aranmeli 3Sa-correr-REC | kirimnole cedo | aŋpi menino |
| | ii) <i>Verbo em 2ª P</i> | | |
| (190) | a. aŋpi menino | yaginumli 3So-chorar-REC | kirimnole cedo |
| | b. kirimnole cedo | yaginumli 3So-chorar-REC | Aŋpi menino |
| | c. aŋpi menino | aranmeli 3Sa-correr-REC | kirimnole cedo |
| | d. kirimnole cedo | aranmeli 3Sa-correr-REC | aŋpi menino |

Consideramos as ordens encontradas em (190) pragmaticamente marcadas. Dessa forma, as orações em (189a e 189c) apresentariam uma ordem não marcada.

As orações nas quais o verbo não ocorre em primeira ou segunda posição são agramaticais:

| | | | |
|-------|------------------------|----------------|------------------------------------|
| (191) | a. * kirimnole cedo | aŋpi menino | yaginumli 3So-chorar-REC |
| | b. * kirimnole cedo | aŋpi menino | aranmeli 3Sa-correr-REC |

Partindo dos testes efetuados com advérbios temporais, podemos observar que a língua não permite que o verbo fique em outra posição que não seja a inicial da oração. Isso pode ser atestado também com os SPs, conforme será mostrado na seção 4.5.3.

4.3. ORAÇÕES TRANSITIVAS

Estamos designando transitivas as orações que apresentam um verbo com dois argumentos: um deles **A**, que corresponde ao sujeito lógico, e outro **O**, que corresponde ao objeto lógico. A realização dos argumentos dos verbos transitivos não é obrigatória, podendo eles ser elididos ou substituídos pelo pronome zero (representado por *pro* ou [Ø]). Quando a primeira, a segunda ou a primeira pessoa inclusiva estão envolvidas, elas ocorrem marcadas no verbo através do prefixo pessoal, sendo desnecessária a sua realização como pronome livre:

- (192)
- | | | |
|-----------------------------|-------------------------------|----------|
| A | V | O |
| a. petkom | Ø-arimtoŋ-lî | wot |
| mulher | 3A3O-cozinhar-REC | peixe |
| ‘A mulher cozinhou o peixe’ | | |
| O | A/O_{PREF} - V | |
| b. wot | y-arimtoŋ-lî | |
| peixe | 1A3O-cozinhar-REC | |
| ‘Eu cozinhei o peixe’ | | |
| A | V | O |
| c. pomri | Ø-eneŋ-lî | tae |
| rapaz | 3A3O-ver-REC | macaco |
| ‘O rapaz viu o macaco’ | | |
| A_{PREF} - V | O | |
| d. y-eneŋ-lî | tae | |
| 1A3O-ver-REC | macaco | |
| ‘Eu vi o macaco’ | | |
| O_{PREF} - V | A | |
| e. g-eneŋ-lî | tae | |
| 3A1O-ver-REC | macaco | |
| ‘O macaco me viu’ | | |
| A | V | O |
| f. torepantem | Ø-eneŋ-lî | [Ø] |
| rapaz | 3A3O-ver-REC | |
| ‘O aluno o viu’ | | |

| | | |
|-------------|--------------|-----|
| A | V | O |
| g. [Ø] | Ø-eneŋ-lɨ | [Ø] |
| | 3A3O-ver-REC | |
| ‘Ele o viu’ | | |

Diante do exposto, pode-se afirmar que o Ikpeng se encontra entre as línguas que permitem o apagamento tanto de A quanto de O, aqui representado pela notação [Ø], diferentemente de línguas que preenchem as posições argumentais com pronomes livres, como o inglês. Não foram realizados testes contrastando a presença e a ausência dos pronomes pessoais nas orações independentes.

4.3.1. Marcação das funções sintáticas nucleares

Em Ikpeng, o caso é identificado não por marcas encontradas nos nominais (“flexões de caso”, para Dixon, 1994: 40), mas através de afixos encontrados nos verbos e nos auxiliares. Dixon (1994) classifica essa estratégia de *cross-referencing* (Dixon, 1994: 43).

Em Ikpeng, como em outras línguas, faz-se necessário separar a marcação de caso envolvendo a primeira, a segunda e a primeira pessoa inclusiva da marcação envolvendo a terceira, pois entra em jogo uma hierarquia de pessoas, que privilegia a primeira, a segunda e a primeira inclusiva. No entanto, em alguns casos, a marcação privilegia não a pessoa envolvida, mas sua função sintática. Assim, deve-se sempre levar em conta tanto a pessoa como a função sintática marcada.

Quando está envolvida a primeira pessoa, marca-se 1A se a relação for 1A3O, marca-se 1O quando a relação for 3A1O. Na relação 1A2O, marca-se 1A:

- | | | | |
|-------|------------------------------|--------------|--------------------|
| (193) | a k-ineŋ-lɨ 1A2O-ver-REC | ‘Eu vi você’ | (marcação: 1A=1Sa) |
| | b. y-eneŋ-lɨ 1A3O-ver-REC | ‘Eu o vi’ | (marcação: 3O=3So) |

c. g-eneŋ-lĩ ‘Ele me viu’ (marcação: 1O=1So)
 3A1O-ver-REC

Assim, há casos onde O=So (em (b) e em (c)) e há um caso onde A=Sa (como em (a)). No caso da primeira pessoa, há uma cisão: às vezes se marca A, às vezes O. Quando se trata da segunda pessoa, marca-se 2A na relação 2A3O, e 2O na relação 3A2O. Na relação 2A1O, marca-se o inclusivo:

- (194) a. ugw-eneŋ-lĩ ‘Você me viu’ (marcação: 2A1O=1+2So)
 2A1O-ver-REC
- b. m-eneŋ-lĩ ‘Você o viu’ (marcação: 2A=2Sa)
 2A3O-ver-REC
- c. o-eneŋ-lĩ ‘Ele te viu’ (marcação: 2O=2So)
 3A2O-ver-REC

Nos casos acima, a marcação de A só ocorre quando há a relação 2A3O, situação em que se marca 2A, caso se exclua a marcação inclusiva em (a). Dessa forma, seguindo Dixon (1994), pode-se afirmar que, quando estão envolvidas a 1ª e a 2ª pessoas, a língua se comporta como *S-cindida*.

Entretanto, quando estão envolvidos apenas nominais, a língua apresenta uma cisão, condicionada pelo tipo de radical transitivo, havendo alguns radicais que marcam O=So e outros que marcam A=Sa, sendo este último tipo o mais encontrado:

- (195) a. aŋpi Ø-aranme-lĩ (Sa)
 menino 3Sa-correr-REC
 ‘O menino correu’
- b. aŋpi y-aginum-lĩ (So)
 menino 3So-chorar-REC
 ‘O menino chorou’
- c. pomri Ø-eneŋ-lĩ tae (A=Sa)
 rapaz 3A3O-ver-REC macaco
 ‘O rapaz viu o macaco’

d. pomri i-wonj-lí tae (O=So)
 rapaz 3A3O-encontrar-REC macaco
 ‘O rapaz encontrou o macaco’

A partir disso, pode-se concluir que o tipo de radical condiciona a marcação da função sintática do SN, que ora se comporta como **Sa**, ora como **So**.

Os SNs em função **Sa**, **So** e **A** ocorrem antes ou depois do verbo, e o SN em função **O** ocorre, geralmente, após o verbo, podendo haver outro constituinte entre **V** e **O**. Dessa forma, é difícil verificar se o Ikpeng marca o caso via ordem dos constituintes, como é observado em outras línguas Karib, que apresentam ou uma ordem ergativa, com **S** e **O** em posição pré-verbal (**SV/OVA**), ou nominativa, com **S** e **A** em posição pré- ou pós-verbal (**SV/AOV** ou **VS/OVA**)⁵⁹:

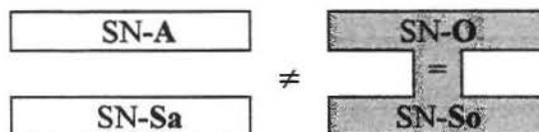
- (196) a. Ø-aranme-lí **anjpi** [V Sa]
 3Sa-correr-REC menino
 ‘O menino correu’
- b. **anjpi** Ø-aranme-lí [Sa V]
- c. y-aginum-lí **anjpi** [V So]
 3So-chorar-REC menino
 ‘O menino chorou’
- d. **anjpi** y-aginum-lí [So V]
- e. Ø-enej-lí **pomri tae** [V A O]
 3A3O-ver-REC rapaz macaco
 ‘O rapaz viu o macaco’
- f. **pomri** Ø-enej-lí **tae** [A V O]

O esquema abaixo mostra como fica a marcação quando há apenas nominais envolvidos (a parte escurecida significa marcado da mesma forma, as claras, de forma diferente):

⁵⁹ Cf. Derbyshire, 1999. Esse aspecto será rediscutido no capítulo 8.



• *Grupo 1*: verbos transitivos com marcação **A=Sa**: {**enen**} ‘ver’; {**etpu**} ‘cortar ao meio’; {**erenmî**} ‘matar (com borduna)’; {**arimton**} ‘cozinhar’.



• *Grupo 2*: verbos transitivos com marcação **O=So**: {**poŋ**} ‘encontrar’; {**pakore**} ‘cortar (cabelo)’; {**wot**} ‘matar (com flecha)’; {**am**} ‘construir’.

Diante do exposto, apresentamos as seguintes generalizações:

- 1) a língua apresenta cisões condicionadas pelo tipo de pessoa envolvida na relação gramatical, havendo cisões tanto na primeira quanto na segunda pessoa. Assim, na relação de 1 vs. demais pessoas, marca-se 1, exceto quando está envolvida a terceira na função O; na relação 2 vs. demais pessoas, marca-se 2, exceto quando 2 é objeto na relação IA2O. Nesse caso, a língua se comporta como S-cindida;
- 2) quando envolve SNs lexicais, a língua apresenta um tipo de marcação condicionada pelo tipo de lexema, sendo que algumas vezes A aparece ligado a Sa, com A não marcado; e outras, onde A aparece relacionado a So, com O marcado ($A=Sa \neq So$; $O=So \neq Sa$)⁶⁰. Portanto, A é o caso morfológicamente não marcado, como ocorre com Sa. Partindo disso, podemos afirmar que, em construções com nominais, o Ikpeng se comporta como língua nominativa, marcando O (acusativo).

4.3.2. Função do prefixo {t-} nas orações transitivas

Alguns verbos transitivos apresentam uma marca prefixada na mesma posição em que se prefixam os marcadores de pessoa: a marca {t-}. Conforme mostramos no capítulo

⁶⁰ Leia-se: A é marcado como Sa e So é marcado diferente; O é marcado como So e Sa é marcado diferente (proposta de representação feita por Dixon, 1994: 109).

3, não sabemos ao certo a verdadeira função desse afixo. Entretanto, levantamos as seguintes hipóteses, que necessitarão ser confirmadas com mais dados:

- i) a marca {t-} indica a relação 3A3O, podendo ser derivada do prefixo *n(i)-, que indica 3A3O no proto-Karib⁶¹;
- ii) sua ocorrência é restrita a um conjunto de verbos que, em vez de marcar A, marcam O;

Vejam-se os exemplos abaixo:

- (198) a. ugwon t-ogu-lí itij tariwe
homem 3-comer-REC muito beiju
'O homem comeu muito beiju'
- b. ugwon t-am-lí owro
homem 3-construir-REC casa
'O homem fez uma casa'
- c. i-wari-Ø t-wo-lí tae
1-amigo-POS 3-matar-REC macaco
'Meu amigo matou um macaco'
- d. petkom t-eru-lí anat aŋpi ina
mulher 3-dar-REC milho menino DAT
'A mulher deu milho para o menino'

Se a hipótese em (ii) for correta, então teríamos um conjunto finito de verbos transitivos com {t-}, constituindo-se numa idiosincrasia da língua. Se não for correta, deve-se pensar que esse prefixo marca algum tipo de relação sintático-semântica ainda não capturada por nós, como a obviação, ênfase no objeto, partitivo, animacidade etc. Deve-se testar se o prefixo {t-} e a marca {Ø-}, que indica A na relação 3A3O, podem alternar ou se são excludentes e, se o forem, verificar o porquê. Quanto à hipótese (i), ela foi levantada a partir da análise do Arara feita por S. Souza (1993), que classifica a forma /t-/, encontrada em verbos transitivos independentes, como alomorfe do prefixo de terceira

⁶¹ O prefixo *n(i)- foi reconstruído por Gildea (1998: 84).

transitiva (3A3O)⁶². Verificando a análise comparativa dos prefixos pessoais nas línguas Karíb realizada por Gildea (1999), observa-se que a forma /t-/ não foi atestada em outras línguas da família nesse contexto, sendo a marcação 3A3O indicada nas línguas analisadas pelo autor por um /n(i)-/. Por esse motivo, pensou-se em considerá-la, talvez, uma forma diacronicamente derivada do prefixo *n- do proto-Karíb, que em Ikpeng e em Arara teria perdido o traço [nasal]. Entretanto, essa hipótese se aplicaria apenas ao Ikpeng, que não apresenta em seu inventário de prefixos pessoais afixados a verbos transitivos independentes aquele {n-}, ainda encontrado em Arara nos verbos transitivos pertencentes a construções de natureza virtual (cf. S. Souza, 1993: 19)⁶³. Dessa forma, no caso do Arara, outras variáveis devem ser levadas em conta, caso se queira defender a hipótese diacrônica.

Descartamos que o prefixo {t-}, encontrado nos transitivos, seja o mesmo encontrado em outras classes, como o prefixo {ti-} nos nomes (seção 3.3.3.2.), o prefixo {t-} das construções denominalizadas via {-ke} (seção 3.4.1.), o prefixo geral das construções não-verbais que exigem pronomes livres realizados, e o {ti-} dos verbos nominalizados (seção 5.2.3.1.). Apesar de serem semelhantes e encontrados na mesma posição, isto é, prefixados, eles estabelecem relações diferentes quando afixados a verbos e a não-verbos. No entanto, não se descarta nem a possibilidade de serem todos derivados de uma mesma proto-forma, nem de que se trate do mesmo morfema com múltiplas funções.

Caso a hipótese diacrônica da origem do {t-} venha a ser comprovada, podemos confirmar a idéia de Gildea (1999: 87), que afirma não haver inter-relação entre *n(i)- (que pode ter originado o {t-} do Ikpeng) e os prefixos de terceira pessoa possessiva *y(i) (sincronicamente, o {i-} do Ikpeng) e o reflexivo de terceira (sincronicamente, o {ti-} prefixado a nomes, em Ikpeng). Certamente, o prefixo nominalizador de objeto {n-}

⁶² Sobre o prefixo {t-} (~ /ti-/ , diante de consoantes), afirma S. Souza (1993: 18): *Os alomorfes [de terceira transitiva: 3A3O] t̄ e t- ocorrem apenas com o verbo intransitivo ep “chegar” e os verbos transitivos og̃og̃ “morder”, ge “cortar” e wo “matar” (...). Estes alomorfes não ocorrem como possuidores de substantivos.*

⁶³ A autora considera virtual os seguintes contextos: frases interrogativas, frases permissivas e frases negativas.

encontrado nas relativas Ikpeng seria o único vestígio confirmado da presença do proto-prefixo *n(i)- na língua. A fim de chegar a uma análise satisfatória, portanto, será preciso efetuar testes para se verificar se há algo que os inter-relacione sincronicamente ou se estão diacronicamente inter-relacionados.

4.3.3. Ordem na oração transitiva

Os argumentos nucleares **A** e **O** ocupam as seguintes posições em relação ao verbo transitivo:

| | | | | |
|----------|---------------------------|---------------------------|------------------|--|
| | V | A | O | |
| (199) a. | Ø-eneŋ-lî 3A3O-ver-REC | Korotowî | akari onça | ‘Korotowî viu a onça’ |
| | A | V | O | |
| b. | Korotowî | Ø-eneŋ-lî 3A3O-ver-REC | akari onça | ‘Korotowî viu a onça’ |
| | O | V | A | |
| c. | kaneta | Ø-eneŋ-lî 3A3O-ver-REC | petkom mulher | ‘A mulher viu a caneta (sobre o banco)’ |

Note-se que, quando **O** é inanimado, como em (c), ele pode ocorrer antes do verbo, não havendo ambigüidade. Entretanto, se os dois argumentos forem animados, o argumento em função **O** não pode preceder nem ao verbo, nem ao argumento em função **A**:

| | | | |
|-------|-------------------------|--|------------------|
| (200) | A | V | O |
| a. | ogoy cobra | Ø-etpo-ta-tke-lî 3A3O-morder-?-ITER-REC | Karane Karane |
| | ‘A cobra mordeu Karané’ | | |
| | O | V | A |
| b. | * Karane | Ø-etpo-ta-tke-lî 3A3O-morder-?-ITER-REC | ogoy |

| | | |
|---------------------------|-------------|----------|
| A | V | O |
| c. Korotowĩ | t-wo-lĩ | tae |
| Korotowĩ | 3-matar-REC | macaco |
| ‘Korotowĩ matou o macaco’ | | |

| | | |
|--------------|----------|----------|
| V | O | A |
| d. * t-wo-lĩ | tae | Korotowĩ |

Caso **O** e **A** sejam animados, a ordem determina as suas funções. Observe-se, nos exemplos abaixo, que ao preceder *Korotowĩ*, *akari* “onça” passou a desempenhar a função **A**:

| | | | |
|-----------------------|--------------|--------------|----------|
| | V | A | O |
| (201) a. | Ø-eneŋ-lĩ | akari | Korotowĩ |
| | 3A3O-ver-REC | onça | |
| ‘A onça viu Korotowĩ’ | | | |
| | A | V | O |
| b. | Akari | Ø-eneŋ-lĩ | Korotowĩ |
| | onça | 3A3O-ver-REC | |
| ‘A onça viu Korotowĩ’ | | | |

Conforme será mostrado adiante, nomes animados em função **O** só poderão ocorrer em posição pré-verbal se estiverem topicalizados.

Diante disso, a ordem **AOV**, encontrada em algumas línguas Karíb (Cf. Gildea, 1998: 60-61)⁶⁴, não é permitida em Ikpeng, visto que o verbo não pode ocorrer na terceira posição da oração, conforme o mostrado abaixo:

| | |
|--|--------------------------------|
| | [A O V] |
| (202) a. | * petkom kaneta Ø-eneŋ-lĩ |
| | mulher caneta 3A3O-ver-REC |
| ‘A mulher viu a caneta (em cima do banco)’ | |

⁶⁴ Gildea (1998: 60), citando Koehn e Koehn (1986), mostra que apesar de ser OVA, o Apalai apresenta a ordem AOV. Esta mesma ordem é encontrada no Caribe do Suriname, descrito por Hoff (1995, *apud* Gildea, 1998: 61).

[A O V]
 b. * pomri tae Ø-eneŋ-lĩ
 rapaz macaco 3A3O-ver-REC
 ‘O rapaz viu o macaco’

[A O V]
 c. * Korotowĩ tae t-wo-lĩ
 Korotowĩ macaco 3A3O-matar-REC
 ‘Korotowĩ matou o macaco’

Quando ocorrem advérbios na oração transitiva, ele não pode propiciar que o verbo ocupe outra posição que não seja a primeira ou a segunda. Vejam-se, abaixo, os exemplos com o advérbio *kĩrĩpnole* ‘cedo’:

- (203)

| | | | | | |
|-----------|----|--------------------|------------------|------------------|---------------------------|
| V A O ADV | a. | Ø-eneŋ-lĩ | pomri | akari | kĩrĩpnole |
| | | 3A3O-ver-REC | rapaz | onça | cedo |
| | | | | | ‘O rapaz viu a onça cedo’ |
| V A ADV O | b. | eneŋ-lĩ | pomri | kĩrĩpnole | akari |
| V ADV A O | c. | ? eneŋ-lĩ | kĩrĩpnole | pomri | akari |
| A V O ADV | d. | pomri | eneŋ-lĩ | akari | kĩrĩpnole |
| A V ADV O | e. | pomri | eneŋ-lĩ | kĩrĩpnole | akari |
| ADV V A O | f. | kĩrĩpnole | eneŋ-lĩ | pomri | akari |
| ADV A V O | g. | * kĩrĩpnole | pomri | eneŋ-lĩ | akari |
| A ADV V O | h. | * pomri | kĩrĩpnole | eneŋ-lĩ | akari |

A ordem em (c) aparece em construção dada por um falante, mas foi rejeitada por outro. Não parece ser uma ordem natural, apesar de parecer possível. Em textos, as ordens mais frequentes são *VAO* e *AVO*, estando o *ADV* no início da oração ou no final. Raramente o advérbio é encontrado no meio da oração. A mesma regra se aplica às

construções com posposição, conforme será mostrado a seguir, no item sobre a ordem nas orações com dativo.

Quando a construção envolve o pronome *tʃimna*, ele pode ocorrer na posição pré-verbal, juntamente com outro constituinte. É o único caso onde encontramos o verbo em terceira posição:

- (204) a. nelogon ke **tʃimna** Ø-anme-t talim
 ela com:POSP nós-exc 3A3O-caçar-NPAS passarinho
 ‘Com ela, nós matamos passarinho’
- b. ore|n| logon **tʃimna** Ø-ak-tʃi atʃagotpop
 este mesmo nós-exc 3A3O-comer-NPAS sempre
 ‘Este (peixe) nós comemos sempre’
- c. pawra **tʃimna** Ø-ak-tatke-li eraɣron
 tamanduá nós-exc 3A3O-comer-ITER-REC antigamente
 ‘Antigamente nós comíamos tamanduá bandeira’

Nossa análise para a posição de *tʃimna* é de que, apesar de ser um pronome independente, ele se cliticiza ao verbo, ocorrendo em posição pré-verbal, formando com o verbo um único constituinte. Uma outra análise seria considerar que o constituinte inicial está fora da oração e não interfere na posição do verbo e dos demais constituintes:

- (205) a. nelogon ke [[**tʃimna**= anme-t] talim]
 ela com:POSP nós-exc matar-NPAS] passarinho
 ‘Com ela, [[nós=matamos] passarinho]’

4.3.4. Foco e posição pré-verbal

Os argumentos na função **A** e **O** podem estar em *foco*. Isso pode explicar as construções onde o argumento ocorre pré-verbalmente. Com isso, defendemos a hipótese de que a ordem não marcada é **VAO**, sendo as ordens **AVO** e **OVA** pragmaticamente

marcadas. O teste empregado para demonstrar a nossa hipótese é a negação de constituinte⁶⁵:

| | | | | |
|-------|--|----------------|----------|------------|
| | <i>A-foco</i> | V | O | |
| (206) | a. Tɕilɛni | Ø-etɕilɛ | kaneta | |
| | Cilene | 3A3O-pegar-REC | caneta | |
| | ‘Foi Cilene quem comprou a caneta’ | | | |
| | <i>A-foco</i> | V | O | NEG |
| | b. Tɕilɛni | Ø-etɕilɛ | kaneta | ɪgemni |
| | Cilene | 3A3O-pegar-REC | caneta | NEG-C |
| | ‘Não foi Cilene quem comprou a caneta’ | | | |
| | <i>O-foco</i> | V | A | |
| | c. kaneta | Ø-etɕi-lɛ | Tɕilɛni | |
| | caneta | 3A3O-pegar-REC | Cilene | |
| | ‘Foi caneta que Cilene comprou’ | | | |
| | <i>O-foco</i> | V | A | NEG |
| | d. kaneta | Ø-etɕi-lɛ | Tɕilɛni | ɪgemni |
| | caneta | 3A3O-pegar-REC | Cilene | NEG-C |
| | ‘Não foi caneta que Cilene comprou’ | | | |

Outro contexto onde encontramos ordem pragmaticamente marcada são as sentenças interrogativas. Cada quadro abaixo contém perguntas e respostas onde o argumento está em foco:

| | | | |
|-------|--|---------------|------------|
| (207) | a. onok Ø-enem-po | Ikpɛŋ ukutpot | Kumare ɪna |
| | quem 3A3O-ver-CAUS | Ikpɛŋ foto | Kumaré DAT |
| | ‘Quem mostrou foto dos Ikpɛŋ para Kumaré?’ [PERG] | | |
| | b. Iokore Ø-enem-po-lɛ | eŋ-na | |
| | Iokoré 3A3O-ver-CAUS-REC | 3-DAT | |
| | ‘Iokoré mostrou para ele’ | | |
| | c. Iokore Ø-enem-po-lɛ | Ikpɛŋ ukutpot | Kumare ɪna |
| | Iokoré 3A3O-ver-CAUS-REC | Ikpɛŋ foto | Kumaré DAT |
| | ‘Iokoré mostrou foto dos Ikpɛŋ para Kumaré’ [RESP] | | |

⁶⁵ O radical verbal {et} significa ‘pegar’, ‘tirar’. O significado ‘comprar’ é uma extensão do uso causada pelo contato e, conseqüentemente, pelo comércio realizado nas cidades e com os outros grupos.

d. Ø-enem-po-li Ikpeṅ ukutpot
3A3O-ver-CAUS-REC Ikpeṅ foto
'Ele mostrou foto dos Ikpeṅ'

e. Ø-enem-po-li Kumare ina
3A3O-ver-CAUS-REC Kumare DAT
'Ele a mostrou para Kumare' [AFIRM]

(208) a. ari Ø-enem-po Iokore Kumare ina
o que 3A3O-ver-CAUS Iokore Kumare DAT
'O que Iokore mostrou para kumare?' [PERG]

b. Ikpeṅ ukutpot Ø-enem-po-li
Ikpeṅ foto 3A3O-ver-CAUS-REC
'Foto dos Ikpeṅ (foi o que) ele mostrou' [RESP]

(209) a. onok ina Ø-enem-po Iokore Ikpeṅ ukutpot
quem DAT 3A3O-ver-CAUS Iokore Ikpeṅ foto
'Para quem Iokore mostrou foto dos Ikpeṅ?' [PERG]

b. Kumare ina Ø-enem-po-li
Kumare DAT 3A3O-ver-CAUS-REC
'Foi para Kumare' [RESP]

(210) a. ari wok Ø-enem-po-li
que em 3A3O-ver-CAUS-REC
'Quando ele mostrou?' [PERG]

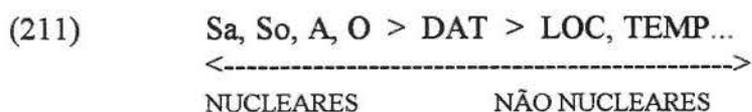
b. mupok Ø-enem-po-ang
ontem 3A3O-ver-CAUS-REM
'Ontem ele mostrou' [RESP]

c. otumunto Ø-enem-po-li
onde 3A3O-ver-CAUS-REC
'Onde ele mostrou?' [PERG]

d. timamin parap
trabalho no:LOC
'No trabalho dele' (de quem mostrou) [RESP]

4.4. FUNÇÕES DO DATIVO NA ORAÇÃO INDEPENDENTE

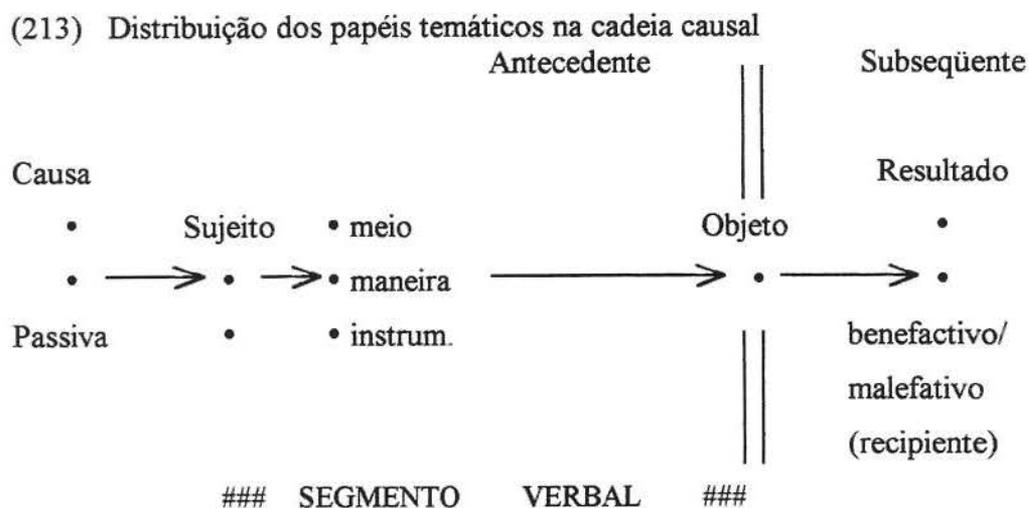
O dativo é considerado em nossa análise uma função sintática intermediária entre as nucleares e as não-nucleares locativas e temporais. Baseando-nos na proposta de Andrews (1985), propomos uma hierarquia, envolvendo as funções sintáticas nucleares e não nucleares, onde o dativo é visto como intermediário entre os dois polos funcionais nuclear × não nuclear:



Semelhantemente, Croft (1991), ao demonstrar sua teoria da causalidade, propõe uma hierarquia para as relações gramaticais:



O dativo (benefactivo) seria o subseqüente, na proposta do autor (p. 185), por seguir, em sua teoria da causalidade, o objeto na cadeia causal, diferentemente do antecedente, que não faz parte dessa mesma cadeia. Para explicar como funciona a hipótese da ordem causal, o autor propõe o seguinte esquema:



Veja-se como o autor (p. 186) organiza sua proposta:

Hipótese da ordem causal: A hierarquia de relações gramaticais $SUJ > OBJ > OBL_{subseqüente}$ corresponde à ordem de participação na cadeia causal. (Marcas de caso oblíquo antecedente são usadas para indicar que o SN oblíquo não participa da cadeia causal como prevê a hierarquia.)

Papéis subseqüentes: benefactivo, recipiente, resultado.

Papéis antecedentes: instrumental, maneira, meio, comitativo, agente da passiva, ergativo, causa.

Apesar de Andrews (1985) não apresentar as funções sintáticas dentro de uma hierarquia, observa-se que utiliza o mesmo critério ao separá-las em três categorias: nucleares, oblíquas e periféricas. Atente-se para o fato de que “periférica”, para o autor, está para as noções de “tópico” ou “deslocamento à esquerda ou direita”.

4.4.1. A posposição dativa

O dativo é codificado gramaticalmente através da posposição dativa {ina}.

A forma lexical da posposição é {ina}, podendo ter o primeiro segmento apagado quando: a) prefixa-se à primeira pessoa {i-}: /i-ina/ → [ina] (o segmento /i/ subjacente está indicado pelas barras verticais: ‘|’); b) após as vogais: anpi ina → [anpi na], sendo esta última possibilidade opcional.

O SP dativo é encontrado quando há a necessidade de expressar um argumento diferente de S ou de A, mas próximo a O. Pode-se chamar o objeto da posposição dativa de O₂ (segundo objeto) quando ocorre nas orações transitivas. Entretanto, alertamos para o fato de ela ser, também, a forma pela qual se expressa o argumento que experiencia um fato, como se vê nas orações não verbais com adjetivos, conforme se pode observar nos exemplos abaixo:

- (214) a. petkom t-eru -li polatʃa [angpi ina]
Mulher 3-dar-REC bolacha menino DAT
‘A mulher deu bolacha para o menino’

b. petkom t-eru-lî polatʃa [eŋ-na]⁶⁶
mulher 3-dar-REC bolacha 3-DAT
‘A mulher deu bolacha para ele’

c. petkom t-eru-lî polatʃa [ɨ-ɨna]
mulher 3-dar-REC bolacha 1-DAT
‘A mulher deu bolacha para mim’

d. [Maria ɨna] karake ugun
Maria DAT bonito ele
‘Maria gosta dele’ (=‘Para Maria ele é bonito’)

4.4.2. Função do Dativo na oração intransitiva

Em orações com verbos intransitivos, a posposição dativa indica direção, destino:

(215) a. *um falante pergunta para outro:*

F1- atʃina omro-ŋmo
para onde você-PL
‘Para onde vocês vão?’

b. *o outro responde:*

F2- [yay ɨna] tʃimna
madeira/lenha DAT nós-EXC
‘Nós vamos buscar madeira’

c. tʃimna waymɨn Ø-ero-lî [egak ɨna]
nosso-EXC cunhado 3Sa-ir-REC buruti para
‘Nosso cunhado foi buscar palha de buruti’ (isto é, ‘na direção do buruti’)

d. [g-amto ɨna] m-arami-lî
1-namorada DAT 2Sa-olhar-REC
‘Você olhou para a minha namorada’ (isto é, ‘na direção dela’)

e. petkom Ø-aranme-tke-lî [aŋpi ɨna]
mulher 3Sa-correr-ITER-REC menino DAT
‘A mulher correu atrás do menino’ (isto é, ‘na direção do menino’)

⁶⁶ O paradigma pessoal da posposição {ɨna} é: a) *ɨna* ‘para mim’; b) *ong-na* ‘para você’; c) *wɨna* ‘para nós (INC)’; d) *eng-na* ‘para ele’; e) *ong-na-ngne* ‘para vocês’; f) *eng-na-ngne* ‘para eles’.

4.4.3. Função do Dativo na oração transitiva

Na oração transitiva, o dativo indica o *recipiente* ou *beneficiário*.

- (216) a. petkom t-eru-lí anat [aŋpi ina]
mulher 3-dar-REC milho menino DAT
'A mulher deu milho para o menino'
- b. y-anmetpo-lí inenpatu [Tʃileni ina]
1A3O-mandar-REC caderno Cilene DAT
'Eu mandei o caderno para a Cilene'
- c. aŋpi imate-lí atʃi [petkom ina]
menino acender-REC fogo mulher DAT
'O menino acendeu o fogo para a mulher'

4.4.4. O dativo e a codificação do *causee*

O dativo é o papel gramatical assumido pelo *causee* nas orações causativas de base transitiva, isto é, quando o verbo causativizado é um transitivo (bi-argumental):

- (217) a. A V O
a. aŋpi Ø-apkore-lí wayo
menino 3-quebrar-REC cuia
'O menino quebrou a cuia'
- b. A_{CAUSER} V O₁ O_{2CAUSEE}
b. emangatkuri Ø-apkot-metpo-lí wayo [aŋpi ina]
moça jovem 3A3O-quebrar-CAUS-REC cuia menino DAT
'A menina fez o menino quebrar a cuia'

4.4.5. Posição do dativo nas orações transitivas

O dativo, como os demais SPs, ocupa posições relativamente livres na sentença, sendo-lhes imposta apenas uma restrição: não podem “forçar” o verbo a ocupar uma posição diferente da primeira ou segunda:

- (218)
- | | | | | |
|------------------------------------|-------------------------------|-----------------------|-------------------------------|-------------------------------|
| a. | petkom mulher | t-eru-lî 3-dar-REC | anat milho | aŋpi ina menino DAT |
| ‘A mulher deu milho para o menino’ | | | | |
| b. | petkom mulher | t-eru-lî 3-dar-REC | aŋpi ina menino DAT | anat milho |
| c. | anat milho | t-eru-lî 3-dar-REC | petkom mulher | aŋpi ina menino DAT |
| d. | t-eru-lî 3-dar-REC | petkom mulher | anat milho | aŋpi ina menino DAT |
| e. | t-eru-lî 3-dar-REC | petkom mulher | aŋpi ina menino DAT | anat milho |
| f. | aŋpi ina menino DAT | t-eru-lî 3-dar-REC | petkom mulher | anat milho |

As ordens abaixo não são permitidas porque o verbo está ocupando a terceira posição:

- (219)
- | | | | | |
|----|--------------------------|------------------------|-----------------------|------------------|
| a. | * aŋpi ina menino DAT | petkom mulher | t-eru-lî 3-dar-REC | anat milho |
| b. | * petkom mulher | aŋpi ina menino DAT | t-eru-lî 3-dar-REC | anat milho |
| c. | * anat milho | aŋpi ina menino DAT | t-eru-lî 3-dar-REC | petkom mulher |

Quando o DAT é posicionado entre o verbo e o sujeito, a sentença é considerada agramatical para alguns falantes:

- (220)
- | | | | | |
|----|---------------------------|------------------------|------------------|---------------|
| d. | * ? t-eru-lî 3-dar-REC | aŋpi ina menino DAT | petkom mulher | anat milho |
|----|---------------------------|------------------------|------------------|---------------|

A hipótese que melhor explicaria a impossibilidade ou a raridade da construção acima seria o fato de que o verbo e o sujeito precisam ficar, preferencialmente, adjacentes. Esse é um dos aspectos a serem investigados futuramente em Ikpeng.

4.5. POSIÇÃO DO VERBO E SEUS ARGUMENTOS: ALGUMAS GENERALIZAÇÕES

Nos itens acima, observou-se que o verbo Ikpeng, nas orações independentes, ocupa a primeira ou segunda posição, havendo restrições quanto ao seu posicionamento na terceira posição. Em testes efetuados com advérbios e sintagmas posposicionais, observou-se que eles não podem favorecer a ocorrência do verbo em terceira posição. Abaixo, apresentamos um quadro com as possíveis ordens de constituintes (CONST) dentro da oração independente (observe-se que o constituinte 'X' é um adjunto):

(221) Possíveis ordens na oração independente

| TIPO DE ORAÇÃO | CONST 1 | CONST 2 | CONST 3 | CONST 4 |
|----------------------------|---------|---------|---------|---------|
| <i>Oração Transitiva</i> | X | V | A | O |
| | A | V | O | X |
| | A | V | X | O |
| | O | V | A | X |
| | V | A | X | O |
| | V | A | O | X |
| | ? V | X | A | O |
| | ? V | O | A | (X) |
| <i>Oração Intransitiva</i> | S | V | X | |
| | X | V | S | |
| | V | S | X | |
| | V | X | S | |

Diante disso, formulam-se as seguintes generalizações sobre a posição do verbo e seus argumentos na oração independente:

(222) GENERALIZAÇÕES SOBRE A ORDEM NA ORAÇÃO INDEPENDENTE

i) **Ordem e posição do verbo em Ikpeng:**

O Verbo ocupa sempre a primeira ou a segunda posição da oração independente.

ii) **Ordem e posição dos argumentos verbais na oração intransitiva:**

O argumento Sa/So pode ocorrer antes ou depois do verbo.

iii) **Ordem e posição dos argumentos verbais na oração transitiva:**

a) *O argumento na função A precede o argumento na função O;*

b) *O argumento O só precede A caso não haja ambigüidade, sendo o primeiro inanimado ou animado não-humano e o segundo animado ou humano;*

c) *O argumento A ocorre adjacente ao Verbo da oração.*

iv) **Posição dos adjuntos:**

O adjunto pode ocorrer em qualquer posição da oração, contanto que:

a) não impeça o verbo de ocupar a primeira ou segunda posição da oração;

b) não se interponha entre o verbo e seu sujeito.

Por conseguinte, teremos as seguintes possibilidades de ordem:

a) Orações intransitivas: **VS ~ SV**

b) Orações transitivas: **VAO ~ AVO ~ OVA**

Os constituintes pré-verbais, inclusive os advérbios e sintagmas posposicionais, são considerados pragmaticamente marcados, sendo o foco da informação. Portanto, as ordens **VS/VAO** são consideradas básicas, no sentido de que são não marcadas. Ao apresentar a ordem em várias línguas Karíb, Derbyshire (1999: 55) afirma que o padrão básico não é primariamente a frequência de ocorrências, mas o fato de que as ordens alternantes podem ser explicadas como pragmaticamente marcadas. Mithun (1987) afirma que um dos critérios para determinar a ordem de uma língua é a seleção da ordem menos marcada pragmaticamente, isto é, aquela que pressupõe o mínimo. Ela sugere que as sentenças pragmaticamente mais neutras são as que iniciam um discurso (*discourse-initial*), visto que não há contexto lingüístico precedente para estabelecer informação. No capítulo 8, serão discutidos aspectos tipológicos relacionados à ordem em Ikpeng.

4.6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo apresentamos o comportamento morfossintático do verbo na oração independente, mostrando que: a) o verbo ocupa a primeira ou segunda posição da oração; b) nas construções intransitivas, o SN em função **S** pode vir antes ou depois do verbo intransitivo; c) nas construções transitivas, o SN em função **A** precede o SN em função **O**, podendo **O** vir antes de **A** apenas nos casos que não gerem ambigüidade, ou seja, quando **O** é inanimado ou animado não-humano; d) nas construções com Dativo, que é expresso através de um SP, ele não pode ocorrer em posições que impeçam o verbo de ocupar a primeira ou segunda posição. Mostrou-se, ademais, que as posições pré-verbais são pragmaticamente marcadas, estando os SNs nessa posição enfatizados, isto é, em foco.

Em futuras pesquisas, os aspectos discutidos serão retomados, principalmente os relacionados à marcação das funções sintáticas nucleares e à marcação do foco e do tópico oracionais.

5

O VERBO NAS ORAÇÕES REFLEXIVAS E CAUSATIVAS

O objetivo deste capítulo é apresentar uma descrição morfossintática para as orações reflexivas e para as orações causativas, mostrando quais mecanismos gramaticais a língua emprega para formar verbos causativos, derivados via aumento de valência, e verbos reflexivos, formados via redução da valência verbal. Esses processos envolvem uma morfologia complexa, que indica o tipo de função adicionada ou subtraída. Tudo isso, em conjunção com a morfologia flexional, que indica ou não a mudança de caso da construção resultante.

Para subsidiar nossa análise, seguimos Comrie (1989), Kemmer (1993), Croft (1991), Givón (1990 e 1995), Dixon (1991 e 1994), Miller (1994), Meira (1999) e Gildea (1998), entre outros.

5.1. ORAÇÕES REFLEXIVAS⁶⁷

As orações reflexivas foram divididas em três grupos:

- I) Reflexivas intransitivas;
- II) Reflexivas transitivas (diretas)⁶⁸;
- III) Reflexivas oblíquas.

⁶⁷ O termo reflexivo está sendo empregado aqui com referência a um verbo ou construção onde o sujeito e o objeto remetem à mesma entidade (Crystal, 1988: 222).

⁶⁸ Givón (1990: 639) designa essas construções “reflexivas possessivas”.

As do primeiro grupo são identificadas pelos seguintes traços:

- a) apresentam um verbo intransitivo reflexivo, que é derivado de seu alternante transitivo via redução da valência, marcada pelo morfema reflexivo prefixado ao verbo;
- b) o sujeito da construção intransitiva desempenha a função **Sa**, recebendo, portanto, os prefixos da Série I-ativa.

As do segundo grupo apresentam os seguintes traços:

- a) apresentam um verbo transitivo e, portanto, não são derivadas via processo de mudança da valência;
- b) o objeto da construção transitiva recebe uma marca reflexiva (RN) que a interliga ao sujeito da oração, seu antecedente;
- c) semanticamente, o sujeito é o possuidor do objeto.

As do terceiro grupo apresentam um nominal com RN, que ocorre, porém, numa função não-nuclear (*obliqua*). Dessa forma, ele pode ocorrer em construções intransitivas, transitivas e naquelas não-verbais (com auxiliar), nas quais se encontra um nominal possuído em função oblíqua.

Abaixo, apresenta-se um quadro com as principais propriedades que identificam cada tipo de construção:

(223) Principais características dos tipos de Reflexiva

| TIPO DE ORAÇÃO REFLEXIVA | MORFOLOGIA REFLEXIVA | CATEGORIA PREFIXADA | ESTATUTO DERIVACIONAL DA CATEGORIA PREFIXADA | PREFIXOS PESSOAIS |
|---------------------------------|-------------------------|------------------------|--|--|
| <i>Reflexivas intransitivas</i> | Reflexivo verbal {ot-} | Verbos | Verbo intransitivo detransitivizado | No verbo: Série I - Sa |
| <i>Reflexivas transitivas</i> | Reflexivo nominal {ti-} | Nome em função nuclear | Não se aplica | No nome: Série II - So , quando envolve 1ª e 2ª pessoas |
| <i>Reflexivas obliquas</i> | Reflexivo nominal {ti-} | Nome em função oblíqua | Não se aplica | No nome: Série II - So , quando envolve 1ª e 2ª pessoas |

A seguir, discutimos cada tipo acima mencionado, mostrando que podem ser divididos em subtipos.

5.1.1. Orações reflexivas intransitivas

As orações reflexivas intransitivas podem ser divididas em dois outros tipos:

- A) Oração ativo-reflexiva;
- B) Oração médio-reflexiva.

As do tipo (A) contêm um argumento que representa uma entidade animada, a qual exerce um relativo controle da situação de que participa. As do tipo (B) contêm um argumento que representa uma entidade animada ou não, mas que difere da anterior por não ter o controle da situação, sendo totalmente afetada, no sentido de sofrer um processo que se dá em seu prejuízo, se animada, ou que a destitui de uma propriedade que a constitui, se inanimada.

5.1.1.1. Oração ativo-reflexiva

Observe-se, nos exemplos abaixo, que os SNs em função Sa representam entidades animadas que mantêm um certo grau de controle sobre a situação da qual participam:

- Oração Transitiva*
- (224) a. petkom Ø-eneŋ-lî aŋpi ‘A mulher viu o menino’
mulher 3A3O-ver-REC menino
- b. g-eneŋ-lî ‘Ele me viu’
3A1O-ver-REC
- c. y-eneŋ-lî ‘Eu o vi’
1A3O-ver-REC
- Oração ativo-reflexiva*
- (225) a. k- or- eneŋ -lî ‘Eu me vi’
1Sa-REF-ver-REC

(226) Proposta de organização lexical para os verbos de afetação

| FORMA TRANSITIVA | | FORMA INTRANSITIVA | |
|------------------|--|--------------------|---------------|
| a. /apkore/ | 'quebrar O' (O=objeto oval) | a'. /ar-apkore/ | 'quebrar-se' |
| b. /ikore/ | 'quebrar O' (O=objeto longo, comprido) | b'. /otf-ikore/ | 'quebrar-se' |
| c. /etpu/ | 'rachar O' | c'. /or-etpu/ | 'rachar-se' |
| d. /anpu/ | 'rasgar O' | d'. /ar-anpu/ | 'rasgar-se' |
| e. /ampuke/ | 'estourar O' | e'. /ar-ampuke/ | 'estourar-se' |
| f. /aprep/ | 'abrir O' | f'. /ar-aprep/ | 'abrir' |
| g. /anki/ | 'derramar O' (O=líquido) | g'. /ar-anki/ | 'derramar' |

Seguem os respectivos exemplos:

| (227) | ORAÇÃO TRANSITIVA | ORAÇÃO INTRANSITIVA |
|-------|---|---|
| a) | y-apkore-li wayo 1A3O-quebrar-REC cuia 'Eu quebrei a cuia' | a') wayo Ø-ar-apkore-li cuia 3Sa-REF-quebrar-REC 'A cuia se quebrou' |
| b) | aŋpi Ø-ikore-li pirom menino 3A3O-quebrar-REC flecha 'A criança quebrou a flecha' | b') Ø-otf-ikore-li pirom 3Sa-REF-quebrar-REC flecha 'A flecha se quebrou' |
| c) | Tfileni Ø-etpu-li megu Cilene 3A3O-rachar-REC melancia 'Cilene rachou a melancia' | c') Ø-or-etpu-li megu 3Sa-REF-rachar-REC melancia 'A melancia rachou' |
| d) | Ø-anpu-li-ŋmo aptʃin 3A3O-rasgar-REC-COL caderno 'Eles rasgaram o caderno' | d') Ø-ar-anpu-li aptʃin 3Sa-REF-rasgar-REC folha 'O caderno rasgou' |
| e) | y-ampuke-li pola 1A3O-estourar-REC bola 'Eu estourei a bola' | e') Ø-ar-ampuke-li pola 3Sa-REF-estourar-REC bola 'A bola estourou' |
| f) | y-aprep-li tenkeni 1A3O-abrir-REC garrafa 'Eu abri a garrafa' | f') tenkeni Ø-ar-aprep-li garrafa 3Sa-REF-abrir-REC 'A garrafa abriu' |
| g) | aŋpi Ø-anki-li ga criança 3A3O-derramar-REC água 'A criança derramou a água' | g') ga Ø-ar-anki-li água 3Sa-REF-derramar-REC 'A água derramou' |

Esses verbos podem conter argumentos representando entidades animadas que alternam com verbos transitivos reflexivos. Veja-se o caso do verbo “quebrar” abaixo:

Orações transitivas

- (228) a. aŋpi Ø-ikorelɨ wɨptakpo
 menino 3A3O-quebrar-REC prateleira
 ‘O menino quebrou a prateleira’
- b. aŋpi Ø-ikore-lɨ tɨ-pu-n
 menino 3A3O-quebrar-REC REF-pé-POS
 ‘O menino quebrou o próprio pé’
- c. aŋpi Ø-ikore-lɨ tɨ-mia-rɨ
 menino 3A3O-quebrar-REC REF-mão-POS
 ‘O menino quebrou a própria mão’
- d. aŋpi Ø-ikore-lɨ i-mia-rɨ
 menino 3A3O-quebrar-REC 3-mão-POS
 ‘O menino quebrou a mão dele’ (ou seja, “mão de outra pessoa”)

Orações intransitivas

- (229) a. k-otʃ-ikore-lɨ
 1Sa-REF-quebrar-REC
 ‘Eu me machuquei’
- b. m-otʃ-ikore-lɨ
 2Sa-REF-quebrar-REC
 ‘Você se machucou’
- c. kur-otʃ-ikore-lɨ
 1+2Sa-REF-quebrar-REC
 ‘Nós nos machucamos’
- d. pomrimonom Ø-otʃ-ikore-lɨ-ŋmo
 rapaziada 3Sa-REF-quebrar-REC-COL
 ‘Os rapazes de machucaram’
- e. aŋpi Ø-otʃ-ikore-lɨ
 menino 3Sa-REF-quebrar-REC
 ‘A criança se machucou’

f. aŋpi Ø-otʃ-ikore-lɨ tɨ-pu-n pok
 menino 3Sa-REF-quebrar-REC REF-pé-POS LOC
 ‘O menino se machucou no pé’

g. aŋpi Ø-otʃ-ikore-lɨ tɨ-ptʃi-n pok
 menino 3Sa-REF-quebrar-REC REF-perna-POS LOC
 ‘O menino se machucou na perna’

h. aŋpi wugun Ø-otʃ-ikore-lɨ
 menino pé 3Sa-REF-quebrar-REC
 ‘O pé do menino (se) quebrou’

i. aŋpi miari Ø-otʃ-ikore-lɨ
 menino mão 3Sa-REF-quebrar-REC
 ‘A mão do menino (se) quebrou’

j. i-mia-ri Ø-otʃ-ikore-lɨ
 1-mão-POS 3Sa-REF-quebrar-REC
 ‘Minha mão (se) quebrou’

Observe-se que o morfema {tɨ-} prefixado ao nome é uma opção que a língua tem para expressar um evento reflexivo mantendo a transitividade verbal. Esse morfema indica, também, que houve subida do possuidor para uma posição hierarquicamente mais alta. Note-se que nos exemplos (229f) e (229g), além de ocorrer o RV, ocorre igualmente o RN, prefixado ao objeto nominal da posposição. Isso indica que nas construções reflexivas, envolvendo possuidor-possuído, este último fica em posição periférica regido por posposição, podendo o verbo ficar intransitivo (reflexivizado), ao contrário do que ocorre nas transitivas, onde o objeto ocupa o centro da oração. Portanto, a reflexivização do verbo impede a realização dum objeto, mesmo marcado com o RN, no centro da oração.

5.1.2. Orações reflexivas transitivas e oblíquas

5.1.2.1. Reflexiva transitiva

As construções transitivas podem expressar um evento reflexivo, conforme se assinalou no item anterior. Nesse caso, tem-se uma construção onde o sujeito é o possuidor do nominal na função de objeto do verbo. Para Givón (1990: 639), essas construções são mais transitivas que as reflexivas “verdadeiras” (“*true reflexives*”), visto que estas perdem um de seus argumentos, tornando-se intransitivas. O objeto, nas transitivas reflexivas, aparece marcado pelo reflexivo nominal {*tĩ-*}⁶⁹:

- (230) a. Yokore_i Ø-eneŋ-lĩ tĩ-mu-n
 Iokoré 3A3O-ver-REC REF-filho-POS
 ‘Iokoré viu o próprio filho’
- b. waynyakeni_i Ø-aynku-lĩ tĩ-amtagri-Ø g-alon
 socó 3A3O-pegou-REC REF-comida-POS 1-presença
 ‘O socó pegou comida dele na minha frente’

A presença do objeto, portanto, garante a transitividade da oração, e a marca reflexiva a ele prefixada garante a relação reflexiva entre a entidade e parte dela mesma. Sintaticamente, o prefixo /*tĩ-*/ indica que a função sintática do sujeito é, originalmente, a de modificador genitivo do núcleo nominal na função de objeto.

5.1.2.2. Reflexiva oblíqua

Estamos considerando oblíqua a oração reflexiva na qual o nominal marcado com RN ocorre em função não nuclear (periférica). Assim, mesmo sendo o verbo transitivo, o processo de reflexivização não envolve diretamente o objeto verbal, a não ser que esse objeto seja o possuidor do objeto da posposição. Portanto, nas orações reflexivas oblíquas, tem-se um nominal possuído na função de objeto da posposição, estando o seu possuidor numa das funções nucleares A ou O, hierarquicamente superiores a ele (cf. hierarquia proposta por Comrie, 1989 e Croft, 1991). O que difere a reflexiva oblíqua da transitiva é o fato de o nominal possuído estar numa função não nuclear:

⁶⁹ Para mais detalhes sobre o morfema reflexivo nominal (ou possessivo), cf. item 3.2.3.

- (231) a. Yokore_i t-eru-lí karawato [SP [t_i-wari-Ø_{OBL}] ina]
 Iokoré 3-dar-REC gravador REF-amigo-GEN DAT
 ‘Iokoré_i trouxe um gravador para o amigo dele_i’
- b. aŋpi_i egakte-lí [SP [to_i-ew-rí] warantup]
 menino sair-REC REF-casa-POS ELAT
 ‘O menino_i saiu de dentro da casa dele_i’

Em construções com auxiliar, como as construções denominalizadas /-ke/, o objeto da posposição pode ser co-referente com o sujeito da oração não verbal:

- (232) a. t_i-wowan-ke imro Tšileni_i [t_i-re-Ø wok]
 3-saudade-DEN AUX Cilene REF-mãe-GEN LOC:na
 ‘Cilene estava com saudade da mãe dela’ (Lit.: ‘na mãe dela’)
- b. t_i-wowan-ke imro Tšileni_i [t_i-wari-Ø wok]
 3-saudade-DEN AUX Cilene REF-amigo-GEN LOC:na
 ‘Cilene estava com saudade do amigo dela’ (Lit.: ‘no amigo dela’)

5.1.3. Resumo

No quadro abaixo, apresentamos um resumo dos tipos de oração reflexiva encontrados em Ikpeng:

(233) Resumo dos tipos de construções reflexivas

| CONSTRUÇÃO REFLEXIVA | MARCA REFLEXIVA | HOSPEDEIRO | DOMÍNIO | PROCESSO MORFOSSINTÁTICO |
|--------------------------------|----------------------------|----------------------------|----------------------------|---|
| A) <i>Ativo-reflexiva</i> | Prefixo {ot-} | Verbo transitivo | Núcleo do SV | Intransitivização com redução da função O |
| B) <i>Médio-reflexiva</i> | Prefixo {ot-} | Verbo transitivo | Núcleo do SV | Intransitivização com redução da função A |
| C) <i>Transitiva-reflexiva</i> | Prefixo {t _i -} | Nome na função nuclear | Objeto do verbo transitivo | Promoção do possuidor para a função A |
| D) <i>Obliqua-reflexiva</i> | Prefixo {t _i -} | Nome em função não nuclear | Objeto da posposição | Promoção do possuidor para função nuclear |

Defendemos que as reflexivas do tipo (A) e (B) são formadas via redução de uma das funções (A ou O) do verbo transitivo alternante. O SN na função que não foi reduzida assume a função Sa na intransitiva derivada. Isso explicaria porque se têm dois tipos de reflexivas intransitivas, uma com argumento afetado (onde $O \Rightarrow Sa$), encontrada no tipo (B), e outra com argumento não-afetado (onde $A \Rightarrow Sa$), encontrada no tipo (A). Portanto, o morfema reflexivo indica que houve redução de uma função sintática, A ou O, no caso, sendo a não reduzida interpretada como Sa ⁷⁰.

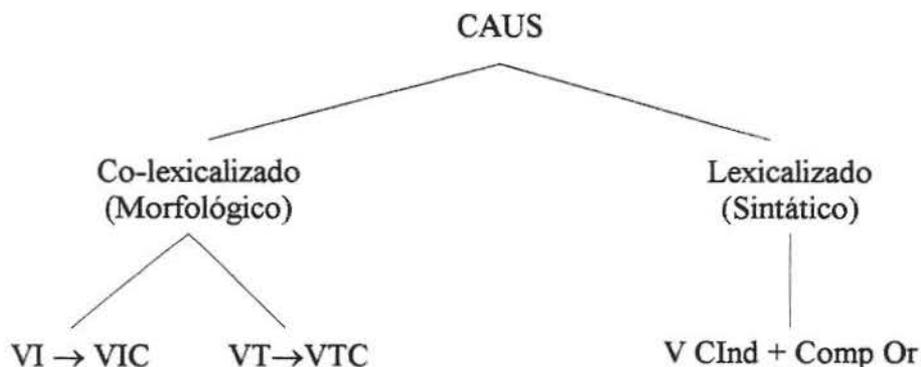
5.2. CAUSATIVO MORFOLÓGICO E AUMENTO DA VALÊNCIA VERBAL

Estamos considerando causativas as orações que apresentam um argumento, o causador (*causer*) adicionado à construção não causativa correspondente, que pode ser uma intransitiva ou uma transitiva. O argumento adicionado ocupa a função A da oração causativa derivada (cf. Dixon, 1991: 293).

Em Ikpeng, há dois tipos de causativo: a) o causativo morfológico (co-lexicalizado, na terminologia de Givón, 1990); e b) o causativo lexicalizado (ou perifrástico, na terminologia de Comrie, 1989). Neste, a causa é indicada por um elemento verbal que toma uma oração por complemento. Naquele, a causa é expressa por um afixo, que funciona como o verbo das causativas sintáticas (analíticas). No esquema abaixo, apresentamos uma tipologia das construções causativas na língua, seguido dos respectivos exemplos:

⁷⁰ Alternativamente, poder-se-ia pensar, como Croft (1991: 25), que a detransitivização neutraliza as funções A e O/P, e não que exista uma redução propriamente dita.

(234) Causativo e formação das construções causativas⁷¹



(235) Exemplos para cada tipo de construção causativa:

| | Construção não-CAUS [- CAUSER] | Construção CAUS [+ CAUSER] |
|-----------------|---|---|
| VI → VIC | a. y-umne-lî tariwe 3So-secar-REC mandioca 'A mandioca secou' | a'. petkom y-umne-nob-lî yamru mulher 3O-secar-CAUS-REC polvilho 'A mulher secou o polvilho' |
| VT → VTC | b. Tʃileni Ø-etpore-lî wot Cilene 3A3O-cortar-REC 'Cilene cortou o peixe' | b'. Tʃileni ina y-etpot-metpo-lî Cilene DAT 1A3O-cortar-CAUS-REC wot peixe 'Eu fiz Cilene cortar o peixe' |
| VCInd + Comp Or | c. aŋpi Ø-aranme-lî menino 3Sa-correr-REC 'O menino correu' | c'. Tʃileni Ø-anoŋ-lî aŋpi Cilene 3A3O-mandar-REC menino [Ø-aranmet-poto] 3A3O-correr-NMZ 'Cilene fez/mandou o menino correr' |

5.2.1. Estratégias de codificação do *causee* na oração causativa morfológica

Caso se trate do causativo morfológico, o argumento que ocupava a função *S*, originalmente, passa a ocupar a função *O* na oração causativa, e o que ocupava, originalmente, a função *A*, assume uma função oblíqua. A função assumida pelo *causee*

⁷¹ Abreviaturas e símbolos utilizados:

VI → VTC Verbo transitivo causativo derivado de verbo intransitivo
 VT → VTC Verbo transitivo causativo derivado de verbo transitivo
 VCI + Comp Or Verbo causativo independente mais complemento oracional

(argumento *S* ou *A* da oração não causativa) é determinada pela seguinte hierarquia (Comrie, 1989)⁷²:

(236) SUJEITO (*S_A*, *S_O*, *A*) > OBJETO DIRETO (*O*) > NÃO OBJETO DIRETO (*OBL*)

Segundo Comrie (1989: 176), a codificação gramatical do *causee* ocorre de forma que ele assuma a função mais alta (à esquerda) da hierarquia não ocupada (preenchida). Nas intransitivas, o *causer* preenche a primeira posição, restando a seguinte, objeto direto. Nas transitivas, o *causer* ocupa a posição mais alta, a de sujeito, e, como a de objeto direto já se encontra ocupada pelo objeto original, dois comportamentos são esperados: ou se duplica a de objeto direto, uma das quais é ocupada pelo *causee*, como ocorre em sânscrito, onde as construções causativas contêm dois acusativos, ou o *causee* ocupa a terceira posição da hierarquia, sendo codificado como oblíquo (dativo, instrumental etc.).

Em Ikpeng, conforme mencionamos em capítulos precedentes, trata-se o dativo como outras funções periféricas (oblíquas, na nomenclatura assumida nesta tese). Mesmo Comrie (1989: 177) levanta o problema de línguas como o árabe, que não distinguem o objeto indireto de outros objetos não diretos. O que parece ocorrer, sugere o autor, é um corte na hierarquia que separa as funções acima do objeto indireto das que ficam abaixo dele. Pode-se considerar o objeto indireto (Dativo) como intermediário entre as funções nucleares e as periféricas, contendo traços de ambas.

5.2.2. Causativização de verbos inativos e formação do verbo transitivo

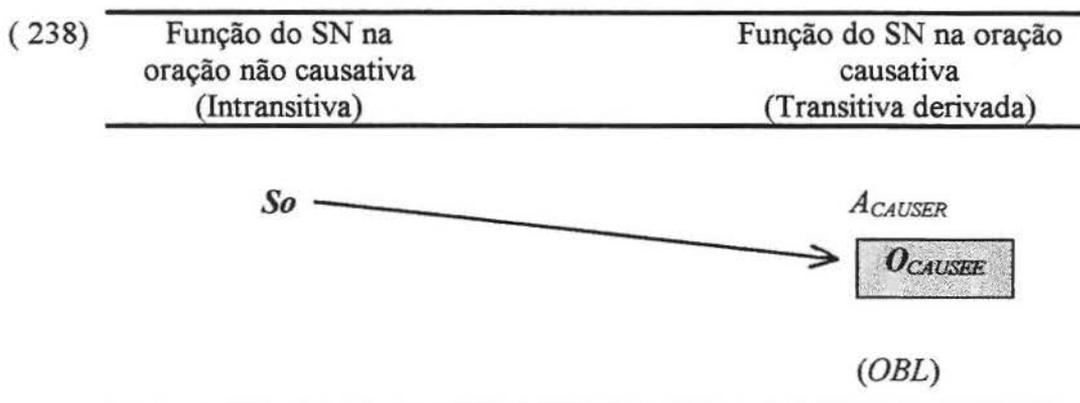
Em Ikpeng, ao se causativizar um verbo intransitivo, encontramos um comportamento semelhante ao de outras línguas que apresentam causativo morfológico: o *causee*, na função *S* original, assume a função *O* (objeto direto) da oração causativa:

(237) a. aŋpi_{so} y-aginum-li
menino 3So-chorar-REC
'O menino chorou'

⁷² A proposta de Comrie não distingue o sujeito transitivo do intransitivo. Identifico o *sujeito* da hierarquia do autor à função *A* de Dixon. Entre parênteses, os rótulos alternativos.

| | | |
|------------------------------------|--------------------|-------------------|
| CAUSER | | CAUSEE |
| ↓ | | ↓ |
| b. gwakpitkeni _A | y-aginum-po-lí | aŋpi _O |
| enfermeira | 3O-chorar-CAUS-REC | menino |
| ‘A enfermeira fez o menino chorar’ | | |

Dessa forma, a posição de objeto será a função assumida pelo *causee*, conforme se pode ver no esquema abaixo:



Note-se que a posição *A* não pode ser ocupada pelo *causee*, porque já está sendo ocupada pelo *causer*. Dessa forma, a próxima posição a ser ocupada pelo *causee* será a de objeto (*O*). *A* de oblíquo é descartada, por ser uma posição abaixo da de objeto, e ela só será utilizada para codificar o *causee* caso a de objeto já esteja ocupada pelo objeto original. As previsões de Comrie (1989), neste tipo de construção, aplicam-se ao Ikpeng.

5.2.2.1. Alternância transitivo-inativa: formação de transitivos via causativização

Estamos chamando alternância transitivo-inativa aos pares de construções que têm por núcleo o mesmo lexema verbal e se referem a uma situação que envolve um mesmo paciente, mas apresentam diferenças quanto à presença de um agente causativo. Assim, de um lado, temos uma construção monoargumental (inativa), sem agente, e de outro uma biargumental (transitiva), com a presença de um agente causativo. Observe-se o quadro que segue:

(239) Parâmetros definidores da alternância transitiva-inativa

| | FUNÇÃO DOS SNs | MORFOLOGIA DERIVACIONAL | MORFOLOGIA FLEXIONAL | TIPO DE VERBO |
|--------------------|----------------|-------------------------|----------------------|---|
| <i>Transitivas</i> | <i>A, O</i> | Formadas via causativo | Paradigma <i>A×O</i> | Verbo bi-argumental, onde <i>A</i> é o <i>causer</i> e <i>O</i> o <i>causee</i> . |
| <i>Inativas</i> | <i>So</i> | <i>zero</i> | Paradigma <i>So</i> | Verbo mono-argumental, sem a presença de um <i>causer</i> . |

São exemplos de lexemas envolvidos nesse tipo de alternância:

| (240) | INATIVO [-CAUSER] | | TRANSITIVO [+CAUSER] | |
|-------|----------------------|---------------|-------------------------|---|
| a. | /aprek/ | 'clarear' | → | a'. /aprek + poŋ / 'clarear O' |
| b. | /umne/ | 'secar' | → | b'. /umne + nop / 'secar O' |
| c. | /egure/ | 'dissolver' | → | c'. /egu + me / 'dissolver O' |
| d. | /urukte/ | 'estragar' | → | d'. /urukte + nop / 'estragar O' |
| e. | /eraŋgi/ | 'assustar-se' | → | e'. /eraŋ + op / 'assustar O' |
| f. | /iŋpo/ | 'acender' | → | f'. /iŋpo + me / 'acender O' |
| g. | /aru/ | 'queimar' | → | g'. /aru + pto-mpo / 'queimar O' |

| (241) | i) ORAÇÃO INATIVA | ii) ORAÇÃO TRANSITIVA |
|-------|--|---|
| a. | retpuŋgo aprek-te-naŋ cabelo branco-VZ-CONT 'Cabelo está embranquecendo' | a'. y-aprek-poŋ-li 1A3O-branco-CAUS-REC 'Eu o embranqueci' |
| b. | tariwe y-umne-li mandioca 3So-secar-REC 'A mandioca secou' | b'. uro y-umne-nop-li eu 1A3O-secar-REC 'Eu a sequei' |
| c. | egure-li atfuka derreter-REC açúcar 'O açúcar dissolveu na água' | c'. y-egume-li atfuka ga ge 1A3O-dissolver-REC açúcar água com 'Eu dissolvi o açúcar na (com) água' |
| d. | y-urukte-li moto 3So-estragar-REC motor 'O motor estragou' | d'. y-urukte-nop-li moto 1A3O-estragar-CAUS-REC motor 'Eu estraguei o motor' |

| | |
|---|--|
| e. g-erangɨ-lɨ 1So-assustar.se-REC 'Eu me assustei' | e'. y-erang-op-lɨ 1A3O-assustar-CAUS-REC 'Eu o assustei' |
| f. atʃi i-ɲpo-lɨ fogo 3So-apagar-REC 'O fogo apagou' | f'. y-iɲpo-me-lɨ atʃi 1A3O-apagar-CAUS-REC fogo 'Eu apaguei o fogo' |
| g. yay y-arɨ-lɨ lenha 3So-queimar-REC 'A lenha queimou' | g'. y-arɨ-pto-mpo-lɨ yay 1A3O-queimar-CAUS-CAUS-REC lenha 'Eu queimei a lenha' |

A forma básica do morfema causativo parece ser {-**nopo**} que apresenta os seguintes alomorfes: /**nopo**/ ~ /**nop**/ após vogal; /-**pon**/ ~ /-**poŋ**/ após consoantes. O aloforme /**mpo**/ pode ser explicado pelos seguintes processos: i) queda do primeiro segmento vocálico de /**nopo**/; e ii) assimilação do traço [labial] pelo segmento /**n**/. Não sabemos ainda os fatores fonológicos que determinam a forma /-**me**/ encontrada em (241f). Alertamos para o fato de que o que estamos chamando alomorfe, como ocorre com a forma /-**me**/, pode ser outro morfema ou uma subclasse dentro dos causativos⁷³.

Abaixo, apresentamos exemplos com o verbo /-**umne**-/ 'secar':

- (242) a. tariwe y-umne-lɨ
mandioca 3So-secar-REC
'A mandioca secou'
- b. uro y-umne-**nob**-lɨ
eu 1A3O-secar-CAUS-REC
'Eu sequei (a mandioca ralada)'
- c. y-umne-**nob**-lɨ tariwe
1A3O-secar-CAUS-REC mandioca
'Eu sequei a mandioca'
- d. petkom y-umne-**nob**-lɨ yamru
mulher 3O-secar-CAUS-REC polvilho
'A mulher secou o polvilho'

⁷³ Deve-se verificar quais traços semânticos podem estar sendo expressos nos causativos, posto que se tem observado através das línguas a gramaticalização de traços como volição e grau de controle do *causee*, entre outros.

e. y-umne-lí tariwe tʃitʃi eɲwam
3So-secar-REC mandioca sol sob:POSP
'A mandioca secou ao sol'

Note-se que o prefixo {i-}, que indica a terceira pessoa inativa nos intransitivos, marca, ao mesmo tempo, primeira pessoa subjetiva (1A) e terceira pessoa objetiva (3O), funcionando como um morfema *portemanteau*. Assim, o *causer* não se encontra marcado no verbo intransitivo causativizado.

5.2.2.2. Proposta de análise para a alternância transitivo-inativa

A análise parte da seguinte hipótese:

Verbos transitivos com causativo morfológico são formados via derivação lexical de seu alternante inativo.

A alternância pode ser assim descrita:

- a) tem-se um verbo inativo cujo paciente sofre um processo natural, isto é, sem intervenção de um agente;
- b) ao se acrescentar o morfema causativo ao verbo inativo, acrescenta-se um agente (*causer*) que desencadeia ou deixa um processo ser desencadeado;

Morfologicamente, o argumento que sofre o processo com ou sem intervenção de um agente é marcado no verbo pelo prefixo {i-} (~ y-) (=3So), que funciona como morfema *portemanteau* nas construções transitivas correspondentes, marcando, ao mesmo tempo, os argumentos 1A3O (primeira sujeito e terceira objeto).

A partir da morfologia derivacional e da análise dos argumentos verbais encontrados nos verbos transitivos e inativos, estruturados em torno do mesmo lexema verbal, assume-se que os verbos transitivos sejam considerados derivados de seus alternantes inativos.

5.2.3. Causativização de verbos transitivos

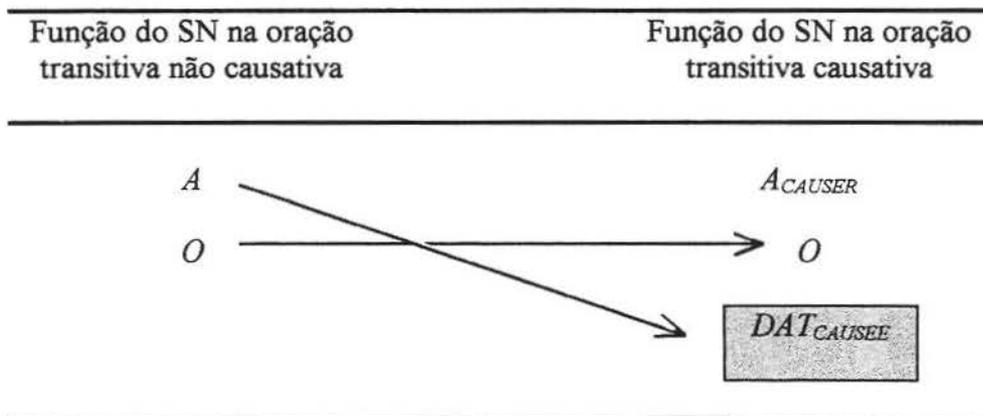
Quando a causativização envolve verbos transitivos, o argumento *A* original passa a ocupar a posição de *Dativo*, função oblíqua. O argumento *O* original permanece na sua função e o *causer* assume a função *A* da causativa:

- (243) a. $a\eta pi_A \quad \emptyset\text{-}apkore\text{-}li \quad wayo_O$
 menino 3A3O-quebrar-REC cuia
 ‘O menino quebrou a cuia’

- | | | | |
|--|-----------------------|------|----------------------------|
| CAUSER | | O | CAUSEE |
| ↓ | | | ↓ |
| b. $ema\eta gatkuri_A \quad \emptyset\text{-}apkot\text{-}metpo\text{-}li$ | $wayo_O$ | | $a\eta pi_{OBL} \quad ina$ |
| moça | 3A3O-quebrar-CAUS-REC | cuia | menino DAT |
| ‘A moça fez o menino quebrar a cuia’ | | | |

O processo pode ser visualizado no esquema abaixo:

- (244) Codificação do causee na oração transitiva causativa



5.2.3.1. Orações recausativizadas

Estamos considerando recausativizadas as orações causativas que apresentam dois conjuntos de morfemas causativos⁷⁴:

- (245) a. y-arú-lì yay
1So-queimar-REC lenha
'A lenha queimou'
- b. petkom y-arú-ptó-mpo-lì yay
mulher 3O-queimar-?-CAUS-REC lenha
'A mulher queimou a lenha'
- c. petkom y-arú-ptó-mpot-po-lì yay
mulher 3O-queimar-?-CAUS1-CAUS2-REC lenha
'A mulher deixou a lenha queimar'
(lit.: 'fez com que a lenha fosse deixada queimar')
- d. ugwon y-arú-ptó-mpot-po-lì yay petkom ìna
homem 3O-queimar-?-CAUS1-CAUS2-REC lenha mulher DAT
'O homem fez com que a mulher deixasse a lenha queimar'

Serão necessários mais estudos sobre as construções causativas transitivas, verificando-se a natureza morfossemântica dos afixos encontrados na transitiva causativizada, principalmente da(s) forma(s) /-ptómpotpo-/ ainda não classificadas adequadamente.

5.2.4. Restrições sobre a causativização via morfema causativo

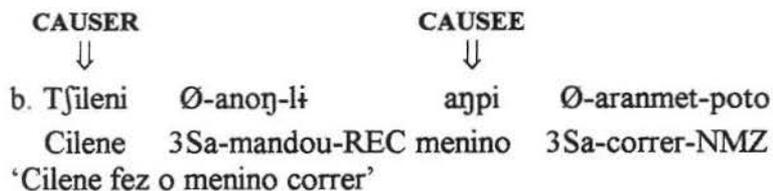
Há dois tipos de verbos que não admitem o morfema causativo: os intransitivos ativos/Sa, derivados via reflexivo {ot-}, e os transitivos com dativo. A seguir, discutimos esses dois casos.

⁷⁴ As fronteiras morfológicas propostas para os morfemas causativos precisam ser confirmadas em futuras pesquisas.

5.2.4.1. Causativização de verbos intransitivos ativos: restrição sobre o duplo agente

Quando a causativização envolve um verbo intransitivo ativo derivado, diacronicamente, via {ot-}, o argumento **Sa** não pode assumir uma função diferente da de **A**, como ocorre com o argumento **So** nas inativas. Como o *causer* não pode ser codificado em outra função que não seja **A**, a língua bloqueia as estruturas causativas morfológicas. Para contornar essa impossibilidade, a língua emprega o causativo lexicalizado (analítico) para expressar causatividade:

- (246) a. aŋpi Ø-aranme-lî
 menino 3Sa-correr-REC
 ‘O menino correu’



Note-se que em (b), *aŋpi* (‘menino’) continua sendo argumento agentivo da subordinada. Portanto, vê-se que os argumentos altamente agentivos, isto é, que exercem o controle da situação, não podem ocorrer em funções abaixo da de sujeito na estrutura causativa derivada. Atente-se para o fato de que não se sabe ainda se {poto} é um morfema ou se são dois, {po} e {to}.

Observamos, que é possível uma estrutura onde o argumento *aŋpi* (‘menino’) assumira a função dativa. Porém, ele será interpretado como destino da corrida do argumento **Sa**:

- (247) Tʃileni Ø-aranme-tke-lî aŋpi ina
 Cilene 3A3O-correr-ITER-REC menino DAT
 ‘Cilene correu atrás do menino’

b. petkom Ø-anoŋ-lî [emangatkuri anat t-erut-poto anpi ina]
mulher 3A3O-fez-REC moça-adolescente milho 3-dar-NMZ menino DAT
'A mulher mandou a moça dar milho para o menino'

Note-se que, em (b), *emangatkuri* ('moça-adolescente') continua sendo o argumento A do verbo da subordinada, e *petkom* ('mulher') assume a função A da oração principal.

5.3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo, propôs-se uma análise para o verbo encontrado nas orações reflexivas e causativas. Demonstrou-se que o verbo reflexivo pode ser subdividido em dois tipos: ativo-reflexivo e médio-reflexivo. Além disso, fez-se uma comparação das construções reflexivas intransitivas com as reflexivas transitivas, bem como com as reflexivas obliquas. Quanto às causativas, apresentaram-se os processos de causativização do verbo intransitivo e transitivo, mostrando-se as mudanças de função ocorridas ao se acrescentar o *causer*, bem como as restrições impostas ao processo de formação do verbo causativo, que, possivelmente, estão associadas a fatores semânticos e gramaticais não totalmente definidos. Com isso, espera-se ter oferecido um conjunto de hipóteses a serem confirmadas e ampliadas em futuros trabalhos sobre a reflexivização e causativização do verbo Ikpeng.

6

ESTRATÉGIAS DE SUBORDINAÇÃO E FORMAÇÃO DO VERBO DEPENDENTE: UM ESTUDO PRELIMINAR

Neste capítulo, apresentamos uma proposta de descrição para as orações dependentes ou subordinadas, mostrando como o verbo nelas presente se comporta do ponto de vista de sua morfossintaxe.

Discutiremos os três tipos de orações subordinadas levantadas pela literatura tipológica: as *relativas*, as *completivas* e as *adverbiais*. Assim, na seção 6.1 discutimos as estratégias empregadas pelas línguas naturais para expressar a subordinação oracional; na seção 6.2, os processos de formação da oração relativa, mostrando que há dois tipos de relativa, a finita e a nominalizada, abordando também a localização do Ikpeng na tipologia das relativas; na seção 6.3, apresentamos as estratégias de formação das completivas, mostrando os principais tipos de verbos que pedem complemento oracional; na 6.4, apresentamos uma proposta bastante preliminar para alguns tipos de orações adverbiais encontrados na língua; na 6.5, nossas considerações finais.

6.1. ESTRATÉGIAS DE SUBORDINAÇÃO

Segundo Thompson & Longacre (1985: 172), há três estratégias que são normalmente encontradas nas línguas do mundo para indicar a subordinação oracional:

a) *morfemas subordinadores*: esses morfemas podem ser de dois tipos: i) morfemas gramaticais sem conteúdo lexical (como *to* do inglês); ii) morfemas gramaticais com conteúdo lexical (como o *before* do inglês);

b) *formas verbais especiais*: uma forma verbal especial é aquela que não é usada em asserções independentes. Em línguas com concordância verbo-sujeito, a forma verbal especial pode ser uma forma não finita que perde uma ou mais das categorias de concordância;

c) *ordem de constituintes*: algumas línguas apresentam uma ordem de constituintes específica para as orações subordinadas, como ocorre com o alemão e o sueco (Thompson e Longacre, 1985: 173).

Uma outra estratégia a ser considerada é a parataxe, na qual oração subordinada e principal são interpretadas como asserções separadas, tendo cada uma sintagmas verbais com verbo flexionado, nenhuma marca de subordinação ou coordenação e não empregando nenhuma forma verbal especial. Essa estratégia é descrita por Noonan (1985: 55) em sua tipologia sobre *complementação*, assim resumida (cf. tabela à p. 65):

(250) Complementação via parataxe

| TIPO DE COMPLEMENTO | CLASSE DE PALAVRA DO PREDICADO | RELAÇÃO SINTÁTICA ENTRE SUJ. E PRED. | CATEGORIAS FLEXIONAIS | OUTRAS PROPRIEDADES |
|---------------------|--------------------------------|---|--|--|
| <i>Paratático</i> | verbo | o predicado pode concordar com o sujeito, mas não forma um constituinte com ele | as mesmas do indicativo (verbo independente) | interpretado como asserção separada; não há sintaticamente uma subordinação oracional; não possui complementizador |

Conforme será mostrado adiante, essa estratégia foi encontrada em Ikpeng nas sentenças complexas que envolviam completivas.

Neste capítulo, procuraremos mostrar os três tipos de orações subordinadas: as *relativas* (que funcionam como modificadoras do núcleo do SN); as *completivas* (que funcionam como complemento verbal) e as *adverbiais* (que funcionam como modificadoras do verbo ou da oração como um todo).

6.2. ORAÇÃO RELATIVA

6.2.1. O Ikpeng e a tipologia das relativas

São consideradas relativas as orações dependentes que funcionam como adjetivos ou como modificadoras do núcleo nominal. De acordo com Lehmann (1986), as orações relativas podem ser classificadas segundo dois parâmetros:

- i) presença do núcleo nominal dentro da oração relativa;
- ii) posição da relativa em relação à oração principal.

Para (i), Lehmann propõe a seguinte divisão: núcleo nominal interno (“internal-head”) e núcleo nominal externo (“external-head”). Para (ii), propõe dois tipos: as *adjungidas* e as *encaixadas*. As adjungidas podem ser *prepostas* ou *pospostas* à oração principal, e as encaixadas, *circum-nominais* (envolvendo o núcleo nominal) e *adnominais* (pré-nominais ou pós-nominais). Abaixo, mostramos uma adaptação do quadro, proposto pelo autor, cruzando essas informações:

(251) Quadro dos tipos de Relativas a partir da proposta de Lehmann (1984):

| | A | B |
|-----------------------------------|-----------|---|
| | ADJUNGIDA | ENCAIXADA |
| I. NÚCLEO NOMINAL INTERNO | Preposta | Circum-nominal |
| II. NÚCLEO NOMINAL EXTERNO | Posposta | Adnominal: 1) Pós-nominal 2) Pré-nominal |

Partindo do quadro acima, classificamos o Ikpeng como língua do Tipo **II-B1 (NÚCLEO NOMINAL EXTERNO / PÓS-NOMINAL)**, conforme mostrado abaixo:

- (252) a. y- eneŋ -lî petkom [REL itereku erenmî -nin -pîŋ]
 1A3O-ver-REC mulher galinha matar-NMZ:A-PN
 ‘Eu vi a mulher que matou a galinha’
- b. y- eneŋ -lî itereku [REL petkom n- erenmîŋ -pîŋ]
 1A3O-ver-REC galinha mulher NMZ:O-matar-PN
 ‘Eu vi a galinha que a mulher matou’

Entretanto, a relativa e seu núcleo nominal nem sempre ocorrem adjacentes. Isso acontece porque os modificadores são adjuntos a SNs, podendo vir em outras posições dentro da oração, contanto que não gerem ambigüidade. Salienta-se que Lehmann, em sua tipologia, não tece comentários sobre o comportamento das relativas em línguas cujos modificadores nominais sejam adjungidos aos seus SNs:

- (253) a. **tŋiliktŋilikenî**_N [REL Tŋilenî n-erut-pîŋ Yokore îna] karake
 caneta Cilene NMZ:O-dar-PN Iokoré DAT bonita
 ‘A **caneta** [que Cilene deu para Iokoré] é bonita’
- b. Korotowî Ø-eneŋ-lî **tŋiliktŋilikenî**_N
 Korotowî 3A3O-ver-REC caneta
- [REL Tŋilenî n-erut-pîŋ Yokore îna]
 Cilene NMZ:O-dar-PN Iokoré DAT
 ‘Korotowî viu a **caneta** [que Cilene deu para Iokoré]’
- c. **tŋiliktŋilikenî**_N y-eneŋ-lî [REL Tŋilenî n-erut-pîŋ Yokore îna]
 caneta 1A3O-ver-REC Cilene NMZ:O-dar-PN Iokoré DAT
 ‘Eu vi a **caneta** [que Cilene deu para Iokoré]’
- d. petkom t-eru-lî **anat**_N angpi îna
 mulher 3-dar-REC milho menino DAT
- [REL emangatkuri n- iko -tu]
 menina NOMZ:O-colher- ADZ
 ‘A mulher deu para o menino o **milho** [que a menina colheu]’

Note-se que em (d) a relativa deslocada para o final da oração não provocou nenhuma ambigüidade, pois ela só pode estar relacionada a **anat** ‘milho’, que é inanimado.

6.2.2. Estratégias de formação da oração relativa

Em Ikpeng, há duas estratégias de formação das orações relativas⁷⁵ :

Estratégia I - formação via nominalização: o verbo se encontra nominalizado e perde algumas propriedades, como a marcação tempo-aspectual finita. A função do nominal relativizado dentro da relativa é marcada via nominalizadores;

Estratégia II - formação via partícula subordinadora: o verbo se encontra na forma finita, mas é marcado com a partícula subordinadora {**pa**}. Nesse tipo de estrutura, a função do nominal relativizado é indicada pela partícula {**keni**}.

Às relativas formadas via estratégia I, chamamos relativas nominalizadas; àquelas que empregam a estratégia II, relativas finitas. As primeiras empregam os nominalizadores {-**nin**}, que marca a função **A** na relativa; {-**n-**}, que marca a função **O**; e {-**tem**}, a função **S**. Esses afixos vêm acompanhados dos morfemas nominais {-**p+in**} e {-**towo**}, que indicam passado; as segundas empregam a partícula subordinadora {**pa**}, em conjunto com a partícula relativizadora {**keni**}.

Para entendermos como se estruturam e funcionam esses dois tipos de relativa em Ikpeng, utilizamos uma hierarquia onde dois pólos se opõem radicalmente: de um lado, encontram-se as relativas cujos núcleos apresentam um alto grau de nominalidade e, de outro, as com baixo grau de nominalidade⁷⁶ :

⁷⁵ A noção de estratégia seguida por nós, bem como um levantamento das possíveis estratégias empregadas pelas línguas naturais para formação da relativa, encontra-se em Givón (1990: 650-679).

⁷⁶ Essa hierarquia está baseada em Haspelmath (1994) e Croft (1991: 79).

(254) Graus de nominalidade do verbo dependente

| RELATIVAS FINITAS | RELATIVAS NOMINALIZADAS |
|---|--|
| <p>MAIS VERBAL: Baixo grau de nominalidade</p> <ul style="list-style-type: none">• marcas de tempo e aspecto encontradas no verbo independente (finito)• mesmos prefixos encontrados na forma verbal independente• presença de uma marca subordinadora {pa}, que não retira as propriedades verbais• presença de uma forma relativa independente, {keni} | <p>MENOS VERBAL: Alto grau de nominalidade</p> <ul style="list-style-type: none">• sem as marcas de tempo e aspecto encontradas no verbo finito• apresenta apenas prefixos da Série II, que marcam a função não relativizada• presença de afixos (derivacionais) que retiram as propriedades verbais, tornando o verbo um nominal• Não apresenta morfema relativo |

A cisão existente entre relativas finitas e relativas nominalizadas é determinada, prioritariamente, pelas categorias tempo-aspectuais encontradas no verbo da relativa. Assim, se o verbo da relativa estiver no passado recente ou no não passado ou apresentar o aspecto continuativo, por exemplo, ele permanecerá morfologicamente igual ao mesmo verbo encontrado na independente; se o verbo estiver no passado não recente (isto é, no remoto), ele se tornará nominalizado, apresentando as características descritas acima, na coluna da direita. Abaixo, mostramos o contraste existente entre os dois tipos:

(255) *Relativas Nominalizadas*

- a. y-eneŋ-lĩ petkom
1A3O-ver-REC mulher
'Eu vi a mulher'
- b. petkom_i [i-n_i -enen-pin] Ø-ero-lĩ
mulher 1-NMZ:O-ver-PN 3-ir-TAM
'A mulher [que eu vi] saiu'
- c. petkom_i [g-enen-nin_i -pin] Ø-ero-lĩ
mulher 1-ver-NMZ:A-PN 3-ir-TAM
'A mulher [que me viu] saiu'

(256) *Relativas Finitas*

a. Tʃileni Ø- enenɿ -lɨ petkom
Cilene 3A3O-ver-REC mulher
'Cilene viu a mulher'

b. petkom_i [Ø-eneng-lɨ pa Tʃileni keni_i]
mulher 3A3O-ver-REC SUBR Cilene REL

t-eru-lɨ anat aŋpi ɨna
3-dar-REC milho menino DAT
'A mulher [que Cilene viu] deu milho para o menino'

6.2.3. Relativização das funções sintáticas nucleares

Nesta seção, será mostrado como se relativizam as funções sintáticas nucleares S, A e O, e como a função do nominal relativizado ocorre marcada no verbo da relativa.

6.2.3.1. Relativização de sujeitos intransitivos (S)

Na relativização dos nominais que são sujeitos dos verbos monoargumentais no passado, emprega-se o nominalizador {-tem}. A língua não distingue a relativização de *Sa* da de *So*, marcando da mesma forma todas as orações monoargumentais, inclusive as transitivas sem o agente expresso. Assume-se que, sintaticamente, a relativa intransitiva nominalizada seja um modificador adjetivo, diferindo da relativa transitiva nominalizada pelo fato de não apresentar a estrutura de uma construção genitiva:

(257) a. aŋpi Ø-aranme-lɨ ga gwaktʃi
menino 3Sa-correr-REC rio para
'O menino correu para o rio'

b. aŋpi i-rompo-lɨ
menino 3So-morrer-REC
'O menino morreu'

- c. petkom Ø-arimtoŋ-lî wot
mulher 3A3O-cozinhar-TAM peixe
'A mulher cozinhou o peixe'
- d. aŋpi [t-aranme-rem-towo] Ø-ero-lî ip-te
menino 3-correr-NMZ:S-PN 3Sa-ir-REC tomar banho-FIN
'O menino que correu foi tomar banho'
- e. y-eneŋ-lî aŋpi [tî-rompo-rem-towo]
1A3O-ver-REC menino 3-morrer-NOMZ:S-PN
'Eu vi o menino que morreu'
- f. tumok wot [t-arimton-tem-towo]
gostoso peixe 3-cozinhar-NOMZ:S-PN
'O peixe (que foi) cozido é gostoso'

Em algumas relativas, encontra-se o sufixo {-tu}, glossado como ADJZ (adjetivizador). Não se sabe se há uma relação entre esse sufixo e certos tipos de radicais verbais. Observe-se, a seguir, que ele ocorre em verbos como “quebrar”:

- (258) a. Ø-ar-apkore-lî wayo
3Sa-REF-quebrar-REC cuia
'A cuia quebrou'
- b. y-eneŋ-lî wayo [Ø-ar-apko-tu]
1A3O-ver-REC cuia 3-REF-quebrar-ADJZ
'Eu vi a cuia quebrada'

Note-se que o que distingue o elemento em (b) do verbo em (a) é o seu caráter não verbal. Ainda não sabemos, entretanto, qual a natureza desse elemento.

Quando a relativa ocorre na forma finita, a marcação de caso e de tempo e aspecto são as mesmas encontradas nas independentes:

- (259) a. ï-wari aŋpi [Ø-aranme-naŋ pa keni]
1-amigo menino 3S-correr-CONT SUBR REL
'O garoto que está correndo é meu amigo'

6.2.3.2. Relativização de sujeito (A) e objeto (O) de verbos transitivos

Quando a relativização envolve os argumentos **A** e **O**, em orações no passado, haverá uma marca que distingue se é **A** ou **O** a função do nominal relativizado, conforme descrito abaixo:

- i) *Relativização de A*: a função **A** fica indicada no verbo nominalizado através do sufixo {-**nin**};
- ii) *Relativização de O*: a função **O** fica indicada no verbo nominalizado através do prefixo {**n-**}.

Sintaticamente, as relativas nominalizadas apresentam as seguintes características:

- a) são estruturalmente semelhantes às construções genitivas, sendo o verbo o núcleo da construção e o argumento não relativizado seu modificador genitivo;
- b) quando o verbo transitivo nominalizado vem acompanhado de um de seus argumentos nominais, não é permitida a marca de terceira pessoa no núcleo, por estarem o prefixo de terceira e o nominal em distribuição complementar. Caso não haja esse elemento nominal (lexical), então a marca de terceira é requerida, como ocorre nas construções genitivas. Pode-se, portanto, afirmar que as relativas nominalizadas são construções genitivizadas:

- (260) a. petkom Ø-arimtoŋ-lî wot
mulher 3A3O-cozinhar-REC peixe
'A mulher cozinhou o peixe'
- b. y-eneŋ-lî petkom [REL wot arimtoŋ-nin-pîŋ]
1A3O-ver-REC mulher peixe cozinhar-NMZ:A-PN
'Eu vi a mulher [que cozinhou o peixe]'
- c. y-eneŋ-lî wot [REL petkom n-arimtoŋ-pîŋ]
1A3O-ver-TAM peixe mulher NOMZ-cozinhar-PN
'Eu vi o peixe [que mulher cozinhou]'
- d. tʃiliktʃilikenî [i-n-erut-pîŋ ï-na] karake
caneta 3-NOMZ-dar-PN 1-DAT bonita
'A caneta [que ele me deu] é bonita'

Em algumas relativas formadas via {**n-**}, encontrou-se o sufixo {-**tu**}, não verificado nas relativas agentivas, formadas via {-**nin**}. Observem-se os exemplos abaixo:

- (261) a. akari Ø-erəŋgob-lî aŋpi
cachorro 3A3O-assustar-REC menino
‘O cachorro assustou o menino’
- b. y-eneŋ-lî aŋpi [akari n-erəŋgop-tu]
1A3O-ver-REC menino cachorro NMZ:O-assustar-ADJZ
‘Eu vi o menino que o cachorro assustou’
- c. y-eneŋ-lî akari [aŋpi erəŋgop-nin-pin]
1A3O-ver-REC cachorro menino assustar-NMZ:S-PN
‘Eu vi o cachorro que assustou o menino’
- d. aŋpi Ø-apko-re-lî wayo
menino 3A3O-quebrar-VBZ-REC cuia
‘Menino quebrou a cuia’
- e. y-eneŋ-lî wayo [aŋpi n-apko-tu]
1A3O-ver-REC cuia menino NMZ:O-quebrar-ADZ
‘Eu vi a cuia que o menino quebrou’
- f. y-eneŋ-lî aŋpi [wayo apko-nin-pin]
1A3O-ver-REC menino cuia quebrar-NMZ:A-PN
‘Eu vi o menino que quebrou a cuia’

A não co-ocorrência de {-**tu**} em construções relativas formadas via {-**nin**} pode ser explicada pelo fato de {-**tu**} estar relacionado a eventos estativos. Em futuras pesquisas, novos testes serão realizados, a fim de se determinar a real função gramatical ou semântica da forma {-**tu**}.

Quando o verbo da relativa se encontra na forma finita, a marcação de caso e de tempo e aspecto são as mesmas. Dentro da estrutura relativa, são encontrados o morfema subordinador {**pa**} e a partícula relativa {**keni**}:

- (262) a. petkom Ø-arimtoŋ itereku [y-erenmi-naŋ pa keni]
mulher 3A3O-cozinhar galinha 1A3O-matar-CONT SUBR REL
‘A mulher vai cozinhar a galinha que eu estou matando’

- b. petkom Ø-arimtoŋ **itereku** [m-erenmĩ-naŋ pa keni]
mulher 3A3O-cozinhar galinha 2A3O-matar-CONT SUBR REL
‘A mulher vai cozinhar a galinha que você está matando’
- c. petkom Ø-arimtoŋ **itereku** [kur-erenmĩ-naŋ pa keni]
mulher 3A3O-cozinhar galinha 1+2A3O-matar-CONT SUBR REL
‘A mulher vai cozinhar a galinha que nós estamos matando’
- d. petkom Ø-arimtoŋ **itereku** [Ø-erenmĩ-naŋ pa keni]
mulher 3A3O-cozinhar galinha 3A3O-matar-CONT SUBR REL
‘A mulher vai cozinhar a galinha que ele está matando’
- e. petkom Ø-arimtoŋ **itereku** [Tʃilene Ø-erenmĩ-naŋ pa keni]
mulher 3A3O-cozinhar galinha Cilene 3A3O-matar-CONT SUBR REL
‘A mulher vai cozinhar a galinha que Cilene está matando’

6.2.4. Relativização do objeto da posposição

Quando se relativiza um nominal que é objeto de uma posposição, deixa-se nela uma marca de terceira pessoa que é co-referente com o nominal relativizado. O verbo da relativa fica nominalizado, indicando-se sua dependência em relação ao da matriz:

- (263) a. petkom t-eru-lĩ polatxa aŋpi ina
mulher 3-dar-REC bolacha menino DAT
‘A mulher deu bolacha para o menino’
- b. **aŋpi** [petkom polatʃa eŋ-na t-eru-nin-pin]
menino mulher bolacha 3-DAT 3-dar-NMZ:A-PN
- Ø-ero-lĩ tukto wara-ktʃi
3Sa-ir-REC roça LOC-DIR
‘O menino para quem a mulher deu bolacha foi para a roça’
- c. k-aran-taŋte Kanarana tʃina
1Sa-ir-REM Canarana para
‘Eu fui para Canarana’
- d. **tʃitatʃi** mun oke [eŋ-na k-aran-towon-pin].
cidade DEIT grande 3-ALAT 1Sa-ir -NMZ:S-PN
‘A cidade para onde eu fui é grande’

Quando a oração relativa está não nominalizada, isto é, apresenta seu verbo na forma finita, a função sintática continua a ser marcada na posição. Veja-se, abaixo, o exemplo com a relativização de objeto da posição instrumental:

- (264) a. *y-etpu-lî* *megu karaywa ge*
 1A3O-cortar-REC melancia faca INST
 ‘Eu cortei a melancia com a faca’
- b. **karaywa**_i *nen enu [i-ge y-etpu-lî wa megu keni]*
 faca DEIT nova 3-INST 1A3O-cortar-REC SUBR melancia REL
 ‘A faca [com que eu cortei a melancia] é nova’

6.2.5. Relativização de genitivo (GEN)

Quando se relativiza um nominal que é possuidor de um nome, deixa-se neste uma marca de terceira pessoa que é co-referente com o nominal relativizado. O verbo da relativa fica nominalizado, indicando-se sua dependência em relação ao da matriz:

- (265) a. *anpi* \emptyset -*anputke-lî* *pomri* \emptyset -*karta-n*
 menino 3A3O-rasgar-REC rapaz 3-carta-GEN
 ‘O menino rasgou a carta do rapaz’
- b. *y-eneŋ-lî* **pomri** [*i-karta-n t-anputke-rem-towo*]
 1A3O-ver-REC rapaz 3-carta-POS 3-rasgar-NMZ:S-PN
 ‘Eu vi o rapaz cuja carta foi rasgada’

6.2.6. Resumo

Apresentamos, abaixo, um quadro onde se mostram as formas de marcação do argumento e do tempo no núcleo da oração relativa nominalizada:

(266) Estratégias de relativização

| FUNÇÃO SINTÁTICA DO NOMINAL RELATIVIZADO | MARCADORES DE PESSOA | NOMINALIZADOR | TEMPO-ASPECTO NÃO FINITO |
|--|--|-----------------------------------|-----------------------------------|
| A (com O interno à Relativa) | ∅- | {-nin} | {-p+n} |
| O (com A interno à Relativa) | ∅- | {n-} | {-p+n}/{-tu} |
| Sa, So, O (sem A expresso) | Prefixo {t+} | {-tem} | {-towo} |
| Objeto da Posposição (Oblíquo) | Série II prefixada ao núcleo posposicional | qualquer um dos acima mencionados | qualquer um dos acima mencionados |
| GEN | Série II prefixada no núcleo nominal | qualquer um dos acima mencionados | qualquer um dos acima mencionados |

Quando a relativa ocorre na forma finita, ela apresenta a seguinte estrutura:

$$(267) \quad [\text{NOME}_i \quad [\text{REL (NOME)} \text{V}_{\text{FINITO}} + \underset{\substack{| \\ \text{SUBR}}}{\text{pa}} \text{ (NOME)} + \underset{\substack{| \\ \text{Pro-Rel}}}{\text{keni}}_i]]$$

Em futuras pesquisas, será verificado se as generalizações formuladas podem ser aplicadas a todas as construções pertencentes à mesma categoria gramatical (por exemplo, se a relativização de todos os objetos de posposição seguem o mesmo padrão ou se se distingue a relativização de um possuidor animado da de um inanimado etc.), além de relacionar relativização e marcação pronominal, verificar a ordem de constituintes na relativa e as possíveis posições da relativa em relação ao nominal relativizado.

6.3. ORAÇÕES COMPLETIVAS

6.3.1. Verbos que pedem complemento oracional

Segundo Givón (1990), os verbos que pedem complemento oracional podem ser agrupados em três classes:

- i) Verbos de modalidade;
- ii) Verbos de manipulação;
- iii) Verbos de cognição-elocução.

Em Ikpeng, não foram encontrados verbos que correspondem aos indicadores da modalidade como ocorre em inglês. Na língua, essa categoria ocorre co-lexicalizada (afixada). Segundo o autor (Givón, 1990: 538), a co-lexicalização do complemento corresponde à “subida de predicado”, isto é, o verbo complemento ocorre adjacente ao verbo principal⁷⁷. Na próxima seção, mostraremos o caso da forma desiderativa (DES), que corresponde a esse tipo de verbo.

Os verbos de manipulação (como “mandar”, “ordenar”) e de cognição-elocução (como “saber”, “dizer”), pedem complementos oracionais em Ikpeng, excetuando-se “dizer”, que pede uma sentença na forma proferida (discurso direto). Os primeiros, entretanto, apresentam uma variante que se realiza como forma co-lexicalizada.

Os complementos oracionais, conforme demonstraremos, apresentam o verbo na forma nominalizada. A seguir, apresenta-se um exemplo para cada tipo de verbo que pede complemento oracional. Nesta seção, procuramos formular generalizações que serão testadas em outras formas verbais. Consideram-se os casos discutidos uma amostra do que se pode encontrar na língua como um todo.

6.3.1.1. Forma desiderativa {tine}

Conforme se observou acima, não há uma forma verbal propriamente dita que indique modalidade como “querer”, mas um “afixo” verbal que desempenha essa função (sobre a morfologia do desiderativo, cf. seção 3.2.8). Note-se que a forma {tine} também ocorre co-lexicalizada às formas verbais auxiliares:

- (268) a. aŋpi Ø-amoke-tine akari
 menino 3A3O-bater-DES cachorro
 ‘O menino quer bater no cachorro’

⁷⁷ Isso corresponde à incorporação verbal, nos termos de Baker (1988) e Chomsky (1999).

- b. t-eru-**tine** Yokore topkak Tʃileni ina
 3-dar-DES Iokoré arco Cilene DAT
 ‘Iokore quer dar arco para Cilene’
- c. *ugwerem pe mitine omro*
 ugw-erem pe m-it-**tine** omro
 1+2-chefe EXT 2-AUX-DES você
 ‘Você quer ser nosso chefe’
- d. *ugwerem pe itine ugun ugwon*
 ugw-erem pe i-it-**tine** ugun ugwon
 1+2-chefe EXT 3-AUX-DES DIST:AN homem
 ‘Aquele homem quer ser nosso chefe’

6.3.1.2. Verbo de manipulação {anoŋ}

Entre os verbos de manipulação, destacamos o verbo {anoŋ}, que significa “mandar”, “ordenar”, “enviar”:

- (269) a. uro y-anoŋ-lî ugulogon
 eu 1A3O-mandar-REC ele-PART
 ‘Eu mandei ele mesmo’
- b. uro y-anoŋ-lî [o-enen-pot]
 Eu 1A3O-mandar-REC 2-ver-NMZ:LOC
 ‘Eu o obriguei a te olhar’
- c. Tʃileni Ø-anoŋ-lî aŋpi [Ø-aranmet-poto]
 Cilene 3A3O-mandar-REC menino 3Sa-correr-NMZ:LOC
 ‘Cilene fez/mandou o menino correr’
- d. petkom Ø-anoŋ-lî emangatkuri
 mulher 3A3O-mandar-REC menina-moça
- anat [t-erut-poto] aŋpi ina
 milho 3-dar-NMZ:LOC menino DAT
 ‘A mulher mandou a menina dar milho para o menino’

A manipulação pode ser expressa através de afixos causativos, sendo, portanto, uma forma co-lexicalizada (para a distinção entre causativo morfológico e perifrástico, cf. Comrie, 1989).

6.3.1.3. Verbo de cognição-elocução

Entre os verbos de cognição, destacamos os verbos {**orempan**} “saber”, {**amnume**} “esquecer” e {**enguke**} “lembrar”.

(270) {*orempan*}: “saber”

a. t-orempan uro pitʃikleta wok Ø-erotket-poto
 3-saber eu bicicleta na 3-andar-NMZ:LOC
 ‘Eu sei andar de bicicleta’

b. t-orempan uro moto Ø-awit-poto
 3-saber eu motor 3-ligar-NMZ:LOC
 ‘Eu sei ligar/dirigir o motor’

c. ugu|n| logon g-empan-lì moto Ø-awit-poto
 ele mesmo 3A1O-ensinar-REC motor 3-ligar-NMZ:LOC
 ‘Ele me ensinou a dirigir motor’ (Lit. ‘Ele me fez saber ligar motor’)

(271) {*amnume*}: “esquecer”

a. y-amnume-lì
 1A3O-esquecer-REC
 ‘Eu esqueci’

b. y-anum-lì *lapis*
 1A3O-pegar -REC lápis
 ‘Eu peguei lápis’

b. y-amnume-lì *lapis* anum-towo ro
 1A3O-esquecer-REC lápis pegar-NMZ:LOC PART
 ‘Eu esqueci de pegar o lápis’

(272) {*enguke*}: “lembrar”

a. y-etʃi-lì
 1A3O-comprar-REC
 ‘Eu comprei (algo)’

b. y-enɟuke-lɨ kaneta y-etʃi
 1A3O-esquecer-REC caneta 1A3O-comprar
 ‘Eu esqueci de comprar caneta’

No exemplo (272b), tem-se um caso de oração subordinada não nominalizada que não apresenta nenhum morfema subordinador, constituindo um caso de parataxe (sobre a parataxe como estratégia de subordinação, cf. Noonan, 1985 e seção 6.1). Essa mesma estratégia é empregada quando o sujeito da subordinada é diferente do sujeito da principal, situação na qual o verbo se encontra na forma finita (não nominalizada) e não há morfemas que marquem a subordinação oracional:

(273) a. t-orempan ugun [Yokore Ø-anep-lɨ karawato tɨ-wari ɨna]
 3-saber ele Iokoré 3-trazer-REC gravador REF-amigo DAT
 ‘Ele sabe que o Iokoré trouxe um gravador para o amigo dele’

O verbo “dizer” {ke} não pede complemento verbal; sua presença indica o proferimento de um enunciado no discurso direto (citação direta):

(274) a. [y-etʃi-lɨ tʃiliktʃilikeni] Ø-ke-lɨ Yokore
 1A3O-comprar-REC caneta 3-dizer-REC Iokoré
 ‘Iokoré disse: [eu comprei uma caneta]’

b. Yokore [y-eru-lɨ topkak Tʃileni ɨna] Ø-ke-lɨ
 Iokoré 1A3O-dar-REC arco Cilene para 3-dizer-REC
 ‘Iokoré disse: [eu dei o arco para a Cilene]’

c. [omriŋgo wokna t-eŋ tʃiliktʃilikeni] ɨ-ge-lɨ Tʃileni ɨna
 banco sobre 3-pôr caneta 1-dizer-REC Cilene DAT
 ‘[Põe a caneta sobre o banco], disse eu para Cilene’

d. [Yokore eto t-eru Tʃileni ɨna topkak] ɨ-ge-naŋ
 Iokoré será 3-dar Cilene DAT arco 1-dizer-CONT
 ‘[Acho que Iokoré deu arco para a Cilene], estou dizendo’
 (Lit. ‘Eu estou falando: será que Iokoré deu arco para a Cilene?’)

6.3.1.4. Outros casos

Outros tipos de verbos, como os perceptuais, podem ter um complemento oracional. Abaixo, mostramos o caso do verbo “ver”:

- (275) a. y-eneŋ-lĩ aŋpi t-aranme-t
 1A3O-ver-REC menino 3-correr-NMZ
 ‘Eu vi o menino correndo’
- b. Tʃileni Ø-eneŋ-lĩ aŋpi t-ĩnkĩ-t
 Cilene 3-ver-REC menino 3-dormir-NMZ
 ‘Cilene viu o menino dormindo’
- c. y-eneŋ-lĩ petkom aŋpi ɨna t-erut-poto inot
 1A3O-ver-REC mulher menino DAT 3-dar-NMZ pequi
 ‘Eu vi a mulher dar pequi para o menino’

Há possibilidade de o verbo da completiva aparecer na forma finita, sendo a subordinação estabelecida via parataxe:

- (276) a. y-eneŋ-lĩ [aŋpi Ø-ero-lĩ paktʃo tʃina]
 1A3O-ver-REC menino 3Sa-ir-REC posto DIR
 ‘Eu vi o menino indo para o posto’
- b. y-eneŋ-lĩ [aŋpi Ø-arep-lĩ paktʃo maŋotpo|p|]
 1A3O-ver-REC menino 3Sa-chegar-REC posto ORIG
 ‘Eu vi o menino chegando do posto’

Nesse caso, a oração completiva funciona como uma proposição completa, no sentido de que possui argumentos lexicais realizados e marcação temporal. Sintaticamente, constitui uma construção paratática, visto que não há conectores ou subordinadores entre a primeira e a segunda oração.

6.4. ORAÇÕES ADVERBIAIS: ESTUDOS PRELIMINARES

Não dispomos de uma análise abrangente para as orações adverbiais na língua. Apresentamos nesta seção algumas considerações, bastante preliminares, sobre os tipos mais comuns encontrados em Ikpeng.

6.4.1. Orações temporais e condicionais

As orações temporais e condicionais apresentam a mesma morfologia e não foram encontradas propriedades específicas para cada uma delas que justificasse serem tratadas como tipos distintos. Segundo Thompson & Longacre (1985: 193), em algumas línguas não há nenhuma distinção entre esses dois tipos⁷⁸:

- (277) a. atʃato-rup egakte-t arayŋmo
chover-T sair-NPAS minhoca
'Quando chove, sai minhoca (do chão)'
- b. k-otʃiket-poto y-eneŋ-lí
1Sa-pescar-TP 1A3O-ver-REC
'Quando eu estava pescando, eu o vi'
- (278) a. k-ar-akpíli-lí
1Sa-REF-molhar-REC
'Eu me molhei'
- b. y-akpíli-lí
1A3O-molhar-REC
'Eu o molhei'
- c. m-akpíli-rup y-anore-t
2A3O-molhar-COND 3So-crescer-NPAS
'Se você molhar (essa planta), ela vai crescer'

⁷⁸ Alertamos para o fato de poder haver distinções entre as orações condicionais, conforme assinalam Thompson & Longacre (1985). Há necessidade de uma pesquisa mais específica que envolva não apenas as condicionais, mas também outros tipos de adverbiais.

- d. k-ar-akp̄iṭi-po-rup g-awit i-rumun
 1Sa-REF-molhar-CAUS-COND 1-? 1-febre
 ‘Se eu (deixar) me molhar, eu vou ter febre’
- e. ar-akp̄iṭi-po-rup Tʃileni Ø-awit i-rumun⁷⁹
 REF-molhar-REC-CAUS-COND Cilene 3-pegar 3-febre
 ‘Se Cilene (deixar) se molhar, ela vai ter febre’
- f. y-enen-tup in-kanop-tʃi
 1A3O-ver-COND 1A3O-contar-NPAS
 ‘Se eu vir, eu conto’
- g. [iɾiŋkeni warako m-aran-tup] m-inot g-eret-Ø
 avião dentro 2Sa-ir-COND 2A3O-deixar 1-rede-POS
 ‘Se você for de avião, você deixa a rede para mim’ (Lit: ‘deixa a minha rede’)

Apesar de defender uma certa proximidade formal, notou-se que {-poto} tem uma carga semântica particular: nem sempre indica uma condição. Talvez a diferença esteja entre a codificação de um evento irreal (marcado por {-tup}) e um evento real (indicado por {-poto}) (cf. Thompson & Longacre, 1985: 193). No entanto, serão necessários testes mais específicos para comprovação da hipótese.

Uma outra estratégia utilizada em Ikpeng nos processos de subordinação adverbial é o uso de morfemas subordinadores para indicar uma seqüência temporal, conforme se pode ver abaixo:

- (279) a. p̄iɾiŋopnole m-aŋko-tʃi epkat tukto
 primeiramente 2A3O-derrubar-NPAS ? roça
- [kerup m-iwo-tke man tariwe wotʃi]
 depois:CONJ 2A3O-tira-ITER PART mandioca rama
 ‘Primeiro você vai derrubar a roça, depois você tira a rama de mandioca’

6.4.2. Orações causais

Indicam a causa de um fato ou evento expresso na oração principal:

⁷⁹ A raiz {awit} significa, em outros contextos, “bater”. Aqui, parece estar significando “apanhar”, “pegar”. Somente testes específicos podem nos indicar qual a melhor tradução para esse radical verbal.

- (280) a. o-rumun-ke omro m-ar-akpĩlĩ-potke
 2-febre-DEN você 2Sa-REF-molhar-REC-CAUS
 ‘Você está com febre porque se molhou’ (‘deixou-se molhar’)
- b. Ø-egakte-lĩ iru iran-potke
 3So-sair-REC canto escutar-CAUS
 ‘Ele saiu porque queria escutar o canto’ (lit.: ‘por causa da escuta do canto’)

6.4.3. Orações finais

As orações finais indicam a finalidade ou objetivo de um fato expresso na oração principal. O verbo nesse tipo de oração ocorre marcado pelo sufixo {-te}:

- (281) a. Ø-egakte-lĩ yay anum-te
 3So-sair-REC lenha carregar-FIN
 ‘Ele saiu para carregar lenha’
- b. aŋpi Ø-ero-lĩ ip-te
 criança 3Sa-ir-REC tomar banho-FIN
 ‘O menino foi tomar banho’
- c. kĩrĩpnole Ø-otfjike-lĩ ï-mano wot yukutke-t
 cedo 3Sa-sair-REC 1-irmão peixe pescar-FIN
 ‘Bem cedo, meu irmão saiu para pegar (pescar) peixe’

Note-se que, após radicais terminados em vogal, o sufixo {-te} apresenta o alomorfe /-t/.

6.5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo, esboçou-se um quadro bastante genérico das orações subordinadas, principalmente daquelas que apresentam um verbo nominalizado. Discutimos a estrutura da relativa, demonstrando como se relativizam as funções sintáticas nucleares e oblíquas. Mostramos como se comporta o verbo nas completivas e que verbos

pedem complemento oracional. Com relação às adverbiais, procuramos formular algumas hipóteses que necessitarão ser confirmadas em futuras pesquisas.

Pretendeu-se, portanto, fornecer dados básicos que pudessem servir de base para o contraste entre as formas verbais independentes e as dependentes. Notamos uma nítida divisão entre esses dois tipos de formas verbais, havendo na forma dependente muitas propriedades que a aproximam do nome, apesar de manter algumas características verbais, como a possibilidade de selecionar e atribuir funções sintáticas aos nominais em função nuclear.

7

REALIZAÇÃO E RETOMADA DOS ARGUMENTOS VERBAIS: ANÁFORA E FUNÇÃO PIVÔ NUMA LÍNGUA *HEAD-MARKING*

O objetivo deste capítulo é apresentar algumas considerações sobre o apagamento e a realização dos argumentos verbais em construções mono-oracionais e multi-oracionais, relacionando o apagamento com o tipo de marcação encontrada no núcleo das construções. Discutiremos o papel da função pivô e os processos de retomada do SN previamente citado tanto em sentenças complexas quanto em textos narrativos.

O capítulo está assim organizado: na seção 7.1, será discutida a realização e o apagamento dos argumentos verbais em construções mono-oracionais; na seção 7.2, em construções multi-oracionais; na seção 7.3, a definição do pivô sintático nos processos de apagamento sob co-referência.

7.1. REALIZAÇÃO E APAGAMENTO DOS ARGUMENTOS VERBAIS EM CONSTRUÇÕES MONO-ORACIONAIS

7.1.1. Ikpeng: língua com pronome zero

Com relação à realização ou não de formas pronominais em posições argumentais nas orações independentes, as línguas podem ser agrupadas em, pelo menos, dois grupos: 1) as que permitem a omissão dos pronomes; 2) as que não a permitem (cf. Huang, 1984: 531-533). Huang parte de uma proposta feita por Ross (1982, *apud* Huang, p. 1),

classificando as línguas, quanto à realização ou não dos pronomes, como *hot* ‘quentes’, quando não permitem o pronome zero (inglês e francês, por exemplo) e *cool* ‘frias’, quando o permitem (chinês, espanhol e português, por exemplo). Entre as que permitem a omissão dos pronomes, há aquelas que não permitem a omissão do objeto. Assim, o inglês e o francês se enquadram nas línguas do primeiro grupo e o chinês, o espanhol e o português nas do segundo. Resume-se, no quadro abaixo, as possibilidades de omissão, segundo proposta de Huang (1984)⁸⁰:

(282) Classificação das línguas quanto à omissão do pronome nas posições argumentais

| | TIPO I LÍNGUAS QUENTES | TIPO II LÍNGUAS MORNAS | TIPO III LÍNGUAS FRIAS |
|---|-----------------------------------|--|---|
| <i>Quanto à omissão dos pronomes nas posições argumentais</i> | • Não permitem omissão do pronome | • Permitem apenas a omissão de pronome na posição de sujeito | • Permitem a omissão do pronome na posição de sujeito e de objeto |
| <i>Língua</i> | • Inglês e francês | • Espanhol | • Português e Quéchua |

Quanto ao tipo de concordância, sustentou-se que as línguas do Tipo I teriam concordância pobre; as do segundo tipo, apenas concordância sujeito-verbo; nas do terceiro tipo, também haveria concordância verbo-objeto. Entretanto, esse critério não pode ser aplicado a todas as línguas, pois o português, apesar de permitir a omissão do objeto, não apresenta concordância entre ele e seu verbo, e o japonês, que permite o apagamento do sujeito e do objeto, não possui marcas de concordância.

A língua Ikpeng, a partir desse parâmetro, enquadra-se no terceiro tipo, porque permite a omissão tanto do sujeito quanto do objeto, sendo uma língua que apresenta concordância pessoal entre o verbo transitivo e seus dois argumentos.

Para exemplificar, apresentamos, abaixo, alguns enunciados, ouvidos numa situação real de uso da língua⁸¹:

⁸⁰ Apresenta-se apenas uma parte da proposta do autor, sendo ela mais ampla e inter-relacionando vários aspectos da gramática, não discutidos aqui.

⁸¹ Os enunciados em (283) foram ouvidos, transcritos e analisados por mim durante minha convivência com a comunidade e o texto em (284) foi produzido pelo professor da aldeia. As traduções foram as dadas pelos Ikpeng, havendo apenas algumas adaptações gramaticais, cabendo a mim apenas as glossas e as interpretações gramaticais.

Ressalta-se que o Ikpeng, apesar de permitir a não realização de pronomes nas posições sintáticas nucleares, exige a sua realização em situações particulares da língua. Vejam-se os exemplos abaixo:

(285) *Situação 1*: se alguém passa pela casa de um amigo e é visto por ele, ocorre o seguinte diálogo:

| | |
|--------------------|---|
| <i>F1</i> : arato? | ‘O que foi?’ |
| <i>F2</i> : uro | ‘Sou eu (que estou passeando por aqui)’ |

Ou o que segue:

| | |
|-------------------------|----------------|
| (286) <i>F1</i> : omro? | ‘É você?’ |
| <i>F2</i> : uro! | ‘Sou eu (sim)’ |

Outro caso de obrigatoriedade dos pronomes livres ocorre nas construções não verbais com o prefixo geral {t-}, que não indica nenhuma pessoa em particular. Observem-se os exemplos abaixo, onde os pronomes livres podem ser apagados quando ocorrem os prefixos pessoais, mas são exigidos quando estes não ocorrem:

| | |
|---------------------|----------------------|
| (287) a. k-otupi-lí | |
| 1-saciar-REC | ‘[Eu] estou saciado’ |
| b. t-otupit uro | |
| PG-saciar eu | ‘Eu estou saciado’ |

O uso de **uro** em (a) é desnecessário, porque a primeira pessoa está marcada através do prefixo {k-}. Em (b), a realização de **uro** é necessária porque não aparece o prefixo pessoal {k-} e o prefixo {t-} não indica a pessoa envolvida⁸². Dessa forma, no segundo caso, a omissão de **uro**, pronome de primeira pessoa, criaria um problema de reconhecimento da pessoa gramatical.

⁸² Conforme afirmado anteriormente, o prefixo geral (PG) **tí-** ~ **t-** não se refere a nenhuma pessoa em particular. Ele apenas indica que há um argumento, que pode ser representado por qualquer pessoa (cf. Derbyshire, 1985).

7.1.2. Pronomes independentes: realização e apagamento

Os pronomes pessoais independentes são divididos em duas categorias: os que apresentam traços de 1ª e 2ª pessoas; os que apresentam traços de 3ª pessoa, representados pelos dêiticos que indicam não apenas a pessoa, mas a animacidade e a distância da entidade ao qual o falante se refere. Observe-se, novamente, o quadro dos pronomes pessoais e dos dêiticos:

(288) i) Pronomes pessoais

| PESSOA | PRONOME | |
|--------------------|---------------|-----------------|
| | singular | plural |
| Primeira | uro | |
| Segunda | omro | omro-ηmo |
| Primeira inclusiva | ugro | ugro-ηmo |
| Primeira exclusiva | tʃimna | |

ii) Pronome dêitico de terceira pessoa

| | | DÊITICOS | |
|----------|-----------|--------------|---------------|
| | | singular | plural |
| PRÓXIMO | Animado | ore-n | w-am |
| | Inanimado | ne-n | ne-yam |
| DISTANTE | Animado | ugu-n | ug-yam |
| | Inanimado | mu-n | mu-yam |

Note-se que o sufixo **{-kom}** (**~ηmo**) indica o plural ou coletivo nos pronomes de primeira pessoa inclusiva e segunda pessoa, e os afixos **{-yam}** e **{-n}** indicam o plural e singular, respectivamente, nos dêiticos.

7.1.2.1. Apagamento e realização do pronome independente

Os pronomes podem ser apagados quando não se encontram focalizados. Em situações onde eles se encontram pragmaticamente marcados, sendo o foco da informação, sua realização é necessária:

- (289) a. [\emptyset _{PRON}] t-eru-li 3-dar-REC ‘Ele deu (algo)’
- b. UGUN t-eru-li oŋ-na ‘ELE deu (algo) para você’
 ele:DEIT 3-dar-REC 2-DAT
- c. [\emptyset _{PRON}] y-eru-li 1A3O-dar-REC ‘Eu lhe dei (algo)’
- d. URO y-eru-li eli eŋ-na ‘EU dei um colar para ele/ela’
 eu:PRON 1A3O-dar-REC colar 3-DAT

Isso pode ser melhor entendido quando envolvida uma pergunta cuja resposta focaliza a pessoa gramatical:

- (290) a. onok \emptyset -anumku muy? quem 3A3O-carregar canoa ‘Quem carregou/puxou a canoa?’ (PERG)
- b. UGUN \emptyset -anumku-li ele 3A3O-carregar-REC ‘Foi ele que carregou/puxou’ (RESP)
- c. URO y-anumku-li eu 1A3O-carregar-REC ‘Fui eu que carreguei/puxei’ (RESP)

No caso das orações não verbais, a realização do pronome é opcional. Novamente, sustentamos que a presença do pronome se dá quando se quer enfatizar a pessoa gramatical. Neste caso, mesmo estando marcada no auxiliar, através dos prefixos pessoais, a pessoa gramatical pode ser expressa via pronome:

- (291) a. ara ipe naki UGUN ‘Ele era magro’
 magro PART 3-AUX ele
- b. ara ipe naki [\emptyset _{PRON}] ‘Ele era magro’
 magro PART 3-AUX

- c. w-erem pe naki [Ø_{PRON}] 'Ele era nosso chefe'
1+2-chefe PART 3-AUX
- d. g-eminke URO 'Eu estou com fome'
1-barriga-DEN eu
- e. g-emin-ke etʃi-li [Ø_{PRON}] 'Eu passei fome'
1-barriga-DEN AUX-REC
- f. ɨ-gomtʃin-ke pe-wra URO 'Eu não senti frio'
1-frio-DEN PART-NEG eu
- g. ɨ-gomtʃin-ke [Ø_{PRON}] 'Estou com frio'
1-frio-DEN
- h. ɨ-gomtʃin-ke it-anʃe [Ø_{PRON}] munpok
1-frio-DEN AUX-REM ontem
'Ontem eu senti frio'

7.1.3. Motivação para o apagamento:

O Ikpeng como língua com marcação no núcleo (*head-marking*)

Segundo a tipologia proposta por Nichols (1986), línguas com marcação no núcleo (*head-marking*) seriam aquelas que apresentam marcas relacionais no núcleo da construção, em oposição a línguas com marcação no dependente (*dependent-marking*), que apresentam a marcação das relações sintáticas fora do núcleo da construção, isto é, no dependente (daí o nome *dependent-marking*). Partindo da tipologia proposta por Nichols, Van Valin (1987) defende a idéia de que o apagamento dos argumentos é comum em línguas com marcação no núcleo. O autor sustenta que, sendo formalmente marcado, o núcleo não pode ser apagado, podendo sê-lo seu dependente, o não marcado. São línguas com esse tipo de comportamento Mam, Swahili e Tzotzil, além das Ameríndias. Quanto à relação entre a marcação morfológica no núcleo e o apagamento do dependente, Van Valin (1993) afirma que

This contrast [between head-marking and dependent-marking] has important syntactic consequences. Because in the head-marking pattern the head bears morphemes which indicates its governed dependents, the dependents can be

omitted without affecting the grammaticality of the phrasal unit; the head alone can count as the whole unit.

O apagamento do dependente é encontrado tanto no nível sintagmático (sub-oracional) quanto no oracional. No caso do Ikpeng, o apagamento em sintagmas posposicionais e em sintagmas nominais pressupõe a marcação da terceira pessoa, não exigida quando o nominal está presente:

(292) Apagamento no nível sintagmático e oracional

- a. k-ineŋ-lî [Ø_O] [SP petkom pak]
 1A2O-ver-REC mulher com
 ‘Eu vi você com a mulher’
- b. g-eneŋ-lî [Ø_A] [SP (Ø_O) a-wak]
 3A1O-ver-REC 2-com
 ‘Ele me viu com você’
- c. ugw-eneŋ-lî [Ø_O] [SP (Ø_O) i-wak]
 1+2-ver-REC 3-com
 ‘Você me viu com ela’
- d. [SN ugwon poyn] ‘roupa do homem’
 homem roupa
- e. [SN (Ø_{GEN}) e-woyn] ‘roupa dele’
 3-roupa

Contrastem-se os exemplos dados com os seguintes:

- (293) a. k-ineŋ-lî omro ‘Eu vi você’
 1A2O-ver-REC você
- b. g-eneŋ-lî ugu-logon ‘Ele mesmo me viu’
 3A1O-ver-REC ele-mesmo
- c. ugw-eneŋ-lî uro ‘Você me viu’
 2A1O-ver-REC eu

É por esse motivo que, no caso das construções transitivas, consideramos apenas o apagamento de um argumento, visto que o outro se encontra marcado no verbo. Esses dados indicam que os prefixos devam ser tratados, talvez, como clíticos. No entanto, mais testes devem ser feitos para verificar outros fatores que orientam o apagamento dos argumentos em situação que envolva pronominais.

Observa-se, portanto, que existe uma íntima relação entre a morfologia presente no núcleo e a possibilidade de apagamento dos argumentos verbais. Quanto ao apagamento do objeto posposicional, nos SPs, e do genitivo, nos SNs, a não realização desses constituintes implica a realização do prefixo de terceira pessoa.

7.2. APAGAMENTO E REITERAÇÃO DE ARGUMENTOS

EM CONSTRUÇÕES MULTI-ORACIONAIS

Nossa meta nesta seção será verificar quais mecanismos formais são empregados para indicar a função sintática em torno da qual se estrutura uma construção multi-oracional. Para isso, partiremos de uma proposta de hierarquia que serve de orientação para a determinação das estratégias de referência nas línguas naturais.

7.2.1. Uma tipologia para os processos de co-referenciação

em construções multi-oracionais

Partindo do trabalho de Givón (1995), propomos uma Hierarquia que orienta a acessibilidade do argumento previamente citado (SN antecedente). Assim, dado um nominal em função ϕ , ele será retomado em estruturas subseqüentes através das seguintes formas⁸³:

(294) *zero anáfora, pronome preso* > *pronome livre, forma nominal plena*
CONTINUIDADE MÁXIMA <—————> DESCONTINUIDADE

⁸³ Givón (1995) não apresenta esses recursos em uma hierarquia, apesar de constituírem dois pólos. Entretanto, em um artigo de 1983, o autor os apresenta dentro de uma escala, e em seu trabalho de 1990 discute o seu comportamento em Ute e inglês. Em todos eles, a proposta é a mesma.

Em nossa proposta, os recursos ligados à máxima continuidade são complementares, pois as formas pronominais presas podem ser tomadas como substitutas do SN, recobrando sua função, sendo isso válido para os recursos à direita.

Procuraremos, portanto, demonstrar que:

- a) a língua emprega essas duas estratégias para acessar o SN antecedente;
- b) o pivô (função sintática que controla o apagamento sob identidade referencial) é *A*.

Por ser uma língua que apresenta marcação morfológica das relações sintáticas no núcleo da construção, o Ikpeng pode, portanto, omitir tanto o SN em função *A* quanto o SN em função *O* em construções multi-oracionais, visto que a função do argumento pode sempre ser identificada pela morfologia, conforme mostramos na seção 8.1.

7.2.2. Acessando o SN antecedente via anáfora zero e reiteração dos SNs

Discutiremos duas estratégias empregadas pela língua para acessar a função do SN antecedente: *a substituição por zero*, em conjunto com a morfologia flexional, que marca a função sintática no núcleo verbal, e a *reiteração do SN*.

7.2.2.1. Substituição por zero

Observe-se o texto abaixo:

(295) i) Parte I

a) **Takpuru Ikpen_i**; Ø-ot_iike-li_i kiripnole

Takpuru Ikpeng 3-pescar-REC cedo

t-orenpangetkera-ηmo umi ina.

3-estudante-PL comida DAT

‘Takpuru Ikpeng_i foi pescar cedo para a comida dos estudantes.’

b) [Ø_i] Ø-aynku-li_i iting wot_i ;

3A3O-pegar-REC muito peixe

tʃilupi, tʃimotʃipatkem, poru, yorogri, amero, egepak .
pintado pirarara jaú matrinchã tracajá tucunaré

‘[Ele_i] pegou muitos peixes_j: pintado, pirarara, jaú, matrinchã, tracajá, tucunaré.’

c) [Ø_i] Ø-arep-lan t-otʃike-rem-towo kongonye .
3Sa-chegar-REC 3-pescar-NMZ-PN ontem (à tarde)

‘[Ele_i] veio da pescaria à tarde.’

d) t-orenpangetkera-ŋmo Ø-emoytke-li-ŋmo man t-otʃike-rem-towo_i
3-estudante-PL 3So-contente-REC-PL DEC 3-pescar-NMZ-PN

itɪŋg [Ø_i] Ø-aynku-t-potke wot_j .
muito 3-pegar-NPAS-por causa peixe

‘Os estudantes gostaram da pessoa que voltou da pescaria (=pescador) porque [ele_i] pegou muitos peixes_j.’

ii) Parte II

e) poryan arimtonget-keni_i anomet-keni_m Ø-ero-lan Ø-anup-te
comida cozinhar-NMZ ajudar-NMZ 3Sa-ir -PAS 3A3O-pegar-FIN

[Ø_j] [Ø_m] Ø-anep-lan [Ø_j] arimtongetket-pot paraktʃi
3-trazer-PAS cozinhar-LOC LOC

[Ø_{l/m}] Ø-arimton-lan tʃelupi, yorogri, egepak_j.
3A3O-cozinhar-PAS pintado matrinchã tucunaré

‘O auxiliar do cozinheiro foi pegar [os peixes_j] .[Ele_m] trouxe [os peixes_j] para a cozinha e [ele_{l/m}] cozinhou pintado, matrinchã e tucunaré.’

f) orewinpiget-pin_n [Ø_{m/l}] Ø-anep-lan kiripnole
restante PN 3A3O-pegar-PAS cedo

[Ø_{m/l}] Ø-arimton-lan ewin-pin_n
3A3O-cozinhar-PAS resto-PN

‘Cedo, [ele_{m/l}] pegou o restante e [ele_{m/l}] cozinhou esse resto.’

(Texto de Napikí Talugu Ikpeng)

O SN **Takpuru Ikpeng**, na primeira parte do texto, está marcado com o índice 'i'. Onde deveria estar esse SN, marcamos com [Ø_i]. A marca {Ø-} prefixada aos verbos indica terceira pessoa na função **Sa**, no verbo intransitivo, ou a relação A×O, nos verbos transitivos. Quanto à elipse de sujeito no texto, observou-se o seguinte:

a) na primeira parte do texto, a marca zero preenche as posições onde o SN **Takpuru Ikpeng** deveria aparecer, sendo, como afirmamos, marcado via {Ø-} no verbo (vejam-se os trechos (a), (b), (c) e (d));

b) na segunda parte, em (e), a marca [Ø_m] está indicando que **anomet** é sujeito de Ø-**anep-lan** e a marca [Ø_i] está indicando que o sujeito de Ø-**arimtoŋ-lan** é **arimtoŋgetkeni**. Em (f), há uma ambigüidade, pois não se sabe a quem a marca [Ø] esta relacionada, se é a [i] (**arimtoŋgetkeni**) ou a [m] (**anomet**);

c) quanto a **wot**, é o objeto elíptico, marcado com [Ø_j], em (e).

Em alguns trechos, observou-se o uso de *formas remissivas referenciais*⁸⁴ como:

1) *nominalização*, como se observou no trecho (d), onde **totfikeremtowo** (=pescador) remete a **Takpuru**;

2) *indicação dos membros de um conjunto*, como em (e), onde **tjelupi**, **yorogri**, **egepak** ('pintado', 'matrinchá' e 'tucunaré') remetem a **wot** ('peixe').

Observe-se que a língua não possui uma forma anafórica foneticamente realizada, havendo na posição em que ela deveria ocorrer uma elipse, representada por [Ø], e que a morfologia flexional prefixada ao verbo parece recobrir a função na ausência do SN pleno.

Como a realização dos argumentos em posições nucleares não é uma exigência da gramática Ikpeng, há casos em que o SN não realizado numa oração anterior é retomado normalmente nas orações subseqüentes. Nesse caso, a identificação dos argumentos é determinada não somente pela gramática, mas pelo contexto:

⁸⁴ Koch (1992) distingue as formas remissivas referenciais das formas remissivas não referenciais, afirmando que as segundas "não oferecem ao leitor/ouvinte qualquer instrução de sentido, mas apenas instrução de conexão", enquanto que as primeiras seriam aquelas que "além de fonecer, em grande número de casos, instruções de concordância, contêm, também, instruções de sentido, isto é, fazem referência a algo no mundo extra-lingüístico". Como exemplos de casos relacionados ao primeiro tipo, a autora cita a *nominalização*, as *expressões definidas*, as *expressões sinônimas*, os *nomes genéricos*, os *hiperônimos*.

- (296) a) *tì-narut*_{OBL} *pak* [*Ø*_{Sa}] *Ø-otʃike-lì-ŋmo*,
REF-irmã com 3Sa-sair.para.pescar-REC-COL
‘Com irmã deles [eles] foram pescar’
- b) *ketpoto* *Ø-eneŋ-lan* *i-narut*_A [*Ø*_O]
de repente 3A3O-ver-PAS 3-irmã
‘De repente a irmã dele viu [algo]’
- c) [*Ø*_{Sa}] *Ø-ero-lì-ŋmo* *man* *weru*_O *Ø-anmet* [*Ø*_A] *tì-narut*_{OBL} *pak*
3Sa-ir-REC-COL PART pica-pau 3-matar REF-irmã com
‘[Eles] foram, *man* (então), matar pica-pau com irmã deles’

Note-se que não há um nominal/pronominal realizado que se refira à entidade sobre a qual o texto fala. O referente, portanto, está implícito no texto, sendo necessárias para a sua interpretação informações culturais⁸⁵.

7.2.2.2. Reiteração dos argumentos verbais

A reiteração é possível em, pelo menos, duas situações:

- A) com finalidade estilística: a repetição serve como recurso para chamar a atenção dos referentes na narrativa. Esse recurso é muito empregado pela pessoa que conta uma história (relato ou mito);
- B) para evitar ambigüidade: quando há dois referentes na oração precedente, a realização do referente ao qual se aplica uma informação será necessária para não criar confusão acerca de quem se está falando.

No texto, abaixo, os SNs **wot** ‘peixe’ e **imano** ‘meu irmão’ são retomados após sua realização na primeira sentença:

- (297) a) *kì-ìpnole* *Ø-otʃike-lì* **ì-mano**; **wot**_j *y-ukutke-t*.
cedo 3-sair-REC 1-irmão peixe 3-pescar-FIN
‘Bem cedo **meu irmão** saiu para pegar **peixe** (isto é, pescar)’
- b) **ì-mano**_i *Ø-ayŋku-lì* *itìŋ* **wot**_j :
1-irmão 3-pegar-REC muito peixe

⁸⁵ Faz parte da cultura Ikpeng a irmã ir pescar com os irmãos. Dessa forma, sem precisar citar o referente, ele é deduzido pelos falantes ou por quem conhece a cultura do grupo.

kotʃi, polepa, karoyk, egemko man
 piau pacu piaba peixe-sabão PART
 ‘Meu irmão pegou muito peixe: piau, pacu, piaba, peixe sabão,’

c) [Ø_j] Ø-aynku-li †-mano_i.
 3-pegar-REC 1-irmão
 ‘[esses foram os peixes que] meu irmão pegou.’

Essa retomada é utilizada pelo falante para enfatizar que o irmão dele é um bom pescador. Por isso, reitera os SNs *†mano* e *wot*⁸⁶.

No texto que segue, apresenta-se uma situação que envolve dois participantes animados, sendo a repetição dos SNs a estratégia empregada para desfazer a ambigüidade da segunda oração. Observe-se que a elipse do(s) SN(s) previamente citado(s) pode causar dupla interpretação:

- (298) a. **pomri** Ø-eneŋ-li **akari**
 rapaz 3A3O-ver-REC onça
 Ø-aranme-li **akari** y-uŋno
 3Sa-correr-REC onça 3-medo.de
 ‘O rapaz viu a onça e ela (a onça) correu com medo dele’
- b. **pomri** Ø-eneŋ-li **akari**
 rapaz 3A3O-ver-REC onça
 Ø-aranme-li **pomri** y-uŋno
 3Sa-correr-REC rapaz 3-medo.de
 ‘O rapaz viu a onça e ele (o rapaz) correu com medo dela’
- c. **pomri** Ø-eneŋ-li **akari**
 rapaz 3A3O-ver-REC onça
 Ø-aranme-li **akari pomri** uŋno
 3Sa-correr-REC onça rapaz medo.de
 ‘O rapaz viu a onça e ela (a onça) correu com medo do rapaz’

⁸⁶ Na sociedade Ikpeng, uma pessoa do sexo masculino tem de ser bom pescador ou caçador, sendo uma qualidade muito apreciada, principalmente pelos mais velhos.

7.2.3. Acessando o SN antecedente via prefixo reflexivo {t_i-}

Vimos em capítulos anteriores, o emprego do prefixo {t_i-}, anexado ao nominal na função de objeto (**O**), no estabelecimento da co-referência entre o SN em função de sujeito e o SN em função de objeto. Semanticamente, o sujeito é o possuidor do objeto e o prefixo {t_i-} indica a função original desse sujeito:

- (299) a. Korotow_i t-en_i-l_i t_i-mano omriŋgo wok
Kokotow_i 3-pôr-REC REF-irmão banco sobre
'Korotow_i pôs o irmão-dele_i sobre o banco'
- b. tenpano_i Ø-anm_i-po-l_i t_i-oen
pessoa 3A3O-arrancar-CAUS-REC REF-dente
'A pessoa_i pediu para ele arrancar o dente-dela_i'

7.3. DEFININDO O PIVÔ EM CONSTRUÇÕES MULTI-ORACIONAIS

O termo *pivô* é empregado para identificar a função sintática que desempenha o papel central nos processos de co-referenciação em construções complexas (multi-oracionais) e nos processos de promoção e demissão de argumentos (passiva e antipassiva). Segundo Dixon (1994: 143), nas línguas sintaticamente ergativas, que tratam **S** e **O** da mesma maneira e **A** diferentemente, o pivô será a função **S/O**. Já nas línguas sintaticamente acusativas, que tratam **S** e **A** da mesma maneira e **O** diferentemente, o pivô será **S/A**.

Assim, na coordenação oracional construída em torno de um ou dois SNs em função argumental, o pivô será aquele que pode ser apagado sob co-referência, pois a função, mesmo não preenchida, poderá ser facilmente identificada, não sendo isso possível para a função não-pivô, que deve sempre estar preenchida. Nas construções passivas e antipassivas, há uma operação sintática para promover o SN não pivô para a função pivô. Dessa forma, no processo de formação das passivas, o SN **O** assume a função **S (=A)** da intransitiva derivada, sendo **A** demovido ou apagado, ao passo que, no processo de formação da antipassiva, o SN **A** assume a função de **S (=O)**, sendo **O** demovido ou

apagado. O autor afirma que uma das funções das passivas e antipassivas é alimentar (manter, preservar) o pivô sintático (cf. tb. Van Valin, 1993: 59; Palmer, 1994: 88).

Abaixo, apresentam-se as restrições que orientam o pivô, a partir da proposta de Dixon (1994):

(300) Restrições que orientam o Pivô

I- Apagamento sob co-referência:

O NP-pivô pode (sempre) ser apagado na oração subordinada ou coordenada, sendo que:

a) nas nominativo-acusativas, o S/A pode ser apagado sob co-referência (mas não O);

b) nas ergativo-absolutivas, S/O pode ser apagado (mas A não).

II- Processo de passivização e antipassivização:

O NP-pivô está sempre presente nas orações independentes derivadas (passivas, antipassivas), isto é:

a) nas nominativo-acusativas com passivas:

$O_{ACUS} \Rightarrow S_{NOM} \ \& \ (A_{NOM} \Rightarrow OBL/\emptyset)^{87}$;

b) nas ergativo-absolutivas, com antipassivas:

$A_{ERG} \Rightarrow S_{ABS} \ \& \ (O_{ABS} \Rightarrow OBL/\emptyset)^{88}$.

As restrições postas em II não se aplicam ao Ikpeng, posto que não foram encontradas construções do tipo passiva/antipassiva. Quanto a I, demonstraremos que o Ikpeng se comporta como uma língua nominativo-acusativa, com pivô S/A.

Van Valin (1993: 59) propõe uma hierarquia que é levada em conta no estabelecimento do pivô sintático⁸⁹:

(301) a. Hierarquia de marcação dos processos envolvendo o pivô em línguas sintaticamente acusativas:

ACTOR (A) > UNDERGOER (O) > OUTROS

b. Hierarquia de marcação dos processos envolvendo o pivô em línguas sintaticamente ergativas:

UNDERGOER (O) > ACTOR (A) > OUTROS

⁸⁷ Leia-se O acusativo assume a função S nominativa e A nominativo assume função oblíqua ou é apagado.

⁸⁸ Leia-se A ergativo assume a função S absoluta e O absoluto assume função oblíqua ou é apagado.

⁸⁹ Entre parênteses as funções sintáticas propostas por Dixon (1979) e por nós seguidas.

O autor chama a atenção para o fato de essa hierarquia funcionar apenas para os transitivos, dado que os intransitivos apresentam um único argumento e será o pivô.

No quadro abaixo, resumimos as possibilidades de marcação e apagamento de argumentos nas funções nucleares em línguas ergativas ou nominativas:

(302) Pivô em línguas nominativas e nas ergativas

| Construção | Aspecto considerado | Tipo I: Nominativo/ Acusativo | Tipo II: Ergativo/ Absolutivo |
|------------------|--|--|---|
| Multi-oracional | Função do argumento apagado sob co-referência | S/A | S/O |
| | Função do argumento não apagado | O_{ACUS} | A_{ERG} |
| (Anti-) passivas | Caso marcado na construção intransitiva derivada | NOMINATIVO | ABSOLUTIVO |
| | Função assumida pelo sujeito intransitivo | $S=A$ | $S=O$ |
| | Operação sintática | Passiva: $O \Rightarrow S_{PASSIVA}$ $\langle A_{NOM} \Rightarrow OBL/\emptyset \rangle$ | Antipassiva: $A \Rightarrow S_{APASSIVA}$ $\langle O_{ABS} \Rightarrow OBL/\emptyset \rangle$ |

Notação: o símbolo $\langle \rangle$ indica o argumento apagado ou demovido.

A partir dos textos apresentados na seção 7.2.2.1, acima, podemos afirmar que o SN pivô é aquele que assume a função A/S, podendo ser apagado nas orações seguintes sem problemas de interpretação.

Dessa forma, no exemplo abaixo, observe-se que:

- em (a), *ekiri* ‘velho’ assume a função que orientará o apagamento, ou seja, S/A;
- em (b), o SN em função A foi omitido;
- em (c) e (e), o SN em função S foi omitido; e
- em (d), o SN em função A, além do SN em função O, foram omitidos.

(303) a. *ekiri* ru man \emptyset -ero-aŋ ti-manin ina
 velho PART PART 3Sa-ir-REM REF-serviço para:DAT
 ‘O homem idoso, ao ir para o trabalho dele’

- b. [\emptyset_A] y-uwi-aŋ man tɨ-win
 3-procurar-REM PART REF-facção
 ‘[ele] procurou o facção dele’
- c. ɨ-win mun eto [\emptyset_S] \emptyset -ankaŋ man
 3-facção PART será 3S-dizer PART
 ‘[Ele] disse: onde está meu facção?’
- d. rɨk rɨk rɨk [\emptyset_A] y-uwitk-aŋ [\emptyset_O] man
 ONOM 3-procurar-REM PART
 ‘*Rɨk rɨk rɨk* [ele] o procurou’
- e. pat[an [\emptyset_S] \emptyset -orotpot]-aŋ man owro waraktʃi
 ?INTJ 3S-voltar-REM PART casa para.dentro
 ‘*patfan* [ele] retornou para dentro da casa’

O apagamento de **A** e **O** é permitido porque a língua admite o apagamento dos argumentos lexicais do verbo transitivo, conforme discutido na seção 8.1. Portanto, por ser possível apagar **S** e **A**, sob co-referência, o pivô será **A** (ou **Actor**).

Em futuras pesquisas, serão investigadas as possibilidades de apagamento de SNs sob co-referência, além de verificar-se a existência de construções (anti)passivas ou correlatas.

7.4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo, procuramos demonstrar que o Ikpeng permite a não realização de pronomes nas posições argumentais, sendo isso uma característica de língua *head-marking*, e que o argumento previamente citado pode ser retomado via anáfora zero, reiteração do SN e pronome reflexivo prefixado ao nome. Mostrou-se, ainda, que o pivô sintático nos processos de apagamento sob co-referência, em construções multi-oracionais, é **S/A** ou o argumento **Actor**. Com isso, pretendemos ter oferecido um panorama global dos processos de realização e retomada dos SNs em construções mono-oracionais e multi-oracionais.

8

POSIÇÃO DO VERBO E ORDEM DOS CONSTITUINTES: DESCRIÇÃO SINCRÔNICA E HIPÓTESES DIACRÔNICAS

O objetivo deste capítulo é caracterizar o Ikpeng do ponto de vista da tipologia da ordem, apresentando hipóteses sobre tipo de ordem básica e sobre os fatores que podem estar determinando as diversas posições dos constituintes na sentença. Será defendida a idéia de que a língua é do tipo **VO**, com a possibilidade de **A** (sujeito transitivo) vir antes ou depois do verbo, e de que se trata de uma língua V-inicial (em oposição a V-final). Além disso, serão apresentadas algumas hipóteses sobre a marcação de caso via ordem e uma análise comparativa entre o Ikpeng e o Arara, onde se discorrerá sobre as principais diferenças gramaticais existentes entre as duas línguas.

8.1. TIPOLOGIA DA ORDEM

A ordem dos constituintes, na perspectiva tipológica, é definida, em geral, a partir dos seguintes parâmetros: a) ordem relativa de **S** (sujeito) e **O** (objeto) em relação a **V** (verbo); b) ordem de **O** em relação a **V**; c) posição do verbo na sentença (cf. Geenberg, 1963; Hawkins, 1983; Harris e Campbell, 1995; Pullum, 1977)⁹⁰.

Hock (1986: 317) afirma que, a partir da precedência ou não de **S** em relação a **O**, as possíveis ordens de constituintes nas línguas naturais são:

⁹⁰ Para se conhecer melhor a análise da ordem numa língua indígena amazônica dentro da perspectiva tipológica, ver Corbera Mori (1998).

(304) a) S antes de O
 S V O
 S O V
 V S O

b) S depois de O
 O V S
 O S V
 V O S

O autor afirma que as línguas apresentam, geralmente, os padrões à esquerda, sendo os da direita menos comuns (cf. também Greenberg, 1963; Hawkins, 1983). Uma das explicações para a precedência do sujeito em relação ao objeto é o fato de que os sujeitos tendem a ser os constituintes mais proeminentes em termos pragmáticos, isto é, o tópico ou o foco da oração.

Uma outra possibilidade (cf. Lehmann, 1994) é a divisão das línguas em dois tipos: aquelas em que O precede V (OV) e aquelas em que O segue V (VO). Harris e Campbell (1995: 196) assim apresentam as características associadas a esses dois tipos:

| (305) | O V | V O |
|------------------------|-------|-------|
| Aposição | Posp | Prep |
| Adjetivo (modificador) | A N | N A |
| Genitivo | G N | N G |
| Determinante | Det N | N Det |
| Relativa | Rel N | N Rel |
| Auxiliar | V Aux | Aux N |

Há ainda propostas que não ignoram a posição do S e do V, defendendo a idéia de que haveria apenas dois tipos de línguas: S O V (núcleo final) e V S O (núcleo inicial), sendo as demais ordens variantes dessas (cf. Harris e Campbell, 1995).

Recentemente, Dryer (1997) apresentou uma tipologia da ordem que, em lugar dos seis tipos tradicionais (SOV, SVO, VSO, VOS, OVS e OSV), considera apenas dois parâmetros binários: i) SV ou VS; e ii) OV ou VO, que, cobinados, resultam em apenas quatro tipos. Dessa forma, a ordem SVO seria a combinação de SV&VO; VSO (língua V-inicial), a combinação de VS&VO; SOV (V-final), de SV&OV; a ordem OVS, rara nas línguas, a combinação de VS&OV. Uma das vantagens desse modelo é reunir num único tipo as ordens VSO e VOS, isto é, VS&VO (V-inicial), além de levar em conta a ordem das orações intransitivas, ignorada na tipologia tradicional.

A partir das considerações acima, será discutida a posição do Ikpeng dentro da tipologia da ordem, verificando as possíveis ordens de constituintes encontradas na língua e o que pode estar determinando essa variação.

8.2. O IKPENG E A TIPOLOGIA DAS LÍNGUAS V-INICIAIS

Dik (1980) divide as línguas V-iniciais em quatro grupos:

- I) *línguas V1*: línguas com a ordem básica VSO, na qual VSO é a ordem dominante nas sentenças realizadas;
- II) *línguas V2*: línguas com a ordem básica VSO, na qual a ordem SVO é a ordem dominante nas sentenças realizadas;
- III) *línguas rigidamente V2*: línguas com a ordem básica VSO, na qual V está sempre em segunda posição na ordem dominante encontrada nas sentenças realizadas;
- IV) *línguas V3*: línguas com a ordem básica VSO, na qual se algum outro constituinte diferente do sujeito for deslocado para a esquerda da oração, o V ocorre em terceira posição.

O autor assume que esses tipos estão historicamente relacionados, posto que:

- a) línguas V1 resultam em V2 através do processo de mudança da marcação, sendo que a ordem SVO marcada torna-se não marcada nas sentenças atuais;
- b) línguas V2 resultam em línguas rigidamente V2, através do processo de *generalização-V2*, segundo o qual a segunda posição dominante do verbo se torna uma exigência estrutural (para todas as sentenças atuais);
- c) línguas rigidamente V2 resultam em V3, via processo de *reinterpretação*, através do qual a ordem básica original VSO é reinterpretada de modo a ajustar-se à ordem SVO dominante e não marcada encontrada nas sentenças atuais.

Diante do exposto, propõe-se que o Ikpeng seja tratado como língua V-inicial do tipo II (V2 com ordem básica VSO e ordem dominante SVO).

A seguir, utilizam-se os parâmetros empregados por D. Payne (1990) e Dryer (1997) para caracterizar o Ikpeng como língua V-inicial.

8.2.1. Caracterização morfossintática do Ikpeng

Seguindo os parâmetros propostos por D. Payne (1990) e por Dryer (1997), defenderemos que o Ikpeng é, sincronicamente, uma língua V-inicial com a possibilidade de o verbo ocorrer na segunda posição da sentença quando um dos seus constituintes ocupa a primeira posição. Por isso, defende-se que o Ikpeng seja uma língua V-inicial não rígida e que a posição imediatamente pré-verbal é empregada pela língua para indicar o constituinte mais proeminente, focalizado ou enfatizado (*foreground*). Todas as posições pós-verbais, portanto, são não marcadas, estando elas nessa ordem⁹¹:

(306) P1 [V A (V) O X]

Dessa forma, as ordens **AVOX**, **OVAX**, **XVAO** são determinadas por fatores pragmáticos, do tipo acima mencionado.

A partir dos parâmetros propostos por D. Payne (1990) para a caracterização morfossintática do Yágua, apresentamos as características morfossintáticas do Ikpeng a fim de propor uma análise sobre a ordem básica na língua. As características encontradas nos parâmetros de 1 a 19, à exceção dos números 10 e 11, são traços de língua V-inicial, e as de 20 a 31, de línguas não V-inicial:

(307) Caracterização morfossintática do Ikpeng:

| PARÂMETRO | CARACTERÍSTICA |
|---------------------------|---|
| 1. Ordem básica | • A ordem básica dos constituintes é VSO. As ordens SVO e OVS são pragmaticamente marcadas. |
| 2. Deslocamento de SNs | • Deslocamento de SNs para a esquerda do verbo é uma das possibilidades para a marcação pragmática. |
| 3. Estatuto Informacional | • Há tendência de mover informação dada para o final da oração (objeto direto e oblíquo). |
| 4. Morfologia | • Língua aglutinativa, com certo grau de polissíntese. |

⁹¹ Essa proposta de representação da ordem encontra-se em Dik (1980). Note-se que P1 (primeira posição) é empregada para indicar o Tópico e o Foco; X seria um oblíquo ou adjunto. A periferia direita da oração, denominada *Tail* por Dik, não é considerada aqui. Quando se quer referir os elementos pragmaticamente marcados nessa posição, utiliza-se a denominação “deslocamento à direita”.

| | |
|---|--|
| 5. Marcação formal de caso | • Não há marcação de caso (afixado ao nominal) para sujeito e objeto (mas uma Série II de clíticos que apresentam traços de pessoa/caso) ⁹² . |
| 6. Posição da relativa | • As orações relativas seguem seus núcleos. |
| 7. Posição do modificador | • Modificadores descritivos seguem seus núcleos. |
| 8. Estratégia de relativização | • Relativização pode ser feita por apagamento ou pela retenção das Séries I e II de clíticos na posição relativizada. |
| 9. Advérbios | • Advérbios de modo geralmente seguem o verbo*. |
| 10. Auxiliares | • O auxiliar segue o verbo nominalizado ou na forma negativa, bem como os nomes e os adjetivos nos predicados não verbais. |
| 11. Negação | • A partícula negativa segue o verbo. |
| 12. Modais | • Formativos modais são encontrados no verbo. |
| 13. Verbo dependentes | • Verbos encaixados seguem o verbo principal. |
| 14. Orações completivas | • Objetos oracionais seguem o verbo principal. |
| 15. Cópula | • Não existe cópula expressa. |
| 16. Partículas sim/não | • Partículas sim/não ocorrem no início da oração. |
| 17. Questões que pedem informação | • Em questões sobre (pedido de) informação, os SNs são deslocados para a esquerda (fronteados). |
| 18. Orações subordinadas completivas e adverbiais | • Alguns tipos de oração adverbial e completiva seguem os verbos principais (excetuando-se as condicionais). |
| 19. Complementizadores | • Complementizadores precedem suas orações*. |
| 20. Afixação e morfologia | • Os processos morfológicos se dão, em geral, via sufixo. |
| 21. Adposição | • Existência de posposições. |
| 22. Demonstrativos e numerais | • Ocorrem antes do núcleo nominal. |
| 23. Genitivos | • Expressões genitivas ocorrem antes do núcleo nominal. |
| 24. Concordância no SN | • Há concordância entre o núcleo e seus dependentes nos SNs. |
| 25. Advérbios e modificadores | • Advérbios precedem os modificadores*. |
| 26. Pronome relativos | • Aparecem no final da oração relativa. |
| 27. Nominalização | • Há uma variedade de formas para nominalizar o verbo. |
| 28. Passiva | • Não há construção passiva, no sentido prototípico do termo. |
| 29. Concordância verbal | • O verbo concorda com apenas um argumento (os prefixos de concordância pessoal podem ser vistos como <i>portemanteau</i>). |
| 30. Comparação | • O comparativo precede o comparado (em Ikpeng isso é feito por justaposição). |
| 31. Partícula coordenadora | • Segue o sintagma coordenado. |

OBS: As características marcadas com asterisco (*) não foram testadas ou encontradas nos dados.

Dessa forma, o Ikpeng apresenta muitas semelhanças com o Yágua, descrito por D. Payne como V-inicial. Para a autora, as posições pré-verbais são pragmaticamente marcadas, o que é assumido, nesta análise, para o Ikpeng.

⁹² Em Ikpeng, há duas séries de afixos pessoais que se prefixam a verbos, nomes e posposições, marcando o caso nominativo/acusativo e genitivo.

Partindo-se dos parâmetros apresentados por Dryer (1997), propomos que o Ikpeng seja classificado como VS & VO (isto é, VSO). Para tal, utilizamos a seguinte tabela proposta por aquele autor, onde se pode observar que o Ikpeng apresenta propriedades tanto de língua V-inicial como de língua não V-inicial, o que demonstra, conforme foi afirmado acima, que o Ikpeng não parece ser uma língua rigidamente V-inicial:

(308) Características típicas de uma língua VSO encontradas em Ikpeng

| PROPRIEDADE ⁹³ | PROPRIEDADE TÍPICA | PROPRIEDADE OPOSTA |
|---------------------------|--------------------|--------------------|
| 1. Preposição | – | + |
| 2. N-Gen | – | + |
| 3. N-Rel | + | – |
| 4. Num-N | + | – |
| 5. V-SP | + | – |
| 6. Neg-V | – | + |
| 7. Aux-V | – | + |
| 8. Q inicial | + | – |
| 9. QU inicial | + | – |

A seguir, para cada propriedade acima, apresenta-se um exemplo:

(309) Quadro com exemplos

| PROPRIEDADE | EXEMPLO |
|---------------|---|
| 1. Preposição | a. yetporeli wot [SP togo _O ge _P] 'Eu cortei o peixe com facão' |
| 2. N-Gen | b. [SN T]fileni _{GEN} moropon _N] 'bolsa de Cilene' |

⁹³ Chave: Prep: preposição vs. posposição; N-gen: nome-genitivo vs. genitivo-nome; N-Rel: oração relativa segue o nome vs. oração relativa precede o nome; Num-N: numeral-nome vs. nome-numeral; V-SP: SP (sintagma aposicional) seguindo o verbo vs. SP precedendo o verbo; Neg-V: palavra negativa precedendo o verbo vs. palavra negativa seguindo o verbo; Aux-V: verbo auxiliar ou partícula tempo-aspectual não verbal precedendo o verbo principal vs. verbo auxiliar ou partícula tempo-aspectual não verbal seguindo o verbo principal; Q-inicial: partícula interrogativa iniciando sentença em perguntas sim/não vs. partícula interrogativa final de sentença; QU-inicial: expressão-QU (*wh-expression*) obrigatoriamente no início da sentença vs. expressão-QU não obrigatoriamente na posição inicial (tipicamente *in situ*).

| | |
|---------------|--|
| 3. N-Rel | c. yeneŋlɪ [aŋpi _N taranmeremtowo _{Rel}] 'Eu vi o menino que correu' |
| 4. Num-N | d. [arak _{NUM} taɛ _N] 'dois macacos' |
| 5. V-SP | e. petkom terulɪ _V anat [sp aŋpi ina] 'A mulher deu milho para o menino' |
| 6. Neg-V | f. [anme _V wa _{NEG}] ugun 'Ele não empurrou' |
| 7. Aux-V | g. k-arami _V -wa _{NEG} etʃi-lɪ _{AUX} 'Eu não olhei' |
| 8. Q inicial | h. impe _Q wot ⁹⁴ 'Não temos peixe' |
| 9. QU inicial | i. ari _{QU} m-eru eŋ-na 'O que você deu para ele?' |

As propriedades 1, 2, 6, 7 são, certamente, resquícios de períodos anteriores da língua, provavelmente, quando apresentava a ordem **OV**, ainda atestada em Arara e em outras línguas da família. Entretanto, defende-se que o Ikpeng seja **VSO** pelos seguintes motivos:

- nas orações transitivas, o primeiro argumento que ocorre na cadeia oracional é o sujeito, sendo o segundo o seu objeto;
- os constituintes em posição pré-verbal (P1) são interpretados como foco da informação, sendo pragmaticamente marcados;
- os constituintes em posições pós-verbais são não marcados.

8.2.2. Marcação pragmática e a definição da ordem em Ikpeng

A ordem básica pode ser definida a partir de três critérios (cf. Gildea, 1997; Mithun, 1987):

- ordem encontrada nos tipos de construções pragmaticamente menos marcadas;
- ordem mais freqüente encontrada nos textos narrativos;
- ordem subjacente singular de onde as ordens variantes superficiais podem ser facilmente (ou logicamente) derivadas.

⁹⁴ Resposta negativa à pergunta: *wot ipe omro?* (peixe ter você) 'Você tem peixe?'. A resposta positiva é *oren* (literalmente 'este').

Se a pesquisa tem por meta entender que condições pragmático-discursivas condicionam um determinado comportamento sintático, o critério em (a) é o mais adequado. Entretanto, não se descartam os demais, visto que eles podem estar relacionados, de alguma maneira, ao primeiro. Como o objetivo aqui é entender quais fatores funcionais estão influenciando as possíveis ordens encontradas, optou-se pelo critério exposto em (a).

Assim, pode-se definir “ordem menos marcada pragmaticamente” como aquela ordem que é menos influenciada por fatores de ordem discursivo-pragmática como topicalização, focalização ou ênfase dos constituintes (cf. Hock, 1986)⁹⁵.

Dryer (1995: 127) afirma que enquanto uma língua pode usar uma ordem como marcada em determinada situação, uma outra língua pode usá-la como não-marcada. Segundo o autor, o que define uma ordem como pragmaticamente não marcada numa dada língua é o seu caráter de ordem *default*, e que as condições discursivas atuais associadas à ordem marcada variam consideravelmente de uma língua para outra. É por esse motivo, conclui, que a definição de “marcação pragmática” em termos de uma pragmática universal é de difícil determinação, e que é muito difícil encontrar evidências convincentes de que uma dada construção seja, de fato, pragmaticamente não marcada.

Mesmo diante das dificuldades associadas à determinação da ordem básica a partir desse critério, assume-se, a partir das discussões realizadas por Dryer (1995: 131), que a marcação pragmática reflete a natureza das regras ou princípios subjacentes à produção lingüística e, portanto, faz parte da gramática das línguas naturais.

Diante do que foi acima exposto e dos dados apresentados, formula-se a seguinte generalização sobre a ordem em Ikpeng:

(310) Ordem básica em Ikpeng

A ordem básica em Ikpeng é VSO, sendo as ordens OVS e SVO derivadas via deslocamento do sujeito ou do objeto para a posição inicial da sentença.

⁹⁵ Payne (1995: 455) afirma que o termo “pragmaticamente marcado” deve ser usado no lugar do termo “foco”, pois além de este ser vago e impreciso, atribui-se à noção “foco” a informação não pressuposta. A partir de tal noção, continua a autora, as posições pré-verbais não expressariam a informação “focalizada” nas línguas V-iniciais. Portanto, a informação pragmaticamente marcada seria aquela que o falante assume ser esperada ou pressuposta pelo ouvinte (informação dada, nos termos de Hock, 1986).

Hock (1986: 317) afirma que as línguas **VSO** têm a tendência de empregar como ordem alternativa **SVO**, mas que o inverso raramente ocorre, pois sujeitos podem ser facilmente “fronteados” (deslocados à esquerda), ocupando a posição/função de tópico ou foco da oração. Isso explicaria a ocorrência do sujeito (e mesmo do objeto) antes do verbo que inicia a oração básica nas línguas V-iniciais. A ordem **SVO** como opcional nas línguas **VSO** ocorre porque, na primeira, tem-se um predicado contínuo (**VO**), ao contrário da segunda, que o apresenta descontinuamente (**V...O**). Pode-se dizer, pois, que há nas línguas a tendência de o Verbo ocorrer adjacente ao seu Objeto, sendo esse um dos fatores que determinam a mudança da ordem *VSO* para a ordem *SVO* (vejam-se Harris e Campbell, 1995, para uma discussão mais detalhada para essa possibilidade de mudança diacrônica).

A partir dessas considerações, sustentamos que o Ikpeng seria uma língua que teria como não marcada a ordem **VSO** (ou **VAO**⁹⁶).

Abaixo, será discutida a ordem de constituintes na oração transitiva independente, correlacionando-a com a ordem encontrada nas orações não-verbais, intransitivas e nos sintagmas (nível sub-oracional).

8.3. DISCUTINDO A ORDEM EM IKPENG

8.3.1. A ordem VSO e as construções descontínuas

Conforme mencionado acima, a ordem **VSO** traz um problema lógico para o estudo da ordem básica, dado que o objeto e o verbo, que fazem parte do predicado ou sintagma verbal, formam um constituinte descontínuo. Ressalte-se que ao lado de uma variante descontínua sempre há a variante contínua de uma construção e que através do contraste estrutural e/ou semântico, pode-se sempre deduzir a função dos elementos da oração e impedir a ambigüidade nas construções descontínuas. Como não apenas os sintagmas verbais podem apresentar esse comportamento, mas também outras

⁹⁶ O uso de **A** no lugar de **S** para identificar o sujeito transitivo segue a proposta adotada pelas pesquisas atuais sobre ordem nas línguas Karíb (cf. Gildea, 1997 e 1998; Derbyshire, 1999).

[O POSP]

- (314) t-eru-lí-ηmo Tjileni ina topkak
 3-dar-REC-COL Cilene para arco
 ‘Deram um arco para a Cilene’

D) $V_{\text{NOMZ}} \leftarrow \text{Aux}$: o auxiliar segue o termo “auxiliado”, que é, geralmente, um elemento não verbal, deverbal ou denominal. O auxiliar funciona como verbo principal, e o item que o acompanha, como seu complemento:

- [N V] SUJ
 (315) to-miη-ke etji Pran
 3-barriga-DEN AUX Fran
 ‘Fran sempre fica com fome’

8.3.3. Ordem nas orações não-verbais: o sujeito à direita do predicado

Nas orações com predicado não verbal, incluindo-se os predicados com auxiliar, a ordem encontrada é sujeito posposto ao predicado:

- [[PRED] SUJ]
 (316) a. í-gomtjin-ke pebra uro
 1-frio-DEN NEG eu
 ‘Eu não sinto frio’

- [[PRED] SUJ]
 b. karake kara arogrí
 bonito arara pena
 ‘As penas da arara são bonitas’

- [[PRED] SUJ]
 c. o-wowan-ke m-etji-lí omro
 2-saudade-DEN 2-AUX-REC você
 ‘Você estava com saudade’

- [[PRED] SUJ OBL]
 d. tí-wowan-ke imro Tjileni tí-re wok
 3-saudade-DEN AUX Cilene REF-mãe na
 ‘Cilene estava com saudade da mãe dela’

[[**PRED**] **SUJ**]
 e. totupit omro
 cheio você
 ‘Você está cheio’

A posição do predicado no início da oração constitui um forte indício de que os SNs em função argumental ocorrem à sua direita.

8.3.4. Ordem na oração relativa

O verbo na oração relativa finita se encontra, como na oração independente, em primeira ou segunda posição. Se a primeira posição da relativa for ocupada por um constituinte, que não o verbo (nominalizado), este ocorre em segunda posição:

- (317) a. enu nen oke_i [i_i-ge Ø-**aŋkore-lî** wa Yokore yay keni]
 novo DEIT machado 3-INST 3A3O-derrubar-REC SUBR Iokoré pau REL
 ‘O machado [com que Iokoré cortou pau/árvore] é novo’
- b. y-eneŋ-lî itereku [Ø-**aŋ-naŋ** pa aŋpi [Ø_O] keni]
 1A3O-ver-REC galinha 3A3O-comer-CONT SUBR menino REL
 ‘Eu vi a galinha [que o menino está comendo]’
- c. y-eneŋ-lî aŋpi [itereku Ø-**aŋ-naŋ** pa [Ø_A] keni]
 1A3O-ver-REC menino galinha 3A3O-comer-CONT SUBR REL
 ‘Eu vi o menino [que está comendo galinha]’
- d. y-eneŋ-lî ugwon [Ø-**aŋge-naŋ** pa [Ø_A] yana keni]
 1A3O-ver-REC homem 3A3O-cavar-CONT SUBR buraco REL
 ‘Eu vi o homem [que está cavando o buraco]’
- e. y-eneŋ-lî ugwon [yana Ø-**aŋge-naŋ** pa [Ø_A] keni]
 1A3O-ver-REC homem buraco 3A3O-cavar-CONT SUBR REL
 ‘Eu vi o homem [que está cavando o buraco]’

Nos exemplos, note-se que a ordem da relativa é a mesma proposta para as independentes, ou seja, **VAO** (alternando, talvez, com **VOA**, dependendo da interpretação dada à forma relativa *keni*), podendo apresentar as seguintes ordens para o verbo e o

argumento presente na relativa: **OV** ou **VO** e **AV** ou **VA**. Como nas orações independentes, o verbo precisa estar ou em primeira ou em segunda posição.

8.4. ORDEM EM IKPENG E NAS DEMAIS LÍNGUAS KARÍB

8.4.1. Ordem de constituintes e caso nas línguas Karíb

Derbyshire (1981) propôs que a ordem básica no proto-Karíb seria **SOV** e que a ordem **OVS** encontrada em várias línguas Karíb modernas seriam derivadas via deslocamento de **S** para a posição direita do verbo (*right-dislocation*). Entretanto, conforme afirma Gildea (1997: 146), se se quer entender as propriedades da ordem de constituinte em uma língua ancestral, deve-se primeiro determinar quais construções podem ser reconstruídas na proto-língua e, assim, fazer abstrações a partir dos padrões posicionais encontrados nessas construções individuais de forma a determinar o “tipo” da (ordem na) proto-língua.

Ao se referir às possibilidades de ordens (básicas) nas diversas línguas Karíb, Derbyshire (1999) comenta que há dois tipos de ordem nas línguas da família: a) *ordem nominativo-acusativa*, onde **S** e **A** ocorrem na mesma posição, pré ou pós-verbal (no caso, **AOV/SV**, como no Galibi e no Dekwana; **OVA/VS**, como as encontradas em Apalaí, Hixkaryána e Panare); b) *ordem ergativo-absolutiva*, onde **S** e **O** se encontram em posições pré-verbal (**SV/OVA**), embora a ordem **AOV** seja também encontrada (como se observa em Kuikúro e em Makuxí)⁹⁹.

Gildea (1997) lista como línguas que apresentam ordem ergativa o Makuxí, o Kuikúro, o Armellada, o Cariña, o Kalapalo e o Kapóng. Essas línguas apresentam, salvo uma ou outra variação, as seguintes características:

a) **O** e **S** são morfologicamente não marcados e precedem o verbo, estando em distribuição complementar com o prefixo/clítico pronominal preso à margem esquerda do radical verbal;

⁹⁹ O autor afirma que esses padrões de ordem foram determinados não primariamente pela frequência de ocorrências, mas sim pelo fato de que as ordens alternantes podem ser consideradas como pragmaticamente marcadas.

- b) a função A é marcada por um morfema que ocorre à direita do nome, reflexo da posposição dativa/agentiva do Proto-Karíb (reconstruído como **wíya*), ocorrendo o argumento ergativo após o verbo;
- c) os sufixos de tempo-aspecto que ocorrem no verbo são também atestados como nominalizadores (nas línguas Karíb, acima citadas) e são cognatos a formas que em outras línguas funcionam apenas como nominalizadores;
- d) os auxiliares são usualmente opcionais e, quando ocorrem, apresentam efeitos semânticos idiossincráticos e propriedades de concordância, dependendo de cada língua.

Considerando-se as características acima, conclui-se que o Ikpeng não se enquadra no tipo ergativo, pois: i) a ordem básica nas orações intransitivas e transitivas é **VS/VAO** (situação inversa à encontrada no Galibi e no Dekwana)¹⁰⁰; ii) não há marca que indica o caso ergativo, posposta aos nomes em função A, como ocorre em Kuikuro e Macuxí. A característica (c), apesar de ser atestada na língua, não pode ser utilizada como evidência para marcação ergativa, pois as formas verbais com marcas de tempo, homófonas às formas indicadoras de posse, não são interpretadas pelo falante como verbo nominalizado, apesar de poderem ser analisadas como derivadas diacronicamente de formas nominalizadas¹⁰¹. A característica (d), referente às formas auxiliares, também foi encontrada na língua, mas indica que o padrão de marcação é **Sa/A**, recebendo os prefixos da Série I (cf. seção 3.8.3).

Um outro argumento em favor da hipótese acusativa para o Ikpeng são as construções médias, que apresentam um **Sa** que originalmente era um **O**. Dessa forma, tem-se um **O** que é promovido a **S(=A)**, como ocorre nas passivas das línguas acusativas.

8.4.2. Línguas V-iniciais e V-finais

O fato de o Ikpeng não permitir a ordem **A O V**, que identifica as línguas V-finais, dá-se porque as línguas V-iniciais normalmente não podem ter o verbo no final da oração.

¹⁰⁰ Segundo Trask (1979: 385), as línguas ergativas quase sempre apresentam como ordem básica SOV, ocasionalmente são VSO e, raramente, são SVO. Num inventário de 18 línguas ergativas, duas são VSO, uma é SVO, uma apresenta ordem livre, sendo as demais SOV. Ao relacionar ordem e marcação de caso, Pullum (1977: 270) coloca as línguas VSO no grupo das línguas nominativo-acusativas.

¹⁰¹ Observe-se que, em Ikpeng, o morfema de tempo recente {-lî} assemelha-se à marca de posse {-rî}, e o morfema de não passado {-t}, à marca possessiva {-n}.

Dessa forma, os dois tipos se opõem, constituindo, prototipicamente, os extremos de uma escala¹⁰²:



Assim, pode-se supor que as línguas caminham de um polo para o outro, sendo a ordem SVO/OVS um tipo intermediário entre as ordens SOV e VSO. Segundo essa hipótese, uma língua V-inicial bloquearia a posição final do verbo (este seria o caso do Ikpeng e, provavelmente, do Panare), e uma língua V-final bloquearia o verbo no início da oração (provavelmente, todas ou a maioria das línguas Karíb). Essas restrições são previstas por Pullum (1977: 272).

8.4.3. Hipótese de mudança

Apresenta-se aqui uma proposta de mudança para o Ikpeng, que leva em conta a mudança de V-final para V-inicial ou V-medial.

- | | |
|-----------------------------------|--|
| (319) a) AOV > OVA > VAO ≥ AVO | IKPENG (e PANARE, segundo Payne, 1994, <i>apud</i> Gildea, 2000) |
| b) AOV > OVA | ARARA E DEMAIS LÍNGUAS KARÍB (A partir da proposta de Derbyshire, 1981; cf. Gildea, 2000) |

Assim, o padrão **OVA** seria resultado do deslocamento de **A** para a periferia direita da oração, conforme previsão de Derbyshire (1981). A ordem **VAO**, segundo nossa hipótese, seria o resultado do deslocamento de **O** para a periferia direita da oração, sendo a ordem **AVO** um rearranjo da ordem **VSO** para manter **V** e **O** adjacentes.

¹⁰² A escala apresentada segue a proposta de Pullum (1977: 272) que afirma: *The verb of a clause may be placed in (a) initial position in all clauses; (b) second position in all clauses; or (c) final position in all clauses.* Note-se que a escala leva em conta, primordialmente, as orações transitivas declarativas independentes.

O que difere o Ikpeng das demais línguas da família é o fato de ele ter mudado de uma língua V-final para uma V-inicial. Mas como explicar as diferenças existentes entre o Ikpeng e o Arara? A seguir, apresentam-se algumas hipóteses.

8.4.4. Ordem em Ikpeng e Arara

Teceremos, aqui, algumas considerações sobre a ordem em Ikpeng e Arara, procurando entender em que pontos elas coincidem e em que pontos divergem. Os dados do Arara foram obtidos a partir do trabalho de Souza (1993). Os do Ikpeng se encontram no decorrer desta tese. Abaixo, apresenta-se um quadro onde se pode observar em que aspectos as duas línguas se assemelham ou divergem:

(320) Ordem de constituintes em Ikpeng e em Arara

| LÍNGUA | I. ORDEM BÁSICA NA ORAÇÃO INDEPENDENTE | | II. ORDENS ALTERNATIVAS | | III. AUXILIAR | IV. ORAÇÃO NÃO VERBAL |
|--------|--|----------------|--|-------------------------|--|---|
| | <i>Trans.</i> | <i>Intran.</i> | <i>Trans.</i> | <i>Intrans.</i> | | |
| Ikpeng | VAO(X) | VS | AVO OVA XVAO ?VOA | SV XVS | Vneg Aux Vnmz Aux V+Des Aux | [N Deit] Suj [N Aux] Suj |
| Arara | OVA(X) | SV | AOV ?XOVA | VS | (V)neg Aux Vnmz Aux V+Des Aux | (lacuna nos dados) |

A seguir, apresentam-se algumas evidências de que o Ikpeng e o Arara divergem quanto à ordem básica dos consituientes e, conseqüentemente, constituem tipos diferentes de línguas. Defendemos, assim, que o Ikpeng é uma língua do tipo **VO** e o Arara, do tipo **OV**. As diferenças serão mostradas a seguir:

(321) ORDEM NA ORAÇÃO TRANSITIVA: HIPÓTESE CENTRAL

O Ikpeng tornou-se uma língua do tipo **VO** e o Arara manteve o padrão **OV**.

Isso pode ser atestado em duas situações:

1) Posição de O:

- ARARA: o argumento precedendo imediatamente o verbo ocupa a função O;
- IKPENG: o argumento O não precisa vir antes do verbo. Se vier, será interpretado como marcado pragmática ou semanticamente.

2) Incorporação de O:

- ARARA: há incorporação sintática de O;
- IKPENG: não há (pelo que se sabe) incorporação sintática de O.

Vejam-se os exemplos abaixo:

(322) IKPENG i. *Ordem*

| | | | |
|----|--|-------------|----------|
| | A | V | O |
| a. | Korotowĩ | t-wo-lĩ | tae |
| | Korotowĩ | 3-matar-REC | macaco |
| | 'Korotowĩ matou o macaco' | | |
| | V | A | O |
| b. | t-wo-lĩ | Korotowĩ | tae |
| | 3-matar-REC | Korotowĩ | macaco |
| | 'Korotowĩ matou o macaco' | | |
| | O | V | A |
| c. | tae | t-wo-lĩ | Korotowĩ |
| | macaco | 3-matar-REC | Korotowĩ |
| | '(Foi) Macaco (que) Korotowĩ matou' ¹⁰³ | | |

ii. *Não incorporação do objeto*

| | | | |
|----|----------------------------------|--------------|----------------|
| | A | V | O |
| d. | Birau [anmi-lĩ | | [Yokore we-n] |
| | Birau | arrancar-REC | Iokoré dente |
| | 'Birau arrancou dente de Iokoré' | | |

¹⁰³ A frase não soa ambígua porque *tae* 'macaco' está em foco. Caso contrário, seria interpretado como agente por preceder *Korotowĩ*, que seria interpretado como paciente. Para verificarmos se *tae* está em foco, testamos a negação do foco:

i) *tae t-wo-lan Korotowĩ igemni*
macaco 3-matar-T Korotowĩ foi-não 'Não foi macaco que Korotowĩ matou' (foi outra coisa).

A V O

e. Iokore [anmĩĩ [to-e-n]]
 Iokoré arrancar REF-dente-POS
 'Iokoré arrancou o próprio dente'

(323) ARARA
 104

i. *Ordem*

O V A

a. wotomo wo-lĩ papa
 anta matar-REC papai
 'Papai matou a anta'

V A

b. tĩ-wo-lĩ papa
 3O-matar-REC papai
 'Papai a matou'

O V

c. wotomo wo-lĩ
 anta matar-REC
 'Ele matou a anta'

ii. *Incorporação do objeto* ¹⁰⁵

A O - V

d. karei od-emia-guruge-lĩ paru ke
 não-índio REF-mão-lavar-REC água com
 'O não indígena lavou a sua mão com água'

Note-se que, em Arara, a construção com objeto incorporado perde a transitividade, tornando-se uma intransitiva reflexiva. A incorporação em Ikpeng é bloqueada pelo fato de a língua ter gramaticalizado a ordem VO, menos propensa à incorporação. O fato de o Ikpeng ter interpretado o prefixo {t-} como marca de terceira pessoa objeto pode ser um outro fator que esteja determinando a não incorporação, pois, conforme atestado em outras línguas Karib, o prefixo objetivo (no Proto-Karib *n(i)) está em distribuição complementar com o objeto lexical, não podendo haver co-ocorrência. Nas línguas norte amazônicas, as duas possibilidades co-existem, isto é, se o objeto lexical for posposto ao verbo ou não for lexicalmente realizado, o prefixo objetivo ocorre

¹⁰⁴ Os dados foram retirados de Souza (1993), conforme mencionado anteriormente.

¹⁰⁵ Souza (1993: 57) afirma que a incorporação só se dá com nomes possuíveis.

prefixado ao verbo; caso o objeto lexical ocorra imediatamente antes do verbo, ele bloqueia a realização do prefixo (cf. exemplos e discussão apresentados em Gildea, 1998). Dessa forma, em Arara, o objeto lexical e o prefixo não co-ocorrem (veja-se que em (323i) o prefixo {t⁺-} ocorreu porque o objeto está ausente), sendo que a ocorrência do objeto lexical bloqueia a prefixação de {t⁺-} (vejam-se os exemplos (323a) e (323c)).

Atente-se para a questão de que a presença do prefixo {t(±)-} não é homogênea em Ikpeng. Ele ocorre em alguns verbos transitivos, sendo que, na maioria deles, sua presença não é mais atestada. Futuramente, será necessária uma investigação sobre quais verbos transitivos ainda ocorrem com esse prefixo, verificando quais motivos levaram ao seu uso restrito e que tipo de mudança sintática foi ocasionada pela sua ausência, ou se sua ausência foi determinada por algum tipo de mudança no sistema gramatical.

8.5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que se refere ao estudo da ordem na língua, alguns fatores e análises alternativas devem ser ainda considerados, como:

- a) a posição relativa do objeto e posição quase rígida do sujeito, que precisa ocorrer adjacente ao verbo;
- b) as posições finais poderiam ser marcadas pragmaticamente e isso se daria via deslocamento à direita (*right-deslocation*);
- c) outros dois fatores levantados por Mithun (1987) para a determinação da ordem: 1) frequência estatística (isto é, o número de ocorrências e as condições de realização); e 2) simplicidade descritiva (no sentido de que a descrição das ordens mais raras e das ordens alternativas morfológica e pragmaticamente marcadas, consideradas resultado de movimento de constituintes (V, SN/DP) para fora de posição normal, seria mecanicamente mais simples (cf. Mithun, 1987: 47));
- b) o tipo de informação pragmática relevante para o deslocamento à esquerda;
- e) os efeitos sintáticos da posição dos advérbios (principalmente os não-temporais) das partículas, da negação e do auxiliar, além das posições dentro dos sintagmas nominal e posposicional;

f) a ordem nas sentenças interrogativas, nas sentenças com predicado não verbal e nas orações subordinadas.

Apesar de não representar uma análise global para a ordem na língua, espera-se que as análises propostas possam contribuir para um conhecimento mais aprofundado da sintaxe da ordem em Ikpeng e nas demais línguas da família Karíb.

9

CONCLUSÃO

O objetivo desta tese foi apresentar uma descrição para a morfossintaxe Ikpeng a partir do estudo do verbo e das estruturas onde ele ocorre. Como perspectiva de análise, adotou-se uma abordagem tipológico-funcional. A pesquisa sobre a língua foi realizada em duas etapas: a) a pesquisa de campo, para coleta de material lingüístico e informações culturais; e b) a análise do material lingüístico coletado, além da pesquisa bibliográfica. Essas etapas não ocorreram num único momento, tendo havido várias viagens ao campo (perfazendo um total de aproximadamente seis meses de permanência com o grupo), cada uma com objetivos específicos e análise do material coletado em cada viagem realizada. As duas etapas, apesar de apresentadas separadamente neste trabalho, em alguns momentos mesclaram-se, pois a pesquisa de campo envolveu a análise imediata dos dados, tendo o material, ainda, sido submetido a novas análises posteriormente. As hipóteses elaboradas após cada viagem só puderam ser confirmadas na viagem subsequente.

A tese conta com oito capítulos, além deste. O primeiro foi dividido em duas partes. Na primeira parte, apresentaram-se breves considerações sobre o povo Ikpeng, como sua origem, contato e transferência para os limites do Parque Indígena do Xingu, além de ter sido mostrada a sua situação atual. Na segunda, foram apresentadas as etapas de investigação lingüística e um resumo dos capítulos da tese.

O segundo foi dividido em três partes. Na primeira, foram apresentados o inventário segmental da língua, que conta com dezoito segmentos (seis vogais e doze consoantes), e os tipos silábicos (CV, CVC, V e VC). Na segunda, foram apresentados alguns processos fonológicos que ocorrem em fronteira de morfema e de palavra, como a

assimilação, o apagamento de segmentos, a metátese, entre outros. Na terceira, uma investigação sobre a alomorfa dos prefixos pessoais da Série II, que são condicionados pelo tipo de sílaba e segmento inicial do radical ao qual são afixados.

No terceiro capítulo, foi apresentada uma descrição para as classes de palavras encontradas na língua. Mostrou-se que a língua conta com as seguintes classes: o verbo, o nome, o adjetivo, o advérbio, o pronome (e suas subclasses), a posposição (e suas subclasses), a partícula (incluindo-se aí as conjunções), o auxiliar, além da interjeição e dos ideofones, que ainda necessitam de maior investigação. O critério empregado para a definição das classes foram o seu comportamento morfossintático e as categorias gramaticais a elas associadas.

O quarto capítulo apresentou uma descrição de aspectos morfossintáticos relacionados ao verbo da oração independente, destacando-se a marcação das funções sintáticas nucleares e as possíveis ordens de constituintes. Mostrou-se que a língua distingue morfologicamente o sujeito de verbos intransitivos ativos do de inativos e que a ordem na oração intransitiva é VS ou SV, sendo a primeira a menos marcada. Quanto às orações transitivas, demonstrou-se que há dois tipos de verbos: um, no qual **O** ocorre marcado, sendo **O=So**, e outro, no qual **O** ocorre não marcado, sendo **A=Sa**. A ordem não marcada na oração transitiva é **VAO**, ocorrendo como marcadas as ordens **AVO** e **OVA**. Além disso, discutiram-se as funções do dativo na oração independente, a focalização dos argumentos nucleares e periféricos e algumas hipóteses sobre a função do prefixo {t-} nas orações transitivas.

O quinto capítulo foi dedicado ao estudo do verbo nas orações reflexivas e causativas. Na primeira parte do capítulo, foi apresentada uma proposta de organização para as construções reflexivas, que foram divididas em três grupos: as reflexivas intransitivas, que por sua vez foram divididas em reflexivas com sujeito afetado e reflexivas com sujeito não afetado; as reflexivas transitivas; as reflexivas oblíquas. Na segunda parte, discutiram-se aspectos relacionados aos processos de formação do verbo causativo, que é derivado via aumento de valência. Foram descritos os processos de formação do verbo causativo a partir de radicais intransitivos inativos e os processos de formação do verbo causativo a partir de radicais transitivos. Mostraram-se, também, as situações nas quais o sufixo causativo não é empregado como meio de codificação da

causa, estando este fenômeno relacionado à impossibilidade de o sujeito agentivo das intransitivas ativas, formadas via {ot-}, ocupar outra posição diferente da de sujeito da causativa, já ocupada pelo *causer*.

No sexto, esboçou-se um quadro geral para as orações subordinadas ou dependentes. O capítulo se propôs demonstrar os processos de formação do verbo dependente e as estratégias de formação da oração relativa, da oração completiva e da oração adverbial. Mostrou-se que a estratégia mais comum encontrada nos processos de formação da subordinada é a nominalização, havendo situações nas quais a oração subordinada apresenta seu verbo na forma finita, com ou sem marcas de subordinação.

O sétimo capítulo contém um estudo sobre o apagamento e a reiteração de SNs em função nuclear nas sentenças simples e sobre os processos de apagamento sob co-referência em construções multi-oracionais. Nesse capítulo, demonstrou-se que o Ikpeng permite a não realização de pronomes nas posições argumentais, sendo isso uma característica de língua *head-marking*, e que o argumento previamente citado pode ser retomado via anáfora zero, reiteração do SN e pronome reflexivo, prefixado ao nome. Demonstrou-se, ainda, que o pivô sintático nos processos de apagamento sob co-referência, em construções multi-oracionais, é S/A ou o argumento **Actor**.

No oitavo, pretendeu-se caracterizar morfossintaticamente o Ikpeng a partir da tipologia proposta para o estudo das línguas V-iniciais. Partindo da hipótese de Dik (1980), defende-se que a língua é do tipo **VAO**, com verbo em segunda posição nas ordens realizadas (atuais). Mostrou-se, também, que a língua apresenta traços de língua OV, resíduos de estágios anteriores, e que os SNs em posição pré-verbal se encontram pragmaticamente marcados (em foco). Além disso, apresentaram-se algumas hipóteses comparativas, nas quais se defende que haveria dois pólos nos processos de mudança da ordem, sendo que de um lado estariam as línguas V-iniciais e de outro as V-finais, pertencendo o Ikpeng ao grupo V-inicial. Chama-se a atenção para o fato de o capítulo ter sido construído a partir de hipóteses que necessitam ser confirmadas com maior número de dados, advindos de trabalhos comparativos sobre a ordem em Karíb, bem como de trabalhos descritivos sobre línguas Karíb específicas.

Procurou-se, com isso, oferecer uma visão bastante ampla da morfossintaxe Ikpeng a partir do estudo do verbo, que ocupa papel central na gramática da língua, não

apenas por ser o núcleo da oração e carregar as informações proposicionais, mas porque se encontram nele marcadas várias categorias e relações gramaticais que, em outras línguas, ocorrem marcadas nos dependentes do núcleo verbal. Conforme demonstrado no capítulo sétimo, a partir da tipologia proposta por Nichols (1986), esse fenômeno ocorre porque o Ikpeng pertence ao grupo de línguas cuja marcação das relações se encontra indicada no núcleo e não no dependente, sendo, por isso, chamada de “língua com marcação no núcleo” (*head-marking*).

9.1. PERSPECTIVAS E FUTURAS PESQUISAS SOBRE A LÍNGUA

Todos os aspectos discutidos nesta tese precisarão ser retomados em futuras pesquisas, principalmente os relacionados à formação do verbo causativo, do verbo reflexivo e do verbo dependente. Questões sobre as categorias de tempo, aspecto, modo, marcação de caso e concordância precisarão ser retomadas, a fim de se obter uma descrição adequada para as construções verbais, bem como para o estabelecimento das diferenças existentes entre as orações verbais e as não verbais.

Além disso, pretende-se:

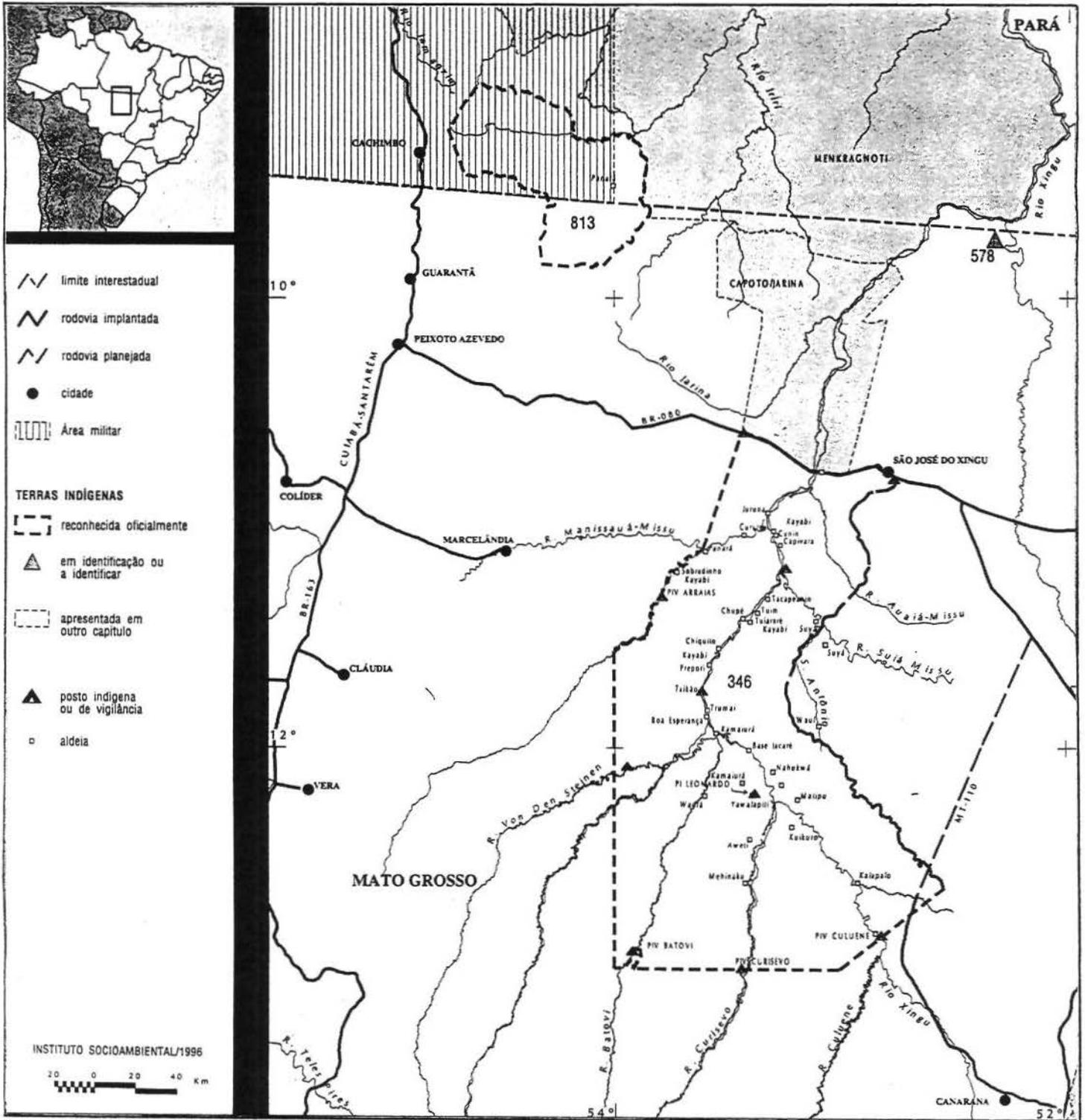
- a) inventariar as partículas, verificando o tipo de significado que veiculam e as posições que podem ocupar na sentença;
- b) analisar o sistema de formas auxiliares, verificando que categorias podem ser expressas na sua estrutura e quais as possíveis ordens do auxiliar dentro da oração;
- c) verificar quais os tipos de orações adverbiais e suas possíveis posições dentro da sentença;
- d) estudar a ordem e a marcação de caso nas orações subordinadas, principalmente nas relativas e completivas;
- e) relacionar a posição do SN às funções pragmáticas de tópico e foco, entre outras;
- f) realizar um estudo da negação nos vários níveis da sentença;
- g) verificar as estratégias de formação da oração interrogativa, bem como as possíveis posições do verbo e de seus argumentos nesse tipo de construção;
- h) retomar a análise dos mecanismos de coesão textual, principalmente os relacionados à referenciação.

Acrescente-se que cada aspecto citado se constitui num sub-projeto, pertencente a um projeto maior, que é uma descrição mais abrangente da gramática Ikpeng.

Não é demais afirmar que este trabalho, além de pretender ser uma contribuição ao estudo do Ikpeng e das demais línguas Karíb, pretende ser igualmente uma referência para a elaboração de materiais de formação para os professores Ikpeng, podendo ser, também, fonte de pesquisa e de apoio na atividade didática desenvolvida na escola da aldeia. É por esse motivo que a proposta de estudo tentou refletir, ao máximo, a morfossintaxe da língua a partir de seu uso, privilegiando dados coletados em situações reais de interação dos falantes, sem ter a pretensão de ser uma “cópia” (construto) fiel e totalmente abrangente da gramática da língua.

ANEXOS

I. MAPA DO PARQUE INDÍGENA DO XINGU (MT)



II. INVENTÁRIO DE GRAFEMAS

Os Ikpeng empregam para escrever sua língua um inventário de grafemas organizado a partir do inventário segmental proposto por Emmerich (1980). O processo de implantação da escrita foi iniciado pela Prof.^a Lucy Seki em 1994. A partir da elaboração de listas de palavras e de textos, os Ikpeng, especialmente os professores, vêm aperfeiçoando o seu sistema de escrita e alfabetizando na própria língua as crianças da comunidade. Abaixo, mostra-se um quadro onde são apresentados os grafemas com seus correlatos no IPA (Alfabeto Fonético Internacional):

| GRAFEMAS | | CORRELATO DO IPA | | TRADUÇÃO |
|----------|-----------------|------------------|-----------|---------------------------|
| < p > | <i>petkom</i> | [p] | [pet'kom] | 'mulher' |
| < t > | <i>tae</i> | [t] | ['tae] | 'macaco' |
| < k > | <i>kuto</i> | [k] | [ku'to] | 'sapo' |
| < g > | <i>gegi</i> | [g] | [ge'gi] | 'meu animal de estimação' |
| < tx > | <i>txitxi</i> | [tʃ] | [tʃi'tʃi] | 'sol' |
| < m > | <i>muy</i> | [m] | ['muj] | 'canoa' |
| < n > | <i>nuno</i> | [n] | [nu'no] | 'lua' |
| < ng > | <i>arayngmo</i> | [ŋ] | [araŋ'mo] | 'minhoca' |
| < r > | <i>rere</i> | [r] | [re're] | 'morcego' |
| < l > | <i>luli</i> | [l] | [lu'li] | 'bodozinho' |
| < w > | <i>wayo</i> | [w] | [wa'jo] | 'cuia' |
| < y > | <i>yay</i> | [j] | ['jai] | 'árvore' |
| < a > | <i>atkun</i> | [a] | [at'kun] | 'milho' |
| < e > | <i>egepak</i> | [e] | [ege'pak] | 'tucunaré' |
| < o > | <i>opo</i> | [o] | [o'po] | 'borduna' |
| < ĩ > | <i>ĩpiya</i> | [ɨ] | [ɨp'iya] | 'castanha' |
| < i > | <i>inot</i> | [i] | [i'not] | 'pequi' |
| < u > | <i>ugwon</i> | [u] | [u'gwoŋ] | 'homem' |

**III. LISTA DE VERBOS IKPENG:
VERSÃO PRELIMINAR**

1. Verbos Intransitivos

A) Ativos/Sa

| VERBO ATIVO | TRADUÇÃO | EXEMPLO |
|-------------------|-------------------------|--|
| -arami- | ‘olhar’ | karamilî ‘eu olhei’ |
| -aran- | ‘ir embora’ | karanaj ‘eu estou indo embora’ |
| -aranme- | ‘correr’ | karanmelî ‘eu corri’ |
| -arep- | ‘chegar’, ‘vir’ | kareplî ‘eu cheguei’ |
| -ero- | ‘ir’ | erolî ‘ele foi’ |
| -ip- | ‘tomar banho’ | mip ‘você banhou?’ |
| -oku- | ‘subir’ | anjpi okulî yay wok ‘menino subiu na árvore’ |
| -omom- | ‘entrar’ | komomlî ‘eu entrei’ |
| -oreŋke- | ‘acordar’ | koreŋkelî ‘eu acordei’ |
| -orenpan | ‘aprender’ | korempamlî ‘eu aprendi’ |
| -orepiget- | ‘fazer necessidades’ | korepigetkerap ‘eu vou fazer necessidades’ (em geral) |
| -orik- | ‘dançar’ | korigulî ‘eu dancei’ |
| -orukut- | ‘defecar’ | korukutkerap ‘eu vou defecar’ |
| -otjike- | ‘pescar’ | kotjiket ‘vou sair para pescar’ |
| -otupi- | ‘estar saciado’ | kotupilî ‘eu estou saciado’ |
| -aramiget- | ‘gemer’ | karamiget |

| | | |
|-------------------|----------|-------------------------------------|
| | | 'eu vou gemer' |
| -orotpore- | 'voltar' | tjimna orotporeli 'Nós voltamos' |

B) Inativos/So

| VERBOS INATIVOS | TRADUÇÃO | EXEMPLO |
|-------------------|------------------|--------------------------------------|
| -abronum- | 'tremar' | gabronumli 'eu tremi' |
| -aginum- | 'chorar' | gaginumli 'eu chorei' |
| -apoylum- | 'trabalhar' | gapoylumli 'eu trabalhei' |
| -aramare- | 'crescer' | garamareli 'eu trabalhei' |
| -araypam- | 'emagrecer' | garaypamli 'eu emagreci' |
| -aru- | 'queimar' | garuli 'eu me queimei' |
| -ebrum- | 'gritar' | gebrumli 'eu gritei (bem alto)' |
| -egakte- | 'sair' | gegakteli 'eu sai' |
| -egure- | 'dissolver' * | yegureli 'Dissolveu-se (na água)' |
| -eminke- | 'estar com fome' | geminke 'eu estou com fome' |
| -enet- | 'azedar' * | yenet 'Ficou azedo' |
| -eraŋg(i)- | 'assusatar-se' | geraŋgili 'eu me assustei' |
| -eramkure- | 'sentir calor' | geramkureli 'eu senti calor' |
| -etpam- | 'nascer' | etpamli 'ele acabou de nascer' |
| -nki- | 'dormir' | inkili 'eu dormi' |
| -rompo- | 'morrer' | irompoli 'ele morreu' |

| | | |
|------------------|----------------|--------------------------------------|
| -umne- | ‘secar’ * | yumneli ‘ele (já) secou’ |
| -urukte- | ‘danificar’ | yurukteli moto ‘o motor estragou’ |
| -ipkakte- | ‘pingar’ | ipkakteli ‘pingou’ |
| -ijpo- | ‘apagar’ | ijpoli ‘apagou’ |
| -apimu- | ‘estar ferido’ | gapimuli ‘eu estou ferido’ |
| -enmep- | ‘amanhecer’ | genmepli ‘eu amanheci’ |
| -imate- | ‘acender’ | imateli ‘ele acendeu’ |

Nota: os itens marcados com (*) têm por sujeito uma entidade inanimada.

2. Verbos Transitivos

| VERBOS TRANSITIVOS | TRADUÇÃO | EXEMPLOS |
|--------------------|----------------------|---|
| -ige- | ‘fazer O’ | Ari migenaŋ ‘o que você está fazendo?’ |
| -aŋge- | ‘cavar’ | ugwon aŋgeli yana ‘o homem cavou o buraco’ |
| -ak- | ‘comer O’ (O=sólido) | yaguli ‘eu o comi’ |
| -akore- | ‘arranhar O’ | yakoreli ugun ‘eu o arranhei’ |
| -akpili- | ‘molhar O’ | yakpili ‘eu o molhei’ |
| -am- | ‘construir O’ | ugwon tamli owro ‘o homem construiu a casa’ |
| -ameŋ- | ‘plantar O’ | yameŋli anat ‘eu plantei milho’ |
| -amnop- | ‘moquear O’ | yamnopli ‘eu o moqueei’ |
| -amnume- | ‘esquecer O’ | yamnumeli ‘Eu o esqueci’ |
| -amotke- | ‘bater’ | aŋpi amotkeli akari ‘o menino bateu no cachorro’ |

| | | |
|----------------------------|----------------------|---|
| -ampuke- | ‘estourar’ | yampukeli pola ‘eu estourei a bola’ |
| -an- | ‘levar O’ | yantfi ‘eu vou levá-lo’ |
| -anep- | ‘trazer O’ | yaneptfi ‘você vai trazer’ |
| -anki- | ‘derramar O’ | yankili ga ‘eu derramei água’ |
| -anmi- | ‘arrancar O’ | Iokore anmili toen ‘Iokoré arracou dente dele’ |
| -anme- | ‘chutar O’ | yanmeli pola ‘eu chutei a bola’ |
| -anoŋ- | ‘mandar, enviar O’ | yanonli ‘eu o mandei/enviei’ |
| -anome- | ‘ajudar O’ | yanomeli ‘eu o ajudei’ |
| -anpu- | ‘rasgar O’ | anpuliŋmo aptsim ‘rasgaram o caderno’ |
| -anum- | ‘buscar O’ | tariwe wotfi yanumtan tukto waraktfi ‘Eu fui buscar rama de mandioca na roça’ |
| -anumku- | ‘carregar O’ | ugun anumkuli ‘ele carregou/puxou para cima’ |
| -apkitfi- | ‘fechar O’ | yapkitfili iwotpan ‘Eu fechei a porta’ |
| -apkore- | ‘quebrar’ | yapkoreli wayo ‘eu quebrei a cuia’ |
| -aprep- | ‘abrir O’ | yaprepli iwotpan ‘Eu abri a porta’ |
| -are-¹⁰⁶ | ‘levar’ | anpi areli atfi owro waraktfi ‘o menino levou a lenha para dentro da casa’ |
| -arimtoŋ- | ‘cozinhar O’ | yarimtonli ‘eu o cozinhei’ |
| -atpo- | ‘picar O’ (A=inseto) | miritko gatpoli ‘muriçoca me picou’ |
| -awi- | ‘bater O’ | anpi awili akari ‘criança bateu (no) cachorro’ |
| -aynku- | ‘tirar’ | yaynkuli muy ga gwantup ‘eu tirei/puxei canoa do rio’ |

¹⁰⁶ Há um outro radical /ari/ que aparece com o mesmo significado, mas não se sabe se correspondem ao mesmo verbo.

| | | |
|------------------------------------|--|--|
| -aynkupo- | ‘acender O’ | yaynkupoli atʃi ‘eu acendi o fogo’ |
| -eŋ- | ‘pôr O’ | inyeŋli ‘eu o pus’ |
| -eŋgri- | ‘tomar O’ (O=líquido) | meŋgrit pitʃa ‘você toma mingau’ |
| -eganop- | ‘contar’ | oeganoptʃi ‘ele vai te contar (algo)’ |
| -egrike-¹⁰⁷ | ‘lavar O’ | yegikeli iwoyn ‘eu lavei minha roupa’ |
| -empaŋ- | ‘ensinar O’ | yempaŋli ‘eu o ensinei’ (C.F!) |
| -empu- | ‘trocar O’ | yempuli motopa ge ‘Eu o troquei com cesto’ |
| -emtagrike- | ‘alimentar O’ | yemtagrikeli ‘eu o alimentei’ |
| -enap- | ‘sugar, comer’ (O=alimento pastoso) | menaptʃi ‘você vai comer’ |
| -enen- | ‘ver O’ | yeneŋli ‘eu o vi’ |
| -enpare- | ‘escrever O’ | yenpareli ‘eu escrevi’ |
| -epkare- | ‘chamar, convocar’ | yepkareli Enriki ‘eu chamei Henrique’ |
| -epke- | ‘fazer O’ | yepkeli omriŋo oke ‘eu fiz o banco grande’ |
| -epru- | ‘assar O’ | yepruli ‘eu o assei’ |
| -epton- | ‘plantar O’ (?) | ikpi yeptonan ‘eu estou plantando minha roça’ |
| -eri- | ‘tocar O’ (O=‘flauta’) | intili ‘eu o troquei’ |
| -ere- | ‘ajudar O’ | yeretatkelili ‘eu o ajudava’ |
| -erenmi- | ‘matar O’ | yerenmilili ‘eu matei (bicho)’ |
| -eru- | ‘dar O para X’ | yerulili ‘eu lhe dei’ |
| -et- ~ -etʃi-¹⁰⁸ | ‘comprar, tirar O’ | yetʃilili ‘eu o comprei’ |

¹⁰⁷ Foi encontrada a variável /egike/ para “lavar”.

¹⁰⁸ O verbo /et/ é usado como auxiliar em construções não-verbais.

| | | |
|-----------------------------|-------------------------|--|
| -etput¹⁰⁹ | ‘partir ao meio O’ | yetputket ‘eu a parti ao meio’ |
| -ewetpige- | ‘pagar’ | yewetpiget ‘Eu vou pagar’ |
| -imate- | ‘acender O’ | yimateli atfi ‘eu acendi fogo’ |
| -imomi- | ‘amarrar O’ | yimomihi ‘eu o amarrei’ |
| -iraŋ- | ‘ouvir, entender O’ (?) | yiraŋhi ‘eu entendi’ |
| -kanop- | ‘contar, narrar’ | inkanoptfi ‘eu vou contar’ |
| -menum- | ‘roubar’ | emenumliŋmo ‘roubaram-no’ |
| -okpe- | ‘consertar O’ | yokpeli ‘eu consertei’ |
| -pako- | ‘cortar O’ (O=‘cabelo’) | onok awakot ‘quem te cortou (o cabelo)?’ |
| -poŋ- | ‘encontrar O’ | pomri iwonli tae ‘o rapaz encontrou o macaco’ |
| -uku- | ‘provar O’ | uro yukuli ‘eu provei/medi/cantei’ |
| -uwi- | ‘procurar O’ | yuwili ‘eu o procurei’ |

¹⁰⁹ Foi encontrada a forma /etpo/ com o significado de “cortar”. Não se sabe se os dois radicais são o mesmo, ou se há dois, com significados ou usos distintos.

IV. ITENS NÃO VERBAIS:
VERSÃO PRELIMINAR

1. Itens não possuíveis

| | |
|-------------------------|--------------------|
| aṅnep | amendoim |
| aṅpi | criança |
| agwep | pilão |
| akari | onça |
| aki | cotia |
| amiam | moça |
| amiamkom | as moças |
| amero | tracajá |
| ampirak | mosquito |
| amulu | paca |
| amyure | porco espinho |
| anagriwan | amarelo |
| anat | milho |
| anateṅgrĩ | arroz |
| arak | dois |
| arak egakteranpe (nuno) | duas luas |
| arak ewariwĩnpe | três |
| arak impe | vinte |
| arakne | quatro |
| arakne ewariwĩnpe | cinco |
| aramare | mosca |
| arananṅkote | meio dia |
| arawi | feijão |
| arayṅmo | minhoca |
| awetkeranṅpe | época da seca |
| awewn | onça suçuarana |
| awrat | rede |
| awyana | porco queixada |
| ayam | piolho |
| egak | buruti |
| ekĩrĩ | homem idoso |
| emaṅgatkuri | adolescente mulher |
| emaṅgatkuriṅmo | as adolescentes |
| emeṅgri | onça pintada |
| enmeptup | amanhã |

epton
ero
etpamte
ewaro
ewetʃi
inat
inot
iramna
ireruptaktʃi
iruwa
itɨŋ
itereku
itopu
kɨrɨmnole
kɨrɨtpo
kɨrɨtpowan
kaŋga
kakaka
kamap
kampari
kara
karagwot
kawaŋkawa
koŋgonye
koŋno
kok
kompamnye
koniŋtu
konintu
korɨra
kotʃi
kuŋkoŋ
kumerey
kunma
kuremat
kurigre
kurita
kurupi
kuy
kwapi
luli
mɨrɨtko
mɨtʃaŋ

planta
jurupará
recém-nascido
porco-espinho
jacuraru
timbó
pequi
jacaré
agosto
mato
muito
galinha
abóbora
de manhã
preto
marrom
mergulhão
raposa
cabaça
pacu
arara
escorpião
gaivota
tarde
macaco da noite
noite
época das chuvas
rosa
roxo
gafanhoto
piauí
marimbondo
jararaca d'água
rei-congo
veado
quatipuru, esquilo
curica
periquito
maritaca
esteira
bodozinho
muriçoca
sangue-suga

| | |
|---------------------------|------------------|
| malula | tatu canastra |
| manan | peneira |
| mara | gafanhoto |
| maran̄mot̄ſiŋmo | criançada |
| megu | melancia |
| mempuy | beija-flor |
| mimu | caramujo |
| mopya | palha |
| moropo | bolsa, mochila |
| moyot | aranha |
| mumu | ovo |
| mun | aquilo lá |
| mun enmeptup | depois de amanhã |
| mun enmeptup empok | antes de ontem |
| munpok | ontem |
| muy | canoa |
| nane | um |
| nane arak | doze |
| nane arak ewariw̄npe | treze |
| nane arakne | quatorze |
| nane arakne ewariw̄npe | quinze |
| nane impe | dez |
| nane nane | onze |
| nane oreŋwam | dezesesseis |
| nane oreŋwam ewariw̄npe | dezessete |
| nane oreŋwamne | dezoito |
| nane oreŋwamne ewariw̄npe | dezenove |
| nawiot | batata |
| nen | isto aqui |
| ogoy | cobra |
| ogoy impro | jararaca |
| oguro | sucuri |
| oguro irwal̄i | jibóia do mato |
| ompan | todos |
| omro | você |
| onoŋ | cobra coral |
| onon | urucum |
| opo | borduna |
| oreŋwam | seis |
| oreŋwam ewariw̄npe | sete |
| oreŋwamne | oito |
| oreŋwamne ewariw̄npe | nove |
| oren | este aqui |
| orok | cocar branco |

| | |
|--------------|-------------------|
| orok gyakpo | casavel |
| orok yakpo | jararaca |
| otko | tatu |
| otomo | anta |
| p̄rom | flecha |
| p̄yk | rã |
| paŋgo | armadilha |
| pakupa | garça branca |
| pakura | bacurau |
| palakeni | ? chupé |
| parapi | borboleta |
| pat̄ʃi | rede de pescar |
| pawra | tamanduá |
| pepkeni | rã |
| peri | brinco |
| petkom | mulher (feminino) |
| petkom ek̄ri | mulher velha |
| petkomtowo | mulherada |
| pilako | cágado |
| piliktogot | libélula |
| pitpiro | mucura |
| poŋgo | jaú |
| polepa | pacu |
| pomri | rapaz |
| pomriŋmo | rapaziada |
| pomtango | cobra cipó |
| pone | piranha |
| ponmutko | rolinha |
| pow | porco |
| powot̄ʃi | curimatã |
| powot̄ʃum | jaraqui |
| powut | bambu |
| puptant̄in | camarão |
| purat | casudo, bodó |
| purayum | caranguejo |
| puron | sapo cururu |
| ratkat | martim pescador |
| ratpano | vermelho |
| ratpanowan | alaranjado |
| rere | morcego |
| roro | papagaio |
| rowinto | pato |
| ruptakt̄ʃi | meia noite |
| t̄ʃakeni | fósforo |

tʃanole
tʃero
tʃeruka
tʃigato
tʃilupi
tʃimna
tʃintat
tʃitko
tʃiwan
tʃitʃi
tʃiʃi
tʃimotʃipatkem
tʃimpi
tʃoum
tʃirikom
tanʃkuli
tae
takpyok
taktori
talagapi
tami
tapaya
taprigem
tariwe
tawa
tawa irwali
tegem
tempuya
tenkeni
tereŋ
tereŋwan
tereŋyum
terempulem
teruteru
toŋyo
togo
tolekeni
tompilem
tono
topkak
tugu
tunan

hoje
tucano pequeno
quati
mutum
peixe pintado
nós, a gente
embira
puçá
arraia
sol
pavão
pirarara
mulher idosa
corvina
jacamim
lagartixa
macaco
xexéu
panela
barata
fumo
jacu
branco
mandioca
calango
calango verde
traíra
peixe elétrico
garrafa
verde
verde claro
abelha
guariba
quero-quero
macuco
facão
foice
cinza
camaleão
arco
jaburu
capivara

| | |
|-------------|-------------------|
| tuya | coruja |
| tuyay | rato |
| uṅwo | animais |
| ugro | nós |
| ugun | aquele lá |
| ugwon | homem |
| ugwon ekírí | homem velho |
| ugwontowo | os homens |
| uro | eu |
| waga | urubu |
| wago | bicho preguiça |
| wanyakeni | socó |
| waro | girino |
| watpa | pombo |
| wawan | bicuda |
| wawi | peixe-cachorro |
| waya | ariranha |
| wayman | jabuti |
| weliko | vaga-lume |
| wot | peixe |
| wot eraṅwam | época de peixe |
| wotjiput | capim |
| yakwa | tucano |
| yalak | mandi |
| yampanṅ | formigão |
| yanowante | adolescente homem |
| yapa | falsa coral |
| yaraṅ | saúva |
| yarak | formigão |
| yay | lenha |
| yemkat | pente |
| yepka | jirau |
| yoriṅ | corvo |
| yorogrí | matrinchá |

2. Itens possíveis: lista parcial

A) Nomes referentes a membros da família

| RADICAL | TRADUÇÃO | EXEMPLO | |
|---------------------|-----------------------|-------------------|----------------------------|
| -roye ~ -re | mãe | ĩ-roye ugu-re | ‘minha mãe’ ‘nossa mãe’ |
| -roymĩ ~ -me | pai | ĩ-roymĩ ugu-me | ‘meu pai’ ‘nosso pai’ |
| -nut | avó | ĩ-nut | ‘minha avó’ |
| -tamru | avô | uk-tamru | ‘nosso avô’ |
| -muye | esposa | ĩ-muye | ‘minha esposa’ |
| -pĩt | esposa * | tupi wit | ‘esposa de branco’ |
| -mreyum | esposo | ĩ-mreyum | ‘meu esposo’ |
| -pen | neto | ĩ-wen | ‘meu neto’ |
| -mren | filho (Gen: mãe) | tĩ-mren | ‘próprio filho’ |
| -mun | filho (Gen: pai) | i-mun | ‘filho dele’ |
| -emtjin | filha (Gen: pai) | g-emtjin | ‘minha filha’ |
| -mano | irmão mais novo (HF) | ĩ-mano | ‘meu irmão mais novo’ |
| -ru | irmão mais velho (HF) | ĩ-ru | ‘meu irmão mais velho’ |
| -narut | irmã (HF) | ĩ-narut | ‘minha irmã mais velha’ |
| -pit | irmã mais nova (MF) | ĩ-wit | ‘minha irmã mais nova’ |
| -pari | irmã mais velha (MF) | ĩ-wari | ‘minha irmã mais velha’ |
| -pin | meu irmão (MF) | ĩ-win | ‘meu irmão’ |

Notas: A lista está incompleta. O termo assinalado com asterisco (*) é arcaico.

B) Nomes referentes a partes do corpo (incluindo *excreta*)

| RADICAL | TRADUÇÃO | EXEMPLO | |
|-------------|------------------------|-------------|----------------------|
| -poran | boca | ĩ-woran | ‘minha boca’ |
| -emru | escroto | g-emru | ‘meu escroto’ |
| -pun | pé | ĩ-pun | ‘meu pé’ |
| -polĩ | umbigo | ĩ-wolĩ | ‘meu umbigo’ |
| -eremin | barriga | g-eremin | ‘minha barriga’ |
| -mĩŋru | sangue; menstruação | ĩ-mĩŋru | ‘meu sangue’ |
| -mpenaktĩ | escápula | ĩ-mpeknaťĩ | ‘minha escápula’ |
| -amon | unha | g-amon | ‘minha unha’ |
| -lu | língua | ĩ-lu | ‘minha língua’ |
| -laglu | saliva | ĩ-laglu | ‘minha saliva’ |
| -ptĩin | perna | ĩ-ptĩin | ‘minha perna’ |
| -pron | unha do pé | ĩ-pron | ‘minha unha do pé’ |
| -piagumi | joelho | ĩ-pyagumĩ | ‘meu joelho’ |
| -piamtarin | calcanhar | ĩ-pyamtarin | ‘meu calcanhar’ |
| -pru | nádega | ĩ-pru | ‘minha nádega’ |
| -prumit | ânus | ĩ-prumit | ‘meu ânus’ |
| -pet | coxa lateral | ĩ-wet | ‘minha coxa lateral’ |
| -morĩ | pênis | ĩ-morĩ | ‘meu pênis’ |
| -emrĩ | testículo | g-emrĩ | ‘meu escroto’ |
| -erem | estômago | g-eren | ‘meu estômago’ |
| -pĩn momťĩ | coração | ĩ-wĩn momťĩ | ‘meu coração’ |
| -awť | costela | g-awť | ‘minha costela’ |
| -itpĩn | osso | ĩ-itpĩnkom | ‘osso deles’ |
| -arigritpĩn | coluna | g-agritpĩn | ‘minha coluna’ |
| -momťĩ | cabeça | ĩ-momťĩ | ‘minha cabeça’ |
| -aginu | lágrima | g-aginu | ‘minha lágrima’ |

V. TEXTOS ¹¹⁰

1. Texto de Iokoré Ikpeng ¹¹¹

- 1) *ekiri*
'O velho'
- 2) *ekiri ru man eroang timamin ina.*
velho foi Part ir-cont Ref-serviço para
'Quando o velho foi para o serviço dele'
- 3) *yuwyang man tiwin:*
3-procurar-Cont Part Ref-facção
ele procurou o facção dele'
- 4) *iwin mun eto ankang man*
1-facção ele será falou-Cont Part
'- Onde será que está meu facção? Falou ele'
- 5) *rik rik rik yuwitkang man,*
Onom 3A3O-procurar-Cont Part
'Rik rik rik! Ele o procurou, então'
- 6) *patxang orotpotang man owro waraktxi*
? voltar-Cont Part casa para.dentro
'Patxang, ele voltou para dentro da casa'
- 7) *meneng payng iwin*
2A3O-ver querida 1-facção
'- Você tem visto meu facção, querida?'
- 8) *ankang man timuye na*
falar-Cont Part Ref-mulher para
'Ele disse para a esposa dele'
- 9) *yaptakgwam txutkerem yuwin*
3-braço-debaixo ?-Nomz:S 3-facção
'O facção dele estava debaixo do braço dele'

¹¹⁰ Na transcrição, tx = tʃ; ng = ŋ; i = í. As transcrições e traduções foram realizadas por falantes Ikpeng.

¹¹¹ A tradução apresentada aqui foi baseada na feita pelo autor e na realizada por Napiki Ikpeng.

10) *otumunto mun eto iw̄in otumunto*
onde Deit será 1-facão onde
'Onde será que está o meu facão, onde?'

11) *nento nento yengli iw̄in*
aqui aqui 1A3O-por-Rec 1-facão
'Aqui, aqui eu pus o meu facão'

12) *ankang man imun:*
disse-Cont Part 3-filho
'Disse o filho dele.'

13) *pupa muntu mun, waptakgwam keni ow̄in*
papai lá Deit 2-braço-debaixo Rel:que 2-facão
'Papai, seu facão é aquele que está debaixo de seu braço'

14) *nen tan nen iw̄in.*
este ? este 1-facão
'O meu facão estava aqui'

15) *t̄imongmo araw̄iremkom ankangtom man*
3-Aux-Col ?-?-Nomz-Col falar-Cont-Col Part

imun emtxin emuye keni ningk̄in emnoptowoge:
3-filho 3-filha 3-mulher Con Plur começar-por causa

Kikiki ankangtom man.
Onom dizer-Cont-Col Part

'Sua família, seu filho, sua filha, sua mulher começaram a rir (por causa daquilo tudo). Kikiki! Ficaram a rir, assim.'

2. Texto de Napik̄i Ikpeng

1) *Takpuru Ikpeng otxikeli kir̄ipnole*
Takpuru Ikpeng sair-Rec cedo

torengpangetkeramo umi na
estudante-Col comida para
'Takpuru Ikpeng foi cedo pescar comida para os estudantes'.

2) *Ayngkuli iting wot*
pegar-Rec muito peixe

txilupi timotxipatkem poru yorogri amero egepak
pintado pirarara jaú matrinchã tracajá tucunaré
'Pegou muitos peixes: pintado, pirarara, jaú, matrinchã, tracajá, tucunaré'.

3) *Areplan totxikeremtwoo kongonye*
chegar-T pescar-Nomz:S-TN tarde
'Ele veio da pescaria à tarde'.

4) *Torengpangetkeramo emoytkelimo man totxikeremtwoo*
estudante-Col gostar-Int-Rec Part pescador

itĩng ayngkut potke wot
muito pegar por causa peixe
'Os estudantes gostaram do pescador porque ele pegou muitos peixes'.

5) *Porian arimtongetkeni anometkeni erolan anupte*
cozinheiro auxiliar ir-T buscar-Nomz

aneplan arimtongetketpot paraktxi arimtonglan
trazer-T cozinhar-Nomz para.dentro cozinhar

txelupi yorogri egepak
pintado matrinchã tucunaré
'O auxiliar do cozinheiro foi pegá-los, trouxe-os para dentro da cozinha e cozinhou pintado, matrinchã, tucunaré'.

6) *Orewĩpĩgetpĩn aneplan kĩrĩpnole arimtonglan ewĩpĩn*
Ref-restar-?-PN trazer-T cedo cozinhar-T resto
'Cedo, ele pegou o restante e cozinhou (esse) resto'

3. Texto de Maiuá Ikpeng¹¹²

1) *tae motoe ugwop*
macaco fruto comendo
'Macaco comendo fruto do conde'

2) *kĩrĩpnole kotxikangte inpontangte tae motoe ugwop.*
cedo 1Sa-sair-Rem 1A3O-encontrar-Rem macaco fruta comendo
'Bem cedo saí de casa e encontrei (alguns) macacos comendo fruta-do-conde'

3) *Ketpoto genentangtom man timongmo iwegengetkeremkom.*
de repente 3A1O-ver-Rem Part 3-Aux-Col 3-fugir-Nomz:S-Col
'De repente me viram e eles fugiram'

¹¹² Tradução revisada pelo autor em 2000.

4) *Uro karanmerem igangtan igakta pe ngne*
eu 1Sa-correr-Nomz:S ? ? Exist somente

yapawgepoangtan.

3So-esconder-?-Rem

‘Eu corri atrás deles e se esconderam de mim’

5) *Imuotkangtan arak ewari winpe man.*

1A3O-matar-Rem três Part

‘Então matei três’

6) *Kareptangtan, gewri waraktxi.*

1Sa-voltar-Rem 1-casa-Pos em.direção

‘Eu voltei para a minha casa’

7) *Genengtang man imanopyam*

3A1O-ver-Rem Part 1-irmão- ?

‘Meus irmãos me viram’

8) *Timongmo gemkerem kon ankangtom man*

3-Aux-Col ?-Nomz:S apenas levar-Rem-Col Part

gankanin pok.

1-caça em

‘e carregaram a minha caça’

4. Texto de Korotowĩ Ikpeng ¹¹³

1) *timoryakpontem*

aborto

‘O aborto’

2) *tukto angkotoworo yenentangte*

roça derrubar-quando-? 1A3O-ver-Rem

wago timoriakpontemtowo

preguiça 3-abortar-DCaus-Nomz:S-PN

‘Quando estávamos derrubando roça eu vi uma preguiça abortando’

¹¹³ Este texto foi por mim coletado em 1995 e digitado por Cilene Campetela, que, juntamente com Napikĩ, elaborou uma proposta de tradução. Há duas propostas de tradução, uma feita por Korotowĩ na data da coleta e outra feita, posteriormente, por Napikĩ Talugu Ikpeng. Na versão aqui apresentada, as glossas e as traduções por sentença foram realizadas por mim, a partir da análise gramatical realizada nesta tese.

3) *türompo angkotoworo gakgwimamtangte iget potke*
durante derrubar-quando 1Sa-sentir.sede-Rem falar por causa
'Durante a derrubada, eu senti sede e por isso eu falei'

4) *karapyanap ari ga ge*
1Sa-beber-Prop amigo água com
'Eu vou beber água, primo!'

5) *igangtan lokore na*
1So-falar-Rem Iokoré para
'Falei para Iokoré'

6) *arakpyaga ma mareptcan*
beber-Perm Conv 2Sa-vir-NPAs
'Pode ir beber! Você vem atrás!'

7) *kotxikangtan totu pwak komomtangtan iru waktxi*
1Sa-ir-Rem ? ? 1Sa-entar-Rem mato dentro

yenentangtan imingru
1A3O-ver-Rem sangue-Pos
'Eu fui indo, cheguei no mato, entrei no mato e de repente eu vi sangue'

8) *onok mingru omro eto*
quem sangue você Duv
'Sangue de quem será isso?'

9) *riririk yenentangtan wago gankan pimtzing tong*
Onom 1A3O-ver-Rem preguiça filhote caído ?chão

palakpalakpalak imingru tong kerup
Onom (coberto) 3-sangue-Pos ?chão Part
'Vasculhei, (então) eu vi filhote de preguiça caído, coberto de sangue no chão'

10) *wilo agu eto ukte*
gavião comer dúvida 2-mãe
'Será que o gavião comeu a mãe?'

11) *tu yengukangtan*
? 1A3O-pensar-Rem
'Eu pensei'

12) *emoryakpong kutone*
abortar-? ?
'Será que abortou?'

13) *rikigangtan kurup taktxi yenentangtan ye yay elektam*
? acima para 1A3O-olhar-Rec mãe árvore ?

- tereng moreng teremim pok kerup*
 ? ? 3-barriga na Part
 ‘Olhei para cima e vi a mãe em cima do pau, segurando sua barriga’
- 14) *wa omro ran omoryakpong*
 Onom você Part 2-abortar-?
 ‘Pôxa! Foi você que abortou?!’
- 15) *karantangtan ga gwaktxi karakpyangtan ga ge*
 1Sa-ir-Rem água em.direção 1Sa-beber-Rem água com
 ‘Eu fui em direção ao rio, bebi água’
- 16) *korotpotangtan tximna etxitaktxi*
 1Sa-voltar-Rem nosso acampamento
 ‘Voltei para o nosso acampamento’
- 17) *ta karantangtan tximna etxitaktxi*
 ? 1Sa-ir-Rem nosso acampamento
 ‘Fui chegando ao nosso acampamento’
- 18) *ari nīngkīnī wago lon emoryakponelī ari nīngkīnī*
 amigo Col preguiça Part abortar-?-?-Rec amigo Col
 ‘Meus amigos, encontrei uma preguiça abortando o bebê dela’
- 19) *otumunto ankang man Nawaki*
 onde perguntar-Rem Part Nawaki
 ‘Onde, Nawaki perguntou?’
- 20) *anma etpap*
 caminho beira
 ‘Na beira do caminho’
- 21) *mantan kurenentan ari*
 depois 1+2-ver-Rem amigo
 ‘Depois vamos lá ver, amigo!’
- 22) *ankang man Melobo*
 falar-Rem Part Melobô
 ‘Falou Melobô’
- 23) *kongonye kurenentan*
 à tarde 1+2-ver-Dir
 ‘À tarde, fomos lá ver’
- 24) *tximna amnumang man tximna areptang man*
 nós esquecer-Rem Part nós chegar-Rem Part

- tximna enengetke pra nole*
 nós ver-Iter Neg ainda
 ‘Nós esquecemos e nós viemos sem ver’.
- 25) *Owro warap yengukangtan*
 casa dentro 1A3O-lembrar-Rem
 ‘Em casa eu lembrei’
- 26) *yenempo wa nole wago iwari na gato karep*
 1A3O-ver-Caus- Caus ainda preguiça 1-amigo para ? 1Sa-chegar
 ‘Não levei meu amigo para ver a preguiça’
- 27) *txang tximna orotpotang man kalo enmeptup*
 ? nós voltar-Rem Part outra manhã
 ‘No outro dia, quando voltamos’
- 28) *kurentan ari wago*
 1+2-ver-Rem amigo preguiça
 ‘Amigo, vamos lá ver a preguiça’
- 29) *omro motxi ran kurentan migerup kurenentan*
 você 2- ? Part 1+2-ver-Rem 2-fazer-quando 1+2-ver-Rem
 ‘Você é que sabe. Quando quiser a gente vai lá ver’.
- 30) *ma kurenenta txanole*
 vamos 1+2-ver-Dir agora
 ‘Vamos lá ver agora’
- 31) *atega*
 vamos
 ‘Vamos!’
- 32) *tximna eroang man enenrik igangtan*
 nós ir-Rem Part ver-Col-? 1-Aux/dizer-Rem
 purik tong palak ogepyugo iwok.
 ? ? coberto ?formiga 3-no
 ‘Nós fomos olhar. Quando olhei o vi coberto por formiga’
- 33) *oren oren menen na*
 ele ele 2-ver para
 ‘Está vendo! É ele’
- 34) *iwowanarenopli ari*¹¹⁴
 1O-triste-?-?-Caus-Rec amigo

¹¹⁴ Futuros testes sintáticos podem determinar se *iwowanarenopli* constitui ou não uma única palavra gramatical.

tenpanop kurep txiwo gemni ari
pessoa-Atr ? ? Part-Neg amigo
'Isto me deixou triste, amigo. Se fosse gente eu ajudaria a tirar as formigas'.

35) *alo weganopli*
mentira 2A10-contar-Rec
'Você pensou que eu fosse mentiroso' (tivesse contado mentira).

36) *alo kiganoptangte*
mentira 1A20-dizer-Rem
'Eu pensei (sim) que você fosse mentiroso'

37) *maga txitxi kuramne irip*
vamos sol ficar-Atr quente
'Vamos antes que o sol esquente muito' (venha a ficar quente)'

38) *atega eram omro ukwapoylumtowo*
vamos verdade você 1+2-trabalho-Nomz:S
'Realmente, vamos para o nosso trabalho'

39) *akerek yenentangtan wago timoryakpontem*
assim 1A30-ver-Rem preguiça 3-abortar-Nomz:S
'Assim, eu vi preguiça abortar'.

5. Trecho da história de "Onon"¹¹⁵

1) *Atxiwĩnpe kuramlĩ erangron, atxiwĩnpe.*
fogo-Neg haver-Rec antigamente fogo-Neg

'Não tinha fogo, faz tempo não tinha (ficamos sem) fogo.'

2) *Txitxi ge man kuraktakeli ugumi ungwo,*
fogo com Part 1+2-comer-Int-Rec 1+2-comida 1+2-caça

ugumi wot, ugugrun tarĩwe, ugugri pĩtxa, tarĩwe egutpĩn.
1+2-comida peixe 1+2-bebida mandioca 1+2-bebida perereba mandioca caldo

'Com a queutura do sol, comíamos nossos peixes, bicho, nosso mingau, nosso beiju, nosso mingau, caldo de mandioca'

¹¹⁵ A história de Onon ("urucum"), que narra a origem do fogo, foi contada por Tome (Oporike) Ikpeng e transcrita e traduzida por Maiuá Ikpeng. A elaboração das glossas e interpretação gramatical são de responsabilidade do autor desta tese.

3) *Atxiwĩnpe kuramli.*
foco-Neg 1+2-ficar-Rec

‘Ficamos sem fogo’

4) *Mantan etpamtatkelĩngmo man Wonka, Paranka keni ningkĩng.*
mas nascer-Iter-Rec-Col Part Wonka Paranka e Col

‘Mas nasceram Wonka e Paranka’

5) *Wonka gankanpe ugun man ugulogon Onon, yeru?*
Wonka filho-Exist ele part ele-mesmo Onon 3-mãe

‘O filho de Wonka, ele é Onon, e a mãe?’

6) *Paranka murenpe ugun.*
Paranka ?-Exist ele

‘Era Paranka’

7) *Wonka ge timreyumke imo Paranka,*
Wonka com 3-esposo-Den era Paranka

Paranka ge timuyeng imo man Wonka man imrongmo.
Paranka com 3-esposa-Den era Part Wonka Part era-Col

‘Wonka era casado com Paranka e Paranka era casada com Wonka, foi assim [que aconteceu]’

8) *Ketpotke, ako wimrereketpot,*
por isso como 1+2-engravidar-quando

ako wigankareketpot kuroretim man nole.
como 1+2-pegar.filho-quando ? Part ?

‘Por isso, como a gente se engravida, como a gente está tendo filho, quando a gente se casa’

9) *Pĩringopnole imren pĩringopnole imren*
primeiro filho primeiro filho

pĩringopnole imrrelĩngmo ugulogonke.
primeiro filho-Vbz-Rec-Col ele.mesmo-?Den

‘Eles tiveram o primeiro filho, eles tiveram filho.’

10) *Onon, Onon mīgangpa mīgangpa, mīgangpa.*
Onon Onon 2-dizer-Cont-Subr 2-dizer-Cont-Subr 2-dizer-Cont-Subr

‘Onon, como você está chamando para urucum, urucum.’

11) *Imrereḷi ukpari kelīngmo man, imrereḷi,*
filho-Vbz-Rec 1+2-amiga dizer-Rec-Col Part filho-Vbz-Rec

imrereḷi kelīngmo, txikap txikap txikap txikap.
filho-Vbz-Rec dizer-Rec-Col pequeno pequeno pequeno pequeno

‘E as amigas falaram para ela: ‘Está grávida, está grávida’, falaram. Era pequeno, era pequeno.’

12) *Otxilīngmo man. Otxilīngmo man, owro warap*
fazer.sexo-Rec-Col Part fazer.sexo-Rec-Col Part casa dentro

otxilīngmo man, yamnam otxilīngmo man,
fazer.sexo-Rec-Col Part ? fazer.sexo-Rec-Col Part

oekpigetketpotonole, totxiket, otupilīngmo,
ir.para.banheiro-quando 3-fazer.sexo engravidar-Rec-Col

imo man okep yuk man etpam tximon.
era Part grande ? Part nascer ?

‘Fizeram sexo dentro da casa, fora, quando saíram para o banheiro, na pescaria/caçada e a barriga foi crescendo e ficou barriguda, já quase na hora de ganhar nenê.’

13) *Imī nole na terulan eto,*
pai próprio para 3-dar-T Duv

atxi pe imo man eto imī mumu eto,
fogo Exist tinha Part Duv pai esperma Duv

ara kelan eto tiwok eto.
igual dizer-T será Ref-com Duv

‘Não sei se o próprio pai, não sei se o esperma do pai tinha fogo, não sei o que aconteceu com ele’

14) *Aramnewonglan, getpapnang payng,*
sentir.dor-?-T 1So-nascer-Cont querido

kelan timreyum ina.
3-dizer-T Ref-esposo para

‘Começou a sentir dor, ‘Estou tendo filho [estou dando a luz]’, falou para o marido dela’.

15) *Īmuye wyon. Etpamnang ime ĩmuye,*
1-esposa coitada nascer-Cont mãe 1-esposa

kelan tĩre ĩna, Yampĩ ĩna.
dizer-T Ref-mãe para Yampĩ para

‘Coitadinha da minha mulher. Minha esposa está ganhando bebê, falou para mãe dela, para Yampĩ.’

16) *Īyu ĩroye wyon. Uktep mawũ man awae, iyu ĩmren no,*
? 1-mãe coitada 2-mãe 2-chamar Part 2-? ? 1-filho

omren pe mawũ man awae.
2-filho Exist 2-chamar Part 2-?

‘Coitadinha da minha mãe.’ Você chama a sua nora de mãe [explicação do contador]. Coitada da minha mãe, você chama sua nora de sua filha [explicação do contador]’.

17) *Īgĩ. ĩgĩ, ĩgĩ, ĩgĩ, ĩgĩ, tolok etpamlan, atxi, atxi, atxi, atxi, atxi,*
Onom ... ? nascer-T fogo fogo fogo fogo fogo

Onon, Onon, Onon, Onon, Onon,

Wonkya, Wonkya, Wonkya, Wonkya,

Managu, Managu, Managu, Managu, Managu,

Ariwa, Ariwa, Ariwa, Ariwa, Ariwa,

Takpuru, Takpuru, Takpuru, Takpuru.

‘Īgĩ [som do nascimento], nasceu o fogo...urucum...Wonkya...
Managu...Ariwa...Takpuru...’

18) *Etpamli, Etpamli, Etpamli, Etpamli, Ugwon pe?*
nascer-REC nascer-REC nascer-REC nascer-REC homem Exist

Ugwon pe, Ugwon pe, Ugwon pe
homem Exist homem Exist homem Exist

‘Nasceu, nasceu...é homem, é homem’

19) *Rik, enenglingmo man nento*
Onom ver-Rec-Col Part aqui

iganaptam tirik, pulok man imo.
em.cima.da.cabeça vermelha marca Part tinha

‘Rik [som de olhar] e viram bem encima da cabeça (enganoptan) uma marca vermelha (pulok) [vermelha=tirik]’

SUMMARY

This thesis aims at presenting a description of Ikpeng's (Carib) verb morphosyntax. The language is spoken by more than 250 people who live nearby the Posto Indígena Pavuru in Xingu Indian Reservation (MT, Brazil). The work intends to describe the language's verb structure, nominalization processes, the form of reflexives and causatives, as well as subordination. It also situates Ikpeng in Order Typology as a V-initial *head-marking* language whose NPs in pre-verbal position are marked pragmatically. It is shown that the pivot in erasing processes under co-referentiality is S/A, indicating the conditions under which the pronoun can be erased. Strategies employed by the language to reassume previously cited NPs in multi-orational constructions are also presented.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBOTT, M. (1991) Macushi. In: D. Derbyshire & G. K. Pullum (orgs.) **Handbook of Amazonian languages**, vol. 3. Berlin/NY: Mouton de Gruyter.
- ANDERSON, S. R. (1985a) Typological distinctions in word formation. In: T. Shopen (org.), Vol. III: 3-56. Cambridge: Cambridge University Press.
- (1985b) Inflexional morphology. In: T. Shopen (org.), Vol III: 150-201. Cambridge: Cambridge University Press.
- ANDREWS, A. (1985) The major functions of the noun phrase. In: T. Shopen (org.), Vol. I: 63-153. Cambridge: Cambridge University Press.
- ARCE-ARENALES, M; M. Axelrod & B. A. Fox (1994) Active voice and middle diatesis. In: B. Fox & P. J. Hopper (orgs). Amsterdam: John Benjamins.
- BAKER, M. (1988) **Incorporation**. Chicago: University of Chicago Press.
- BYBEE, J. L. (1985) **Morphology : a study of the relation between meaning and form**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- et al. (1997) **Essays on language function and language type**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- CAMPETELA, C. (1997) **Análise do sistema de marcação de caso nas orações independentes da língua Ikpeng**. Dissertação de Mestrado. Campinas: UNICAMP.
- (1998) Aspectos fonológicos do limite de palavras em Ikpeng. Comunicação realizada no I Seminário de Estudos Karíb. Rio: Museu Nacional.
- (1999) O acento em Ikpeng pela Teoria Métrica. Comunicação realizada no II Seminário de Estudos Karíb. Rio: Museu Nacional.
- (2000a) Questões prosódicas da língua Ikpeng. Comunicação realizada no XLVIII Seminário do Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo (GEL). Assis-SP: UNESP.

- CAMPETELA, C. (2000b) **Relatório referente ao Curso de Formação de Professores Indígenas do Parque Indígena do Xingu** (realizado pelo ISA em outubro de 2000, no Posto Indígena Pavuru), 16 p.
- CHOMSKY, N. (1999) **O Programa Minimalista**. (Trad. de Eduardo Paiva Raposo.) Lisboa: Caminho.
- CLEMENTS, G. N. (1993) Lieu d'articulation des consonnes et des voyelles: une théorie unifiée. In: B. Laks & A. Riolland (org.) **Architecture des représentations phonologiques**, p. 101-145. Paris: CNRS Éditions.
- COMRIE, B. (1978) Ergativity. In: W. P. Lehmann (org.) **Syntactic typology: studies in the phenomenology of language**, 329-394. Austin: University of Texas Press.
- (1985) Causative verb formation and other verb-deriving morphology. In: T. Shopen (ed.), Vol III: 309-348. Cambridge University Press.
- (1989) **Language universals and linguistic typology**, 2ª ed. Oxford: Basil Blackwell.
- COMRIE, B. & S. A. Thompson (1985) Lexical nominalization. In: T. Shopen (ed.), Vol III: 349-398. Cambridge University Press.
- CORBERA MORI, A. (1998) Características morfosintáticas del Aguaruna (Jíbaro). **Caderno de Estudos Lingüísticos** 34: 157-168.
- CRAIG, C. G. (1979) Jacalteco: field work in Guatemala. In: T. Shopen (org.) **Languages and their speakers**. Cambridge, Mass. Winthrop.
- (1990) Linguistics fieldwork: the case of Rama. University of Oregon, mimeo.
- CRYSTAL, D. (1988) **Dicionário de Lingüística e Fonética**. (Trad. de Maria Carmelita de Pádua Gomes.) Rio: Zahar.
- CROFT, W. (1990) **Typology and universals**. Cambridge University Press.
- (1991) **Syntactic categories and grammatical relations**. Chicago/Londres: The University of Chicago Press.
- (1993) Case marking and the semantics of mental verbs. In: J. Pustejovsky (org.) **Semantic and the lexicon**: 55-72. Londres: Kluwer Academic Publishers.
- (1995) Autonomy and Functional Linguistics. **Language** 71: 490-532.
- DEANE, P. D. (1992) **Grammar in mind and brain: explorations in Cognitive Syntax**. Berlin: Mouton de Gruyter.

- DELANCEY, S. (1981) An interpretation of split ergativity and related patterns. *Language* 57: 626-657.
- DERBYSHIRE, D.C. (1981) A diachronic explanation for the origin of OVS in some Carib languages. *Journal of Linguistics* 17: 179-392.
- (1985) **Hixkaryana and linguistic typology**. Arlington: SIL/University of Texas Press.
- (1991) Are Cariban languages moving away from or towards ergative systems? **1991 Work papers of the Summer Institute of Linguistics, University of North Dakota Session**, Vol XXXV, Robert Dooley and J. Stephen Quackenbush (eds), 1-30. Dallas: SIL.
- (1994) Clause subordination and nominalization in Tupi-Guaranian and Cariban Languages. *Revista Latinoamericana de Estudios Etnolingüísticos* 8: **Lingüística Tupi-Guarani/Caribe**, 179-198.
- (1999) Carib. In: R. M. W. Dixon & A. Y. Aikhenvald (orgs). **The Amazonian languages**, 23-64. Cambridge: Cambridge University Press.
- DIK, S. (1980) **Studies in functional grammar**. London: Academic Press.
- (1989) Functional grammar and its relevance to grammar writing. In: G. Graustein & G. Leitner (orgs.) **Reference grammars and modern linguistic theory**, 33-55. Tübingen: Max Niemeyer Verlag.
- DIXON, R.M.W. (1979) Ergativity. *Language* 55: 59-138.
- (1989) Subject and object in universal grammar. In: D. Arnold et al. (org.) **Essays on grammatical theory and universal grammar**, 91-118. Oxford: Clarendon Press.
- (1991) **A new approach to English grammar: on semantic principles**. Oxford: Oxford University Press.
- (1994) **Ergativity**. Cambridge: Cambridge University Press.
- & A. Y. Aikhenvald (1997) A typology of argument-determined construction. In: J. Bybee et al. (org.), p. 71-113. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- DOWNING, P. (1995) Word order in discourse: by way of introduction. In: P. Downing & M. Noonan (org.), 1-27. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- & M. Noonan (org.) (1995) **Word order in discourse**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

- DRYER, M. S. (1995) Frequency and pragmatically unmarked word order. In: P. Downing & M. Noonan (org.), p. 105-135. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- (1997) On the six-way word order typology. **Studies in Language** 21: 69-103.
- DURBIN, M. (1977) Survey of the Carib Language Family. In: E. B. Basso (org.) **Carib speaking indians: culture, society and language**, p. 23-38. Tucson: The University of Texas Press.
- EMMERICH, C. (1980) A fonologia segmental da língua Txikão: um exercício de análise. **Linguística X**. Rio: Museu Nacional/UFRJ.
- (1994) The Txikão language: Fricatives or no fricatives?. **Revista Latinoamericana de Estudios Etnolingüísticos** 8: Linguística Tupi-Guarani/ Carib, 65-72.
- FOLEY, W. A. & R. D. Van Valin Jr. (1984) **Functional syntax and Universal Grammar**. Cambridge: Cambridge University Press.
- (1985) Information packaging in the clause. In: T. Shopen (org.), Vol. I: 282-364. Cambridge: Cambridge University Press.
- FOX, B. & P. J. Hopper (org) (1994) **Voice: form and function**. Amsterdam: John Benjamins.
- FRANCHETTO, B. (1990a) Ergativity and nominative in Kuikuro and other Carib language. In: Doris L. Payne (ed.) **Amazonian Linguistics: studies in lowland South American languages**. Austin: University of Texas Press.
- (1990b) A ergatividade Kuikuro (Karib): algumas propostas de análise. **Caderno de Estudos Linguísticos** 18: 57-88.
- FRAWLEY, W. (1992) **Linguistic semantics**. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- GALVÃO, E. & M. F. Simões (1965) Notícia sobre os índios Txikão - Alto Xingu. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Belém (Nova Série) 24: Antropologia.
- GILDEA, S. (1992) **Comparative Cariban morphosyntax: on the genesis of ergativity in independent clauses**. Ph.D. Dissertation. University of Oregon.
- (1993a) The rigid VS order in Panare (Cariban): a historical explanation. **IJAL** 59: 44-63.

- GILDEA, S. (1993b) The development of tense markers from demonstrative pronouns in Panare (Cariban). **Studies in Language** 17: 53-73.
- (1994a) The proto-Cariban and Tupi-Guarani object Nominalizing prefix. **Revista Latinoamericana de Estudios Etnolingüísticos** 8: Lingüística Tupi-Guarani/Caribe, 163-178.
- (1994b) Semantic and pragmatic inverse: 'Inverse alignment' and 'inverse voice' in Carib of Surinam. In: T. Givón (ed.) **Voice and inversion**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- (1994c) Sketch of Ikpeng grammar. Campinas: UNICAMP, mimeo.
- (1995) A comparative description of syllable reduction in the Cariban language family. **IJAL** 61: 62-102.
- (1997) Introducing ergative word order via reanalysis: word order change in the Cariban family. In Bybee et al. (org.), p. 145-161. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- (1998) **On reconstructing grammar: comparative Cariban morphosyntax**. Oxford: Oxford University Press.
- (1999) On the genesis of the verb phrase in Cariban Languages: diversity through Reanalysis. In: S. Gildea (org.) **Reconstructing Grammar: Comparative Linguistics and Grammaticalization Theory**, p. 65-106. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- GIVÓN, T. (1983) Topic continuity in discourse: the functional domain of switch-reference. In: J. Haiman & P. Munro (orgs.) **Switch reference and Universal Grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- (1984) **Syntax: a functional-typological introduction**, Vol. I. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- (1990) **Syntax: a functional-typological introduction**, Vol. II. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- (1995) **Fuctionalism and grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- GLEASON Jr, H. A. (1985) **Introdução à Lingüística Descritiva**. 2. ed. (Trad. de João Pinguelo.) Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- GREENBERG, J. (1963) Some universals of grammar with particular reference to the order of meaningful elements. In: J. Greenberg (org.) **Universals of language**, p. 58-90. Cambridge, Mass.: MIT Press.

- HARRIS, A. C. & L. Campbell (1995) **Historical syntax in cross-linguistic perspective**. Cambridge: Cambridge University Press.
- HASPELMATH, M. (1994) Passive participles across languages. In: Fox, B. & Hopper, P. J. (org), 151-177.
- HAWKINS, J. A. (1983) **Word order universals**. New York: Academic Press.
- HOCK, H. H. (1986) **Principles of Historical Linguistics**. Berlin: Mouton de Gruyter.
- HOFF, B. I. (1986) Evidentiality in Carib. **Lingua** 69: 45-103.
- (1990) The non-modal particles of the Carib language of Surinam and their influence on constituent order. In: Doris L. Payne (org.) **Amazonian Linguistics: studies in lowland South American languages**. Austin: University of Texas Press, p. 495-541.
- (1995) Configurationality and nonconfigurationality in the Cariban language of Surinam. **IJAL** 61: 347-377.
- HOPPER, P. J. e S. A. Thompson (1980) Transitivity in grammar and discourse. **Language** 56: 251-299.
- (1984) The discourse basis for lexical categories in universal grammar. **Language** 60: 703-52.
- HUANG, C. T. J. (1984) On the distribution and reference of empty pronouns. **Linguistic Inquiry** 15: 531-574.
- JENSEN, J. T. (1990) **Morphology: word structure in Generative Grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- KEMMER, S. (1993) **The middle voice**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- KEENAN, E. (1985a) Relative clauses. In: T. Shopen (org.), Vol. II: 143-170. Cambridge University Press.
- (1985b) Passive in the world's languages. In: T. Shopen (org.), Vol. I: 243- 281. Cambridge: Cambridge University Press.
- e B. Comrie (1977) Noun phrase accessibility and universal grammar. **Linguistic Inquiry** 8: 63-99.
- KIBRIK, A. E. (1985) Toward a typology of ergativity. In: Nichols, J. & A. Woodbury (org.) **Grammar inside and outside the clause: some approaches to theory from the field**, 268-323. Cambridge: Cambridge University Press.

- KIBRIK, A. E. (1990) As línguas semanticamente ergativas na perspectiva da tipologia sintática geral. (Trad. de Lucy Seki.) **Caderno de Estudos Lingüísticos** 18: 13-36. Campinas: UNICAMP.
- (1992) Relativization in polysynthetic languages. **IJAL** 58: 135-157.
- KISHIMOTO, H. (1996) Split intransitivity in Japanese and the unaccusative hypothesis. **Language** 72: 248-286.
- KLIMOV, G. A. (1974) On the character of languages of active typology. **Linguistics**, 131: 11-25.
- KOCH, I. G. V. (1992) **A coesão textual**. 5. ed. São Paulo: Ed. Contexto.
- KOEHN, E & S. Koehn (1986) Apalai. In: Desmond C. Derbyshire & Geoffrey K. Pullum (org.) **Handbook of Amazonian languages**. Berlin: Mouton de Gruyter.
- LEHMANN, C. (1986) On the typology of relative clauses. **Linguistics** 24: 663-680.
- (1989) Towards a typology of clause linkage. In: J. Haiman & S. Thompson (org.) **Clause combining in grammar and discourse**, 181-225. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- (1990) Towards lexical typology. In: W. Croft, K. Denning & S. Kemmer (org.) **Studies in typology and diachrony**, 161-185. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- LEHMANN, W. (1994) The interplay of OV and VO patterning in grammaticalization. **General Linguistics** 34: 175-189.
- LEVIN, B. (1993) **English verbs, classes and alternations: a preliminary investigation**. Chicago: University of Chicago Press.
- LYONS, J. (1968) **Introduction to Theoretical Linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press. (Trad. de Rosa Virgínia Mattos e Silva & Hélio Pimentel. **Introdução à Lingüística teórica**. São Paulo: Companhia Editora Nacional/EDUSP, 1979.)
- (1995) **Linguistic semantics**. Cambridge: Cambridge University Press.
- MATTHEWS, P. H. (1974) **Morphology**. Cambridge: Cambridge University Press.
- (1981) **Syntax**. Cambridge: Cambridge University Press.
- MENGET, P. (1977) **Au nom des autres: classification des relations sociales chez les Txikão du Haut-Xingu (Brésil)**. École Pratique des Hautes Études, Université de Paris X.

- MERLAN, F. (1985) Split intransitivity: functional oppositions in intransitive inflection. In: Nichols, J. & A. Woodbury (org.) **Grammar inside and outside the clause: some approaches to theory from the field**, 325-362. Cambridge: Cambridge University Press.
- MEIRA, S. (1999) **A grammar of Tiriyo**. Tese de Doutorado, Rice University.
- MILLER, G. (1994) **Complex verb formation**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- MITHUN, M. (1987) Is basic word order universal? In: Russel S. Tomlin (org.) **Coherence and grounding in discourse**, p. 281-328. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- (1991) Active/agentive case marking and its motivation. **Language** 67: 510-546.
- NICHOLS, J. (1986) Head-marking and dependent-marking grammar. **Language** 62: 56-119.
- & A. Woodbury (org.) (1985) **Grammar inside and outside the clause: some approaches to theory from the field**. Cambridge: Cambridge University Press.
- NOONAN, M. (1985) Complementation. In: T. Shopen (org.), Vol. II: 42-140. Cambridge University Press.
- PACHECO, F. B. (1997) **Aspectos da gramática Ikpeng (Karib)**. Dissertação de Mestrado. Campinas: UNICAMP.
- (1997b) Relativização de objeto em Ikpeng/Txikão (Karib): uma proposta de análise. **Estudos Lingüísticos XXVI - Anais do XLIV Seminário do GEL**, p. 697-701, Campinas: Unicamp.
- (1997c) A posição do Ikpeng na tipologia das relativas. **Anais do 10º Seminário do Centro de Estudos e Literários do Paraná (CELLIP)**. Londrina: UEL.
- (1998a) Relativização de sujeito e objeto em Ikpeng/Txikão (Karib). **Estudos Lingüísticos XXVII - Anais do XLV Seminário do GEL**, p. 769-772. São José do Rio Preto: UNESP.
- (1998b) Orações independentes e relativas em Ikpeng. **Sínteses Teses 3**: 241-253. Campinas: UNICAMP.
- (1999a) Considerações sobre a ordem de afixos no verbo Ikpeng (Karib). **Anais do II Encontro do Círculo de Estudos Lingüísticos do Sul (CelSul)**, em CD-ROM.

- PACHECO, F. B. (1999b) *Redução lexical e formação do verbo intransitivo em Ikpeng (Karib)*. Texto apresentado durante o III Círculo de Estudos Lingüísticos do Sul. Porto Alegre: Pontificia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), 6 p.
- (1999c) *Reflexivo e construções médias em Ikpeng*. Apresentação realizada no Museu Nacional em 21/11/1999. Rio: Museu Nacional, 6 p.
- (2000a) *Reflexivo verbal e reflexivo nominal em Ikpeng (Karib)*. Apresentação realizada no XLVIII Seminário do Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo (GEL), 18 a 20 de maio de 2000. Assis-SP: UNESP, 6 p.
- (2000b) *Ordem e concordância nas construções genitivas da língua Ikpeng*. Comunicação apresentada durante o IV CelSul, realizado de 16-17/11/2000. Curitiba: UFPR, 6 p.
- (2000c) *Alomorfia dos prefixos pessoais em Ikpeng (Karib): uma proposta de análise dentro da Teoria da Otimalidade*. Texto apresentado para qualificação na área de Fonologia. Campinas: UNICAMP, 19 p.
- (2000d) **Escola Ikpeng: Relatório de acompanhamento e assessoria lingüística**. Campinas: UNICAMP, 6 p.
- PALMER, F. R. (1994) **Grammatical roles and relations**. Cambridge: Cambridge University Press.
- PAYNE, D. L. (1990) **The pragmatics of word order: typological dimensions of verb initial languages**. Berlin: Mouton de Gruyter.
- (1995) *Verb initial languages and information order*. In: P. Downing e M. Noonan (orgs.), p. 449-485. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- PAYNE, T. E. (1990) *Transitivity and ergativity in Panare*. In: Doris L. Payne (org.) **Amazonian Linguistics: studies in lowland South American languages**, 495-541. Austin: University of Texas Press.
- (1995) *Object incorporation in Panare*. **IJAL** 61: 295-311.
- PROFESSORES IKPENG (1996) **Nenpatu Ikpeng** (Coletânea de textos produzidos por alunos e professores Ikpeng). Elaboração: C. Campetela & F. B. Pacheco. Campinas: UNICAMP, inédito.
- (a sair) **Atxi mīran poryan iwamtowonpīn** (“História do fogo e origem dos alimentos”, narradas por Tome (Oporike) Ikpeng). Elaboração: C. Campetela e F. B. Pacheco. São Paulo: ISA. [Ms. inédito. 31 p.]

- PULLUM, G. K. (1977) Word order universals and Grammatical Relations. In: P. Cole & J. M. Sadock (org.) **Syntax and Semantics**. Vol. 8, p. 249-277. New York: Academic Press.
- RAPOSO, E. P. (1992) **Teoria da gramática: a faculdade da linguagem**. Lisboa: Caminho.
- RODRIGUES, A.D. (1986) **Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas**. São Paulo: Loyola.
- SAMARIN, W. J. (1967) **Field Linguistics: a guide to linguistic field work**. New York: Holt, Rinehart and Winston.
- SEKI, L. (1982) Marcadores de pessoa do verbo Kamaiurá. **Caderno de Estudos Lingüísticos** 3: 22-40. Campinas: UNICAMP.
- (1990) Kamaiurá (Tupi-Guarani) as an active-stative language. In: Doris L. Payne (org.) **Amazonian Linguistics: studies in lowland South American languages**. Austin: University of Texas Press.
- (1993) Notas sobre a história e a situação lingüística dos povos indígenas do Xingu. In: Lucy Seki (org.), **Lingüística Indígena e educação na América Latina**. Campinas: Editora da UNICAMP.
- (1994) Notas sobre a gramática Ikpeng. Campinas: Unicamp, mimeo.
- (2000) **Gramática do Kamaiurá: língua Tupi-Guarani do Alto Xingu**. Campinas/São Paulo: Editora da UNICAMP/Imprensa Oficial.
- SCHACHTER, P. (1985) Parts-of-speech systems. In T. Shopen (org.), Vol I: 3-61. Cambridge: Cambridge Univ. Press.
- SHIBATANI, M. (1985) Passive and related constructions. **Language** 61: 812-48.
- SHOPEN, T. (org.) (1985) **Language typology and syntactic description**. Vol. I, II, III. Cambridge University Press.
- SIMÕES, M. F. (1963) Os Txikão e outras tribos marginais do alto Xingu. **Revista do Museu Paulista**, XIV: 76-101.
- SOUZA, I. C. de (1988) **Contribuição para a fonologia da língua Arara (Karíb)**. Dissertação de Mestrado. Campinas: UNICAMP
- SOUZA, S. D. C. de (1993) **Alguns aspectos morfológicos da língua Arara**. Dissertação de mestrado. Brasília: UnB.

- SOUZA, T. C. (1994) Sintaxe de uma língua ergativa: o Bakairi. **Revista Latinoamericana de Estudios Etnolingüísticos 8: Lingüística Tupi-Guarani/Caribe**, 117-38. Lima, Peru.
- TALMY, L. (1976) Semantic causative types. In: M. Shibatani (org.) **Syntax and semantics 6: The grammar of causative construction**, p. 43-116. New York: Academic Press.
- (1985) Lexicalization patterns: semantic structure in lexical forms. In: T. Shopen (org.), Vol III: 57-139. Cambridge: Cambridge University Press.
- THOMPSON, S.A. & R. Longacre (1985) Adverbial Clause. In: T. Shopen (org.), Vol. II: 171-234. Cambridge University Press.
- TRASK, R. L. (1979) On the origins of ergativity. In: F. Plank (org.) **Ergativity: Towards a theory of grammatical relations**, 385-404. Londres: Academic Press.
- VAN VALIN (1981) Grammatical relations in ergative languages. **Studies in Language 5**: 361-394.
- (1987) The role of government in the grammar of head-marking languages. **IJAL 53**: 371-397.
- (1990a) Semantic parameters of split intransitivity. **Language 66**: 221-260.
- (1990b) Layered syntax in Role and Reference Grammar. In: J. Nuyts et al. (org.) **Layers and levels of representation in language theory: a functional view**, p. 193-231. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- (1993) A synopsis of Role and Reference Grammar. In: R. D. Van Valin, Jr. (org.) **Advances in Role and Reference Grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.